

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL - MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Lucir Reinaldo Alves

**DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS E DESENVOLVIMENTO
REGIONAL EM MESORREGIÕES SELECIONADAS DO SUL DO BRASIL:
1970 a 2000**

Santa Cruz do Sul, março de 2008

Lucir Reinaldo Alves

**DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS E DESENVOLVIMENTO
REGIONAL EM MESORREGIÕES SELECIONADAS DO SUL DO BRASIL:
1970 a 2000**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Águedo Nagel Paiva

Santa Cruz do Sul, março de 2008

A474d

Alves, Lucir Reinaldo

Distribuição das atividades econômicas e desenvolvimento regional em mesorregiões selecionadas do Sul do Brasil : 1970-2000 / Lucir Reinaldo Alves; orientador, Carlos Águedo Nagel Paiva. - 2008.

182 p. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2008.

Bibliografia.

1. Desenvolvimento regional – Brasil, Sul. 2. Desenvolvimento econômico – Brasil, Sul. 3. Produção (Teoria econômica) – Brasil, Sul. I. Paiva, Carlos Águedo Nagel. II. Universidade de Santa Cruz do Sul. Programa de Pós-graduação Desenvolvimento Regional. III. Título.

CDD: 338.98165

Lucir Reinaldo Alves

**DISTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS E DESENVOLVIMENTO
REGIONAL EM MESORREGIÕES SELECIONADAS DO SUL DO BRASIL:
1970 a 2000**

Esta Dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado, Área de concentração em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Prof. Dr. Carlos Águedo Nagel Paiva
Orientador

Prof. Dr. Silvio Cezar Arend

Prof. Dr. Adelar Fochezatto

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pelo dom da vida, e por ter colocado em meu caminho uma família, mestres e amigos tão maravilhosos.

Aos meus pais Lupercio e Fátima, por terem demonstrado que a honestidade, solidariedade, força de vontade e amor são ingredientes fundamentais para conquistar os objetivos de vida.

Aos meus irmãos Lucílio e Lucindo, e minhas cunhadas Alessandra e Rosana, pelo incentivo.

Ao meu orientador Carlos Paiva, meu agradecimento especial pela paciência, estímulo e aos ensinamentos todos durante o período de orientação.

Aos amigos do mestrado e doutorado, em especial à Carina, Fabiana, Karla e Eliane, por todos os bons momentos que passamos juntos e por terem se tornado muito mais que simples colegas de turma, tornaram-se grandes amigos. Que a distância nunca apague essa linda amizade!

A todo o colegiado do curso de mestrado em desenvolvimento regional, por todas as oportunidades concedidas e por todos os ensinamentos. Obrigado por fazerem parte da minha história!

Aos amigos e colegas de Toledo-PR e da Unioeste/Toledo, em especial à Jandir e Moacir, pelo contínuo incentivo e apoio!

A CAPES pela concessão da bolsa de estudos.

As agências do IBGE de Assis Chateaubriand/PR e de Santa Cruz do Sul/RS pela disponibilização de dados.

A todos que de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, meu muito obrigado!

RESUMO

Essa pesquisa objetivou identificar os determinantes dos diferenciais de desempenho socioeconômico das mesorregiões Noroeste Rio-grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense no período de 1970 e 2000, analisando a distribuição das atividades econômicas e as especializações mesorregionais. Esse conjunto de mesorregiões é considerado, por alguns autores, como sendo similares em suas estruturas fundiárias, estruturas competitivas e padrões de organização do trabalho em 1970. Mas a despeito dessas similaridades o Oeste Paranaense e o Oeste Catarinense apresentaram desempenhos socioeconômicos (considerados pela taxa de crescimento dos PIBs total e setorial e da população total) muito superiores aos apresentados pelo Noroeste Rio-grandense e Sudoeste Paranaense, no período analisado. Utilizou-se como metodologia uma pesquisa analítica a partir, fundamentalmente, de dados secundários coletados do IBGE. O primeiro passo foi confirmar se existiam similaridades em 1970 e verificou-se que havia especificidades nas estruturas produtivas e fundiárias de cada mesorregião e, o conjunto de informações apresentado, sobre o ano de 1970, confirmou uma maior diferenciação em detrimento de uma semelhança excessiva entre as mesorregiões. As principais similaridades estavam presentes na distribuição das propriedades rurais, que eram na maioria de pequenos estabelecimentos; a forma de ocupação dessas mesorregiões; e na produção agropecuária, no significativo percentual representado pela produção das lavouras temporárias (soja no Noroeste Gaúcho e milho nas demais) e dos animais de médio porte (suinocultura). Porém, o que parece explicar melhor o desempenho diferenciado dessas mesorregiões foram as opções produtivas (especializações) no período. O Noroeste Gaúcho foi a única das mesorregiões a apresentar desempenho percentual inferior nos setores primário, secundário e terciário quando comparado com o desempenho do Sul do Brasil. Ao contrário, a dinâmica setorial, principalmente da agropecuária e da industrial, das outras três mesorregiões, parece estar na base do melhor desempenho. O Noroeste Rio-Grandense e o Oeste Paranaense ampliaram significativamente sua especialização na cultura da soja, mas enquanto a mesorregião gaúcha ampliou demasiadamente suas especializações agropecuárias nas culturas temporárias de grãos, e com menor competitividade comparativa, a mesorregião paranaense ampliou, junto com a competitividade das culturas temporárias, a sua pecuária de suínos e aves, ou seja, diversificou mais sua agropecuária. Ao lado disso, a agroindustrialização no Oeste Paranaense parece ser muito maior que na mesorregião gaúcha. No Oeste Catarinense e no Sudoeste Paranaense essa agroindustrialização também foi o carro-chefe dos seus dinamismos. Quanto ao comportamento setorial dessas mesorregiões os municípios que mais se destacaram foram aqueles que já possuíam maior expressão populacional e econômica em 1970, ou seja, os pólos mesorregionais se consolidaram nesse período. Por outro lado, as opções produtivas do setor agropecuário, e as economias externas induzidas por elas, juntamente com os efeitos de encadeamento dos três macro-setores foram as principais explicações do desempenho socioeconômico diferenciado das mesorregiões analisadas. Assim, de forma geral, no período de 1970 a 2000, houve uma melhor diversificação e integração dos macro-setores do Oeste Catarinense e Oeste Paranaense, o que se refletiu em melhores condições econômicas, de vida (IDH) e de renda, em comparação com o Noroeste Rio-Grandense e Sudoeste Paranaense.

Palavras-chave: Especialização produtiva, análise regional, mesorregiões, desenvolvimento regional, potencialidade regional.

ABSTRACT

This research objectified to identify the differentials' determinates of socioeconomic performance of the mesorregions Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense and Oeste Paranaense in the period from 1970 to 2000, analyzing the mesorregions's economic activities and specializations distribution. These four mesorregions are considered, by some authors, as being similar. These similarities are in the agrarian structures, in the competitive structures and in the standards of labour organization in the 1970s. But despite these similarities the Oeste Paranaense's mesorregion and the Oeste Catarinense's mesorregion had presented better socioeconomic performances (considered for the tax of growth of the total and sectorial PIBs and the total population) in comparison with the Noroeste Rio-Grandense and Sudoeste Paranaense's performances, in the same period. The methodology used was based on the analytical research, basically, with secondary data from the IBGE's Institute. The first step was to test if the mesorregions were similar in 1970. The author had verified that some particularities existed in the productive and agrarian structures of each mesorregion. In addition, the set of information presented about the year of 1970, confirmed a big differentiation in detriment of an extreme similarity between the mesorregions. The main similarities were: the distribution of the rural properties, consisted of small establishments; the form of mesorregions's occupation; and in the farming production, the significant percentage represented by the production of the temporary farming (the soybean culture in the Noroeste Gaúcho and the corn culture in other mesorregions) and of cattle (swines's activity). However, what explains the differentiated performance of these mesorregions were the productive options (specializations) of the period. The Noroeste Gaúcho was the only one to present inferior percentile performance in the primary, secondary and tertiary sectors when compared with the performance of the South of Brazil. In contrast, the sectorial dynamics, mainly of the farming and the industrial ones, of the others three mesorregions, seemed to be characterized by the best performance. The Noroeste Rio-Grandense and Oeste Paranaense had extended significantly its specialization in the culture of the soybean, but while the Noroeste Gaúcho extended so much its farming specializations in the temporary cultures of grains, and with lesser comparative competitiveness, the Oeste Paranaense extended, together with the competitiveness of the temporary cultures, its cattle of swines and chicken, in other words, it diversified its farming. On the other hand, the agroindustrialization in the Oeste Paranaense was bigger that in the Noroeste Gaúcho one. In the Oeste Catarinense and the Sudoeste Paranaense this agroindustrialization also seems to have been the major characteristic of its dynamisms. In the sectorial behavior of these mesorregions the more important cities were the ones that already had a larger population and economic expression in the 1970s, in other words, the main cities of the mesorregions had consolidated in this period. On the other hand, the productive options of the farming sector, and the external economies induced by them, and the linkages effects of the three macro-sectors had together been the main explanations of the differentiated socioeconomic performance of the analyzed mesorregions. Thus, by and large, in the period from 1970 to 2000, the Oeste Catarinense and Oeste Paranaense presented a better diversification and integration in their macro-sectors, and these characteristics had reflected better economic conditions, better life quality (IDH) and better income, in comparison with the Noroeste Rio-Grandense and Sudoeste Paranaense.

Key-Words: Productive specialization, regional analysis, mesorregions, regional development, regional potentiality.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Valores absolutos e taxas de crescimento do PIB total, população residente total e PIB <i>per capita</i> das mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense – 1970/2000	16
Tabela 2 - Valor absoluto e taxas de crescimento do PIB agropecuário, industrial e de serviços das mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense – 1970/2000	17
Tabela 3 - Valores do PIB setorial em função da população total, da população ocupada setorial, e pela área das mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense – 1970/2000	18
Tabela 4 - População total, rural e urbana, segundo mesorregiões – 1970	45
Tabela 5 - Brasileiros natos por naturalidade, por mesorregiões – 1970	50
Tabela 6 - Número e área dos estabelecimentos, por grupo de área total, por mesorregião – 1970	56
Tabela 7 - Produto Interno Bruto – PIB setorial e produtividade, segundo mesorregiões – 1970	57
Tabela 8 - Pessoas ocupadas (PO) por classes de atividades e densidade, por mesorregiões – 1970	58
Tabela 9 - Pessoas ocupadas (PO) por subclasses de atividades da agropecuária, por mesorregiões – 1970	59
Tabela 10 - Valor da produção animal e vegetal, e produtividade – 1970	60
Tabela 11 - Dados gerais das atividades industriais, segundo mesorregiões – 1970	64
Tabela 12 - Dados gerais das atividades dos serviços, segundo mesorregiões – 1970	67
Tabela 13 - Dados gerais das atividades comerciais, segundo mesorregiões – 1970	69
Tabela 14 - Prédios por instalações existentes e utilização, segundo mesorregiões – 1970	72
Tabela 15 - Renda censitária <i>per capita</i> , PIB <i>per capita</i> , e Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, segundo mesorregiões – 1970	73
Tabela 16 - Especializações da agropecuária da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 1970	77
Tabela 17 - Especialização setorial da PO da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 1970 .	78
Tabela 18 - Especializações da agropecuária da mesorregião Oeste Catarinense – 1970	83
Tabela 19 - Especialização setorial da PO da mesorregião Oeste Catarinense – 1970	83
Tabela 20 - Especializações da agropecuária da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970 ...	86
Tabela 21 - Especialização setorial da PO da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970	87
Tabela 22 - Especializações da agropecuária da mesorregião Oeste Paranaense – 1970	89
Tabela 23 - Especialização setorial da PO da mesorregião Oeste Paranaense – 1970	89
Tabela 24 - População rural, urbana e total, por mesorregião – 2000	95

Tabela 25 - Especializações da agropecuária da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 2000.....	96
Tabela 26 - Especialização setorial da PO da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 2000 .	97
Tabela 27 - Especializações da agropecuária da mesorregião Oeste Catarinense – 2000	100
Tabela 28 - Especialização setorial da PO da mesorregião Oeste Catarinense – 2000	101
Tabela 29 - Especializações da agropecuária da mesorregião Sudoeste Paranaense – 2000 .	103
Tabela 30 - Especialização setorial da PO da mesorregião Sudoeste Paranaense – 2000	104
Tabela 31 - Especializações da agropecuária da mesorregião Oeste Paranaense – 2000	106
Tabela 32 - Especialização setorial da PO da mesorregião Oeste Paranaense – 2000	108
Tabela 33 - Número e área dos estabelecimentos rurais, por grupo de área total, por mesorregião – 1996.....	113
Tabela 34 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a agropecuária, da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 1970/1996	117
Tabela 35 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a agropecuária, da mesorregião Oeste Catarinense – 1970/1996	119
Tabela 36 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a agropecuária, da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970/1996	120
Tabela 37 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a agropecuária, da mesorregião Oeste Paranaense – 1970/1996	121
Tabela 38 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a indústria, da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 1970/2000	124
Tabela 39 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a indústria, da mesorregião Oeste Catarinense – 1970/2000	126
Tabela 40 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a indústria, da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970/2000	128
Tabela 41 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a indústria, da mesorregião Oeste Paranaense – 1970/2000	130
Tabela 42 - Renda censitária <i>per capita</i> , PIB <i>per capita</i> , e Índice de Desenvolvimento Humano - IDH , segundo mesorregiões – 2000	142

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Região de estudo.....	15
Figura 2 - Modelo departamental de Kalecki.....	30
Figura 3 - Forma de povoamento e características das propriedades e de produção da mesorregião Noroeste do Rio Grande do Sul – 1970.....	47
Figura 4 - Povoamento da região Sul do Brasil.....	49
Figura 5 - QLS municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 1970.....	81
Figura 6 - QLS municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Oeste Catarinense – 1970.....	85
Figura 7 - QLS municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970.....	88
Figura 8 - QLS municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Oeste Paranaense – 1970.....	91
Figura 9 - QLS municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 2000.....	99
Figura 10 - QLS municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Oeste Catarinense – 2000.....	102
Figura 11 - QLS municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Sudoeste Paranaense – 2000.....	106
Figura 12 - QLS municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Oeste Paranaense – 2000.....	110
Figura 13 - População total da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 1970 e 2000.....	137
Figura 14 - População total da mesorregião Oeste Catarinense – 1970 e 2000.....	138
Figura 15 - População total da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970 e 2000.....	139
Figura 16 - População total da mesorregião Oeste Paranaense – 1970 e 2000.....	140

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais produtos da agropecuária e % sobre o total do valor da produção agropecuária, por mesorregião – 1970.....	62
Quadro 2 - Principais gêneros industriais, % sobre o total de estabelecimentos, por mesorregião – 1970.....	65
Quadro 3 - Principais subclasses industriais, % sobre o total de pessoas ocupadas no setor industrial, por mesorregião – 1970	66
Quadro 4 - Principais gêneros dos serviços, % sobre o total de estabelecimentos, por mesorregião – 1970.....	68
Quadro 5 - Principais gêneros dos serviços, % sobre o total de pessoas ocupadas no setor de serviços, por mesorregião – 1970.....	68
Quadro 6 - Principais gêneros do comércio, % sobre o total de estabelecimentos, por mesorregião – 1970.....	70
Quadro 7 - Principais gêneros do comércio, % sobre o total de pessoas ocupadas no comércio de mercadorias, por mesorregião – 1970	71
Quadro 8 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 1970.....	80
Quadro 9 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Oeste Catarinense – 1970.....	84
Quadro 10 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970.....	87
Quadro 11 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Oeste Paranaense – 1970.....	90
Quadro 12 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 2000.....	98
Quadro 13 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Oeste Catarinense – 2000.....	103
Quadro 14 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Sudoeste Paranaense – 2000.....	105
Quadro 15 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Oeste Paranaense – 2000.....	109
Quadro 16 - Participação dos principais produtos da agropecuária sobre o total do valor da produção agropecuária, por mesorregião – 1970 e 1996.....	114

LISTA DE ABREVIATURAS

I PND	I Plano Nacional de Desenvolvimento
II PND	II Plano Nacional de Desenvolvimento
CANGO	Colônia Agrícola Nacional General Osório
D1	Departamento 1 (bens de capital)
D2	Departamento 2 (bens de consumo para os capitalistas)
D3	Departamento 3 (bens de consumo para os trabalhadores)
DX	Departamento exportador
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IGP-DI	Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MARIPÁ	Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PO	População ocupada
QL	Quociente locacional
SCP	Secretaria da Coordenação e Planejamento do RS
VBPA	Valor bruto (monetário) da produção agropecuária

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
I.I Como explicar as diferenças de desempenho?	20
1 ESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL	24
1.1 Região: da região natural às mesorregiões homogêneas	24
1.2 A especialização de Smith à North	28
1.3 Especialização e o desenvolvimento regional.....	34
1.4 Medindo a especialização e a dinâmica regionais.....	38
2 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA MESORREGIONAL EM 1970: as similaridades e as diferenças em evidência	44
2.1 A população, a ocupação, e a estrutura fundiária das mesorregiões em análise.....	45
2.2 A estrutura produtiva das mesorregiões em análise	56
2.3 Síntese das similaridades e diferenças em 1970	74
3 O PONTO DE PARTIDA: caracterização das especializações produtivas em 1970	77
3.1 Mesorregião Noroeste Rio-Grandense	77
3.2 Mesorregião Oeste Catarinense	82
3.3 Mesorregião Sudoeste Paranaense	86
3.4 Mesorregião Oeste Paranaense	88
3.5 Análise comparativa das quatro mesorregiões em análise	91
4 CARACTERIZAÇÃO DA ESTRUTURA PRODUTIVA E DAS ESPECIALIZAÇÕES EM 2000	94
4.1 Mesorregião Noroeste Rio-grandense	96
4.2 Mesorregião Oeste Catarinense	100
4.3 Mesorregião Sudoeste Paranaense	103
4.4 Mesorregião Oeste Paranaense	106
4.5 Análise comparativa das quatro mesorregiões em análise	110
5 DETERMINANTES DO DINAMISMO DIFERENCIADO.....	112
5.1 Dinamismos do setor agropecuário entre 1970 e 1996	112
5.2 Dinamismos do setor industrial entre 1970 e 2000.....	122
5.3 Dinamismos do setor de serviços entre 1970 e 2000	132
5.4 Comportamento populacional entre 1970 e 2000	136
5.5 Análise comparativa setorial das quatro mesorregiões em análise	140
CONCLUSÃO	143
REFERÊNCIAS	149
ANEXOS	155
Anexo 1 - Áreas agregadas ou retiradas da análise para manter área de 2000.....	156
Anexo 2 - Dados detalhados do censo predial – 1970	157
Anexo 3 - População residente total – 1920/2000	158
Anexo 4 - Dados gerais da indústria – 1970.....	159
Anexo 5 - Dados gerais dos serviços – 1970.....	160
Anexo 6 - Dados gerais do comércio – 1970.....	161
Anexo 7 - Agregação de setores – 1970 e 2000	162
Anexo 8 - Divisão municipal do ano de 2000, das mesorregiões em estudo	166
Anexo 9 - Divisão municipal do ano de 1970, das mesorregiões em estudo	170

Anexo 10 - População total, urbana e rural dos municípios das mesorregiões em estudo – 1970 e 2000	173
Anexo 11 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para o setor de serviços das mesorregiões em estudo – 1970 e 2000	179
Anexo 12 - Informações adicionais sobre a produtividade das atividades de aves, suínos, milho e soja, por mesorregião – 1970 e 1996.....	183

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como escopo identificar os determinantes dos diferenciais de desempenho econômico das mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense entre 1970 e 2000, analisando a distribuição das atividades econômicas no decorrer desse período.

É conhecido o fato de a teoria econômica tradicional ignorar os aspectos espaciais em seus estudos. Ainda que os economistas clássicos se preocupassem com a seqüência evolutiva da atividade econômica, suas análises formais se relacionavam principalmente com um mundo não espacial. Isto se devia, em grande parte, pela crença de que o tempo era a dimensão crítica na análise econômica. O problema da localização ótima das atividades econômicas e da população parecia bastante trivial, em comparação com as questões relativas ao crescimento e ao equilíbrio da economia nacional. Se os custos dos movimentos no espaço aparecessem, estes poderiam ser freqüentemente incorporados à teoria usual da formação de preços. Somente quando os problemas relativos ao pleno emprego, ou da grande desigualdade na distribuição da renda, foram relativamente resolvidos, é que se tornou possível examinar questões da desigualdade inter-regional e da possibilidade de aumentar o potencial de produção da economia através da utilização de recursos subutilizados em certas regiões do país (RICHARDSON, 1975).

Assim, é evidente que as forças de mercado não levam inevitavelmente à igualdade das rendas regionais *per capita* ou à localização espacial ótima dos recursos. O crescente interesse em relação aos problemas locacionais e regionais indiscutivelmente se deve às suas implicações políticas, mas os problemas espaciais são dignos de estudo por si mesmos. Nesta perspectiva, Benko (1999) afirma que os estudos sobre a localização das atividades econômicas são de grande importância para aos planejadores regionais (autarquias locais e Estado) uma vez que estes, via de regra, são responsáveis pela repartição equilibrada das atividades no espaço. Além disso, os empresários interessam-se sobre o problema da localização, uma vez que as opções locacionais têm grande impacto sobre os custos de produção e na competitividade atual e futura das firmas.

Além disso, os estudos sobre a localização das atividades econômicas intensificaram-se a partir de 1950 quando a disciplina de Ciência Regional estabeleceu-se de forma concreta com a criação da *Regional Science Association*, estruturada por Walter Isard. A partir de

Especificamente, as mesorregiões de análise desta pesquisa (Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense – Figura 1) constituem um grande exemplo de desenvolvimento desigual. Como se pode ver nas Tabelas 1, 2 e 3, abaixo, essas mesorregiões apresentaram evoluções bastante distintas em alguns indicadores socioeconômicos. A análise destes indicadores despertou o interesse em investigar os determinantes desse desempenho tão distinto.

Assim, a Tabela 1 apresenta os valores absolutos e as taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) total, população residente total e PIB *per capita* das mesorregiões em análise, referente aos anos de 1970 e 2000.

Tabela 1 - Valores absolutos e taxas de crescimento do PIB¹ total, população residente total e PIB *per capita* das mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense – 1970/2000

Mesorregião	PIB – TOTAL (R\$ milhões)			População Residente Total (mil pessoas)			PIB <i>per capita</i>		
	1970	2000	Δ%	1970	2000	Δ%	1970	2000	Δ%
Noroeste-RS	4.803,55	12.997,17	170,57	1.793,17	1.959,69	9,29	2.678,80	6.632,27	147,58
Oeste-SC	1.616,87	9.956,29	515,78	744,27	1.115,38	49,86	2.172,42	8.926,39	310,90
Sudoeste-PR	665,83	2.582,82	287,91	446,36	472,63	5,88	1.491,68	5.464,82	266,35
Oeste-PR	1.259,82	9.395,28	645,76	752,43	1.138,58	51,32	1.674,34	8.251,74	392,84

Fonte: IPEADATA, 2007.

Nota: PIB = Valores em R\$1.000.000,00 de 2000, deflacionado pelo deflator implícito do PIB nacional.

Conforme mostra a Tabela 1, os indicadores selecionados apresentaram desempenho distinto nas mesorregiões. Não que se esperassem índices de crescimento iguais, haja vista, que o processo de desenvolvimento por si só é heterogêneo espacialmente, mas o grau de desigualdade das taxas de variação das distintas mesorregiões não pode deixar de surpreender. O Oeste Paranaense e o Oeste Catarinense apresentaram desempenho muito superior em relação à população, ao PIB e ao PIB *per capita*, no período de 1970 a 2000, se comparadas às outras duas mesorregiões – Noroeste Rio-Grandense e Sudoeste Paranaense.

As quatro mesorregiões apresentam área territorial distinta, sendo que a ordem

¹ Para a deflação dos valores do PIB foi utilizado o deflator implícito do PIB nacional. O deflator implícito do PIB nacional é um índice de preços, calculado a partir de dados da Renda Nacional e do Produto Nacional (SOUZA e EIDELMAN, 2006). Especificamente, o Deflator Implícito do PIB é a razão entre o PIB Nominal (que é o valor dos bens e serviços medidos a preços correntes e seu valor é apurado a partir da variação da produção real de setores multiplicados pelo índice de preços apurados para esse setor) e o PIB Real (que é o valor dos bens e serviços medidos a preços constantes e é uma medida mais perfeita do bem-estar econômico, pois leva em conta a produção total de bens e serviços sem a influência da variação nos preços), ou seja, é o preço de uma unidade do produto brasileiro em um determinado ano relativamente ao preço desta no ano-base. De forma sintética, o deflator implícito do PIB é a variação média dos preços do ano corrente em relação à média dos preços do ano anterior.

hierárquica é o Noroeste-RS, Oeste-SC, Oeste-PR e Sudoeste-PR. A diferença da área territorial influencia nos valores absolutos dos dados apresentados. Essa influência era evidente na vantagem do Noroeste Gaúcho nos dados de 1970 e nos dados de 2000 para o PIB total e a população. As informações do Oeste-PR e do Oeste-SC eram muito próximas em ambos os anos analisados. No ano de 2000 essas duas mesorregiões superaram as demais mesorregiões analisadas em relação ao PIB *per capita*.

Neste contexto, pela Tabela 2 é possível verificar o valor absoluto e as taxas de crescimento do PIB dos setores agropecuário, industrial e de serviços das mesorregiões em análise, referente aos anos de 1970 e 2000. A hierarquia do desempenho das mesorregiões é semelhante à apresentada pela Tabela 1.

Tabela 2 - Valor absoluto e taxas de crescimento do PIB agropecuário, industrial e de serviços das mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense – 1970/2000

Mesorregião	PIB agropecuário (R\$ milhões)			PIB industrial (R\$ milhões)			PIB serviços (R\$ milhões)		
	1970	2000	Δ%	1970	2000	Δ%	1970	2000	Δ%
Noroeste-RS	2.117,99	3.506,18	65,54	704,28	3.140,36	345,90	1.981,29	6.350,64	220,53
Oeste-SC	693,68	2.810,16	305,11	377,51	4.187,19	1.009,15	545,67	2.958,95	442,26
Sudoeste-PR	359,66	907,10	152,21	88,57	520,15	487,29	217,60	1.155,57	431,06
Oeste-PR	568,86	1.585,87	178,78	159,37	3.707,82	2.226,53	531,59	4.101,59	671,57

Fonte: IPEADATA, 2007.

Nota: PIB = Valores em R\$1.000.000,00 de 2000, deflacionado pelo deflator implícito do PIB nacional.

Conforme mostra a Tabela 2, as mesorregiões Oeste Paranaense e Oeste Catarinense apresentaram taxas de crescimento superiores à das mesorregiões Sudoeste Paranaense e Noroeste Rio-Grandense em todos os setores do PIB. Entretanto, quando se analisam os valores absolutos verifica-se que a mesorregião Noroeste Rio-Grandense apresenta os maiores valores absolutos em praticamente todos os anos. Mas essa característica é função direta da área territorial superior dessa mesorregião. A única exceção é em relação ao PIB industrial, onde essa mesorregião, apesar de ficar em primeiro lugar no ano de 1970, passa à terceira colocação em 2000. A mesorregião Sudoeste Paranaense, que ficava na terceira colocação em 1970 em todos os setores do PIB, fica na última posição quando se analisam os valores absolutos. Da mesma forma, as mesorregiões Oeste Paranaense e Oeste Catarinense invertem suas posições quando se analisam os valores absolutos. Mas o que mais importa nessa tabela é o desempenho distinto entre as mesorregiões, e a superioridade do crescimento relativo, principalmente no PIB industrial, do Oeste-PR e Oeste-SC.

Fica, contudo, uma dúvida: até que ponto as evoluções distintas não estariam expressando essencialmente movimentos de convergência inter-regional²? Neste caso, as maiores taxas de crescimento dos produtos total e setorial, da população e do PIB *per capita* em algumas mesorregiões *vis-à-vis* as demais se explicariam pelo fato de que aquelas mesorregiões que apresentam pior desempenho teriam partido de um patamar superior. Simultaneamente, as elevadas taxas de crescimento das mesorregiões Oeste Catarinense e Oeste Paranaense estariam expressando apenas a aproximação destas mesorregiões dos patamares já alcançados pelas demais. Testar esta hipótese envolve submeter os dados a uma nova relativização, em que se busca apanhar a produtividade setorial do trabalho e do “território” em cada mesorregião. Para tanto, dividimos o valor da produção de cada setor, em cada um dos anos de referência (1970 e 2000) pelo número de pessoas ocupadas no mesmo e pela área do território considerado. Os resultados estão na Tabela 3.

Tabela 3 - Valores do PIB setorial em função da população total, da população ocupada setorial, e pela área das mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense – 1970/2000

Mesorregião	PIB agropecuário			PIB industrial			PIB serviços		
	1970	2000	Δ%	1970	2000	Δ%	1970	2000	Δ%
<i>Divisão pela população ocupada setorial (R\$/Pop.ocupada setorial)</i>									
Noroeste-RS	4.708,06	9.274,47	96,99	14.961,38	24.739,11	65,35	14.636,18	14.451,82	-1,26
Oeste-SC	3.976,18	13.199,68	231,97	15.511,26	38.270,60	146,73	13.034,70	12.537,65	-3,81
Sudoeste-PR	2.821,54	9.787,49	246,88	10.819,46	15.103,92	39,60	11.811,18	12.099,78	2,44
Oeste-PR	2.741,08	15.826,70	477,39	9.708,29	45.553,94	369,23	13.442,38	13.098,07	-2,56
<i>Divisão pela área mesorregional (R\$/km²)</i>									
Noroeste-RS	32.548,34	53.881,50	65,54	10.823,04	48.259,74	345,90	30.447,58	97.593,99	220,53
Oeste-SC	25.450,71	103.102,40	305,11	13.850,64	153.624,39	1.009,15	20.020,23	108.561,32	442,26
Sudoeste-PR	21.226,48	53.535,43	152,21	5.227,11	30.698,10	487,29	12.842,15	68.199,08	431,06
Oeste-PR	24.958,75	69.579,98	178,78	6.992,42	162.680,67	2.226,53	23.323,64	179.957,65	671,57

Fonte: Resultados da Pesquisa.

Os dados sobre a produtividade da população ocupada setorial apresentam dinâmicas interessantes e distintas no período de 1970 a 2000. A despeito do crescimento percentual da produtividade do PIB agropecuário de todas as mesorregiões ter sido expressivo, com destaque para as mesorregiões paranaenses, o que mais chama a atenção é a mudança hierárquica das mesorregiões nesse período. O Noroeste Rio-Grandense ficava em primeiro lugar em 1970 e passou para a última posição em 2000. Já o Oeste Catarinense e o Sudoeste Paranaense se mantiveram na segunda e terceira colocação, respectivamente. O Oeste

² Vale observar que os dados sinalizam para a vigência de um movimento de convergência, discreto, mas efetivo. Assim é que, se tomamos o coeficiente de variação (desvio padrão dividido pela média) dos PIBs *per capita* das quatro mesorregiões consideradas veremos que, entre 1970 e 2000, ele cai de 0,231 para 0,185. Não obstante este movimento é relativamente contrarrestado pela expressiva alteração nas posições relativas das mesorregiões. De forma que análises mais acuradas se impõem.

Paranaense apresentou crescimento significativo passando da última para a primeira colocação em relação à produtividade do PIB agropecuário no período de 1970 a 2000.

Igualmente interessante foi o comportamento da produtividade do PIB industrial: mais uma vez o Oeste Paranaense passou da última para a primeira colocação nesse período de análise e juntamente com o Oeste Catarinense apresentaram os maiores valores em 2000. Enquanto a diferença entre o maior e o menor valor em 1970 era de 1,54 vezes, em 2000 essa diferença saltou para 3,02, ou seja, o crescimento da produtividade do pessoal ocupado na indústria foi muito superior no Oeste Paranaense e Catarinense comparando com as outras duas mesorregiões. Por outro lado, quando se analisa a produtividade do PIB de serviços nota-se que a hierarquia não se alterou e que na maior parte das mesorregiões os valores decresceram, com destaque para o Sudoeste Paranaense que apresentou pequeno crescimento. Parte da explicação desse fenômeno é que além do PIB de serviços ter crescido bastante o crescimento da população ocupada foi ainda superior na maior parte das mesorregiões, fato que será destacado no decorrer dessa pesquisa.

Quando se analisa a “produtividade territorial” verificam-se características semelhantes onde a mais interessante é a completa alteração da hierarquia das mesorregiões durante o período. Enquanto em 1970 o Noroeste Gaúcho apresentava a maior “produtividade territorial” para a agropecuária e os serviços, em 2000 ele ocupava o terceiro lugar nos dois setores. Enquanto isto, o Oeste Catarinense aumentou surpreendentemente sua produtividade para a agricultura, passando a ocupar o primeiro lugar. Além disso, a mesorregião catarinense, juntamente com o Oeste Paranaense, foram as que se destacaram em 2000 na produtividade dos serviços. No caso da “produtividade territorial” do setor industrial a mudança hierárquica foi ainda maior. Apesar da produtividade do Oeste Catarinense já ser a mais elevada em 1970, ela era apenas 28% superior à do Noroeste Rio-Grandense, que vinha em segundo lugar. Mas, em 2000, o crescimento da “produtividade territorial” da indústria do Oeste Catarinense foi tamanho que ela se tornou 3,18 vezes maior do que a da indústria da mesorregião gaúcha. Além disso, o Oeste Paranaense, que assumia a terceira posição em 1970, com índices de produtividade muito próximos aos do Sudoeste do mesmo Estado, passou à primeira posição, com uma produtividade que era 3,37 vezes à “produtividade territorial” gaúcha.

Enfim, no geral, as mesorregiões Oeste Paranaense e Oeste Catarinense apresentaram um dinamismo superior à das mesorregiões Sudoeste Paranaense e Noroeste Rio-Grandense

na maioria dos indicadores apresentados, quando se analisam as taxas de crescimentos referentes ao período de 1970 a 2000. Além desse dinamismo diferenciado, houve mudanças na hierarquia da produtividade dessas mesorregiões, tornando essa pesquisa ainda mais instigante, haja vista, a posição que algumas mesorregiões conquistaram nesse período. Estas características serão exploradas de forma detalhada quando da caracterização geral de cada uma das mesorregiões onde respostas a essas questões poderão ser formuladas.

I.I Como explicar as diferenças de desempenho?

Apesar dos desempenhos distintos apresentados pelas quatro mesorregiões em estudo no período de 1970 a 2000, segundo a literatura, essas mesorregiões apresentavam padrões de ocupação do solo, disponibilidade relativa de recursos e formas de exploração econômica marcadas por forte similaridade no ponto de partida de análise, o ano de 1970. Fato confirmado por vários autores, tais como Corrêa (1997), Bernardes (1997), Lagemann (1998), Ferrera de Lima (2004), e Padis (2006).

Assim, a despeito de apresentarem um padrão de ocupação similar, que resultou em estruturas fundiárias, estruturas competitivas e padrões de organização do trabalho similares, as mesorregiões Oeste Paranaense e Oeste Catarinense apresentaram um desempenho econômico significativamente superior ao desempenho das mesorregiões Sudoeste Paranaense e Noroeste Rio-Grandense. Nosso problema-questão é: o que determinou este desempenho desigual? Além disso, busca-se determinar, em seus traços mais gerais, o comportamento das atividades econômicas em nível municipal, buscando identificar a constituição de pólos regionais responsáveis pela integração e agregação de valor das cadeias produtivas que perfazem a base de exportação³ das mesorregiões consideradas.

Neste contexto, esta pesquisa valer-se-á de duas hipóteses explicativas para o desempenho desigual dessas mesorregiões, quais sejam:

a) Para além das similaridades evidentes, existiriam especificidades nas estruturas produtivas e fundiárias originais de cada mesorregião que determinaram que as mesmas incorporassem (internalizassem) de forma distinta o dinamismo econômico no período de 1970 a 2000.

³ A este respeito ver North (1955 e 1959).

b) Apesar da similaridade de suas estruturas originais, ao longo do tempo as quatro mesorregiões se especializaram em segmentos e setores produtivos distintos, que apresentaram dinâmismos distintos. Estas diferenças de dinamismo nos setores motrizes das economias regionais consideradas estão na base da dinâmica global distinta das mesmas.

Portanto, esta pesquisa busca identificar e, se possível, hierarquizar os determinantes do processo de crescimento desigual das mesorregiões pesquisadas, e o comportamento das atividades econômicas em nível municipal, a partir das mudanças e reestruturações da economia dessa região após 1970 com a modernização da agricultura e o desenvolvimento dos setores urbanos.

Além das justificativas supracitadas existe uma adicional de caráter metodológico. A contribuição dessa pesquisa será o de avaliar a capacidade de dados secundários em explicar fenômenos diversos do desenvolvimento. Além disso, se concordarmos com a afirmação de Krugman (1991, p. 3) de que *“if we want to understand differences in national growth rates, a good place to start is by examining differences in regional growth; if we want to understand international specialization, a good place to start is with local specialization”* esta pesquisa resultará em subsídios importantes para os estudos sobre o desenvolvimento regional, em especial para o Sul do Brasil.

Em suma: o objetivo geral dessa pesquisa é identificar os determinantes dos diferenciais de desempenho econômico das mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense entre 1970 e 2000, verificando a distribuição das atividades econômicas e as especializações mesorregionais no decorrer desse período.

Esta pesquisa conta ainda com os seguintes objetivos específicos:

1) Analisar a distribuição espacial e a evolução ao longo do tempo das atividades econômicas das mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense no período de 1970 a 2000;

2) Analisar a dinâmica locacional dos principais ramos de atividade dos municípios das mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense no período de 1970 a 2000;

3) Analisar quais são os municípios polarizadores das mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense no período de 1970 a 2000 e se houve alguma mudança no mesmo período;

4) Analisar quais foram os ramos de atividade econômica que apresentaram maiores taxas de crescimento nas mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense no período de 1970 a 2000;

5) Analisar a dinâmica populacional dos municípios das mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense no período de 1970 a 2000.

Assim, para alcançar estes objetivos e responder ao problema-questão geral dessa pesquisa, o método de procedimento adotado será o analítico, a partir de dados secundários de fontes diversas. Segundo Thomas e Nelson (2002) uma pesquisa analítica consiste no estudo e na avaliação profunda da informação disponível, em uma tentativa de explicar fenômenos complexos, através principalmente de revisão de literatura e de uma pesquisa histórica, enfocando a descrição, registro, análise e interpretação de fatos. Martins (1994) acrescenta que a pesquisa analítica se utiliza de técnicas de coleta de dados, tratamento e análise de dados, preocupando-se em caracterizar determinado fenômeno, objetivando estabelecer relações entre variáveis e fatos, ou seja, conhecer os fatos particulares que definiriam possíveis causas e a natureza do problema-questão.

Neste contexto, esta pesquisa será estruturada em cinco capítulos, quais sejam:

No primeiro, será apresentado uma revisão teórica – baseado em textos clássicos, livros, revistas, e artigos contemporâneos – sobre especialização produtiva e desenvolvimento regional. Além disso, será realizada uma discussão crítica – potencialidades e limitações – a respeito dos indicadores de especialização que serão utilizados nesta pesquisa.

No segundo, avaliar-se-á e, eventualmente, confirmar-se-á e qualificar-se-á a hipótese inicial de que no período do ponto de partida da análise (1970) as quatro mesorregiões em análise eram essencialmente similares em suas estruturas fundiárias, competitivas e produtivas. Para tanto, será realizado um levantamento detalhado de dados sobre as diferenças

regionais com base nas informações disponíveis nos Censos Demográfico, Agropecuário, Industrial, Comercial, de Serviços e Predial, publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, do ano de 1970, além de uma breve descrição da formação histórica dessas mesorregiões.

Em seguida, no terceiro e quarto capítulos, serão caracterizadas as especializações mesorregionais analisando os indicadores de especialização, ou seja, os setores de maior especialização, através do Quociente Locacional, o QL. Além disso, será apresentado como os setores de maior especialização se distribuem internamente em cada uma das mesorregiões. Com isso, pretende-se hierarquizar os municípios em função de sua polarização produtiva. Dessa forma, o capítulo terceiro apresentará essas informações para o ano de 1970 e o capítulo quarto para o ano de 2000.

No último e quinto capítulo serão apresentados os resultados dos setores de maior dinamismo através do método *shift and share*⁴. Além disso, serão analisados de forma descritiva e comparativa os principais resultados dos capítulos anteriores apresentando-se detalhadamente o desempenho econômico das quatro mesorregiões em análise no período de 1970 a 2000. Assim, apontamentos mais precisos serão traçados sobre os setores responsáveis pelo desempenho diferenciado dessas mesorregiões. As considerações finais sumarizam este trabalho.

⁴ Ambos os indicadores de especialização – Quociente Locacional e método *shift and share* – serão detalhados posteriormente em seções específicas.

1 ESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Este capítulo apresentará os referenciais teóricos que darão base à pesquisa e sustentarão as afirmações que serão expostas. Além disso, será esclarecida a relação, admitida por nós, a partir do referencial selecionado, entre a especialização produtiva e o desenvolvimento regional, tradicionalmente correlacionado, pelos autores clássicos, ao simples desenvolvimento econômico.

Da mesma forma, será apresentada a metodologia escolhida para se calcular a especialização e o dinamismo econômico regionais, apontando-se os principais pontos positivos e negativos na escolha por essa metodologia. Porém, antes será feito um breve debate sobre o conceito de região, justificando assim a escolha pela análise das mesorregiões homogêneas.

1.1 Região: da região natural às mesorregiões homogêneas

Conforme afirma Corrêa (1997, p. 183) “o termo região deriva do latim *regio*, que se refere à unidade político-territorial em que se dividia o Império Romano. Sua raiz está no verbo *regere*, governar, o que atribui à região, em sua concepção original, uma conotação eminentemente política”. Entretanto, o termo passou a designar uma dada porção da superfície terrestre que, por um critério ou outro, era reconhecido como diferente de uma outra porção. É um conceito-chave empregado pelos cientistas sociais quando estes incorporam em suas pesquisas a dimensão espacial.

Em torno do conceito de região desenvolveu-se intenso debate entre os cientistas sociais, destacando-se os geógrafos e os economistas, à procura de um conceito que fosse comum. Inicialmente os geógrafos, entre 1870 a 1970, desenvolveram três grandes definições de região, quais sejam: a *região natural*, identificada por uma específica combinação de elementos da natureza como, principalmente, o clima, a vegetação e o relevo; a *região-paisagem*, entendida como o resultado de um longo processo de transformação da paisagem natural em paisagem cultural, onde o arranjo dos campos, o sistema agrícola e o habitat rural, mas também o dialeto e os costumes, formam um conjunto de características que constituem um gênero de vida; e a *região plural*, entendida a partir de propósitos específicos, não tendo *a priori*, uma única base empírica, onde é possível identificar regiões climáticas, regiões

industriais, regiões nodais, ou seja, tantos tipos de regiões quantos forem os propósitos do pesquisador (CORRÊA, 1997).

Por volta de 1970 o pluralismo conceitual, sobre região, estava plenamente estabelecido entre os geógrafos. A partir daí, o conceito de região ganha destaque entre os não-geógrafos que de alguma forma se interessam pela dimensão espacial da sociedade. Assim, novos conceitos de região são introduzidos ampliando, ainda mais, o pluralismo conceitual.

Segundo Anne Gilbert *apud* Corrêa (1997) outros três grandes conceitos de região foram instituídos após 1970. Vejamos! O primeiro, reflete a região como uma resposta aos processos capitalistas, entendida como a organização espacial dos processos sociais associados ao modo de produção capitalista. No segundo, a região é vista como foco de identificação, onde há relações culturais homogêneas entre grupos e lugares, sendo uma apropriação simbólica de uma porção do espaço, ou seja, um elemento constituinte de uma identidade. O terceiro, vê a região como meio para interações sociais, ou seja, uma visão política da região com base na idéia de que dominação e poder constituem fatores fundamentais na diferenciação das áreas.

Benko (1999) e Souza (1981) destacam que a partir de uma visão econômica alguns conceitos importantes são desenvolvidos após 1950. Inicialmente, passa-se da noção de região natural à noção de região econômica. Em seguida, numa proposta de caracterizar melhor as regiões econômicas, são distinguidos três tipos de regiões:

a) A *região homogênea*: onde as unidades espaciais são agrupadas quando apresentam características tão uniformes quanto possível, geralmente de inspiração agrícola. Além disso, as características de homogeneidade podem ser as estruturas de produção e de consumo, uniformidade de renda *per capita*, espécie de recursos naturais, topografia, clima e traços culturais semelhantes;

b) A *região polarizada*: a ênfase é depositada na hierarquia ou interdependência dos diferentes componentes (áreas rurais, áreas urbanas, áreas metropolitanas) dentro da região, onde, geralmente, a produção urbana e suburbana (indústria de transformação e serviços) se destaca. Aqui, parte-se do pressuposto que existem locais menores, ou pontos nodais, dentro de uma região e que gravitam em torno de um centro predominante; e,

c) A *região-plano* ou de programa, de inspiração prospectiva, uma região administrativa, um espaço cujas diversas partes relevam de uma mesma decisão. As unidades de região-plano religam-se a um centro de decisão normalmente localizado fora da área. O seu contorno é delimitado em função dos problemas a enfrentar ou pelas fronteiras administrativas.

Lajugie *apud* Benko (1999, p. 18) sintetiza este debate com a seguinte caracterização:

A região corresponde a uma área geográfica que constitui uma entidade que permite, simultaneamente, a descrição de fenômenos naturais e humanos, a análise de dados socioeconômicos e a aplicação de uma política. Funda-se em duas características principais: homogeneidade e integração funcional, e resulta, ao mesmo tempo, num sentimento de solidariedade vivida e em relações de interdependência com os restantes conjuntos regionais e com o espaço nacional e internacional.

O debate mais recente sobre o conceito de região traz novas reflexões e impõe novas inflexões a esta complexa categoria. Segundo Shneider (2004) e Harvey (1994) aqui há a emergência da abordagem territorial. O território, nesta perspectiva, é visto como um espaço em que transcorrem as relações sociais, econômicas, políticas e institucionais e é construído a partir da ação entre os indivíduos e o ambiente ou contexto objetivo em que estão inseridos. Assim, não é uma característica única que o define – em detrimento das características de inspiração agrícola ou industrial, por exemplo – mas envolve um processo de interação entre o espaço e a ação humana, que se expressa na forma de uso e nas alterações que o agir dos indivíduos produz sobre a base física e natural em que se encontra. Trata-se, portanto, de uma construção. O território não é apenas a expressão do espaço social construído em que ocorre a produção e interação humana, mas é também um campo de forças onde atuam e operam as relações de poder e dominação. Abramovay *apud* Schneider (2004, p. 108) afirma que os

territórios podem ser definidos como lugares de interação entre sociedades humanas e ecossistemas. O território é a maneira como uma determinada sociedade se organiza em sua relação com a natureza. Esta organização supõe formas de coordenação entre organizações sociais, atores econômicos e representantes políticos necessariamente específicos e com uma história própria a cada lugar.

Enfim, conforme mencionado estabelecer uma única definição de região é uma tarefa muito complexa. Além disso, a escala da regionalização se alterou significativamente com o fenômeno da globalização a partir dos anos 1980. Neste contexto, a evolução da noção de região fez os economistas, os geógrafos, os historiadores e os sociólogos compreenderem que a região é um produto social gradualmente construído por sociedades nos respectivos espaços de vida.

Bourdieu (1998) afirma que essa pluralidade de conceitos nada mais é do que produtos de uma imposição arbitrária, ou seja, uma relação de forças na tentativa de uma delimitação legítima, um jogo de poder simbólico a partir de interesses específicos de cada área. Sem aceitar a inflexão culturalista (e, em última instância subjetivista e politicista) da crítica de Bourdieu à perspectiva materialista e unicista de região, Paiva vai salientar a dimensão necessariamente plural dos recortes regionais. Para Paiva (2005), as regionalizações são definidas pela interpenetração e determinação recíproca dos: 1) objetivos/interesses do(s) “regionalizador(es)” (Estado, cientistas, planejadores, etc.); 2) da sanção e reconhecimento social da(s) regionalizaçã(ões) proposta(s) por parte das comunidades “regionalizadas”; e 3) das características materiais e produtivas do território (que dão o substrato aos interesses dos regionalizadores e à sanção social das comunidades interna e externas). Assim, tal como para Bourdieu, para Paiva a região não pode ser pensada como uma entidade física: ela é, rigorosa e necessariamente, uma construção social; ela é o resultado de um processo de regionalização e este processo é função dos objetivos daqueles que o põem em curso. Porém, estes objetivos comportam **objetividade** e se enraízam na materialidade produtiva e geográfica (inclusive topográfica) do território.

Neste sentido, a eleição da escolha das mesorregiões homogêneas do Instituto Brasileiro de Economia e Estatística (IBGE) se deu por constituírem regiões definidas por um órgão público de pesquisa e assessoramento ao planejamento estatal (o IBGE) a partir da identificação de homogeneidades que emprestam consistência analítica, política e social às mesmas. Não obstante, ao optarmos por introduzir, ao lado da análise estrita das mesorregiões do IBGE, análises da dinâmica mais geral dos municípios que as compõem, abrimos espaço para a identificação de diferenças internas àquelas mesorregiões, bem como para a identificação de núcleos polarizadores e potencialmente dinamizadores do seu entorno (presumivelmente) homogêneo.

De acordo com o IBGE (1970) as mesorregiões homogêneas foram constituídas levando-se em consideração as áreas que agrupam, dentro de um mesmo Estado, municípios com características físicas, sociais e econômicas aproximadas. Alguns dos critérios estabelecidos para nomear as mesorregiões foram: - domínios ecológicos; - áreas de população; - regiões agrícolas; - atividades urbanas (industrial e de serviços). Assim, o conceito de espaço homogêneo foi definido como forma de organização da produção.

Além da escolha pelas mesorregiões homogêneas esta pesquisa se sustenta na afirmação

de North (1977a, p. 312). Segundo ele:

[...] a coesão unificadora de uma região, acima e além das semelhanças geográficas, é o seu desenvolvimento em torno de uma base de exportação comum. É isso que a torna unificada economicamente e vincula as riquezas de área. Isso tende a resultar no desenvolvimento interdependente de economias externas dentro da região e a unificar esforços políticos visando a ajuda governamental ou a reforma política.

Assim, para além das similaridades geográficas, históricas e econômicas das mesorregiões selecionadas as semelhanças produtivas, sustentadas pelas especializações regionais, são características que podem aproximar ainda mais as mesorregiões em estudo. Neste contexto, quais os autores trabalham com o conceito de especialização produtiva e que serão utilizados para sustentar esta pesquisa? A próxima seção responde a esse questionamento.

1.2 A especialização de Smith à North

Um dos pioneiros no estudo sobre a especialização como fomentadora do desenvolvimento foi Adam Smith. Para Smith (1983), o processo de desenvolvimento econômico dependeria de condições iniciais quanto ao estoque de capital, da mão-de-obra e dos recursos naturais, bem como de padrões estruturais referentes a produtividade dos mesmos (especialização do trabalho). Para o autor, a especialização é reflexo do desenvolvimento da divisão social do trabalho. Esta divisão impacta de forma positiva nas regiões, tanto nacional como internacionalmente, e nas trocas entre os países, ao possibilitar a comercialização de produtos mais competitivos. Isso se deve fundamentalmente a três fatores, quais sejam: 1º) ao aprimoramento da destreza dos trabalhadores; 2º) à poupança de tempo; e 3º) pela utilização de máquinas adequadas à produção. Em relação a esse último fator (invenção) deve-se salientar que eram os próprios trabalhadores que introduziam o aperfeiçoamento das máquinas durante a jornada de trabalho. Entretanto, existiam os profissionais filósofos e pesquisadores que tinham como ofício observar cada trabalho e desenvolver formas de aperfeiçoar os mesmos.

Dessa forma, a multiplicação da divisão social do trabalho gera o aperfeiçoamento da produção de todos os setores, ou seja, gera especializações regionais. É essa especialização que possibilita uma distribuição da riqueza em todas as camadas da sociedade, gerando assim um desenvolvimento generalizado. A barreira para o desenvolvimento, nessa perspectiva, é a

limitação do mercado. Isso ocorre, pois é o poder de troca que leva à divisão do trabalho, sendo a extensão dessa divisão limitada pela extensão desse poder, ou seja, pela extensão do mercado. É a demanda que estimula a divisão do trabalho e a produção de excedentes.

Assim, Smith (1983) aborda dois fatores fundamentais que podem influenciar no aumento do tamanho do mercado: o primeiro é o transporte. Uma infra-estrutura de transporte bem desenvolvida proporciona a comercialização de produtos, que pode ser para o interior do país, para outras regiões ou para outros países em outros continentes, ou seja, o mercado externo (demanda) estimula o desenvolvimento, a especialização produtiva e a divisão do trabalho.

O segundo fator seria a liberdade de trocas e de contrato, bem como um sistema legal que proteja os direitos de propriedade e faça cumprir os contratos firmados. Outros fatores seriam a ausência de barreiras artificiais à entrada e um sistema monetário estável. Assim, nesse segundo conjunto de fatores, é o papel das instituições, mais especificamente o Estado, o principal agente influenciador do desenvolvimento. A crítica de Smith nesse caso se refere a possibilidade de imposição de restrições (tarifas, concessão de monopólios, dentre outros) que possam interferir negativamente na economia. Por isso Smith defendia a tese do livre comércio (SMITH *apud* BALBINOTTO NETO, 1998).

Paiva (2006) afirma que a argumentação de Adam Smith em relação à especialização se estrutura em três partes, quais sejam: 1) partia das vantagens de produtividade associadas às escalas superiores; 2) passava pelo reconhecimento de que a produção em larga escala necessariamente transcendia às necessidades do mercado interno; e, 3) e se resolvia no reconhecimento de que a troca entre comunidades especializadas em mercadorias distintas era benéfica a ambas na medida em que os recursos mobilizáveis por uma comunidade não permitiam a operação em todos os setores na escala competitiva.

Após Adam Smith, outro autor que se destaca em relação à propagação do desenvolvimento via mercados externos e com especialização da economia é Michal Kalecki⁵. Segundo Kalecki (1983), uma economia capitalista só é capaz de crescimento autárquico (sem relações com o exterior) se já comporta em seu interior os três departamentos fundamentais da

⁵ Deve-se esclarecer que entre Adam Smith, no século XVIII, e Michael Kalecki, no século XX, outros autores influenciaram no debate da dinâmica econômica, porém Michael Kalecki se destaca na discussão sobre a especialização produtiva. Informações adicionais sobre a história do pensamento econômico nesse período podem ser obtidas em Kalecki (1985).

produção final, quais sejam: Departamento 1, que produz bens de capital; Departamento 2, da produção de bens de consumo para os capitalistas; e Departamento 3, da produção de bens de consumo para os trabalhadores. É o consumo dos capitalistas (demanda sobre o D2) e seus investimentos (demanda sobre o D1) e a distribuição da renda (que determina o volume dos salários pagos em D1 e D2 e, assim, a demanda derivada sobre o D3) que determinam a renda nacional e os lucros totais, conforme sintetiza a Figura 2.

Figura 2 - Modelo departamental de Kalecki

Departamentos Distribuição	Departamento 1 (Bens finais)	Departamento 2 (BC p/ Capitalistas)	Departamento 3 (BC p/ Trabalhadores)	TOTAL Nacional
Lucros = P (Profit)	P_1	P_2	P_3 ($P_3 = W_1 + W_2$)	P ($P = I + C_C$)
Salários = W (Wage)	W_1 ($W_1 = w_1 I$)	W_2 ($W_2 = w_2 C_C$)	W_3 ($W_3 = w_3 C_T$)	W
Demanda = Produto	$I (= P_1 + W_1)$ (Investimentos pelos Capitalistas)	C_C	C_T ($C_T = \frac{w_1 I + w_2 C_C}{1 - w_3}$)	Y ($Y = I + C_C + \frac{w_1 I + w_2 C_C}{1 - w_3}$)

Fonte: Kalecki (1983)

Conforme mostra Figura 2, e partindo do princípio da demanda efetiva, segundo a qual são os gastos que determinam a renda, e da hipótese de que os trabalhadores não poupam, os lucros do Departamento produtor de bens de consumo para os trabalhadores são iguais ao que os trabalhadores dos demais setores recebem de salários. Então, o consumo dos trabalhadores fica condicionado ao nível de salários dos três Departamentos e dos investimentos e consumo dos capitalistas. Logo, o consumo e o investimento dos capitalistas, associando aos fatores de distribuição da renda (salários e lucros), determinam o consumo dos trabalhadores e, portanto, a produção e o emprego em escala nacional (KALECKI *apud* SANT'ANNA, 2004).

A especialização em Kalecki ocorrerá a partir dos investimentos dos capitalistas, que será influenciado pela variação de demanda, inicialmente interna – limitada – e, em seguida, dependerá de demanda externa para se multiplicar. Além disso, as inovações – mais uma característica semelhante à Adam Smith – também se destacam como fator de incentivo aos investimentos capitalistas. Segundo Kalecki (1985) as inovações sustentam um movimento ascendente a longo prazo da economia ao tornar os projetos de investimentos, em geral, mais atraentes do que eram no princípio desse mesmo período.

Então, segundo Kalecki (1983), os Departamentos sobre os quais incide uma demanda que é autônoma *vis-à-vis* à renda interna corrente – vale dizer, os Departamentos produtores de bens de demanda capitalista e/ou de demanda externa – e o padrão distributivo – que define o multiplicador do gasto autônomo – são os que determinam o nível de renda da economia. Além disso, qualquer crescimento da renda só se dará – mantida a distribuição da renda – na medida em que se expandirem, ou os investimentos capitalistas, ou o consumo capitalista, ou ambos. Ou seja, se essas duas grandezas determinam tanto os lucros como os salários, e sendo a renda nacional igual à soma de lucros e salários, então elas também determinam a renda nacional. Assim, o montante de salários e a renda da economia dependem não apenas do investimento e consumo dos capitalistas, mas também da **distribuição da renda** entre salários e lucros na economia como um todo.

O que cabe perguntar, então é: como se define o nível de renda e o crescimento da renda naquelas economias que não internalizaram a produção de máquinas e de bens de consumo sofisticados, daquelas economias que não contam, nem com um D1, nem com um D2? As sinalizações de resposta para esta pergunta abundam na obra de Kalecki, mas não são objeto de sistematização. E isto é natural: o objeto central de Kalecki era a dinâmica das economias capitalistas centrais, maduras, plenamente desenvolvidas e que contavam com sólidos e importantes Departamentos produtores de máquinas e bens de consumo capitalista. Será entre os autores do desenvolvimento periférico e, em particular, do desenvolvimento **regional** periférico que advirá a resposta consistente à pergunta suprarreferida: o Departamento regional que “faz as vezes” de D1 e D2 é o setor que produz bens para o mercado externo, é o “Departamento Exportador” (ou DX).

A sistematização deste ponto de vista é, em nossa opinião, a maior contribuição de Douglass North à Teoria do Desenvolvimento Regional. Neste sentido, North qualifica e determina a contribuição original de Smith à teoria do desenvolvimento das regiões periféricas: para ambos a especialização – geradora de vantagens absolutas e de ganhos internos e externos de escala – e a exportação da produção na qual a região é especializada é o ponto de partida necessário e universal do desenvolvimento das regiões periféricas.

North buscou determinar empírica e historicamente sua teoria. Analisando o desenvolvimento das regiões dos Estados Unidos, North (1977a) procurou demonstrar que as mesmas foram colonizadas como um empreendimento capitalista, ou seja, sua ocupação foi impulsionada pelo crescimento do mercado mundial (demanda externa). Esse processo

resultou em um desenvolvimento totalmente diferente daquele descrito pela teoria do desenvolvimento por etapas⁶. Assim, a interpretação dada por North (1977a) aplicar-se-ia de forma particularmente adequada

“a áreas que apresentem as seguintes condições: (1) regiões que tenham se desenvolvido dentro de um quadro de instituições capitalistas e, portanto, sensíveis a oportunidades de maximização dos lucros, e nas quais os fatores de produção apresentaram relativa mobilidade, e (2) regiões que tenham se desenvolvido sem as restrições impostas pela pressão populacional” (NORTH, 1977a, pg. 292).

De forma genérica, North (1977a) afirma que as regiões novas dos Estados Unidos desenvolveram-se em torno de uma base de exportação, que incluía tanto produtos primários, secundários como os terciários, e se refletia a partir da diversificação produtiva da base de exportação com conseqüente redução dos custos de transporte. Assim, o desenvolvimento de artigos de exportação refletia-se em vantagens nos custos de produção (incluindo os custos de transferência e distribuição, que limitam a extensão do mercado para os bens básicos).

Salienta-se que para North (1977a) a industrialização não é um estágio obrigatório para o desenvolvimento sustentável das regiões. São as vantagens locacionais que permitem que algumas regiões desenvolvam esse tipo de atividade. Além disso, um aumento da demanda dos produtos de exportação é o responsável pelo maior ou menor crescimento da mesma, haja vista, que essa demanda dá origem a efeitos multiplicadores e induzem maiores investimentos, não apenas nas atividades de exportação, como também em todas as demais atividades econômicas, internalizando assim a renda gerada pelo setor exportador.

North (1961a) acrescenta ainda que a especialização produtiva – com crescimento do tamanho de mercado – e a divisão do trabalho resultante dessa especialização, foram as responsáveis não somente pela eficiência crescente da agricultura e do transporte, como também determinou o ritmo, o sincronismo, e o caráter do desenvolvimento da manufatura no desenvolvimento das regiões novas dos EUA. Ressalta-se que o tamanho do mercado era basicamente o responsável pelo sucesso do setor de exportação e da disposição da renda desse setor.

⁶ Segundo a teoria do desenvolvimento por etapas, descrito tradicionalmente por Walt W. Rostow, as regiões atravessam cinco etapas de evolução econômica, quais sejam: 1) a etapa da economia tradicional; 2) as precondições para a arrancada desenvolvimentista (*take-off*); 3) a participação no processo de desenvolvimento, quando o crescimento se torna um dado normal do quadro econômico; 4) a idade madura, quando uma economia está em condições de utilizar todas as potencialidades da tecnologia disponível; 5) a etapa de desenvolvimento pleno, que coincide com um elevado consumo de massa (ROSTOW, 1974).

Assim, verifica-se que North (1977b) elaborou sua teoria assemelhando-se à de Adam Smith. Esclarecendo:

“O argumento pode ser defendido, grosso modo, da seguinte maneira: 1) a especialização e a divisão do trabalho constituem os fatores mais importantes da expansão inicial das regiões; 2) a produção de bens para a venda fora da região induz essa especialização; e 3) o engajamento na economia internacional (ou na nacional, no caso de algumas regiões dos Estados Unidos) nos últimos dois séculos tem sido o caminho, através do qual, várias regiões e nações tem alcançado o desenvolvimento econômico” (NORTH, 1977b, pg. 234/5).

Paiva (2004) afirma que para North – como para Smith e Kalecki –, malgrado exceções absolutamente excepcionais, a condição necessária para a acoplagem de uma economia periférica a um núcleo dinâmico mercantil-capitalista é a identificação de um nicho suficientemente competitivo para garantir a conquista de mercados externos e sua especialização no mesmo. Mas, a despeito de necessário, este movimento de “engate da região vagão no trem da acumulação mercantil” é insuficiente para garantir que a mesma região venha a se tornar uma “locomotiva”.

Assim, as regiões que permanecem ligadas a um único produto de exportação não alcançam, quase inevitavelmente, uma expansão sustentada. Não apenas ocorrerá um amortecimento da taxa de crescimento do setor, o que acarretará efeitos adversos para a região, como o próprio fato de que ela continue presa a uma única indústria de exportação significará que a especialização e a diversificação do trabalho são limitadas fora dessa indústria. Historicamente, isso significa que uma parcela da população tem permanecido fora da economia de mercado (NORTH, 1961a).

Em síntese, Paiva (2006) defende a tese de que a multi-especialização não é apenas funcional ao desenvolvimento regional, mas que ela é condição *sine qua non* do mesmo. Assim, há três argumentos que fundamentam essa tese: 1) com o apoio nos clássicos da economia, defende-se o ponto de vista de que a especialização é condição de competência e competitividade, e não se opõe de forma simples (mas dialética) à diversificação e à mobilidade; 2) os autores que buscam negar as conclusões clássicas baseados em estudos empíricos confundem a diversificação que resulta de um processo bem sucedido de desenvolvimento e as condições históricas concretas do mesmo, que pressupõem alguma especialização; e 3) a mono-especialização é um caso particular e problemático da especialização em geral, que não apenas pode como deve ser plural.

1.3 Especialização e o desenvolvimento regional

Conforme mencionado na seção anterior e ressaltado por Paiva (2006) a especialização de uma região, em um ou mais segmentos, é tida como condição de desenvolvimento desde Adam Smith. Além disso, segundo Paiva (2004) a especialização é um importante “indício” do potencial de uma região. E qual a importância em se identificar o potencial de uma região? Segundo o mesmo autor, quando se identifica o potencial de uma região identifica-se, também, aqueles setores que, uma vez mobilizados/fomentados, geram o maior benefício por unidade de custo. E ainda acrescenta:

Isso significa dizer, em primeiro lugar, que o “potencial de uma região” deve ser pensado como a capacidade da mesma em dar início e sustentação a processos de autonomia material e bem-estar crescentes dos agentes produtivos locais e de seus dependentes com base na mobilização do maior volume possível de recursos produtivos disponíveis internamente. Ou, ainda, dar início e sustentação a um processo de crescimento autopropelido, a um processo de crescimento onde os determinantes do sucesso e da competitividade de longo prazo vão sendo endogeneizados de forma crescente pelas firmas e pelos agentes produtivos locais (PAIVA, 2004, p. 16).

Ao mesmo tempo, a especialização além de ser a manifestação da determinação primeira de “potencial”, ela é a “capacidade mobilizatória” de um determinado setor, ou seja, o poder de “multiplicação” (no espaço e no tempo) do fomento ao mesmo. Paiva (2006) acrescenta que não há uma definição única para a categoria especialização. Entretanto, uma interpretação equivocada é a que identifica “especialização” a “monocultura” ou “monotividade”. Nessa pesquisa, utilizaremos a perspectiva de que no processo de desenvolvimento uma região pode ser **multi-especializada**, ou seja, as economias desenvolvidas tendem à multi-especialização, em contraposição às economias estagnadas e excluídas da divisão inter-regional do trabalho (que tendem à diversificação autárquica) e às economias satelizadas (que tendem à “mono-especialização”).

Diferentemente de Adam Smith, Douglas North denomina as especializações como “modelo de base de exportação”. Porém em ambos é possível encontrar características similares em suas teorias e que são apontadas por Paiva (2006): para Smith, a passagem da relação bifuncional entre “tamanho de mercado” e “divisão do trabalho”, de uma contradição retardadora do processo de desenvolvimento, em um fator de alavancagem desse mesmo desenvolvimento só é possível através da solução exportadora. O que passa, necessariamente, por uma dupla identificação e mobilização: (a) dos segmentos internos capazes de produzir um excedente vis-à-vis à demanda regional e (b) de comunidades externas aptas a demandar

aquela produção excedente a um preço igual ou superior ao somatório dos custos efetivos de produção.

North (...) é o primeiro a reconhecer que a medida da eficácia da produção básica para o desenvolvimento regional é a emergência e consolidação de um amplo e **diversificado** segmento produtor de **bens não-básicos** (não voltados à exportação, mas ao consumo interno) no território. Mais: segundo o autor, as demandas de insumos e de bens finais, associadas ao desenvolvimento regional da produção de bens básicos e não-básicos, devem conduzir a uma crescente **diversificação** da produção agropecuária, industrial e de serviços. O que irá se traduzir na **diversificação** e urbanização da pauta de exportação regional. Vale dizer: a diversificação é a meta e a medida do desenvolvimento (PAIVA, 2006, p. 5).

Assim, em resumo North (1961a) afirma que as regiões se desenvolvem melhor quando diversificam a pauta de produtos de exportação. Segundo o autor, os fatores mais importantes no desenvolvimento sustentado desses produtos são:

a) *A dotação natural da região* que dita seus produtos iniciais da exportação. Se estas dotações resultarem em uma vantagem comparativa⁷ tremenda em um produto que transborde outro, a consequência imediata será para que os recursos se concentrem em sua produção.

b) *O caráter do setor de exportação*. Nesse quesito existem algumas características que influenciam significativamente no desenvolvimento do setor de exportação. Uma dessas características é a distribuição de renda regional. Quanto mais equitativo forem a distribuição de renda e fundiária maiores serão os reflexos às demandas de bens e serviços na região. Investimentos serão induzidos e efetuados para atender essas novas demandas e novos centros de comércio se desenvolverão. Além disso, melhorias na qualificação educacional e investimentos em pesquisa serão induzidos nessas áreas objetivando melhorar sua posição comparativa e diversificar a base econômica.

Complementando, o setor de exportação tende a refletir-se no desenvolvimento do setor de transporte, de armazenamento, de indústrias complementares e de tecnologia. Se o setor de exportação incentivar o crescimento desses setores e se a tecnologia, os custos de transporte e as dotações de recursos regionais permitirem estes serem produzidos localmente então uma urbanização e uma especialização diversificadas serão promovidas. Ao contrário, se a região não tiver condições de produzir localmente, ela poderá importar de forma mais eficiente

⁷ Segundo Paiva (1984) o comércio entre nações se dá através de trocas entre si de valores diferentes, ou seja, da vantagem comparativa. Já, o comércio inter-regional se executa através de vantagens absolutas, ou seja, uma região só compra mercadorias de outra se esta última produz com menor quantidade de trabalho que a primeira. E acrescenta: duas regiões só sobrevivem integradas numa mesma economia capitalista e comerciando se existirem vantagens absolutas na produção de certa mercadoria em uma das duas regiões.

possível esses produtos.

c) E as *mudanças nos custos de tecnologia e de transporte* que podem alterar a vantagem comparativa da região. A mudança tecnológica tende a aumentar a taxa de retorno potencial da produção de outros bens e serviços, conduzindo à exploração de novos recursos e diversificando o rol de indústrias de exportação. O desenvolvimento dos transportes auxilia positivamente na diversificação produtiva e reduz os custos de transporte, conseqüentemente nos custos de produção, aumentando a vantagem comparativa dos produtos da exportação.

North (1977b, p. 341) afirma ainda que o desenvolvimento de um setor de exportação ocorre primeiramente na agricultura, mas pode se expandir para os setores industrial e de serviços. O sucesso do desenvolvimento do setor exportador resultará em um aumento da renda da região e conduzirá a:

(1) Especialização e divisão do trabalho com ampliação do mercado regional; (2) O crescimento dos serviços auxiliares e indústrias subsidiárias para produzir e comercializar eficientemente o produto de exportação; (3) O desenvolvimento de indústrias locais para servir ao consumo local, algumas das quais podem, conduzir à ampliação da base de exportação em conseqüência da expansão dos mercados e do desenvolvimento de economias externas associadas a indústria de exportação; (4) Como uma conseqüência natural das condições acima, o crescimento das áreas e serviços urbanos; (5) Um investimento crescente na educação e na pesquisa para ampliar o potencial da região.

Assim, o crescimento regional bem sucedido ocorre porque os desenvolvimentos iniciais no setor de exportação (especialização) levam gradualmente à diversificação da pauta de exportação (multi-especialização) e à ampliação na dimensão do mercado doméstico. Internamente, isso vai ocasionar uma variedade cada vez maior de indústrias e serviços locais, a ponto de incluir uma ampla gama de atividades econômicas. Com o sucessivo aumento das rendas, aumenta-se também o mercado interno, e a dimensão eficiente desses tipos de atividades cresce e algumas delas podem tornar-se tão eficientes que podem se transformar em novas indústrias de exportação. A expansão bem sucedida provoca um influxo de capital e de mão-de-obra; as proporções entre os fatores de produção modificam-se gradualmente para favorecer ainda mais a expansão contínua da região. As mudanças na proporção de combinação de fatores, a redução de custos induzida pelos investimentos na infra-estrutura e a melhoria dos padrões culturais e profissionais, conduzem a uma diversificação ainda maior e à capacidade de expandir em outras atividades econômicas (NORTH, 1961b, p. 33).

De acordo com a descrição acima o que sinteticamente ocorre durante o

desenvolvimento do setor exportador é o que Hirschman denominou de *backward and forward linkages*, ou seja, efeitos de encadeamento para trás e para frente. De acordo com Hirschman (1961) o encadeamento para trás é fruto de um crescimento autônomo de um determinado setor (o exportador), motivado basicamente por causa de um novo investimento ou pelo aproveitamento da capacidade produtiva previamente existente. Esse encadeamento induz o crescimento de outros setores a ele relacionados, devido principalmente às pressões de demanda. Já os encadeamentos para frente, o motivo de sua ocorrência é a existência de um aumento da produção de um determinado fator que provoca a elevação da produção de outros setores em virtude do excesso de oferta do produto do setor inicial (o mesmo setor exportador). Assim, esses encadeamentos podem se transformar e formar uma cadeia produtiva regional.

Nesse sentido, Paiva (2004) ressalta que toda especialização regional deve ser pensada em sua dimensão de cadeia. Segundo o autor, as vantagens competitivas absolutas criadas pela especialização estimulam um processo de integração regional crescente das cadeias produtivas à qual pertence o produto especializado que deu início ao processo. Além disso, esse processo de especialização em cadeia presume a endogeneização dos segmentos produtores de máquinas, equipamentos e insumos (D1 do Kalecki), haja vista, que essa endogeneização é a persistente redução dos custos de produção dos elos a jusante.

Hilhorst (1975) adiciona que outra característica positiva da especialização é a capacidade de causar transformações nas relações de dependência e poder, portanto, ocasionar um maior grau de interdependência regional. Assim, enquanto as relações de dependência são uma característica de integração vertical, as relações de interdependência são características da integração horizontal.

Neste contexto, a multi-especialização produtiva (North) feita de forma equitativa tende a refletir-se em uma melhor distribuição de renda (Kalecki) e empregos (divisão do trabalho de Smith), melhorando o influxo da renda, a qualidade de vida e a competição mercantil regionais. Assim, a multi-especialização regional, a integração econômica e a diversificação produtiva são três movimentos que sintetizam a divisão regional do trabalho e a ampliação dessa divisão social do trabalho dentro da reprodução ampliada do capital, culminando no desenvolvimento regional. Essa será a idéia de desenvolvimento regional utilizada nesse trabalho. Além disso, a participação das esferas governamentais deve ser ressaltada em relação à criação de benefícios sociais, tais como oferta de energia elétrica, melhoria no setor

de transporte, investimentos no setor educacional, de equipamentos urbanos em geral (bens de utilidade pública), dentre outros, no processo de desenvolvimento das bases exportadoras.

1.4 Medindo a especialização e a dinâmica regionais

Conforme mencionado anteriormente o conceito de desenvolvimento regional utilizado nessa pesquisa tem como ponto de partida a especialização produtiva da região. Essa especialização é dinamizada e se traduz em sua base de exportação. Assim, a identificação das especializações regionais aponta quais os setores que atendem à demanda externa (vale dizer: a demanda **autônoma**, em regiões sem D1 e/ou D2) e, assim, mobilizam e dinamizam outras atividades produtivas na região.

O instrumento que será utilizado para determinar as especializações das mesorregiões nessa pesquisa é o cálculo do Quociente Locacional, o QL, que não só é o mais difundido na literatura, como é aquele explicitamente recomendado por North (1977a, p. 301). Esse quociente mostra o comportamento locacional dos ramos de atividades, assim como, aponta os setores mais especializados (potenciais) nas mesorregiões analisadas, comparando essas mesorregiões a uma macro-região de referência, no nosso caso o Sul do Brasil, pois agrega todos os Estados onde se localizam as mesorregiões em análise. Além disso, uma das vantagens do QL é apontada por Pumain e Saint-Julien (1997) que afirmam que ao utilizar o peso relativo dos ramos de atividades econômicas, o QL anula o efeito “tamanho” das regiões. Por isso, eles permitem o cálculo de indicadores confiáveis.

O cálculo do QL exige a escolha de uma variável (não necessariamente apenas uma). Segundo Paiva (2006) a escolha dessa variável deve levar em consideração àquela que apresente a menor possibilidade de enviesar os resultados e a que apresenta o maior número de subsetores possíveis, pois quanto mais desagregados setorialmente melhor será a identificação das especializações regionais. Nesse contexto, a variável mais utilizada na literatura, é o número de empregados distribuídos por setores. Assim, presume-se que os ramos de atividade mais especializados empregam mais mão-de-obra no decorrer do tempo. Por outro lado, a ocupação da mão-de-obra se reflete na geração e distribuição da renda regional, o que estimula o consumo e conseqüentemente a dinâmica da região.

A restrição ao uso de uma única variável para o cálculo dos QLs surge do fato de que

distintos setores (agricultura, indústria, serviços) e regiões adotam padrões muito diferenciados de incorporação e uso da mão-de-obra (sazonal ou estável, formal ou informal, familiar ou assalariada, etc), bem como padrões muito distintos de produtividade (de sorte que, nem sempre a maior participação no emprego equivale a uma maior participação no produto e na renda). Assim, seria pertinente utilizar outras variáveis para complementar a análise como, por exemplo, o valor adicionado fiscal setorial ou o Produto Interno Bruto (PIB) setorial das regiões. Apesar dessas restrições, sempre que possível vamos operar com a variável emprego (ou mão-de-obra ocupada), pois ela demanda um mínimo de ajustes para comparações intertemporais (principalmente de atualização monetária).

Neste sentido, utilizar-se-á nessa pesquisa duas variáveis: uma para o setor primário e outra para a análise dos demais setores. No primeiro caso a variável selecionada foi o valor bruto (monetário) da produção agropecuária, VBPA, disponibilizada pelos Censos Agropecuários de 1970 e 1996, tendo sido os valores de 1970 deflacionados pelo IGP-DI para o ano de 1996, tornando assim os dados comparáveis. Já, para analisar os setores secundário e terciário a variável escolhida foi o número de pessoas ocupadas (PO) por ramos de atividades, divulgado pelos microdados dos Censos Demográficos de 1970 e 2000. Em ambos os casos a disponibilização foi feita pelo IBGE.

Levando-se em consideração as seguintes definições:

PO_{ij} = Pessoas Ocupadas, ou o VBPA, no setor i da mesorregião j ;

PO_j = Total de Pessoas Ocupadas, ou o VBPA total, na mesorregião j ;

PO_{it} = Pessoas Ocupadas, ou o VBPA, do setor i no Sul do Brasil;

PO_t = Total de Pessoas Ocupadas, ou o VBPA total, no Sul do Brasil.

A fórmula para o cálculo do quociente locacional (QL) é a seguinte:

$$QL = \frac{PO_{ij} / PO_{it}}{PO_j / PO_t} \dots\dots\dots (1)$$

Dessa forma, o QL compara a participação percentual das pessoas ocupadas, ou do VBPA, de uma mesorregião j com a participação percentual do Sul do Brasil. Assim, o QL informa quantas vezes o setor i é mais (ou menos) importante, ou especializado, para a

mesorregião j *vis-à-vis* a macro-região de referência, o Sul do Brasil. Tradicionalmente, a importância da mesorregião j no contexto macro-regional, em relação ao setor estudado, é demonstrada quando o QL assume valores acima de 1. Nesses casos o setor será considerado especializado. O contrário ocorrerá quando o QL for menor que 1.

Além do cálculo dos QLs para as mesorregiões em estudo, será efetuado o cálculo dos QLs, de setores selecionados, para os municípios que formam cada uma das quatro mesorregiões. Nesses casos, a macro-região de referência continuará sendo a mesma, o Sul do Brasil. Com isso, será possível visualizar a distribuição municipal das principais especializações mesorregionais. Os QLs municipais serão apresentados na forma de mapas para facilitar a visualização espacial da distribuição dos QLs, e em escalas de cores, onde cada cor representará um grau de importância dos quocientes. A metodologia para a distribuição das escalas será a seguinte: calcular-se-á a média e o desvio padrão dos QLs de determinado setor para o conjunto de municípios de uma mesorregião; em seguida distribuir-se-á as escalas da seguinte forma:

1ª cor (mais escura) = QLs > (média + 1 desvio padrão)

2ª cor = Média < QL < (média + 1 desvio padrão)

3ª cor = Média < QL < (média - 1 desvio padrão)

4ª cor (mais clara) = QLs < (média - 1 desvio padrão)

Dessa forma, a primeira escala de cor apresentará os municípios mais especializados da mesorregião em um determinado setor. Em alguns casos, mais precisamente naqueles onde o valor do desvio padrão é superior ao valor da média, o número de escalas de cores será somente de três. Por exemplo: o mapa dos QLs para o setor da indústria de transformação da mesorregião Noroeste Rio-Grandense para o ano de 1970 (Figura 5) teve como média 0,31 e desvio padrão de 0,32; assim as três escalas foram: 1ª) QLs > 0,63; 2ª) 0,31 < QLs < 0,63; e 3ª) QLs < 0,31. Se se utilizasse a 4ª escala os valores teriam que ser menores que -0,01. Como o QL sempre apresentará valores superiores ou iguais à zero, nenhum resultado poderia satisfazer esse intervalo de valores negativos. Como podem ocorrer casos onde uma escala compreende valores de QLs maiores e menor que 1 será adotado, ainda, mais uma ilustração para indicar os municípios onde o QL é maior do que 1. Assim, será possível visualizar com maior facilidade os municípios que estão no grupo mais representativo e aqueles que possuem, uma especialização setorial comparavelmente superior.

Uma medida que complementarará a análise do QL será o método estrutural-diferencial de análise do crescimento econômico regional, tradicionalmente conhecido como modelo *shift and share*. Da mesma forma que o QL o método estrutural-diferencial utiliza uma variável base no seu cálculo. Para possibilitar comparações mais precisas entre essas duas medidas optar-se-á pela utilização das mesmas variáveis do cálculo do QL, o VBPA para a agricultura e a variável “pessoas ocupadas” para a indústria e serviços. Como o número de setores e subsetores se modificou entre 1970 (T0) e 2000 (T1), no caso da variável “pessoas ocupadas”, a agregação de alguns setores foi necessária para a utilização desse modelo. O Anexo 7 apresenta essa agregação. Assim, o número de setores apresentados nos resultados dos QLS e do modelo estrutural-diferencial será diferente.

O método estrutural-diferencial divide a variação na produção (ou no produto, ou no emprego, etc) de uma determinada atividade em três componentes: a componente nacional ou macro-regional, a componente setorial ou proporcional e a componente diferencial ou regional, conforme apresentam Haddad (1989), Haddad (1977), Lodder (1974) e Silva (2002). Três premissas básicas permeiam este modelo, quais sejam:

a) O crescimento do emprego é definido primeiramente no plano “nacional”, no nosso caso do Sul do Brasil, pela dinâmica da economia nacional;

b) O crescimento do emprego é maior em alguns setores, ou seja, os setores dinâmicos, do que em outros, os setores tradicionais, consolidados e de pouca capacidade inovativo-dinâmica. As mesorregiões cuja estrutura produtiva se assenta nos setores dinâmicos tendem a apresentar um dinamismo superior à média nacional;

c) Apesar da composição da estrutura produtiva, fatores de caráter especificamente regional – economias de aglomeração, cultura empresarial regional, políticas econômicas eficientes dos governos regionais, etc. – podem interferir na dinâmica da mesorregião; de sorte, que, mesmo mesorregiões com uma estrutura produtiva “promissora” (assentada em setores dinâmicos) podem apresentar performances inferiores a de mesorregiões de estrutura menos dinâmica, mas que exploram melhor suas vantagens diferenciais/competitivas.

Para a análise subsequente, tomamos a região Sul como território de referência; de forma que a taxa de crescimento de qualquer variável sob análise **nesta macro-região** (p. ex.: o VBPA, o emprego industrial, ou o Valor Agregado Bruto dos Serviços, ou de qualquer outra

variável sob análise) assume o papel de “componente macro-regional” em nossa análise⁸.

A componente (ou variação) macro-regional (R) é quanto teria variado o valor da produção no setor “x” qualquer se o mesmo tivesse crescido à taxa média do macro-setor de referência (que pode ser toda a economia, ou a agropecuária, ou a indústria, ou os serviços) na macro-região de referência. A equação 2 apresenta sua forma de cálculo.

$$R = \sum_i PO_{ij}^{T0} (r_{it} - 1) \dots\dots\dots (2)$$

$$\text{onde } r_{it} = PO_{it}^{T1} / PO_{it}^{T0} .$$

O componente setorial, ou proporcional (P), é a diferença entre a variação do setor específico (por exemplo: o “setor soja”, *vis-à-vis* a agropecuária como um todo; ou o “setor agropecuária” *vis-à-vis* a economia como um todo) na macro-região de referência e a variação agregada da mesma macro-região. O somatório destas diferenças vai esclarecer se a estrutura produtiva inicial da mesorregião sob análise – vale dizer: se sua especialização setorial inicial – favoreceu (valores positivos) ou prejudicou (valores negativos) o desempenho de sua economia.

$$P = \sum_i PO_{ij}^{T0} (r_{it} - r_{it}) \dots\dots\dots (3)$$

$$\text{onde } r_{it} = \sum_j PO_{ij}^{T1} / \sum_j PO_{ij}^{T0} .$$

Finalmente, a componente diferencial (D) nos informa a diferença entre a taxa de variação efetiva de cada setor em cada mesorregião e a taxa de variação média de cada setor na macro-região de referência. Ela nos informa se a mesorregião cresceu mais (ou menos) do que a média “nacional” em cada setor, indicando se a mesorregião tem vantagens competitivas (ou diferenciais) no setor em consideração e em que segmentos se apresentam estas vantagens.

⁸ Tomar o Brasil como referência envolveria subestimar a especificidade da produção agropecuária da Região Sul, que apresenta uma história de colonização, padrões fundiários e edafoclimáticos marcadamente diferenciados do restante do território nacional. Como estamos particularmente interessados nas diferenças de dinâmica **no interior** da Região Sul (e, de forma particular, entre as quatro mesorregiões sob análise), tomar a Região Sul como referência parece ser a estratégia mais adequada, em especial quando se trata de compreender a dinâmica da agropecuária.

$$D = \sum_i PO_{ij}^{T0} (r_{ij} - r_{it}) \dots\dots\dots (4)$$

onde $r_{ij} = PO_{ij}^{T1} / PO_{ij}^{T0}$.

Neste sentido, com a identificação das especializações mesorregionais (QLs) e dos setores mais (menos) dinâmicos (método diferencial-estrutural) poder-se-á diagnosticar qual era a base de exportação de cada mesorregião no ponto de partida, 1970, e os setores que cada economia se especializou e se dinamizou durante este período. Assim, respostas podem ser obtidas, e as hipóteses confirmadas e/ou refutadas, sobre os prováveis setores responsáveis pelo desenvolvimento desigual dessas mesorregiões.

2 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA MESORREGIONAL EM 1970: as similaridades e as diferenças em evidência

As quatro mesorregiões que constituem a região de estudo desta pesquisa são apresentadas pela literatura como tendo características similares em 1970: Corrêa (1997), Bernardes (1997), Lagemann (1998), Ferrera de Lima (2004), Padis (2006), dentre outros, afirmam que estas quatro mesorregiões apresentam um padrão de ocupação do solo, disponibilidade de recursos e forma de exploração econômica semelhantes. As semelhanças mais citadas são: a) a forma de colonização efetuada pela imigração de descendentes gaúchos, principalmente alemães e italianos, com corrente migratória iniciada no Noroeste Gaúcho, em direção ao Oeste Catarinense, e por último, ao Sudoeste e Oeste Paranaenses; b) a estrutura fundiária assentada em pequenas propriedades familiares rurais; e c) a policultura como forma de exploração econômica inicial.

Estas semelhanças foram primordiais para a escolha dessa área de estudo; para além do fato dessa região não ser objeto da mesma atenção dispensada ao corredor litorâneo, usualmente tomado como aquele que lidera o dinamismo dos três Estados que compõem a região Sul do Brasil. Porém, colocam-se os seguintes questionamentos: essas similaridades realmente se confirmam para o ponto de partida dessa análise? E quanto às diferenças, quais são as características que diferenciam as quatro mesorregiões? Esse é o objetivo desse capítulo: verificar quais são as principais características socioeconômicas das quatro mesorregiões e o grau de similaridades e diferenças das mesmas.

Deve-se ressaltar, anteriormente à apresentação de dados sobre as mesorregiões, que a criação de novos municípios causa mudanças nos contornos das áreas geográficas ao longo do tempo – no nosso caso entre 1970 a 2000 – impedindo que as comparações intertemporais, em nível regional, sejam feitas de forma estatisticamente consistente. Neste sentido, observou-se a necessidade de averiguar se houve mudança na área geográfica das mesorregiões em análise neste período. Assim, e diante da opção em manter a área geográfica divulgada pelo IBGE em 2000⁹, verificou-se que as mesorregiões Oeste e Sudoeste do Paraná não apresentaram mudanças. Ao contrário, as mesorregiões Oeste Catarinense e Noroeste Rio-Grandense tiveram áreas agregadas e/ou desmembradas devido às emancipações ocorridas nesse período.

⁹ A mesorregião Noroeste Rio-Grandense possuía uma área de 65.072 Km² e representava aproximadamente 24,21% da área total do Estado do Rio Grande do Sul no ano de 2000. Já, a mesorregião Oeste Catarinense era formada por 27.256 Km² perfazendo 28,60% de Santa Catarina no mesmo ano. Ao contrário, as mesorregiões Oeste e Sudoeste Paranaense possuíam áreas de 22.792 Km² e 16.944 Km², respectivamente, sendo que conjuntamente representavam 19,94% do Estado do Paraná (IPEADATA, 2007).

Deste modo, foram investigados os municípios que apresentaram essas mudanças e, com o intuito de manter uma homogeneidade dos dados para todo o período, foram adicionados e/ou subtraídas informações referentes ao meio rural dessas duas mesorregiões, levando-se em consideração o percentual de área adicionada e/ou subtraída¹⁰, conforme sintetiza o Anexo 1.

2.1 A população, a ocupação, e a estrutura fundiária das mesorregiões em análise

A Tabela 4 apresenta informações referentes ao número de população total, rural e urbana das mesorregiões no ano de 1970.

Tabela 4 - População total, rural e urbana, segundo mesorregiões – 1970

Mesorregiões	População – Pop.					
	Pop. Total	Pop. Total / Km ²	Pop. Rural	Pop. Rural / Pop. Total (%)	Pop. Urbana	Pop. Urbana / Pop. Total (%)
Noroeste-RS	1.793.171	27,56	1.253.419	69,90%	539.752	30,10%
Oeste-SC	744.271	27,31	566.954	76,18%	177.317	23,82%
Sudoeste-PR	446.360	26,34	365.959	81,99%	80.401	18,01%
Oeste-PR	752.432	33,01	604.331	80,32%	148.101	19,68%

Fonte: IPEADATA (2007).

Verifica-se pela Tabela 4 que no ano de 1970 a mesorregião Noroeste Rio-Grandense detinha o maior contingente populacional dentre as quatro mesorregiões analisadas, seguido pela mesorregião Oeste Paranaense e Oeste Catarinense. Não obstante, a densidade populacional das quatro mesorregiões era bastante similar, em torno de 30 habitantes por km², sendo a mais baixa a apresentada pelo Sudoeste Paranaense. A população rural se destacava nas quatro mesorregiões, apresentando participação superior a 69% em relação à população total em todas as mesorregiões, com destaque para o Sudoeste e Oeste Paranaenses que apresentavam 81,99% e 80,32%, respectivamente.

Conforme mostra o Anexo 3, na década de 1920 – ano das primeiras publicações dos Censos Demográficos do IBGE – o Noroeste Gaúcho já detinha um contingente populacional expressivo representando, nesse ano, 17,18% da população total do Rio Grande do Sul. Ao contrário, as demais mesorregiões representavam menos de 4% da população dos seus respectivos Estados. A exceção era a mesorregião Sudoeste Paranaense que não apresentava

¹⁰ Optou-se por subtrair e/ou adicionar parte dos dados para o período de 1970 a 2000 somente para os que se referiam ao meio rural, pois presume-se que essas informações estão distribuídas de forma homogênea no espaço. Ao contrário, e tendo-se verificado que não houve mudança de centro urbano dos municípios listados no Quadro 1 não foi efetuado este procedimento para os dados referentes aos setores urbanos (indústria e serviços).

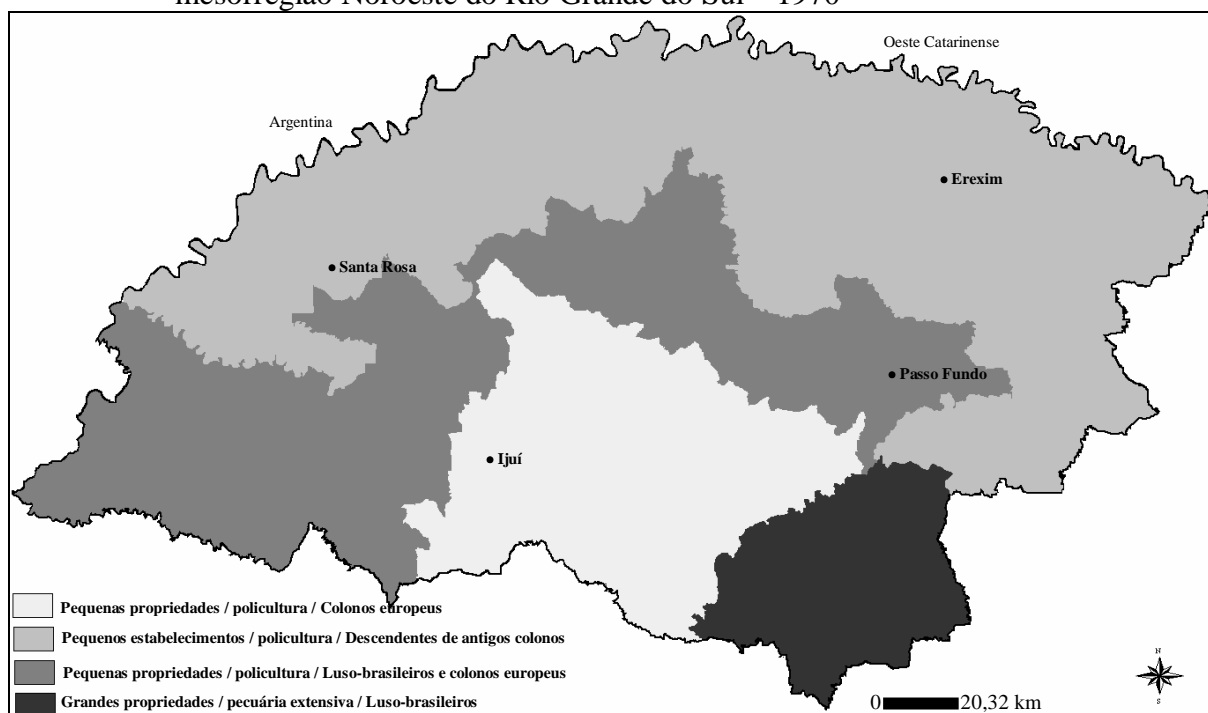
contingente populacional recenseado pelo IBGE. Por outro lado, durante o período de 1920 a 1970 a população de ambas as mesorregiões cresceu significativamente. Mas foi durante a década de 1960 que esse crescimento foi mais intenso nas mesorregiões do Paraná: o Oeste Paranaense apresentou crescimento de 454,58% (de 135.677 para 752.432 habitantes), e o Sudoeste Paranaense de 108,63% (de 213.949 para 446.360 habitantes), evidenciando um fluxo populacional intenso nesse período. Nas outras duas mesorregiões esse crescimento foi menor: de 19,67% para o Noroeste Rio-Grandense e de 57,48% para o Oeste Catarinense.

Neste contexto, faz-se interessante descrever rapidamente o processo de colonização dessas mesorregiões demonstrando particularidades quanto ao fluxo populacional supracitado.

Conforme destacado, a primeira mesorregião a ser colonizada e ocupada – dentre as analisadas – foi a Noroeste Rio-Grandense. A ocupação desta mesorregião foi objeto da mobilização de um amplo conjunto de agentes em um longo período de tempo (Governos Nacionais e Provinciais, no Império e, na Primeira República, governos municipais e companhias colonizadoras privadas) e vários grupos étnicos de povoamento (alemão, italiano, luso-brasileiro, etc.), conforme sintetiza Figura 3. Entretanto, o certo é que havia uma característica marcante nesse processo, em relação à propriedade fundiária e à estrutura da produção agrícola: a colonização privilegiava e alimentava a reprodução no território da pequena propriedade, explorada diretamente pelo colono e sua família através de uma produção agrícola diversificada (BERNARDES, 1997). A centralidade desta característica é ratificada por Bandeira (2003), que salienta só ser possível entender a dinâmica da região se se leva em conta a organização inicial das propriedades em torno das pequenas propriedades e da produção agrícola diversificada.

Pela Figura 3 visualiza-se que a maior parte dessa mesorregião foi ocupada por luso-brasileiros, colonos europeus e seus descendentes, a partir da pequena propriedade e da policultura como formas de ocupação e de exploração do solo, com exceção da parte sudeste que caracterizava-se pelo predomínio de grandes propriedades e pela pecuária extensiva. A parte mais antiga de colonização dessa mesorregião se deu com a ocupação jesuítica a partir de 1626, na parte sudoeste desse território (SCP, 2007). Por outro lado, os descendentes de colonos europeus ocuparam essa região, principalmente, a partir de 1900, reflexo da expansão das colônias mais antigas, de alemães e italianos. Além disso, na parte norte houve ainda a entrada de etnias mistas, além da presença significativa de comunidades indígenas remanescentes e de comunidades negras.

Figura 3 - Forma de povoamento e características das propriedades e de produção da mesorregião Noroeste do Rio Grande do Sul – 1970



Fonte: Adaptações do autor a partir de IBGE (1970).

De acordo com Bernardes (1997) foi a partir da constituição republicana em 1889 que as terras devolutas passaram ao domínio dos Estados e estes se tornaram os responsáveis pela colonização, diretamente ou por concessões a particulares. Assim, a partir de preocupações estratégicas do Estado foram fundadas as duas primeiras colônias nas matas do Alto Uruguai, sendo Ijuí em 1890 e Guarani das Missões em 1891. A construção da ferrovia em 1890 ligando Santa Maria a Passo Fundo impulsionou o povoamento desse trecho. Dessa forma, desencadeou-se um ritmo acelerado de povoamento no Alto Uruguai e no trecho da ferrovia.

Posteriormente foram criadas as seguintes colônias no Noroeste Gaúcho: Erexim (1908), Santa Rosa (1915) e Guarita (1917). Estas três colônias funcionaram como enormes clareiras na mata virgem, a partir das quais se deu o povoamento em todas as direções, estabelecendo a junção entre os núcleos iniciais. Ressalta-se que também havia iniciativas particulares de colonização. Porém, enquanto a colonização estatal vendia indistintamente lotes a quem procurasse a região, gerando povoadamentos de etnias mistas, a tendência das colônias particulares foi a de originar áreas homogêneas, de uma só etnia, ou, pelo menos, em que predominasse fortemente uma etnia (BERNARDES, 1997). Assim, chega-se no ano de 1940 com **todas** as terras povoadas, ou pelo menos, sem registro de terras devolutas, não somente na mesorregião Noroeste como em todo o Estado do Rio Grande do Sul.

Durante o processo de povoamento, a maior parte das cidades e vilas originou-se de núcleos planejados pelos demarcadores das terras. Com o passar do tempo, a circulação intensa entre as “linhas” de lotes, o intercâmbio comercial que naturalmente floresce em uma região de povoamento denso, a necessidade de um local em que se façam os contatos sociais (com ênfase na capela, exigida pelo espírito religioso dos colonos, protestantes ou católicos) determinou a formação dos novos povoados na zona colonial. Pouco a pouco, estes povoados foram se tornando mais importantes e passaram a assumir a categoria de vila ou cidade (BERNARDES, 1997). Padis (2006) ratifica essa constatação ao afirmar que os primeiros núcleos urbanos nas regiões de colonização surgem com a função econômica principal de prestar serviços, especialmente comerciais, e função social de ser o instrumento integrador das pessoas radicadas em seu redor, sendo dessa forma, um instrumento de conservação dos costumes, da moral, da língua e da religião dos colonos.

Segundo IPARDES (1977), a partir da década de 50 dois fatores contribuíram para a evasão da população rural às cidades no RS, em busca de trabalhos: o primeiro se referia ao fracionamento das propriedades decorrente da sucessão familiar, por herança; o segundo, do aumento das áreas das propriedades em função da pecuária. Porém, o setor urbano gaúcho, principalmente o industrial, não tinha condições de absorver toda esta mão-de-obra. Assim, a população expulsa da zona rural, e não absorvida pelo setor urbano, viu-se na contingência de emigrar para regiões com amplas reservas de terras, vindo a se constituir o Oeste Catarinense, o Sudoeste e o Oeste do Paraná em principais centros de atração dessas populações.

A colonização privada, bem como a pública, é implantada no território com a concorrência do capitalismo industrial, que trata de construir a infra-estrutura territorial, como as ferrovias, desse modo elevando os preços das terras. A imigração e a colonização são, assim, um grande negócio, com suporte do Estado positivista no Rio Grande do Sul, com isso, marginalizando-se os camponeses *nacionais*, os caboclos. As migrações inter-regionais no estado, além das altas taxas de fecundidade, provocam o adensamento populacional no Centro-Norte do Rio Grande do Sul, o que acarreta, progressivamente, a falta de terras para as populações migrantes. Estabelecem-se, portanto, os elementos primeiros que concorrem para a eclosão, mais tarde, da *questão agrária* no Rio Grande do Sul (RÜCKERT, 1997, p. 141).

Empresas colonizadoras, principalmente as privadas, aproveitaram esse momento de demanda para divulgar a existência de terras disponíveis em Santa Catarina e no Paraná. Essas regiões, além da disponibilidade de terras, apresentavam aspectos topográficos bastante semelhantes ao norte e noroeste do Rio Grande do Sul. Além disso, a crescente divisão de terras, que conduziu a uma queda da produtividade do trabalho da família e da renda dos agricultores gaúchos, levou muitos à venda de suas propriedades. Aliado a esse fator, as terras das regiões de destino eram vendidas a preços muito inferiores às do RS e permitiu a

expansão desse fluxo populacional, entre 1910 a 1950, e o Oeste, Sudoeste e Sudeste do Paraná a partir de 1950. Vale dizer o maior contingente populacional dessas mesorregiões seria natural do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina no caso das mesorregiões paranaenses. A Tabela 5 apresenta informações adicionais que ajudam a avaliar a consistência desta hipótese.

Tabela 5 - Brasileiros natos por naturalidade, por mesorregiões – 1970

Mesorregião	Total		Rio Grande do Sul		Santa Catarina		Paraná		Outras UFs	
	Absoluto	% na UF	Absoluto	% na meso	Absoluto	% na meso	Absoluto	% na meso	Absoluto	% na meso
Noroeste-RS	1.787.609	27,03%	1.774.690	99,28%	7.744	0,43%	2.081	0,12%	3.094	0,17%
Oeste-SC	741.533	25,64%	225.054	30,35%	502.830	67,81%	11.834	1,60%	1.815	0,24%
Sudoeste-PR	445.473	6,50%	152.567	34,25%	74.062	16,63%	217.264	48,77%	1.580	0,35%
Oeste-PR	745.229	10,88%	137.609	18,47%	80.829	10,85%	349.479	46,90%	177.312	23,79%

Fonte: IBGE (1973a, 1973b, 1973c).

Pela Tabela 5 verifica-se que no ano de 1970 a maioria da população da mesorregião Noroeste-RS (99,28%) era natural do próprio Estado do Rio Grande do Sul, demonstrando que a ocupação dessa mesorregião se deu via fluxo interno da população. Ao contrário, nas três outras mesorregiões essa característica se altera: no caso do Oeste Catarinense 67,81% eram naturais do próprio Estado e 34,25% do Rio Grande do Sul. No Sudoeste Paranaense os gaúchos e catarinenses representavam 50,88% da população total e o restante era predominantemente do próprio Paraná. Já, no Oeste Paranaense essa hierarquia se altera ainda mais: 46,90% da população eram naturais do próprio Estado, 29,32% naturais de SC e do RS, mas havia 23,79% que eram naturais de outros estados do Brasil, demonstrando que a população gaúcha e catarinense não era a mais representativa nessa mesorregião. O interessante é que, apesar da população natural do RS e SC representar um percentual significativo nas mesorregiões Sudoeste e Oeste Paranaense, o percentual de população natural do próprio Estado também era representativo, demonstrando que a ocupação dessas mesorregiões foi realizada a partir de um fluxo interno expressivo, às vezes desprezado pela literatura¹¹.

Segundo Bavaresco (2006) a região Oeste de Santa Catarina foi a última área a ser colonizada nesse Estado. Três fases principais podem ser citadas em relação à ocupação e colonização dessa região: o primeiro foi o ciclo da **pecuária** durante o século XIX. Nesse período foi ressaltada a importância que as riquezas naturais dessa região poderiam

¹¹ Essa questão será melhor explorada a seguir. De qualquer forma, vale frisar que a Tabela 5 tem por base informações do Censo de 1970, e não traz qualquer informação acerca da procedência dos pioneiros na ocupação dos territórios dos Estados de Santa Catarina e Paraná. Para ser claro: não está descartada a hipótese de que parcela expressiva de paranaenses e catarinenses natos tenha ascendência gaúcha.

proporcionar ao desenvolvimento do Estado; porém, o objetivo dos governantes nesse período foi a garantia de posse sobre o território. As disputas ocorridas com a Argentina em 1895 (“Questão de Palmas”), e com o Estado do Paraná (“Questão do Contestado”) em 1916, fizeram com que o Estado concedesse doações de terras àqueles que pretendiam ali se estabelecerem. Sem interesse em promover uma ocupação ordenada os resultados foram a posse da terra nos campos, a criação de latifúndios e a expulsão dos índios. Entretanto, a dificuldade de transporte, a distância entre os centros consumidores e a concepção de que as terras de campo não eram férteis para a produção agrícola, não proporcionaram um desenvolvimento consistente na região.

O segundo ciclo foi o da **erva-mate**. A maior parte da extração ervateira era realizada pelos caboclos¹². O déficit de estradas interligando o Oeste Catarinense ao restante do Estado foi o principal entrave ao desenvolvimento da cadeia ervateira na região. Por isso, no período de 1910 a 1920, o ciclo da erva-mate entrou em decadência, pois além das dificuldades de transporte, o desenvolvimento e o aumento da produção argentina, principal consumidora do produto, não estimulavam a extração e o transporte até os locais de comércio naquele país (POLI, 1989; BAVARESCO, 2005).

De acordo com Silva et al. (2003), somente no final da década de 1920 o processo de colonização efetiva se inicia e o terceiro ciclo, o da **madeira**, se inaugura. Para integrar o Oeste Catarinense ao desenvolvimento econômico do Estado foram necessárias algumas medidas que promovessem a colonização efetiva daquela área. A primeira iniciativa esteve atrelada a construção da ferrovia interligando São Paulo ao Rio Grande, cujo traçado também facilitaria o acesso nessa região. A construção do trecho catarinense da ferrovia só se efetivou entre 1908 e 1910. Segundo Lagemann (1998), a construção do trecho catarinense dessa ferrovia ficou sobre a responsabilidade da “Brasil Railway Company”. Essa empresa tinha o direito às áreas de terras adjacentes à ferrovia construída e, constituindo uma subsidiária, a “Southern Lumber and Colonization Company”, se notabilizou na extração da madeira na parte norte dessa região, constituindo-se no início do século na maior madeireira da América do Sul. Os trabalhadores da construção da ferrovia foram os primeiros a se fixar nessa região. Conforme ressalta Werlang (2002), esse fator contribuiu para o início da colonização na parte norte dessa região e foi primordial para a criação, em 1917, dos municípios de Cruzeiro (Joaçaba) e Chapecó.

¹² Torna-se difícil definir ou determinar as origens étnicas do caboclo. Normalmente se define como o resultado da miscigenação do branco com o índio.

Além desse fator, o governo, impossibilitado de promover o desenvolvimento da região, deixou ao encargo de empresas colonizadoras particulares esse papel. Começava então a concessão de terras a empresas colonizadoras, tendo à frente pessoas de prestígio junto ao governo. O sistema era o seguinte: empresas colonizadoras recebiam do governo porções de terra e, em troca, deveriam proporcionar a ocupação definitiva da área e construir estradas para o transporte e deslocamento dos colonos. Esperava-se que, com essas medidas, promovessem o desenvolvimento e a inserção da área ao restante do Estado (SILVA et al., 2003).

As empresas colonizadoras, ao receber a área para colonizar, exploravam a madeira mais nobre para só depois vender as terras aos colonos. Isso proporcionou o destaque da indústria madeireira desde o início no Oeste de SC. A região se desenvolvia à medida que novas famílias de colonos se instalavam nas áreas abertas à colonização. Nesse ponto, a migração de colonos do RS contribuiu para o significativo aumento populacional da região, bem como para a exploração das matas. Com isso, o aumento de vilas e povoados no Extremo Oeste foi significativo nos anos 1940, cuja base produtiva se assentava na pequena propriedade fundiária e na agricultura familiar.

O ciclo madeireiro não proporcionou um acúmulo de capital capaz de originar novos ramos produtivos, haja vista, que as companhias de colonização vendiam a madeira nobre para as madeireiras, quando elas mesmas não eram proprietárias, e comercializavam as terras para os colonos imigrantes. Por outro lado, este ciclo criou um mercado de trabalho de baixa remuneração. Expulsou os caboclos que, na grande maioria, não conseguiram a posse da terra. Segundo Alves e Mattei (2006) o ciclo madeireiro, no Extremo Oeste Catarinense, declina no início dos anos de 1970, quando se inicia o ciclo agroindustrial baseado na produção de suínos e de milho e no sistema de integração agroindustrial.

Da mesma forma que no Oeste Catarinense, até as primeiras décadas do século XX, as regiões Sudoeste e Oeste Paranaense contavam apenas com uma ocupação feita por pequenos núcleos populacionais, criados por questões estratégicas de soberania sobre o território, implantados pelo Governo Federal, como Foz do Iguaçu no Oeste por razões de disputa de limites de fronteira com a Argentina, e Laranjeiras no Sudoeste em razão do Contestado (VARGAS, 2005). O isolamento da região, resultado da falta de ligação viária com outras regiões, fez com que até:

“a década dos anos cinquenta a economia do sudoeste paranaense fora constituída de uma atividade madeireira e pecuária em relativa decadência, localizada nas regiões mais antigas, e de uma produção altamente marcada pela atividade de subsistência nas áreas de ocupação nova” (PADIS, 2006, p. 230).

Especificamente sobre a mesorregião Sudoeste Paranaense, Lazier (1986) afirma que o processo de colonização foi marcado por diversos conflitos. Primeiramente, na disputa territorial onde Brasil e Argentina pleiteavam a posse da região rica em erva-mate e araucárias. Posteriormente, com a vitória diplomática do Brasil na demarcação das terras fronteiriças com a Argentina, o conflito transferiu-se para questões internas, mais precisamente entre os Estados do Paraná e Santa Catarina. O conflito interno foi caracterizado pela demarcação das terras do Sudoeste os seus limites federativos.

Entretanto, durante esse longo período de inconstâncias administrativas e sem uma organização colonizadora, vários colonos vindos principalmente do Oeste Catarinense e Noroeste Gaúcho começaram a tomar posse de alguns terrenos, sem a devida documentação. Assim que chegavam, esses posseiros demarcavam uma área e começavam a derrubada da mata e o cultivo de milho e criação de porcos (LAZIER, 1986).

O resultado foi que a primeira colonização dessa mesorregião foi marcada por conflitos e uma forte predominância da mestiçagem. Por ser uma região de fronteira, visando garantir a segurança e organizar a colonização, o governo federal criou a chamada Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO) abrangendo uma faixa de aproximadamente 60 km da fronteira. Este fato contribuiu para a ocupação e colonização significativa da região Sudoeste do Paraná nos anos 1970. A ocupação dessas terras, com características típicas de miscigenação inter-racial da fronteira (brasileiros e argentinos), e com a chegada dos grupos étnicos do Sul do país, deu ao Sudoeste uma característica singular de composição racial e de formação social (PIACENTI e FERRERA DE LIMA, 2002).

Neste contexto, segundo Ferrera de Lima et al. (2005), a colonização mais intensa dessa região foi realizada pelos colonos vindos do Sul do Brasil, a partir de 1960, principalmente do Oeste Catarinense e Noroeste Gaúcho. Além disso, sua agropecuária caracterizava-se por ser mais tradicional e pouco capitalizada, com pequenas propriedades e o predomínio da agricultura familiar. Essas informações confirmam os dados da Tabela 5 sobre a origem da população dessa mesorregião (mais de 50% eram naturais dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina).

Já, o processo de colonização do Oeste Paranaense se iniciou nas primeiras décadas do século XX havendo passado por duas fases principais. Na primeira fase, a colonização foi marcada pela exploração extrativista de madeira e erva-mate através do sistema das obragens¹³. Durante essa fase, os habitantes pertenciam a etnias e nacionalidades mistas, com destaque para os indígenas, luso-brasileiros, argentinos e paraguaios (WACHOWICZ, 1982). Num segundo momento, a partir dos anos 40, a agricultura familiar dará a base da ocupação. Nessa fase, a base étnica foi construída a partir de dois fluxos de colonização: o primeiro constituído por agricultores provenientes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina; e o segundo, de imigrantes provenientes das regiões cafeeiras do Norte Paranaense “liberados” das plantações de café à medida que estas iam sendo substituídas por outras culturas e pela pecuária. Nesse segundo momento o fluxo populacional era mais heterogêneo, originários de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e do Nordeste Brasileiro (COLODEL, 1988; IPARDES, 2003).

Em ambos os casos deve-se destacar o papel exercido pelas empresas colonizadoras que, tanto públicas como privadas, atraíram um número expressivo de agricultores, resultando na comercialização da maior parte dos loteamentos já no início dos anos cinquenta. O sucesso desses empreendimentos ocorreu em razão da oferta abundante de terras e ao baixo preço da mesma, pois permitia aos colonos adquirir lotes em torno de 20 hectares. Estes lotes tornavam-se interessantes aos colonos, pois eram cerca de três vezes maiores do que aqueles que haviam deixado anteriormente. Além disso, as colonizadoras tinham a função – cedidas pelo Estado – em abrir estradas, medir e demarcar lotes urbanos e rurais e iniciar a venda¹⁴ (WACHOWICZ, 1982; COLODEL, 2002).

A empresa de maior destaque na região Oeste do Paraná, pela organização e pelo

¹³ As obragens eram propriedades e/ou exploração típica das regiões cobertas pela mata subtropical em território argentino e paraguaio. Esse sistema baseado no binômio mate/madeira era praticamente desconhecido no Sul do Brasil por ser de origem hispano-platino e, no extremo Oeste do Estado do Paraná, forneceu o contexto necessário para as primeiras expressões de colonização com a ocupação, exploração e unificação da região Oeste (WACHOWICZ, 1982).

¹⁴ Os principais objetivos das colonizadoras podem ser observados analisando-se o plano de ação da MARIPÁ, onde as principais preocupações abrangia cinco pontos fundamentais, quais sejam: **a) Elemento Humano:** afim de ter êxito no empreendimento, povoar densamente a Fazenda Britânia, com agricultores que mais se adaptassem à região; **b) Pequena Propriedade:** proporcionar a todo agricultor que vier residir na Fazenda Britânia, a faculdade de se tornar proprietário, livre e independente, das terras por ele cultivadas para a sua família. Estas terras divididas em glebas de 10 alqueires ou 25 hectares, trariam para a região maior quantidade de gente; **c) Policultura:** garantir o perfeito equilíbrio econômico à região, dirigindo a produção agrícola, sempre que possível, da policultura; **d) escoamento da Produção:** na medida em que as terras fossem sendo vendidas e cultivadas, auxiliar os agricultores a colocação de seus produtos nos grandes centros consumidores; **e) Industrialização:** industrializar a região na proporção da necessidade local, evitando que o ritmo normal da plantação agrícola dependa de determinantes industriais montadas no litoral e, evitando desperdícios de tempo, despesas de transporte e outros prejuízos com longas viagens (SCHNEIDER, 2007).

sucesso alcançado, foi a Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S. A.¹⁵, formada no ano de 1946 por acionistas gaúchos, com sede em Toledo-PR. Nesse mesmo ano a MARIPÁ comprou a Fazenda Britânia da “Compañia Maderas del Alto Paraná”, que era uma das concessionárias de terras que haviam na região. Adquiriu 124 mil alqueires, abriu estradas e picadas, mediu e demarcou os lotes urbanos e rurais e iniciou as vendas.

Ainda durante a década de 1950, os colonos tinham um sistema simples de produção, como a criação de suínos e a lavoura de trigo, milho, arroz, feijão e mandioca, portanto, de uma economia tipicamente de subsistência, vendendo apenas o excedente desta produção para os mercados locais. Não existiam meios de comunicação e transportes eficientes para comercialização de produtos excedentes. A integração e a dinamização econômica e demográfica dessa região, deu-se apenas a partir no final da década de 50, com a implantação de um sistema viário que, conjugado à capacidade técnica dos produtores e à boa qualidade dos solos, impulsionou a produção de excedentes agrícolas para a comercialização, nos mercados de Curitiba e São Paulo (RIPPEL, BRAUN e RIPPEL, 2007; WACHOWICZ, 1982).

Essas informações esclarecem por que o Oeste Paranaense apresentava, no ano de 1970, grupos populacionais de várias naturalidades (Tabela 5). A população natural do Paraná (46,90%, em 1970) parece ter sido constituída desde a primeira fase de colonização. Já, os naturais de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (29,32%) e os naturais de outros Estados (23,79%) migraram principalmente durante a segunda fase colonizadora supracitada.

Diante da apresentação resumida da colonização e povoamento das quatro mesorregiões fica evidente a existência de características similares: a ocupação com base nas pequenas propriedades e a predominância de colonos oriundos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina – principalmente a partir das etnias alemã e italiana. A única nota destoante neste processo é a colonização do Oeste Paranaense, que conta com expressiva participação da população natural de outros Estados. Mas esta não nos parece ser uma diferença de vulto, capaz de gerar influências discrepantes no que diz respeito ao padrão de desenvolvimento posterior destes territórios.

¹⁵ Os fundadores da Colonizadora Maripá também tiveram participação ativa em outros empreendimentos colonizadores no Oeste paranaense. Exemplos são: a Colonizadora Gaúcha Ltda. (São Miguel do Iguaçu); Industrial Agrícola Bento Gonçalves (Medianeira); Colonizadora Matelândia (Matelândia); Terras e Pinhais Ltda. (São Jorge – Foz do Iguaçu) e a Pinho e Terras Ltda. (Céu Azul) (COLODEL, 2002).

Tabela 6 - Número e área dos estabelecimentos, por grupo de área total, por mesorregião – 1970

Mesorregiões	Estabelecimentos		menos de 5 Ha		5 a menos de 10 Ha		10 a menos de 20 Ha		20 a menos de 50 Ha		50 a menos de 100 Ha		100 Ha e mais	
	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)
<i>Valor Absoluto</i>														
Noroeste-RS	221.616	5.739.805	39.459	103.128	41.263	281.123	68.965	931.033	55.992	1.584.650	9.457	616.714	6.480	2.223.157
Oeste-SC	82.192	2.129.357	12.419	39.651	13.598	98.959	24.982	346.844	25.461	753.443	4.055	269.617	1.676	620.843
Sudoeste-PR	50.451	1.018.912	9.940	34.536	10.285	78.706	14.499	207.656	12.775	380.693	2.251	151.965	701	165.356
Oeste-PR	82.567	1.616.725	21.554	75.214	20.324	150.991	21.128	290.398	15.633	455.176	2.525	173.703	1.403	471.243
<i>Part. % no total da mesorregião</i>														
Noroeste-RS	100,00%	100,00%	17,80%	1,80%	18,62%	4,90%	31,12%	16,22%	25,27%	27,61%	4,27%	10,74%	2,92%	38,73%
Oeste-SC	100,00%	100,00%	15,11%	1,86%	16,54%	4,65%	30,39%	16,29%	30,98%	35,38%	4,93%	12,66%	2,04%	29,16%
Sudoeste-PR	100,00%	100,00%	19,70%	3,39%	20,39%	7,72%	28,74%	20,38%	25,32%	37,36%	4,46%	14,91%	1,39%	16,23%
Oeste-PR	100,00%	100,00%	26,10%	4,65%	24,62%	9,34%	25,59%	17,96%	18,93%	28,15%	3,06%	10,74%	1,70%	29,15%

Fonte: IBGE (1974a, 1974b e 1974c).

A Tabela 6 confirma a predominância dos estabelecimentos de pequeno porte nas quatro mesorregiões. Porém, quando se avalia a área ocupada por esses estabelecimentos essa predominância se altera: enquanto os estabelecimentos de “menos de 20 ha” representavam 67,54% dos estabelecimentos totais no Noroeste Rio-Grandense, 62,05% no Oeste Catarinense, 68,83% no Sudoeste Paranaense e 76,31% no Oeste Paranaense, a área total ocupada por esses estabelecimentos era de apenas 22,92% no Noroeste-RS, de 22,80% no Oeste-SC, de 31,49% no Sudoeste-PR e de 31,95% no Oeste-PR. As mesorregiões paranaenses eram as que mais agregavam área nesses tipos de estabelecimentos. No entanto, os grupos que mais se destacavam em relação à área eram o de “20 a menos de 50 ha” e o de “100 ha e mais”, sendo este último predominante nas mesorregiões Noroeste-RS e Oeste-PR.

2.2 A estrutura produtiva das mesorregiões em análise

Esta subseção analisará setorialmente, referente ao ano de 1970, a estrutura produtiva das quatro mesorregiões em análise. Inicialmente apresenta-se o Produto Interno Bruto – PIB setorial de 1970.

De acordo com a Tabela 7 o PIB agropecuário detinha a maior participação em relação ao PIB total em todas as mesorregiões, representando sempre mais de 40% de participação. O destaque era a mesorregião Sudoeste Paranaense que tinha nesse setor 54% do seu PIB total, seguido pela mesorregião Oeste Paranaense com 45,2%, ou seja, essas duas mesorregiões eram mais dependentes desse setor em relação a produção da renda regional, ao contrário do Oeste Catarinense que era mais diversificado.

Tabela 7 - Produto Interno Bruto – PIB setorial e produtividade¹⁶, segundo mesorregiões – 1970

PIB setorial	Mesorregiões							
	Noroeste-RS		Oeste-SC		Sudoeste-PR		Oeste-PR	
	R\$ Milhões	% na meso	R\$ Milhões	% na meso	R\$ Milhões	% na meso	R\$ Milhões	% na meso
Agropecuária	2.118,00	44,1	693,68	42,9	359,66	54,0	568,86	45,2
Indústria	704,30	14,7	377,51	23,3	88,57	13,3	159,37	12,7
Construção civil	159,77	3,3	57,85	3,6	17,16	2,6	30,71	2,4
Serviços de uti. Pub.	48,25	1,0	23,57	1,5	3,53	0,5	8,62	0,7
Transf. e ext. mineral	496,40	10,3	296,08	18,3	67,88	10,2	120,05	9,5
Serviços	1.981,35	41,2	545,67	33,7	217,60	32,7	531,59	42,2
Administração pública	242,52	5,0	74,22	4,6	22,58	3,4	63,63	5,1
Aluguéis	378,70	7,9	116,48	7,2	60,38	9,1	141,70	11,2
Comércio	786,24	16,4	186,60	11,5	62,87	9,4	166,34	13,2
Transportes	139,75	2,9	46,85	2,9	20,26	3,0	45,65	3,6
Inst. financeiras	227,00	4,7	50,55	3,1	28,80	4,3	54,48	4,3
Outros serviços	207,75	4,3	70,97	4,4	22,70	3,4	59,78	4,7
TOTAL	4.803,65	100,0	1.616,87	100,0	665,83	100,0	1.259,82	100,0
<i>Produtividade sobre a área e PO</i>								
Setores	PIB(R\$ mil)/Km ²	PIB(R\$ mil)/PO	PIB(R\$ mil)/Km ²	PIB(R\$ mil)/PO	PIB(R\$ mil)/Km ²	PIB(R\$ mil)/PO	PIB(R\$ mil)/Km ²	PIB(R\$ mil)/PO
Agropecuária	32,5	4,7	25,5	4,0	21,2	2,8	25,0	2,7
Indústria	10,8	15,0	13,9	15,5	5,2	10,8	7,0	9,7
Construção civil	2,5	3,4	2,1	2,4	1,0	2,1	1,3	1,9
Serviços de uti. Pub.	0,7	1,0	0,9	1,0	0,2	0,4	0,4	0,5
Transf. e ext. mineral	7,6	10,5	10,9	12,2	4,0	8,3	5,3	7,3
Serviços	30,4	14,6	20,0	13,0	12,8	11,8	23,3	13,4
Administração pública	3,7	1,8	2,7	1,8	1,3	1,2	2,8	1,6
Aluguéis	5,8	2,8	4,3	2,8	3,6	3,3	6,2	3,6
Comércio	12,1	5,8	6,8	4,5	3,7	3,4	7,3	4,2
Transportes	2,1	1,0	1,7	1,1	1,2	1,1	2,0	1,2
Inst. financeiras	3,5	1,7	1,9	1,2	1,7	1,6	2,4	1,4
Outros serviços	3,2	1,5	2,6	1,7	1,3	1,2	2,6	1,5
TOTAL	73,8	7,6	59,3	6,7	39,3	4,3	55,3	4,8

Fonte: IPEADATA, 2007.

O segundo setor com maior participação no PIB total era o de serviços. Nesse setor as mesorregiões Noroeste Rio-Grandense e Oeste Paranaense apresentavam a maior participação, com 41,2% e 42,2%, respectivamente. As demais mesorregiões tinham nesse setor uma participação em torno dos 33%. É interessante ressaltar que no setor de serviços o subsetor de maior participação era o comércio, seguido pelos aluguéis. Essa característica valia para as quatro mesorregiões.

Já, o PIB industrial ficou em terceiro lugar nessa hierarquia. Nesse setor, o Oeste Catarinense tinha a maior participação, de 23,3%. As demais mesorregiões tinham participação que variava entre 12,7% e 14,7%. Destaca-se o subsetor da indústria de transformação como o mais representativo na participação do PIB industrial. Esses dados parecem demonstrar que essa mesorregião (Oeste/SC) era a mais industrializada das

¹⁶ A produtividade foi calculada sobre a área e sobre a população ocupada (PO) relativa a cada macro setor e sobre o total. Os dados sobre a população ocupada estão disponíveis na Tabela 8.

mesorregiões analisadas no ano de 1970, o que é comprovado pelos dados da produtividade em relação à área e à população. Em ambos, o Oeste Catarinense era superior às demais mesorregiões. Ressalta-se que as mesorregiões paranaenses, mesmo tendo sido colonizadas mais recentemente, apresentavam a participação do setor industrial muito próximo ao Noroeste do RS. Porém, os dados da produtividade desse setor, nessas duas mesorregiões, eram inferiores em relação à área mesorregional, mas em relação à população o valor era relativamente próximo, principalmente no Oeste Paranaense. Quanto à produtividade do PIB agropecuário e do PIB de serviços o Noroeste Rio-Grandense se destacava. Mas esse destaque era maior nos valores por km², pois em relação à população ocupada os valores do Oeste Catarinense e do Oeste Paranaense eram próximos, principalmente em relação ao PIB de serviços.

Tabela 8 - Pessoas ocupadas (PO) por classes de atividades e densidade, por mesorregiões – 1970

Classes de atividades	Noroeste-RS			Oeste-SC			Sudoeste-PR			Oeste-PR		
	PO	%	PO/Km ²	PO	%	PO/Km ²	PO	%	PO/Km ²	PO	%	PO/Km ²
Agropecuária	449.864	71,15	6,91	174.460	72,49	6,40	127.470	82,73	7,52	207.531	78,76	9,11
Indústria	47.073	7,44	0,72	24.338	10,11	0,89	8.186	5,31	0,48	16.416	6,23	0,72
Serviços	135.369	21,41	2,08	41.863	17,39	1,54	18.423	11,96	1,09	39.546	15,01	1,74
TOTAL	632.306	100,00	9,72	240.661	100,00	8,83	154.079	100,00	9,09	263.493	100,00	11,56

Fonte: IBGE, 2005.

Segundo a Tabela 8 todas as mesorregiões tinham no setor agropecuário a maior parcela das pessoas ocupadas em 1970. Esse setor era responsável por mais de 71% da ocupação, sendo que o Sudoeste Paranaense era o mais concentrado nesse setor, com 82,73%. O setor de serviços era o segundo na hierarquia das pessoas ocupadas e o Oeste Catarinense era a mesorregião mais diversificada.

Quanto à densidade das pessoas ocupadas (PO/Km²) os dados são interessantes: as mesorregiões paranaenses apresentavam densidade superiores no setor agropecuário e não apresentavam muita diferença em relação aos demais setores. No setor industrial o Oeste Catarinense se destacava e as mesorregiões Noroeste-RS e Oeste-PR apresentavam densidades semelhantes. Já, a densidade do setor de serviços era maior na mesorregião gaúcha, e o Oeste-PR aparecia em segundo lugar. Quando se analisa a densidade total verifica-se que esta mesorregião paranaense era superior em relação a todas as demais e o Oeste Catarinense ficava em último lugar. A densidade do setor agropecuário das mesorregiões paranaenses parecia compensar a desvantagem dos demais setores.

Diante das informações das tabelas referentes ao PIB e ao pessoal ocupado fica claro

que todas as mesorregiões tinham no setor agropecuário a maior expressão. Assim, é relevante detalhar ainda mais este setor.

Tabela 9 - Pessoas ocupadas (PO) por subclasses de atividades da agropecuária, por mesorregiões – 1970

Subclasses da Agropecuária	Noroeste-RS		Oeste-SC		Sudoeste-PR		Oeste-PR	
	PO	%	PO	%	PO	%	PO	%
Agricultura	378.050	84,04%	130.271	74,67%	124.506	97,67%	196.014	94,45%
Cultura de trigo	61.368	13,64%	9.745	5,59%	5.123	4,02%	6.319	3,04%
Cultura de arroz	3.131	0,70%	766	0,44%	1.503	1,18%	12.699	6,12%
Cultura de fumo	7.063	1,57%	2.668	1,53%	454	0,36%	1.321	0,64%
Cultura de café	17	0,00%	22	0,01%	41	0,03%	9.102	4,39%
Horticultura e floricultura	805	0,18%	242	0,14%	78	0,06%	8.117	3,91%
Outras culturas da agricultura	305.666	67,95%	116.828	66,97%	117.307	92,03%	158.456	76,35%
Pecuária	69.679	15,49%	40.217	23,05%	1.709	1,34%	9.811	4,73%
Pecuária	64.944	14,44%	24.860	14,25%	1.189	0,93%	5.218	2,51%
Avicultura e cunicultura	568	0,13%	222	0,13%	28	0,02%	61	0,03%
Outras classes da pecuária	4.166	0,93%	15.135	8,68%	492	0,39%	4.532	2,18%
Silvicultura	108	0,02%	1.145	0,66%	962	0,75%	1.275	0,61%
Extração vegetal	2.027	0,45%	2.827	1,62%	293	0,23%	431	0,21%
TOTAL	449.864	100,00%	174.460	100,00%	127.470	100,00%	207.531	100,00%

Fonte: IBGE, 2005.

A Tabela 9 apresenta dados detalhados das pessoas ocupadas na agropecuária e mostra que era a agricultura a principal subclasse que concentrava a maior parte das pessoas. As mesorregiões paranaenses tinham nessa subclasse mais de 94% das pessoas ocupadas. Das subclasses da agricultura a que mais se destacava, em todas as mesorregiões, era a de outras culturas da agricultura. Essa subclasse agrega as culturas da soja, do milho, dentre outras. Além disso, deve-se ressaltar a importância da cultura do trigo em todas as mesorregiões, principalmente no Noroeste Rio-Grandense. No Oeste Paranaense resalta-se, ainda, as culturas do café, reflexo da colonização originária do norte deste Estado, do arroz e da horticultura e floricultura.

Nas mesorregiões Oeste Catarinense e Noroeste Rio-Grandense, apesar de a subclasse da agricultura agregar a maior parte das pessoas ocupadas, a pecuária também era representativa. O destaque era a melhor diversificação do Oeste Catarinense, pois tinha na silvicultura e na extração vegetal percentuais, comparavelmente, superiores às demais mesorregiões.

Ainda em relação ao setor da agropecuária, a Tabela 10 apresenta a participação de subsetores selecionados da produção agropecuária animal e vegetal no valor total da mesma.

Tabela 10 - Valor da produção animal¹⁷ e vegetal, e produtividade¹⁸ – 1970

Mesorregiões	Valor da Produção (mil cruzeiros)										
	Total	Animal				Vegetal					
		Total Animal	De grande porte	De médio porte	Aves e pequenos animais	Total Vegetal	Lavouras			Silvicultura	Extração vegetal
						Total Lavouras	Permanente	Temporária			
<i>Valor Absoluto</i>											
Noroeste-RS	1.692.873	393.671	148.164	192.719	52.787	1.299.202	1.266.763	30.438	1.236.326	5.509	26.930
Oeste-SC	538.173	214.005	59.346	125.315	29.344	324.168	286.154	15.209	270.945	11.053	26.961
Sudoeste-PR	230.565	79.816	25.129	44.194	10.493	150.749	139.706	2.329	137.377	123	10.920
Oeste-PR	386.855	125.831	32.895	76.619	16.317	261.024	247.538	6.172	241.366	1.896	11.590
<i>% sobre o total da meso</i>											
Noroeste-RS	100,00%	23,25%	8,75%	11,38%	3,12%	76,75%	74,83%	1,80%	73,03%	0,33%	1,59%
Oeste-SC	100,00%	39,77%	11,03%	23,29%	5,45%	60,23%	53,17%	2,83%	50,35%	2,05%	5,01%
Sudoeste-PR	100,00%	34,62%	10,90%	19,17%	4,55%	65,38%	60,59%	1,01%	59,58%	0,05%	4,74%
Oeste-PR	100,00%	32,53%	8,50%	19,81%	4,22%	67,47%	63,99%	1,60%	62,39%	0,49%	3,00%
<i>Produtividade sobre o pessoal ocupado (mil cruzeiros/PO)</i>											
Noroeste-RS	3,76	5,65	2,28	46,63	87,81	3,42	3,35	3,81	3,34	50,97	13,28
Oeste-SC	3,08	5,32	2,39	8,28	127,03	2,41	2,20	2,24	2,19	9,65	9,54
Sudoeste-PR	1,81	46,70	21,13	90,56	327,91	1,20	1,12	0,91	1,13	0,13	37,27
Oeste-PR	1,86	12,83	6,30	17,40	85,88	1,32	1,26	0,47	1,32	1,49	26,89
<i>Produtividade sobre a área de cada mesorregião (mil cruzeiros/Km²)</i>											
Noroeste-RS	26,02	6,05	2,28	2,96	0,81	19,97	19,47	0,47	19,00	0,08	0,41
Oeste-SC	19,75	7,85	2,18	4,60	1,08	11,89	10,50	0,56	9,94	0,41	0,99
Sudoeste-PR	13,61	4,71	1,48	2,61	0,62	8,90	8,25	0,14	8,11	0,01	0,64
Oeste-PR	16,97	5,52	1,44	3,36	0,72	11,45	10,86	0,27	10,59	0,08	0,51

Fonte: IBGE (1974a, 1974b e 1974c).

Pela Tabela 10 fica evidente a participação expressiva das lavouras temporárias no valor da produção vegetal e animal total, ficando acima de 50% em todas as mesorregiões, e destacando-se o Noroeste Rio-Grandense com 73,03% do seu valor da produção ligados a esse tipo de produção. Em segundo lugar, destacava-se a produção de animais de médio porte, onde o Oeste Catarinense sobressaía-se com 23,29% de participação desse segmento no total do seu valor da produção.

Seguindo na hierarquia do valor da produção animal e vegetal, a atividade que estava em terceiro lugar na participação foi a animal de grande porte, onde o Oeste Catarinense e o Sudoeste Paranaense se destacavam, com participação de 11,03% e 10,90%, respectivamente; seguido de aves e pequenos animais, onde o Oeste Catarinense detinha a maior participação,

¹⁷ No valor da produção animal de **grande porte** estão inclusos a produção de bovinos, bufalinos, eqüinos, asininos, muare e leite. No valor da produção de animais de **médio porte** estão inclusos a produção de suínos, ovinos, caprinos e lã. No valor da produção de **aves e pequenos animais** estão inclusos a produção de coelhos, galinhas, galos, frangas, frangos, pintos, codornas, mel de abelha, ovos de galinha e ovos de outras aves.

¹⁸ O pessoal ocupado (PO) foi agregado, em relação aos grupos do valor da produção, da seguinte forma: **Animal - Grande Porte**: PO da pecuária.; **Animal - Médio Porte**: PO de outras classes da pecuária.; **Animal - Aves e pequenos animais**: PO da avicultura e cinicultura + PO da apicultura e sericultura + PO da caça e pesca.; **Vegetal - Lavoura permanente**: PO da cultura de banana + PO da cultura de cacau + PO da cultura de café + % da PO das outras culturas.; **Vegetal - Lavoura temporária**: PO da cultura de algodão + PO da cultura do arroz + PO da cultura da cana-de-açúcar + PO da cultura do fumo + PO da cultura do trigo + PO da horticultura e floricultura + % da PO das outras culturas.; **Vegetal - Silvicultura**: PO da silvicultura.; **Vegetal - Extração Vegetal**: PO da extração vegetal. As informações sobre pessoas ocupadas foram coletadas de IBGE (2005).

com 5,45%.

Estes dados confirmam, mais uma vez, a melhor diversificação da agropecuária do Oeste Catarinense em todos os níveis e o destaque das mesorregiões paranaenses, juntamente com o Oeste-SC, na produção de animais de médio porte. A mesorregião que era mais dependente de apenas um segmento era o Noroeste Rio-Grandense na lavoura temporária, com 73,64%, tanto que era a mesorregião que apresentava a maior produtividade nesse setor, tanto com relação às pessoas ocupadas, como em relação à área.

Ainda em relação a questão da produtividade, o Noroeste-RS se destacava também na produtividade sobre o pessoal ocupado da silvicultura e da produtividade total. O Sudoeste Paranaense se destacava em todos os setores da produção animal. O Oeste Catarinense tinha na produção vegetal os melhores resultados de produtividade e o Oeste Paranaense na produção de animais de grande porte e na extração vegetal.

Quando se analisa a produtividade por km² verifica-se que a hierarquia apresentada em relação ao pessoal ocupado se altera: agora a mesorregião gaúcha e a catarinense se destacam em praticamente todos os segmentos. O Oeste Paranaense apresentava seus melhores valores na produtividade animal de médio porte e ficava próximo aos valores da mesorregião catarinense nos segmentos da produção vegetal total, das lavouras totais e nas lavouras temporárias. O Sudoeste Paranaense ficava em último lugar na maior parte dos segmentos, com exceção da produtividade por km² da extração vegetal onde esta mesorregião aparecia em segundo lugar, e na produção animal de grande porte que ganhava do Oeste Paranaense.

Um questionamento ainda persiste: quais eram as atividades da agropecuária responsáveis pela participação expressiva das lavouras temporárias e de animais de médio porte, no valor da produção agropecuária em 1970, nas mesorregiões analisadas? O Quadro 1 responde esse questionamento e mostra que as atividades da lavoura temporária de maior expressão na mesorregião Noroeste/RS, no ano de 1970, eram o trigo, a soja, o milho e os suínos, que juntos representavam 74,12% do valor da produção total dessa mesorregião. Essa característica reflete a participação do valor da produção da agricultura temporária de 73,03% (Tabela 10) e de 84,04% das pessoas ocupadas na agricultura (Tabela 9) na mesorregião gaúcha.

Quadro 1 - Principais produtos da agropecuária e % sobre o total do valor da produção agropecuária, por mesorregião – 1970

Mesorregiões							
Noroeste-RS		Oeste-SC		Sudoeste-PR		Oeste-PR	
Produtos	%	Produtos	%	Produtos	%	Produtos	%
Trigo	29,26	Suíno.....	24,98	Milho	23,53	Milho	28,15
Soja	21,45	Milho	24,92	Suíno.....	20,02	Suíno.....	20,47
Milho	12,00	Mandioca.....	9,35	Feijão	12,38	Soja	10,99
Suíno.....	11,41	Leite	8,48	Mandioca.....	9,97	Feijão	9,14
Mandioca.....	6,84	Feijão.....	6,17	Leite	7,71	Mandioca.....	7,06
Leite	4,62	Trigo	5,91	Trigo	6,26	Leite	5,21
Bovino	4,25	Galinhas,...	4,08	Soja	6,02	Arroz.....	3,92
Feijão	2,11	Bovino	3,34	Bovino	3,64	Bovino	3,54
Galinhas.....	1,71	Soja	3,04	Galinhas.....	2,97	Trigo	3,45
Ovos (Galinha).....	1,43	Uva	1,73	Arroz.....	2,24	Galinhas.....	2,71
SOMA.....	95,08	SOMA	91,99	SOMA.....	94,73	SOMA.....	94,64

Fonte: IBGE (1974a, 1974b e 1974c).

Nota: Ressalta-se que o valor da produção agropecuária analisado nesse quadro não inclui a silvicultura e a extração vegetal e por isso os percentuais dos produtos não será igual ao da tabela anterior referente ao “valor da produção animal e vegetal”.

Nas mesorregiões Oeste/SC, Sudoeste/PR e Oeste/PR o binômio milho e suínos era responsável pela maior parte do valor da produção, da lavoura temporária e animal de médio porte, respectivamente, representando 49,90% do valor da produção no Oeste/SC, 43,55% no Sudoeste/PR e 48,62% no Oeste/PR.

Segundo Lagemann (1998) e Corrêa (1997), o binômio suinocultura/milho refletia o crescimento da demanda por banha de porco no início do século XX, com maior destaque para o Sul do Brasil, provocando enorme surto na criação de suínos nessa região, surto esse paralelo à expansão em direção às terras florestais não ocupadas como, por exemplo, às mesorregiões analisadas nessa pesquisa, em especial as do Paraná e de Santa Catarina. A suinocultura era baseada nas culturas de milho e mandioca – principalmente – o que explica, em parte, o destaque dessas culturas na participação do valor da produção da agricultura ainda no ano de 1970. A substituição do porco banha pelo porco carne ocorreu principalmente durante os anos 60 e 70 com a modernização da agricultura e a integração indústria-produtor nesse setor. Essa integração também ocorreu nos setores da avicultura e na leiteira, o que ajuda a explicar a permanência da produção desses produtos nas mesorregiões analisadas.

Deve-se ressaltar outro fator que ajuda a explicar a participação significativa das atividades da soja, trigo, milho e arroz nessas mesorregiões: os programas de fomento do governo federal. Dentre esses programas destacam-se os instituídos durante o governo Juscelino Kubitschek (Plano de Metas) no último quinquênio da década de 1950, e do governo Médice durante o chamado “Milagre Brasileiro” no final da década de 1960. Durante o primeiro governo citado o setor mais fomentado foi o trigo onde várias cooperativas tritícolas foram criadas – com destaque para o Rio Grande do Sul. Já no segundo, os setores

fomentados foram o binômio trigo-soja (a primeira uma cultura de inverno e a segunda uma cultura de verão), consubstanciado com uma política de modernização da agricultura. Esses programas se refletiram no desenvolvimento de caráter empresarial (comercialização) das culturas citadas juntamente com o aumento das cooperativas agrícolas (LAGEMANN, 1998; LAGO, 1992; ORENSTEIN e SOCHACZEWSKI, 1992). Essas cooperativas atuavam como mediadoras entre os interesses da modernização e dos vínculos gregários dos colonos, influenciando expressivamente para o processo de especialização agrícola. Além de difundir tecnologias novas, mobilizavam capitais sociais para instalar a infra-estrutura necessária à demanda dos produtos agrícolas no mercado nacional e internacional, e intermediavam na comercialização dos produtos agropecuários (SCHALLENBERGER e COLOGNESE, 1994).

Ainda segundo o Quadro 1, as duas atividades que mais se destacavam, além da produção de suínos e de milho, eram: mandioca e leite representando, juntamente com as duas primeiras atividades, 67,73% do valor da produção do Oeste Catarinense; feijão e mandioca com 65,90% no Sudoeste Paranaense; e, soja e feijão com 68,75% no Oeste Paranaense.

Quando se analisa as dez atividades mais produzidas nas quatro mesorregiões verifica-se que, mais uma vez, o Oeste/SC se destacava como a mesorregião mais diversificada, haja vista, que as dez atividades correspondiam a 91,99% do valor total da produção agropecuária enquanto que nas demais mesorregiões esse percentual se aproximava de 95%.

Ainda em relação aos principais produtos da agricultura citados no Quadro 1, deve-se destacar a criação de bovinos, na produção animal de grande porte, e de galinhas, na produção animal de aves e pequenos animais, como atividades que se destacavam nas mesorregiões em destaque nessa pesquisa.

No geral, as dez atividades de maior expressão nas quatro mesorregiões eram parcialmente similares em 1970. As exceções eram as últimas atividades na hierarquia dessas mesorregiões: 1) no Noroeste Rio-Grandense era a produção de ovos de galinha; 2) no Oeste Catarinense era a produção de uva (o que respondia a participação de 56,92% das lavouras permanentes nessa mesorregião); 3) no Sudoeste e Oeste Paranaense era a produção de arroz a atividade que estava entre as dez mais produzidas nessas duas mesorregiões e não nas demais. A hierarquia das atividades de maior valor da produção pode ser um dos fatores que influenciou o desenvolvimento diferenciado das mesorregiões analisadas, entre 1970 a 2000, devido ao padrão de serviços e de tecnologia necessários para sua produção, transformação e

comercialização. Mas essa afirmativa será melhor explorada nos próximos capítulos.

Com relação aos setores industrial, de serviços e comercial os Censos publicados pelo IBGE, relativos a esses setores, trazem informações adicionais interessantes. Neste sentido, a Tabela 11 apresenta dados gerais e de produtividade das atividades industriais.

Tabela 11 - Dados gerais das atividades industriais, segundo mesorregiões – 1970

Mesorregiões	Estabelecimentos (1)	Pessoal ocupado - PO		Salários (Mil cruzeiros)		Despesas diversas (Mil cruzeiros) (6)	Despesas com as operações industriais (Mil cruzeiros)		Valor da produção (9)	Valor da transf. Ind. (10)
		Total (2)	Ligado a produção (3)	Total (4)	Pessoal ligado a produção (5)		Total (7)	MP, materiais e componentes (8)		
<i>Valor Absoluto</i>										
Noroeste-RS	4.999	26.824	18.593	69.052	52.186	72.349	571.890	550.749	935.786	363.896
Oeste-SC	2.097	16.083	12.947	39.377	31.899	44.436	300.458	288.213	507.229	206.771
Sudoeste-PR	667	4.703	3.452	9.389	7.133	7.861	43.637	40.334	84.333	40.696
Oeste-PR	1.078	7.975	6.159	17.573	14.052	19.394	117.520	111.459	189.078	71.558
<i>Informações sobre a produtividade industrial</i>										
Mesorregiões	PO / Total estab. (2)/(1)	Salários Total / PO Total (4)/(2)	Salários PO ligada a produção / PO ligada a produção (5)/(3)	Valor da Transformação Ind. / PO total (10)/(2)	Valor da Transformação Ind. / Total estab. (10)/(1)	Estab. / Km²	Valor da Produção / Km²	Valor da Transformação Ind. / Km²		
Noroeste-RS	5,37	2.574,26	2.806,76	13.566,06	72.793,76	0,08	14,38	5,59		
Oeste-SC	7,67	2.448,36	2.463,81	12.856,49	98.603,24	0,08	18,61	7,59		
Sudoeste-PR	7,05	1.996,39	2.066,34	8.653,20	61.013,49	0,04	4,98	2,40		
Oeste-PR	7,40	2.203,51	2.281,54	8.972,79	66.380,33	0,05	8,30	3,14		

Fonte: IBGE (1974d, 1974e e 1974f).

Pela Tabela 11 percebe-se que, em números absolutos as mesorregiões Noroeste Rio-Grandense e Oeste Catarinense se destacavam. Porém, essa característica refletia a área total de cada mesorregião em relação aos respectivos Estados. Por isso, os números absolutos explicam menos do que se imagina. O mais importante, e comparativamente melhor, são as informações relativas à produtividade e do tamanho médio dos estabelecimentos.

Neste contexto, quando se analisam as informações sobre o tamanho médio dos estabelecimentos verifica-se que o Oeste Catarinense e Oeste Paranaense apresentavam o maior número de pessoas ocupadas por estabelecimento, 7,67 e 7,40, respectivamente. O Sudoeste Paranaense era próximo com 7,05 e o Noroeste Rio-Grandense apresentava estabelecimentos menores em relação às demais mesorregiões.

A média de salários, a produtividade por estabelecimento, por pessoas ocupadas e por km², era sempre maior nas mesorregiões Noroeste/RS e Oeste/SC. Porém, deve-se destacar o Oeste Catarinense. Essa mesorregião apresentava os melhores valores para o valor da transformação industrial por estabelecimentos e nas produtividades por km².

O Quadro 2 mostra quais eram os gêneros industriais mais expressivos em relação ao percentual de estabelecimentos¹⁹ em 1970.

Quadro 2 - Principais gêneros industriais, % sobre o total de estabelecimentos, por mesorregião – 1970

Mesorregiões							
Nordeste-RS		Oeste-SC		Sudoeste-PR		Oeste-PR	
Gêneros	%	Gêneros	%	Gêneros	%	Gêneros	%
Produtos alimentares.....	33,11	Madeira.....	41,83	Madeira.....	48,73	Madeira.....	41,32
Madeira.....	23,35	Produtos alimentares.....	24,76	Produtos alimentares.....	20,24	Produtos alimentares.....	22,57
Prod. minerais não metálicos.....	13,26	Mobiliário.....	9,13	Mobiliário.....	9,90	Prod. minerais não metálicos.....	12,78
Mobiliário.....	7,59	Prod. minerais não metálicos.....	6,07	Prod. minerais não metálicos.....	6,15	Mobiliário.....	8,21
Bebidas.....	4,76	Bebidas.....	4,06	Material de transporte.....	4,05	Metalurgia.....	2,99
Mecânica.....	3,65	Mecânica.....	2,49	Metalurgia.....	2,55	Material de transporte.....	2,89
Metalurgia.....	3,12	Material de transporte.....	2,49	Editorial e gráfica.....	2,25	Mecânica.....	2,61
Material de transporte.....	2,07	Papel e papelão.....	1,77	Vestuário, calçados etc.....	1,80	Editorial e gráfica.....	1,87
Vestuário, calçados etc.....	1,60	Metalurgia.....	1,67	Mecânica.....	1,35	Bebidas.....	1,31
Editorial e gráfica.....	1,37	Editorial e gráfica.....	1,29	Bebidas.....	0,75	Vestuário, calçados etc.....	0,84
SOMA.....	93,87	SOMA.....	95,55	SOMA.....	97,75	SOMA.....	97,39

Fonte: Anexo 4, baseado em IBGE (1974d, 1974e e 1974f).

Segundo o Quadro 2 os estabelecimentos industriais relativos aos produtos alimentares e à madeira eram os de maior expressão em todas as mesorregiões. Entretanto, diferentemente das demais mesorregiões o Nordeste/RS tinha no gênero de produtos alimentares o maior destaque. Esses dois gêneros industriais juntos representavam 56,46% do total de estabelecimentos industriais do Nordeste Rio-Grandense, 66,59% do Oeste Catarinense, 68,97% do Sudoeste Paranaense, e 63,90% do Oeste Paranaense, em 1970.

Além disso, deve-se ressaltar a relação direta entre os dois setores supracitados com os valores significativos do PIB da indústria de transformação apresentados na Tabela 7. A transformação dos produtos da agropecuária (produtos alimentares) e da silvicultura (madeira) parecem ser os principais responsáveis pela expressão dessa categoria no PIB.

O Nordeste Rio-Grandense apresentava o setor industrial mais diversificado. No geral, os dez setores de maior expressão para as mesorregiões em análise eram parcialmente semelhantes. A hierarquia dos setores diferenciava as mesorregiões. Além disso, o gênero de papel e papelão situava-se entre os gêneros mais significativos no Oeste Catarinense e não nas demais mesorregiões, que tinham no gênero editorial e gráfica a diferença com a mesorregião catarinense, ou seja, mais uma diferença visível entre as mesorregiões.

¹⁹ Esse quadro apresenta os principais gêneros industriais em relação ao número de estabelecimentos totais, haja vista, a impossibilidade de agregar esses gêneros pelo valor da produção devido às várias informações desse tipo omitidas no Censo Industrial. Mesmo assim, essas informações fornecem pistas importantes sobre os gêneros industriais que mais se destacavam em cada mesorregião. Essa metodologia vale para as informações sobre o setor de serviços e do comércio, que serão apresentadas mais adiante.

O Quadro 3 complementa as informações dos gêneros industriais que mais se destacavam em cada mesorregião ao apresentar as subclasses industriais que mais ocupavam pessoas nesse setor, ou seja, os que mais empregavam.

Quadro 3 - Principais subclasses industriais, % sobre o total de pessoas ocupadas no setor industrial, por mesorregião – 1970

Mesorregiões							
Noroeste-RS		Oeste-SC		Sudoeste-PR		Oeste-PR	
Subclasses	%	Subclasses	%	Subclasses	%	Subclasses	%
IC - Edificações.....	32,00	IT - Madeira.....	34,48	IT - Madeira.....	33,62	IT - Madeira.....	36,80
IT - Produtos alimentares.....	13,85	IC - Edificações.....	16,84	IC - Edificações.....	29,17	IC - Edificações.....	29,54
IC - Rodo-ferrovias.....	8,97	IT - Produtos alimentares.....	12,38	IT - Mobiliário.....	7,29	IT - Produtos alimentares.....	9,24
IT - Madeira.....	7,83	IC - Rodo-ferrovias.....	6,81	IT - Produtos alimentares.....	6,63	IT - Minerais não metálicos.....	7,45
IT - Mobiliário.....	5,96	IT - Mobiliário.....	4,96	IC - Rodo-ferrovias.....	5,07	IT - Mobiliário.....	5,24
IT - Minerais não metálicos.....	5,26	IT - Papel e papelão.....	4,38	IT - Metalúrgica.....	3,48	IT - Metalúrgica.....	2,27
IT - Mecânica.....	4,51	IT - Minerais não metálicos.....	3,22	SIUP - Energia eléct. e gás.....	3,35	IC - Rodo-ferrovias.....	2,00
IT - Metalúrgica.....	4,16	IT - Mecânica.....	2,86	IT - Minerais não metálicos.....	3,16	IT - Outras classes.....	1,15
SIUP - Energia eléct. e gás.....	3,14	IT - Metalúrgica.....	2,74	IT - Mecânica.....	1,28	IT - Mecânica.....	0,83
IT - Bebidas e álcoolis.....	2,39	SIUP - Energia eléct. e gás.....	1,91	EM - pedras e mat. de const.....	1,14	SIUP - Energia eléct. e gás.....	0,76
SOMA.....	88,06	SOMA.....	90,59	SOMA.....	94,20	SOMA.....	95,28

Fonte: IBGE (2005).

Notas: EM = Extração Mineral; IT = Indústria de Transformação; IC = Indústria da Construção; SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública.

O Quadro 3 confirma as informações do Quadro 2 ao mostrar que a subclasse da indústria de transformação da madeira era o setor que mais concentrava pessoas ocupadas nas mesorregiões Oeste Catarinense, Sudoeste e Oeste do Paraná. A indústria da construção civil (edificações) ficava em segundo lugar nessas três mesorregiões. Já, no Noroeste Rio-Grandense essa subclasse era a que mais se destacava agregando 32% da população ocupada no setor industrial, ou seja, apesar do setor de produtos alimentares ter se destacado em relação ao número de estabelecimentos, não era o setor que mais empregava em 1970.

A indústria de produtos alimentares era mais representativa no Noroeste do RS onde agregava 13,85% das pessoas do setor industrial. Semelhantemente o Oeste de SC tinha nessa subclasse 12,38% de população ocupada. Deve-se ressaltar a subclasse da construção civil nas mesorregiões paranaenses e na catarinense: em ambas essa subclasse era responsável pela ocupação de razoável contingente populacional, ficando em segundo lugar nessas mesorregiões, e se destacando nas mesorregiões paranaenses com mais de 29% de pessoas ocupadas. Esse setor, juntamente com a indústria madeireira era responsável por mais de 60% das ocupações do setor industrial nessas duas mesorregiões. Analisando dessa forma, as mesorregiões Oeste de SC e Noroeste do RS eram mais diversificadas. Os dois setores que mais agregavam população tinham participação de 45,85% na mesorregião gaúcha e de 51,32% na catarinense.

Informações gerais do setor de serviços estão apresentadas pela Tabela 12.

Tabela 12 - Dados gerais das atividades dos serviços, segundo mesorregiões – 1970

Mesorregiões	Estabelecimentos (1)	Pessoal ocupado - PO		Salários (Mil cruzeiros)		Despesas diversas (Mil cruzeiros) (6)	Despesas diversas (Mil cruzeiros)		Valor da receita (9)
		Total (2)	Ligado a atividade específica (3)	Total (4)	Pessoal ligado a atividade específica (5)		Total (7)	Materiais consumidos (8)	
<i>Valor Absoluto</i>									
Noroeste-RS	6.505	12.482	2.914	13.271	6.969	15.770	46.755	42.422	119.930
Oeste-SC	2.449	4.684	1.174	4.929	2.945	5.393	18.424	17.336	42.080
Sudoeste-PR	1.035	2.011	405	1.393	742	1.643	9.155	8.381	17.117
Oeste-PR	1.700	3.754	1.104	4.229	2.664	5.715	18.645	17.103	40.884
<i>Informações sobre a produtividade dos serviços</i>									
Mesorregiões	PO / Total estabelecimentos (2)/(1)	Salários Total / PO Total (4)/(2)	Salários atividade específica / PO atividade específica (5)/(3)	Receitas / PO total (9)/(2)	Receitas / Total estabelecimentos (9)/(1)	Estabelecimentos / Km ²	Receitas / Km ²		
Noroeste-RS	1,92	1.063,21	2.391,56	9.608,24	18.436,59	0,10	1,84		
Oeste-SC	1,91	1.052,31	2.508,52	8.983,77	17.182,52	0,09	1,54		
Sudoeste-PR	1,94	692,69	1.832,10	8.511,69	16.538,16	0,06	1,01		
Oeste-PR	2,21	1.126,53	2.413,04	10.890,78	24.049,41	0,07	1,79		

Fonte: IBGE (1975d, 1975e, 1975f).

Segundo a Tabela 12 observa-se que, da mesma forma que na Tabela 11, a mesorregião Noroeste Rio-Grandense sobressaia-se em relação aos valores absolutos. Porém, na segunda colocação o Oeste Catarinense e o Oeste Paranaense ficavam muito próximos. Em alguns casos – como em relação aos valores da receita e das despesas – o Oeste Paranaense ultrapassava a mesorregião catarinense.

Já, as informações referentes à produtividade do setor de serviços dados interessantes são apresentados: agora o Oeste Paranaense detém os maiores valores, principalmente em relação ao volume de receitas por estabelecimentos e por pessoal ocupado. Esse resultado pode ser parcialmente explicado pela maior quantidade de pessoal ocupado por estabelecimento existente nessa mesorregião. A mesorregião Sudoeste Paranaense ficava em segundo lugar em relação ao número de pessoal ocupado por estabelecimento. Entretanto, os salários por pessoal ocupado nessa mesorregião eram os mais baixos. Por outro lado, a diferença entre o volume de receita por estabelecimentos e por pessoal ocupado era bem menor, chegando muito próximo aos valores da mesorregião catarinense.

Os dados relativos aos estabelecimentos e receitas por km² eram maiores na mesorregião gaúcha, ou seja, essa mesorregião apresentava estabelecimentos menores em comparação à mesorregião Oeste Paranaense, mas uma densidade de estabelecimentos e de receitas superior.

O Quadro 4 apresenta os gêneros de serviços mais expressivos em cada uma das mesorregiões em análise em relação ao número de estabelecimentos.

Quadro 4 - Principais gêneros dos serviços, % sobre o total de estabelecimentos, por mesorregião – 1970

Mesorregiões							
Noroeste-RS		Oeste-SC		Sudoeste-PR		Oeste-PR	
Gêneros	%	Gêneros	%	Gêneros	%	Gêneros	%
Serv. de alojamento e alim.	32,41	Serv. de alojamento e alim.	43,28	Serv. de alojamento e alim.	44,73	Serv. de alojamento e alim.	47,24
Serv. pessoais	29,40	Serv. pessoais	22,42	Serv. pessoais	24,15	Serv. pessoais	21,65
Servi. de rep., man. e cons.	24,96	Servi. de rep., man. e cons.	21,89	Servi. de rep., man. e cons.	20,68	Servi. de rep., man. e cons.	20,29
Serv. comerciais	11,50	Serv. comerciais	9,35	Serv. comerciais	8,31	Serv. comerciais	9,06
Serv. de diversões, rádio e TV ...	1,73	Serv. de diversões, rádio e TV ..	3,06	Serv. de diversões, rádio e TV ..	2,13	Serv. de diversões, rádio e TV ..	1,76
TOTAL	100,00	TOTAL	100,00	TOTAL	100,00	TOTAL	100,00

Fonte: Anexo 5, baseado em IBGE (1975d, 1975e, 1975f).

Pelo Quadro 4 observa-se que os serviços referentes a alojamentos e alimentação eram os mais expressivos em relação ao total de estabelecimentos. Em segundo lugar ficaram os serviços pessoais. Esses dois gêneros de serviços representavam mais de 60% do total de estabelecimentos em todas as mesorregiões, sendo que no Sudoeste e Oeste Paranaenses esse percentual era próximo a 69%.

Os serviços de reparação, manutenção e conservação, que são responsáveis pela reparação de máquinas, equipamentos, artigos de madeira, veículos – inclusive tratores, instalações elétricas, dentre outros – ficaram na terceira colocação em todas as mesorregiões. O Noroeste Rio-Grandense era o que possuía, nesses estabelecimentos, o maior percentual mesorregional, com aproximadamente 25%.

O Quadro 5 complementa essas informações apresentando as subclasses do setor de serviços mais expressivas em relação ao número de pessoas ocupadas em 1970.

Quadro 5 - Principais gêneros dos serviços, % sobre o total de pessoas ocupadas no setor de serviços, por mesorregião – 1970

Mesorregiões							
Noroeste-RS		Oeste-SC		Sudoeste-PR		Oeste-PR	
Subclasses	%	Subclasses	%	Subclasses	%	Subclasses	%
Prestação de serviços	28,48	Prestação de serviços	27,75	Prestação de serviços	26,91	Comércio de mercadorias	29,57
Comércio de mercadorias	23,00	Comércio de mercadorias	21,27	Comércio de mercadorias	25,15	Prestação de serviços	26,41
Atividades sociais	18,81	Atividades sociais	17,71	Atividades sociais	18,67	Transp., comum. E armaz.	12,08
Transp., comum. E armaz.	10,11	Transp., comum. E armaz.	11,93	Transp., comum. E armaz.	12,82	Atividades sociais	11,62
Defesa nac. e seg. pub.	5,25	Outros serviços	6,76	Outros serviços	4,75	Outros serviços	6,02
Outros serviços	4,98	Outros serviços	6,67	Profissões liberais	4,22	Outros serviços	4,28
Outros serviços	4,45	Profissões liberais	3,59	Outros serviços	3,75	Profissões liberais	4,16
Profissões liberais	2,69	Defesa nac. e seg. pub.	2,23	Defesa nac. e seg. pub.	2,17	Defesa nac. e seg. pub.	3,84
Com. Imóveis e valores mob.	2,23	Com. Imóveis e valores mob.	2,09	Com. Imóveis e valores mob.	1,56	Com. Imóveis e valores mob.	2,02
SOMA	100,00	SOMA	100,00	SOMA	100,00	SOMA	100,00

Fonte: IBGE (2005).

De acordo com o Quadro 5 a subclasse da prestação de serviços e do comércio de

mercadorias eram as que mais ocupavam trabalhadores nas mesorregiões analisadas. Com essa hierarquia o Noroeste Rio-Grandense ocupava 51,48% da população, o Oeste Catarinense 49,02%, o Sudoeste Paranaense 52,02%, e o Oeste Paranaense 55,98%, sendo nessa última mesorregião a subclasse do comércio de mercadorias mais expressivo que a prestação de serviços.

Os serviços comerciais ficaram na quarta colocação, em relação ao número de estabelecimentos – conforme demonstrou o Quadro 4 – e em segundo lugar, na maioria das mesorregiões, em relação ao número de pessoas ocupadas (Quadro 5). Além disso, o comércio era responsável por boa parte do PIB do setor de serviços em todas as mesorregiões. Neste sentido, a Tabela 13 apresenta dados gerais das atividades comerciais.

Tabela 13 - Dados gerais das atividades comerciais, segundo mesorregiões – 1970

Mesorregiões	Estabelecimentos (1)	Pessoal ocupado - PO		Salários (Mil cruzeiros)		Despesas diversas (Mil cruzeiros) (6)	Receitas (Mil cruzeiros)	
		Total (2)	Ligado a atividade específica (3)	Total (4)	Pessoal ligado a atividade específica (5)		Total (7)	Vendas (8)
<i>Valor Absoluto</i>								
Noroeste-RS	10.527	29.813	9.207	62.421	27.721	128.332	2.443.164	2.405.993
Oeste-SC	3.592	8.944	2.887	17.563	7.896	33.933	556.720	546.146
Sudoeste-PR	2.064	4.586	1.038	5.649	2.342	11.222	232.648	228.137
Oeste-PR	3.432	8.107	2.369	14.911	7.263	35.094	548.536	540.878
<i>Informações sobre a produtividade do comércio</i>								
Mesorregiões	PO / Total estabelecimentos (2)/(1)	Salários Total / PO Total (4)/(2)	Salários atividade específica / PO atividade específica (5)/(3)	Receitas Totais / PO total (7)/(2)	Receitas Totais / Total estabelecimentos (7)/(1)	Estabelecimentos / Km ²	Receitas totais / Km ²	
Noroeste-RS	2,83	2.093,75	3.010,86	81.949,62	232.085,49	0,16	37,55	
Oeste-SC	2,49	1.963,66	2.735,02	62.245,08	154.988,86	0,13	20,43	
Sudoeste-PR	2,22	1.231,79	2.256,26	50.730,05	112.717,05	0,12	13,73	
Oeste-PR	2,36	1.839,27	3.065,85	67.662,02	159.829,84	0,15	24,07	

Fonte: IBGE (1975a, 1975b e 1975c).

Conforme apresenta a Tabela 13, o Noroeste Rio-Grandense apresentava as melhores produtividades do comércio, tanto em relação a população ocupada, como por estabelecimentos. O Oeste Paranaense ficava em segundo lugar na produtividade comercial.

Quanto ao tamanho médio dos estabelecimentos comerciais o Noroeste Gaúcho tinha os maiores valores, ficando o Oeste Catarinense em segundo lugar. Essa mesma hierarquia era apresentada nas informações referentes aos salários médios. O Sudoeste Paranaense apresentava os menores valores em todas as categorias analisadas. Já, nas informações sobre a densidade por km² de estabelecimentos e de receitas observa-se que o Noroeste-RS também se destacava, ficando o Oeste-PR na segunda colocação e o Sudoeste-PR em último lugar.

O Quadro 6 apresenta os gêneros comerciais de maior expressão nas mesorregiões em análise, em relação ao número de estabelecimentos.

Quadro 6 - Principais gêneros do comércio, % sobre o total de estabelecimentos, por mesorregião – 1970

Mesorregiões							
Noroeste-RS		Oeste-SC		Sudoeste-PR		Oeste-PR	
Gêneros	%	Gêneros	%	Gêneros	%	Gêneros	%
CV-Prod. alimentícios, etc.	52,96	CV-Prod. alimentícios, etc.	45,35	CV-Prod. alimentícios, etc.	51,65	CV-Prod. alimentícios, etc.	49,96
CV-Merc. em geral, c/ alim.	10,52	CV-Tecidos	12,92	CV-Merc. em geral, c/ alim.	11,63	CV-Tecidos.....	12,96
CV-Tecidos	9,75	CV-Merc. em geral, c/ alim.	11,83	CV-Tecidos	10,42	CV-Merc. em geral, c/ alim.	4,98
CV-Combustíveis	4,51	CV-Combustíveis.....	4,04	CV-Veículos e acessórios.....	3,49	CA-Prod. alimentícios, etc.	4,40
CV-Artigos diversos	3,39	CA-Prod. agrop. e extrativos	4,01	CV-Combustíveis	3,39	CV-Veículos e acessórios.....	4,22
CA-Prod. alimentícios, etc.	2,76	CV-Artigos diversos	3,81	CA-Prod. alimentícios, etc.	3,29	CV-Artigos diversos	4,14
CV-Prod. químicos e farm.	2,75	CV-Veículos e acessórios.....	3,26	CV-Artigos diversos	3,20	CV-Combustíveis	3,55
CV-Veículos e acessórios.....	2,37	CA-Prod. alimentícios	3,17	CV-Prod. químicos e farm.	3,15	CV-Prod. químicos e farm.	3,12
CA-Prod. agrop. e extrativos.....	2,03	CV-Prod. químicos e farm.	3,06	CA-Prod. agrop. e extrativos....	2,52	CA-Prod. agrop. e extrativos ...	2,68
CV-Ferragens, prod. met.	1,80	CV-Máquinas, e mat. elétrico....	2,37	CV-Máquinas, e mat. elétrico..	1,84	CV-Máquinas, e mat. elétrico..	2,48
SOMA.....	92,85	SOMA.....	93,82	SOMA.....	94,57	SOMA.....	92,48

Fonte: Anexo 6, baseado em IBGE (1975a, 1975b e 1975c).

Notas: CV = Comércio Varejista; VA = Comércio Atacadista.

Conforme apresenta o Quadro 6, o comércio varejista de produtos alimentícios era o gênero comercial de maior expressão, em relação aos estabelecimentos totais, de todas as mesorregiões analisadas. Esse gênero de comércio representava mais de 45% dos estabelecimentos. Já na segunda colocação ficou o comércio varejista de mercadorias em geral com alimentos para as mesorregiões Noroeste Rio-Grandense e o Sudoeste Paranaense. Ao contrário, as mesorregiões Oeste Catarinense e Oeste Paranaense possuíam o comércio varejista de tecidos em segundo lugar.

O comércio atacadista variava em relação à representatividade e ao gênero em cada uma das mesorregiões. O comércio atacadista de produtos alimentícios era o gênero atacadista de maior expressão na maioria das mesorregiões, sendo que o Oeste Paranaense era o que possuía maior percentual com 4,40%. No Oeste Catarinense era o comércio atacadista de produtos agropecuários e extrativos o gênero atacadista mais representativo, com 4,01% do total de estabelecimentos dessa mesorregião.

A despeito da diferença na hierarquia em relação ao comércio atacadista, os gêneros comerciais varejista e atacadista apresentavam relação direta com a produção do setor agropecuário e com os estabelecimentos de maior expressão da indústria e dos serviços em todas as mesorregiões analisadas. Essa característica confirma a existência de uma dependência do setor agropecuário para a maior parte da geração de renda e empregos e na dinâmica dos setores secundário e terciário mesorregionais.

O Quadro 7 apresenta informações adicionais sobre o sobre o setor comercial.

Quadro 7 - Principais gêneros do comércio, % sobre o total de pessoas ocupadas no comércio de mercadorias, por mesorregião – 1970

Mesorregiões							
Noroeste-RS		Oeste-SC		Sudoeste-PR		Oeste-PR	
Subclasses	%	Subclasses	%	Subclasses	%	Subclasses	%
Gen. alim. e bebidas, s/ alim.	31,11	Gen. alim. e bebidas, s/ alim.	25,88	Gen. alim. e bebidas, s/ alim.	28,82	Gen. alim. e bebidas, s/ alim.	34,60
Tecidos e artefatos de tecidos	17,73	Outras classes de comércio	20,33	Tecidos e artefatos de tecidos ..	24,20	Outras classes de comércio	14,32
Gen. alim. e bebidas, c/ alim.	11,01	Tecidos e artefatos de tecidos ...	17,55	Outras classes de comércio	14,03	Gen. alim. e bebidas, c/ alim.	13,45
Outras classes de comércio	9,83	Gen. alim. e bebidas, c/ alim.	14,33	Gen. alim. e bebidas, c/ alim.	11,37	Tecidos e artefatos de tecidos .	12,89
Máquinas, veíc. e acessórios	6,45	Combustíveis e lubrificantes	5,19	Máquinas, veíc. e acessórios	5,61	Combustíveis e lubrificantes ...	4,91
Comércio ambulante	5,66	Máquinas, veíc. e acessórios	4,23	Combustíveis e lubrificantes	4,49	Máquinas, veíc. e acessórios ...	4,57
Combustíveis e lubrificantes	5,65	Comércio ambulante	3,90	Materiais de construção	3,22	Comércio ambulante	4,42
Materiais de construção	4,04	Materiais de construção	2,94	Prod. farmacêuticos e méd.	3,09	Produtos agrop. e extrativos	3,23
Prod. farmacêuticos e méd.	3,05	Prod. farmacêuticos e méd.	2,27	Comércio ambulante	2,18	Prod. farmacêuticos e méd.	3,18
Papel e artigos de escritório	1,91	Produtos agrop. e extrativos	1,85	Papel e artigos de escritório	1,14	Materiais de construção	2,61
SOMA	96,44	SOMA	98,47	SOMA	98,14	SOMA	98,19

Fonte: IBGE (2005).

De acordo com o Quadro 7 as subclasses que mais ocupavam pessoas no setor comercial era o comércio de gêneros alimentícios e bebidas, sem alimentação. Essa subclasse ocupava 31,11% das pessoas do setor comercial no Noroeste Rio-Grandense, 25,88% no Oeste Catarinense, 28,82% no Sudoeste Paranaense e 34,60% no Oeste Paranaense. Essa subclasse se destacava na comercialização de rações e produtos animais. Dessa forma, a representatividade da mesma tinha uma relação direta com a produção animal nas mesorregiões em análise.

As subclasses de comércio de alimentos e bebidas, com alimentação; de tecidos e artefatos de tecidos; de outras classes de comércio; e as referentes a acessórios e combustíveis de veículos também se destacavam na ocupação de pessoas no comércio, diferenciando-se na hierarquia de cada mesorregião.

Analisados os setores da agropecuária, indústria e serviços convêm apresentar informações adicionais sobre os setores urbano e rural das mesorregiões em análise. Neste sentido, a Tabela 14 apresenta os dados relativos aos tipos de instalações e da forma de utilização dos prédios do meio rural e urbano. Essas informações dão indícios do padrão de infra-estrutura dos prédios e do tipo de utilização dos mesmos no ponto de partida dessa análise.

Essa tabela confirma o fato de o maior contingente populacional ser residente no meio rural no ano de 1970 (mais de 70% conforme apresentou Tabela 4), ao mostrar que a maior parte dos prédios – que podem ser residenciais ou utilizados para outros fins, como para as atividades econômicas – estava localizada no meio rural, correspondendo mais de 73% na

maioria das mesorregiões analisadas, com exceção do Noroeste Rio-Grandense que apresentava aproximadamente 67%.

Tabela 14 - Prédios por instalações existentes e utilização, segundo mesorregiões – 1970

Mesorregiões	Total	Instalações existentes (%)							Utilização (%)		
		Iluminação Elétrica		Água encanada		Instalações sanitárias			Residencial	Atividades econômicas	Outro tipo**
		Tem	Não tem	Tem	Não tem	Fossa séptica	Fossa rudimentar	Outro tipo*			
<i>Quadro Urbano</i>											
Noroeste-RS	33,05	71,63	28,37	46,08	43,99	22,57	59,92	17,51	83,42	7,55	9,03
Oeste-SC	26,22	77,74	23,49	38,09	62,18	23,39	63,72	12,89	80,05	8,92	11,03
Sudoeste-PR	20,56	50,42	49,58	22,85	77,15	13,16	72,81	14,03	80,17	9,76	10,07
Oeste-PR	22,49	49,23	50,77	26,71	73,29	13,94	67,70	18,36	81,15	12,56	6,29
<i>Quadro Rural</i>											
Noroeste-RS	66,95	7,92	92,08	10,09	94,81	0,96	53,76	45,28	93,74	2,23	4,03
Oeste-SC	73,78	11,16	88,41	14,87	85,03	0,83	53,66	45,51	93,30	2,45	4,25
Sudoeste-PR	79,44	2,96	97,04	3,04	96,96	0,37	36,90	62,72	95,06	1,72	3,23
Oeste-PR	77,51	3,29	96,71	4,05	95,95	0,59	36,29	63,12	92,10	6,17	1,73

Fonte: Anexo 2, baseado em IBGE (1974g).

Notas: * Outros tipos incluem instalações sanitárias da rede geral, outro escoadouro e “não tem”.

** Outros tipos incluem utilização escolar, hospitalar, outros tipos, mista e sem declaração.

Porém, são outros dados que mais impressionam nessa tabela: menos de 11% dos prédios do quadro rural²⁰ possuíam instalações de energia elétrica no ano de 1970. As mesorregiões paranaenses tinham um percentual ainda menor: menos de 4% dos prédios rurais. No quadro urbano essa característica se altera: nesse tipo de instalação cerca de 50% dos prédios nas mesorregiões paranaenses e mais de 71% nas mesorregiões Oeste Catarinense e Noroeste Rio-Grandense possuíam energia elétrica. Aqui reside mais uma diferença entre as mesorregiões.

Com relação à água encanada os dados também impressionam: no quadro rural o maior percentual de prédios com instalações de água encanada encontrava-se nas mesorregiões Oeste Catarinense e Noroeste Rio-Grandense, com 14,87% e 10,09%, respectivamente. Mais uma vez nas mesorregiões paranaenses esse percentual era relativamente menor, ficando abaixo dos 4%. Já no quadro urbano nenhuma das mesorregiões possuía mais de 50% dos prédios com água encanada, sendo que o maior número de prédios, com esse tipo de instalação, estava no Noroeste Rio-Grandense, com 46,08%. Quando se fala em instalações sanitárias, tanto o quadro rural como o quadro urbano possuíam a fossa rudimentar como a predominante. As exceções eram as mesorregiões paranaenses que tinham o “Outro tipo” de instalações sanitárias predominante e analisando o Anexo 2, verifica-se que a maioria dos prédios dessas mesorregiões simplesmente não possuíam nenhum tipo de instalações

²⁰ IBGE (1974g) define Quadro Urbano àquelas áreas correspondentes às Cidades (Sedes municipais) ou às Vilas (Sedes distritais). Já, o Quadro Rural abrange toda a área situada fora dos limites das Cidades e Vilas.

sanitárias.

Com relação à forma de utilização dos prédios, verifica-se que ambos os prédios – dos quadros rural e urbano – eram utilizados, em sua maior parte, para residências, correspondendo mais de 80% dos prédios urbanos e mais de 92% dos prédios rurais em ambas as mesorregiões. No quadro urbano, cerca de 12,56% e 9,76% dos prédios eram utilizados para atividades econômicas no Oeste Paranaense e Sudoeste Paranaense, respectivamente. Já, no quadro rural quem se destacava eram as mesorregiões Oeste Paranaense e Oeste Catarinense que utilizavam para este fim cerca de 6,17% e 2,45%, respectivamente.

Conforme demonstrou a Tabela 14, a infra-estrutura domiciliar apresentava-se como precária em 1970, em relação ao acesso à energia elétrica, água encanada e instalações sanitárias via rede geral, principalmente no quadro rural. Essas características podiam estar influenciando o baixo Índice de Desenvolvimento Humano – IDH dessas mesorregiões no ano de 1970. A Tabela 15 apresenta informações adicionais.

Tabela 15 - Renda censitária *per capita*, PIB *per capita*, e Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, segundo mesorregiões – 1970

Mesorregiões	Renda censitária <i>per capita</i> (R\$ de 2000)	PIB <i>per capita</i> (R\$ de 2000)	Índice de Desenvolvimento Humano*			
			IDH Total	IDH-Educação	IDH-Longevidade	IDH-Renda
Noroeste-RS	116,94	2.679,00	0,4571	0,5655	0,5409	0,2656
Oeste-SC	96,20	2.172,00	0,4517	0,5788	0,5459	0,2295
Sudoeste-PR	78,88	1.492,00	0,4079	0,5100	0,5204	0,1923
Oeste-PR	98,34	1.674,00	0,4150	0,4979	0,5011	0,2445

Fonte: IPEADATA (2007).

Nota: *O IDH mesorregional foi calculado a partir da média simples dos IDHs municipais.

PNUD (2007) afirma que o IDH parte do pressuposto de que para se estimar o desenvolvimento de uma população não se deve considerar apenas a dimensão econômica, mas também outras características como as sociais, as culturais e as políticas que influenciam na qualidade da vida das pessoas. Neste sentido, a Tabela 15 mostrou que todas as mesorregiões em análise possuíam um IDH baixo no ano de 1970²¹. Apesar desse baixo índice, as mesorregiões Noroeste Rio-Grandense e Oeste Catarinense possuíam os melhores

²¹ O Índice de Desenvolvimento Humano foi criado para medir o nível de desenvolvimento humano a partir de indicadores de educação, longevidade e renda, em detrimento a outro indicador muito utilizado, o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento e não demonstra se toda a renda produzida dentro da área do município é apropriada pela população residente. O índice varia de 0 (nenhum desenvolvimento humano) a 1 (desenvolvimento humano total). IDHs até 0,499 referem-se a um desenvolvimento humano baixo; índices entre 0,500 e 0,799 são considerados de médio desenvolvimento humano; IDHs maiores que 0,800 definem um desenvolvimento humano alto (PNUD, 2007).

valores.

Quando se analisa o IDH-Educação, que mede o acesso à educação da população considerando o percentual de pessoas alfabetizadas entre os moradores com mais de 15 anos de idade e a taxa de frequência bruta escolar, somente a mesorregião Oeste Paranaense apresentava um IDH baixo. As demais apresentavam IDHs médios, sendo que o Noroeste Rio-Grandense e Oeste Catarinense se destacavam com os valores mais significativos.

Com relação ao IDH-Longevidade, que avalia as condições sociais, de saúde e de salubridade por considerar as taxas de mortalidade das diferentes faixas etárias das regiões, verifica-se que todas as mesorregiões possuíam um IDH médio no ano de 1970. Entretanto, nessa categoria de IDH era a mesorregião Oeste Catarinense que se sobressaía com o maior indicador, deixando o Noroeste Rio-Grandense em segundo lugar e o Oeste Paranaense na última posição.

Entretanto, parece ser o IDH renda, que indica a renda média dos indivíduos residentes na região analisada, o índice que mais influenciava no baixo IDH total das mesorregiões. Nessa categoria o Sudoeste Paranaense aparecia em último lugar. Aliás, essa mesorregião ficou em último lugar em todos os índices demonstrando um menor desenvolvimento humano comparado às outras três mesorregiões. O Noroeste Rio-Grandense obteve o maior IDH-Renda. Já, o Oeste Paranaense sobressaía-se em relação ao Oeste Catarinense nessa categoria. A maior renda censitária *per capita* do Oeste Paranaense confirma essa constatação.

Analisando o PIB *per capita* e a Renda censitária *per capita* das mesorregiões verifica-se que o Noroeste Rio-Grandense apresentava o maior valor em ambos. O Oeste Catarinense se destacava em segundo lugar no PIB *per capita*, mas em relação à renda censitária era o Oeste Paranaense que apresentava o segundo maior valor, mesmo o Oeste/SC apresentando um valor bem próximo dessa mesorregião.

2.3 Síntese das similaridades e diferenças em 1970

A análise dos dados apresentados durante esse capítulo demonstrou que as similaridades evidenciadas entre as mesorregiões, no ano de 1970, não eram tão fortes conforme a literatura geralmente afirma. Uma primeira diferença significativa era de que o Noroeste Rio-

Grandense já estava plenamente ocupado no ano de 1970, enquanto as demais três mesorregiões ainda estavam nos ciclos finais de ocupação e colonização, e ainda possuíam áreas a serem ocupadas e incorporadas no processo produtivo. Já, a similaridade mais consistente estava na distribuição das propriedades rurais, que eram na maioria de pequenos estabelecimentos, mas com uma área predominante inferior aos maiores estabelecimentos. A forma de ocupação das regiões, normalmente atrelada somente à expansão de gaúchos em direção ao Oeste do Paraná, foi mais expressiva nas mesorregiões Oeste Catarinense e Sudoeste Paranaense. No Oeste Paranaense essa proporção era menor e o contingente populacional natural de outros Estados a diferenciava das demais mesorregiões em análise nesse quesito.

Neste contexto, em relação à forma de exploração econômica verificou-se que, em se tratando da produção agropecuária, as semelhanças situavam-se no significativo percentual representado pela produção das lavouras temporárias e dos animais de médio porte. Porém, enquanto o Noroeste Rio-Grandense apresentava maior expressão para a produção de trigo e soja, em relação às lavouras temporárias, as demais mesorregiões tinham no milho o maior destaque. A produção animal de médio porte que se destacou em todas as mesorregiões foi a suinocultura e o Oeste Catarinense se destacou como o mais diversificado em relação ao setor agropecuário. As atividades do milho e suínos parecem ser complementares (“casadas”) sendo muito expressivas em todas as mesorregiões, mas com menor participação no Noroeste gaúcho.

Quanto aos setores secundário (indústria) e terciário (serviços e comércio) os valores absolutos de números de estabelecimentos, de pessoal ocupado, e de geração de receitas e despesas, verificou-se que o Noroeste Gaúcho e o Oeste Catarinense se destacaram mais. Entretanto, as informações referentes à produtividade desses setores demonstraram que o Oeste Paranaense era relevante em várias categorias. Enfim, o conjunto de informações desses setores confirma uma maior diferenciação em detrimento de uma semelhança excessiva.

Da mesma forma, os dados referentes à disponibilidade de instalações dos prédios e do IDH apontaram para uma pequena vantagem do Noroeste Rio-Grandense e do Oeste Catarinense. As mesorregiões paranaenses apresentaram sempre os números mais agravantes, principalmente do Sudoeste Paranaense. Mas o IDH renda do Oeste Paranaense era superior ao Oeste Catarinense.

Enfim, segundo as informações supracitadas parece que não foram as similaridades os principais agentes que deram ao Oeste Catarinense e ao Oeste Paranaense um desempenho mais expressivo em comparação ao Noroeste Rio-Grandense e ao Sudoeste Paranaense a partir de 1970. Ao lado disso, o fato da mesorregião gaúcha já estar toda ocupada em 1970 pode ter limitado seu desempenho em comparação com as demais mesorregiões.

Dessa forma, a análise das especializações dos vários segmentos e setores produtivos de ambas as mesorregiões pode apresentar informações complementares quanto aos fatores influenciadores do desempenho mesorregional a partir de 1970. Esse será o objetivo do capítulo seguinte.

3 O PONTO DE PARTIDA: caracterização das especializações produtivas em 1970

Esta seção apresenta as principais especializações produtivas das mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense para o ano de 1970. Os resultados do Quociente Locacional, o QL, mostrará as especializações para o setor da agropecuária tendo-se como variável o valor da produção agropecuária, e as especializações para os setores da indústria e serviços pela variável população ocupada. A opção pela utilização dessas duas variáveis se deu pelo fato da distribuição setorial da população ocupada da agropecuária não ser tão detalhada como em relação à distribuição do valor da produção. Assim, essa segunda variável pode dar maiores detalhes em relação às especializações do setor primário de ambas as mesorregiões.

A análise das especializações produtivas complementarará os resultados da seção anterior sobre as similaridades e diferenças mesorregionais. Além disso, os municípios que mais se destacavam em 1970, em cada mesorregião, em relação à concentração/polarização produtiva serão destacados. O conjunto de todas essas informações possibilitará apontamentos mais precisos sobre a estrutura produtiva desses territórios no ponto de partida dessa análise, ou seja, em 1970.

3.1 Mesorregião Noroeste Rio-Grandense

Conforme ressaltado na seção anterior o Noroeste Rio-Grandense possuía, em 1970, grande dependência da agricultura temporária em sua pauta de produção da agricultura. Essa dependência se refletiu também nos maiores QLs dessa mesorregião para esse ano, conforme mostra a Tabela 16.

Tabela 16 - Especializações da agropecuária da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 1970

Subsetores	VBPA (R\$ mil)	% no VBPA total	% no setor	QL
TOTAL	2.113.901	100,00%	-	1,00
Agricultura temporária	1.601.460	75,76%	100,00%	1,23
Soja	461.317	21,82%	28,81%	2,76
Trigo	629.351	29,77%	39,30%	2,47
Mandioca	147.100	6,96%	9,19%	1,34
Agricultura permanente	39.427	1,87%	100,00%	0,24
Erva-mate	1.722	0,08%	4,37%	2,20
Tangerina	4.969	0,24%	12,60%	1,53
Caqui	1.232	0,06%	3,12%	1,34
Pecuária	473.013	22,38%	100,00%	0,73
Suíno	245.319	11,61%	51,86%	1,11

Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (1974a).

Conforme apresenta a Tabela 16 os maiores QLS, ou seja, as principais especializações da mesorregião gaúcha eram representadas pelas culturas da soja e do trigo, em 1970. Essas duas culturas representavam juntas 50,59% da produção agropecuária total dessa mesorregião.

Além dessas duas culturas, a produção da mandioca também estava na pauta das especializações da agricultura temporária no Noroeste Gaúcho. O setor da agricultura temporária era o que mais se destacava em relação ao valor da produção agropecuária, apresentando mais de 75%. Em segundo lugar ficava a pecuária com quase 23%. A única especialização da pecuária era a suinocultura, que representava mais de 51% de toda a produção da pecuária e mais de 11% da agropecuária mesorregional.

Já, a agricultura permanente era a que possuía a menor participação em relação ao valor da produção agropecuária dessa mesorregião. Porém, esse setor apresentava três especializações, sendo elas: a erva-mate, a tangerina e o caqui. Apesar dessas três culturas não possuírem participação relevante no valor da produção agropecuária dessa mesorregião, elas eram expressivas em relação à produção, dessas culturas, no Estado gaúcho e no Sul do Brasil. Segundo o IBGE a produção de erva-mate dessa mesorregião, por exemplo, representava cerca de 51% da produção gaúcha e cerca de 50% da produção de todo o Sul do Brasil. Essas características explicam essas especializações.

Tabela 17 - Especialização setorial da PO da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 1970

Subsetores	PO total	% na PO total	% no setor	QL
TOTAL	632.306	100,00%	-	1,00
Primário	449.864	71,15%	100,00%	1,32
Cultura de trigo	61.368	9,71%	9,42%	4,04
Pecuária	64.944	10,27%	14,36%	2,66
Extração de erva-mate	466	0,07%	0,06%	2,64
Outras culturas da agricultura	305.185	48,27%	57,50%	1,56
Avicultura e cunicultura	568	0,09%	0,20%	1,20
Secundário	47.073	7,44%	100,00%	0,51
Faiscação e garimpagem	220	0,03%	0,09%	4,26
Indústria mecânica	2.123	0,34%	3,06%	1,01
Terciário	135.369	21,41%	100,00%	0,68
Outras atividades mal definidas	1.385	0,22%	0,36%	1,49
Agronomia, veterinária e atividades auxiliares	91	0,01%	0,05%	1,01

Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2005).

Nota: A seguinte especialização foi ignorada devido a pouca representatividade de PO: Extração de frutos e sementes oleagenosas e ceras (34 PO).

A expressiva participação das culturas do trigo e da soja, e da produção de suínos, no valor da produção agropecuária refletia também os setores que mais ocupavam pessoas na mesorregião Noroeste Gaúcha em 1970, conforme apresenta a Tabela 17. Essas três atividades, além de ocupar a maior parte da população em relação a todos os setores da

economia, também se apresentavam como as maiores especializações em relação à população ocupada.

Conforme mostrou a Tabela 17, a cultura do trigo era o segundo setor mais especializado dessa mesorregião e o primeiro em relação ao setor primário. Ele sozinho ocupava 9,71% de toda a população mesorregional. A pecuária ocupava cerca de 10% da população e era a terceira maior especialização. Conforme apresentou a Tabela 16 era a produção de suínos que mais se destacava nessa categoria. Já, o setor das outras culturas, que agrega as culturas da soja, do milho, dentre outras, era o que mais ocupava pessoas e tinha uma alta especialização. Além dessas especializações deve-se destacar a extração da erva-mate, e a avicultura e cunicultura como outras especializações do setor primário dessa mesorregião. Essas duas últimas especializações mostram como, nem sempre, as especializações agregam parcela significativa de pessoas, neste caso agregando juntas somente 0,16% da população dessa mesorregião em 1970.

O setor secundário da mesorregião Noroeste Rio-Grandense era responsável pela ocupação de apenas 7,44% da população. As especializações desse setor estavam representadas pela faiscação e garimpagem e pela indústria mecânica. Este último setor era responsável por cerca de 4,51% da população ocupada no setor secundário. A faiscação e garimpagem, apesar de não se destacar na ocupação de pessoas na mesorregião, se destacava em relação à ocupação desse setor no Estado (61,97%) e no Sul do Brasil (49,66%), refletindo um detalhe de resultado estatístico.

O setor terciário da economia dessa mesorregião, apesar de agregar 21,41% das pessoas em 1970, tinha especialização somente no subsetor da agronomia, veterinária e atividades auxiliares e no subsetor de outras atividades. Porém, esses subsetores não se destacavam em relação à ocupação de pessoas na mesorregião.

As Tabelas 16 e 17 reforçaram a participação que o setor primário exercia na estrutura produtiva dessa mesorregião em 1970, em especial para as culturas do trigo, da soja e da produção de suínos, tanto em relação à ocupação de pessoas como em relação ao valor da produção agropecuária. Porém, questiona-se: como era a distribuição setorial interna nessa mesorregião? Quais eram os municípios que mais se destacavam em 1970? O Quadro 8 ajuda a responder esses questionamentos.

Quadro 8 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 1970

Valor da produção agropecuária		PO Setor Primário		PO Setor Secundário		PO Setor Terciário	
Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%
Palmeira das Missões	4,01	Santo Ângelo.....	3,98	Passo Fundo	12,28	Passo Fundo	11,98
Passo Fundo	3,67	Palmeira das Missões	3,00	Erechim	7,46	Cruz Alta	7,62
Cruz Alta	3,20	Tenente Portela	2,81	Santo Ângelo.....	7,17	Santo Ângelo.....	7,10
Giruá	3,00	Três Passos	2,78	Ijuí.....	6,12	Erechim	6,02
Carazinho	2,85	Soledade	2,50	Cruz Alta	5,50	Ijuí.....	5,60
Santo Ângelo.....	2,79	Giruá.....	1,90	Santa Rosa.....	4,89	Carazinho	4,85
Ijuí.....	2,23	Três de Maio	1,87	Carazinho	4,87	Santa Rosa.....	4,30
Santa Bárbara do Sul	1,99	São Luiz Gonzaga.....	1,78	Espumoso	3,17	São Luiz Gonzaga.....	3,29
São Luiz Gonzaga.....	1,92	Getúlio Vargas	1,69	São Valentim.....	3,15	Palmeira das Missões	2,64
Três Passos	1,87	Nonoai	1,68	Panambi	2,63	Três Passos	2,11
TOTAL 10.....	27,53	TOTAL 10.....	24,00	TOTAL 10.....	57,24	TOTAL 10.....	55,50

Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2005 e 1974a).

Conforme apresenta o Quadro 8, a distribuição das atividades dos setores primários – valor da produção agropecuária e da população ocupada – era a mais equitativa se comparada aos setores secundário e terciário. No valor da produção agropecuária os municípios que mais se destacavam eram Palmeira das Missões, Passo Fundo, Cruz Alta e Giruá. Os 10 municípios com maiores parcelas do valor da produção agropecuária dessa mesorregião concentravam cerca de 27,53% do valor total. A distribuição da população ocupada no setor primário possuía municípios distintos em relação a concentração dessa população: somente os municípios de Santo Ângelo, Palmeira das Missões, Três Passos, Giruá e São Luiz Gonzaga se destacavam em relação a população ocupada e no valor da produção. Assim, esse conjunto de cinco municípios pode ser considerado como os que polarizavam/concentravam o setor primário da mesorregião Noroeste Rio-Grandense em 1970.

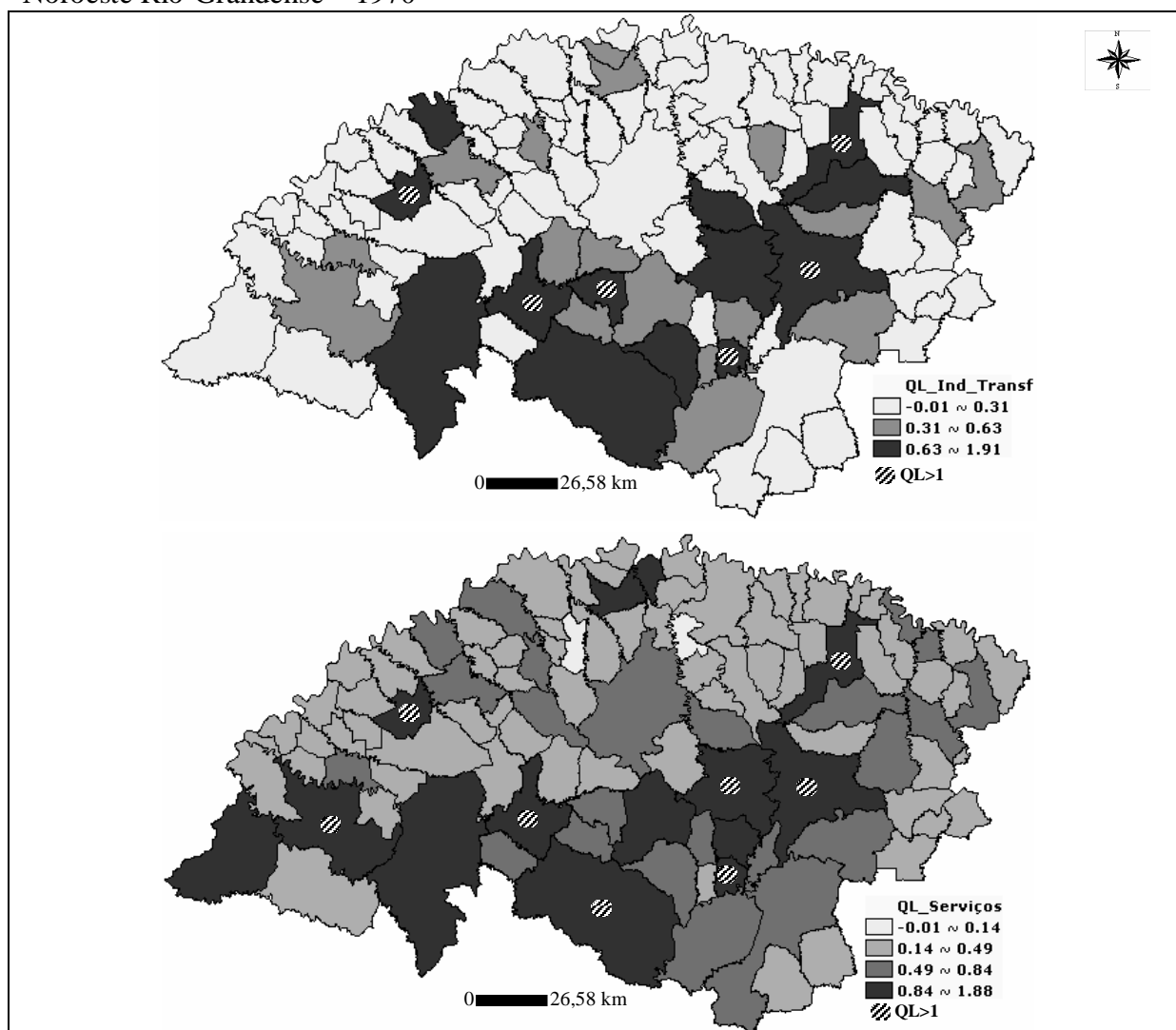
Quando se analisa a hierarquia dos municípios que mais concentravam população ocupada dos setores urbanos – secundário e terciário – o cenário se altera totalmente: a distribuição era visivelmente mais desigual. Com relação ao setor secundário, o industrial, os municípios de Passo Fundo, Erechim, Santo Ângelo, Ijuí e Cruz Alta concentravam 38,53% da população ocupada total da mesorregião nesse setor. Os 10 municípios dessa hierarquia concentravam 57,24%. No setor terciário os municípios de Passo Fundo, Cruz Alta, Santo Ângelo, Erechim e Ijuí eram os que mais se destacavam concentrando juntos 38,32% e os 10 municípios mais representativos concentravam 55,50%.

Um fato é visível: os municípios de Passo Fundo, Cruz Alta, Santo Ângelo, Erechim e Ijuí eram os que mais concentravam população ocupada dos setores urbanos em 1970. Assim, esses municípios, juntamente com Carazinho e Santa Rosa, podem ser considerados os pólos regionais da mesorregião Noroeste Rio-Grandense desse período, sendo é claro, Passo Fundo o mais importante. Ficava a cargo desses municípios a oferta da maior parte dos serviços urbanos regionais.

O relatório de IBGE (1972), que analisou a *Divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas* no início de 1970, confirma essa constatação. Segundo esse relatório o município localizado no Noroeste Gaúcho e que mais se destacava em relação à polarização e na rede urbana era Passo Fundo, que era o centro regional de atuação na economia e de serviços à população de maior influência dessa região, principalmente pelo seu setor industrial. Ijuí, Santo Ângelo, Santa Rosa, Erechim e Cruz Alta eram os próximos nessa hierarquia.

A Figura 5 ajuda a visualizar a distribuição de algumas atividades na mesorregião Noroeste Rio-Grandense, em 1970.

Figura 5 - QLS municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 1970



Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2005).

Nota: A lista com os nomes dos municípios está disponível no Anexo 9.

Conforme apresenta Figura 5, referente aos QLS da indústria de transformação para o

Noroeste Gaúcho os municípios mais especializados desse setor compreendem a maioria dos municípios mais representativos do setor secundário apresentado pelo Quadro 8 mais os municípios de Getúlio Vargas, Horizontina, Ibirubá, Sarandi e Tapera. Somente Espumoso e São Valentim, que estavam no rol apresentado pelo Quadro 8, não se enquadravam entre as maiores especializações industriais dessa mesorregião. Outra característica interessante é que o conjunto de municípios mais especializados formam um “corredor” que começa no município de Santo Ângelo e vai até Erechim. Assim, uma maior concentração dos municípios pode ser visualizada para as especializações desse setor se comparado com os QLS do setor de serviços.

No setor de serviços a maioria dos municípios que mais concentravam população ocupada (Quadro 8) estava incluída na categoria dos mais especializados, aparecendo ainda os municípios de Frederico Westphalen, Iraí, Não-Me-Toque, Santa Bárbara do Sul, Santo Antônio das Missões e Tapera. De qualquer forma, o maior número de municípios acima da média, se comparados com o setor da indústria de transformação, indica que há uma melhor distribuição do setor terciário nessa mesorregião. A parte mais ao norte apresentou menores QLS em ambos os setores apresentados. O indicativo é de que os municípios mais antigos conseguiram se especializar mais nesses setores.

3.2 Mesorregião Oeste Catarinense

Conforme apresentado no capítulo anterior o Oeste Catarinense apresentou-se como o mais diversificado em relação ao seu setor agropecuário, pelo menos em relação a menor dependência da agricultura temporária comparando com as demais mesorregiões em análise. As especializações da agropecuária dessa mesorregião confirmam essa constatação.

Conforme apresenta a Tabela 18 a mesorregião catarinense apresentava especializações variadas em sua agropecuária. No setor da agricultura temporária as maiores especializações eram da produção de mandioca, de milho, de batata-doce, do feijão, e da melancia. Porém, em se tratando do percentual que cada atividade possuía em relação ao valor da produção agropecuária, a produção de milho, de mandioca e de feijão eram os que mais se destacavam.

Tabela 18 - Especializações da agropecuária da mesorregião Oeste Catarinense – 1970

Subsetores	VBPA (R\$ mil)	% no VBPA total	% no setor	QL
TOTAL	635.484	100,00%	-	1,00
Agricultura temporária	350.966	55,23%	100,00%	0,90
Mandioca	60.593	9,53%	17,26%	1,83
Milho	161.452	25,41%	46,00%	1,79
Batata - doce	4.990	0,79%	1,42%	1,13
Feijão	39.953	6,29%	11,38%	1,06
Melancia	1.019	0,16%	0,29%	1,05
Agricultura permanente	19.701	3,10%	100,00%	0,40
Mamão	350	0,06%	1,78%	1,96
Maçã	255	0,04%	1,30%	1,36
Uva	11.214	1,76%	56,92%	1,33
Laranja	6.430	1,01%	32,64%	1,26
Pecuária	264.817	41,67%	100,00%	1,36
Suíno	161.813	25,46%	61,10%	2,44
Galinhas, Galos, Frangas, Frangos e Pintos	26.436	4,16%	9,98%	1,48
Leite	54.920	8,64%	20,74%	1,34

Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (1974c).

Nota: A seguinte especialização foi ignorada devido a pouca representatividade de PO: Cevada (152 PO).

A pauta de especializações da pecuária da mesorregião catarinense tinha na produção de suínos, de galinhas/frangos, e de leite os maiores destaques. Essas três especializações correspondiam a 91,82% de todo valor da produção pecuária dessa mesorregião.

Já, na agricultura permanente as especializações que se destacavam eram da produção de mamão, maçã, uva e laranja. Dessas, a que mais tinha participação no valor da produção total da mesorregião era a produção de uva, com 1,76%.

Tabela 19 - Especialização setorial da PO da mesorregião Oeste Catarinense – 1970

Subsetores	PO total	% na PO total	% no setor	QL
TOTAL	240.661	100,00%	-	1,00
Primário	174.460	72,49%	100,00%	1,34
Outras classes da pecuária	15.126	6,29%	5,79%	8,17
Extração de erva-mate	346	0,14%	0,09%	5,15
Outras classes da extração vegetal	125	0,05%	0,06%	3,26
Pecuária	24.860	10,33%	7,35%	2,67
Extração de madeira	2.265	0,94%	1,97%	2,52
Cultura de trigo	9.745	4,05%	2,59%	1,69
Outras culturas da agricultura	116.679	48,48%	58,71%	1,56
Silvicultura	1.145	0,48%	0,70%	1,49
Avicultura e cunicultura	222	0,09%	0,10%	1,23
Secundário	24.338	10,11%	100,00%	0,70
Indústria de madeira	8.391	3,49%	17,35%	2,06
Indústria de papel e papelão	1.065	0,44%	1,87%	1,85
Rodo-ferrovias	1.657	0,69%	5,32%	1,01
Terciário	41.863	17,39%	100,00%	0,55
Outras classes de atividades sociais	87	0,04%	0,13%	2,60
Serviço de alojamento	954	0,40%	1,13%	1,26
Outras classes de serviços administrativos	1.077	0,45%	1,89%	1,10
Atividades mal definida e atividades não declaradas	2.255	0,94%	4,51%	1,07
Outras atividades mal definidas	368	0,15%	0,49%	1,04

Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2005).

Nota: As seguintes especializações foram ignoradas devido a pouca representatividade de PO: Extração de plantas fibrosas (70 PO), Cultura de agave (5 PO), Agronomia, veterinária e atividades auxiliares (42 PO).

As especializações com base na população ocupada ratificam as informações da Tabela 18 ao apontar, como especializações que se destacavam em 1970, os setores da pecuária e das outras culturas (que englobava o milho, a soja, etc.). Além disso, a maior especialização do setor primário foi das outras classes da pecuária, seguido da extração de erva-mate.

O setor secundário dessa mesorregião tinha nas indústrias de madeira, nas indústrias de papel e papelão, e das indústrias de rodo-ferrovias as maiores especializações. Esses três setores concentravam juntos aproximadamente 24,54% da população ocupada do setor industrial. O destaque desses dois setores refletia, ainda, o ciclo de colonização da madeira iniciado na década de 20, e apresentado no capítulo anterior.

No setor terciário as especializações eram dos setores de serviços de alojamento, e de outras classes e classes mal definida. Entretanto, como se nota essas especializações agregavam somente 8,15% da população ocupada no setor terciário dessa mesorregião. Nem sempre, altas especializações indicam grande concentração de pessoas, e essas especializações evidenciam essa constatação.

A distribuição do valor da produção agropecuária e da população ocupada entre os municípios que formavam a mesorregião catarinense em 1970, pode ser visualizada no Quadro 9.

Quadro 9 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Oeste Catarinense – 1970

Valor da produção agropecuária		PO Setor Primário		PO Setor Secundário		PO Setor Terciário	
Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%
Concórdia	8,55	Concórdia	6,73	Caçador.....	14,60	Chapecó.....	13,18
Chapecó.....	5,86	Chapecó.....	4,18	Chapecó.....	8,99	Joaçaba	7,94
Itapiranga.....	3,90	Itapiranga.....	3,30	Joaçaba	6,50	Caçador.....	7,80
Mondai.....	3,78	Mondai.....	3,10	Concórdia	6,47	Concórdia	7,22
Palmitos.....	3,05	São Miguel do Oeste.....	3,03	Videira.....	5,51	Videira.....	5,45
São Miguel do Oeste.....	2,95	Tangará.....	3,00	Herval d'Oeste.....	4,23	Xanxerê	4,78
Videira.....	2,78	São Carlos	2,75	São Miguel do Oeste	4,08	São Miguel do Oeste	3,55
Xaxim	2,44	Modelo.....	2,74	Abelardo Luz	3,96	Herval d'Oeste.....	3,13
Seara	2,38	Quilombo.....	2,73	Catanduvas	3,82	Xaxim	2,27
Descanso.....	2,36	Campo Erê.....	2,59	Xanxerê	2,67	Itapiranga.....	2,23
TOTAL 10.....	38,03	TOTAL 10.....	34,14	TOTAL 10.....	60,84	TOTAL 10.....	57,55

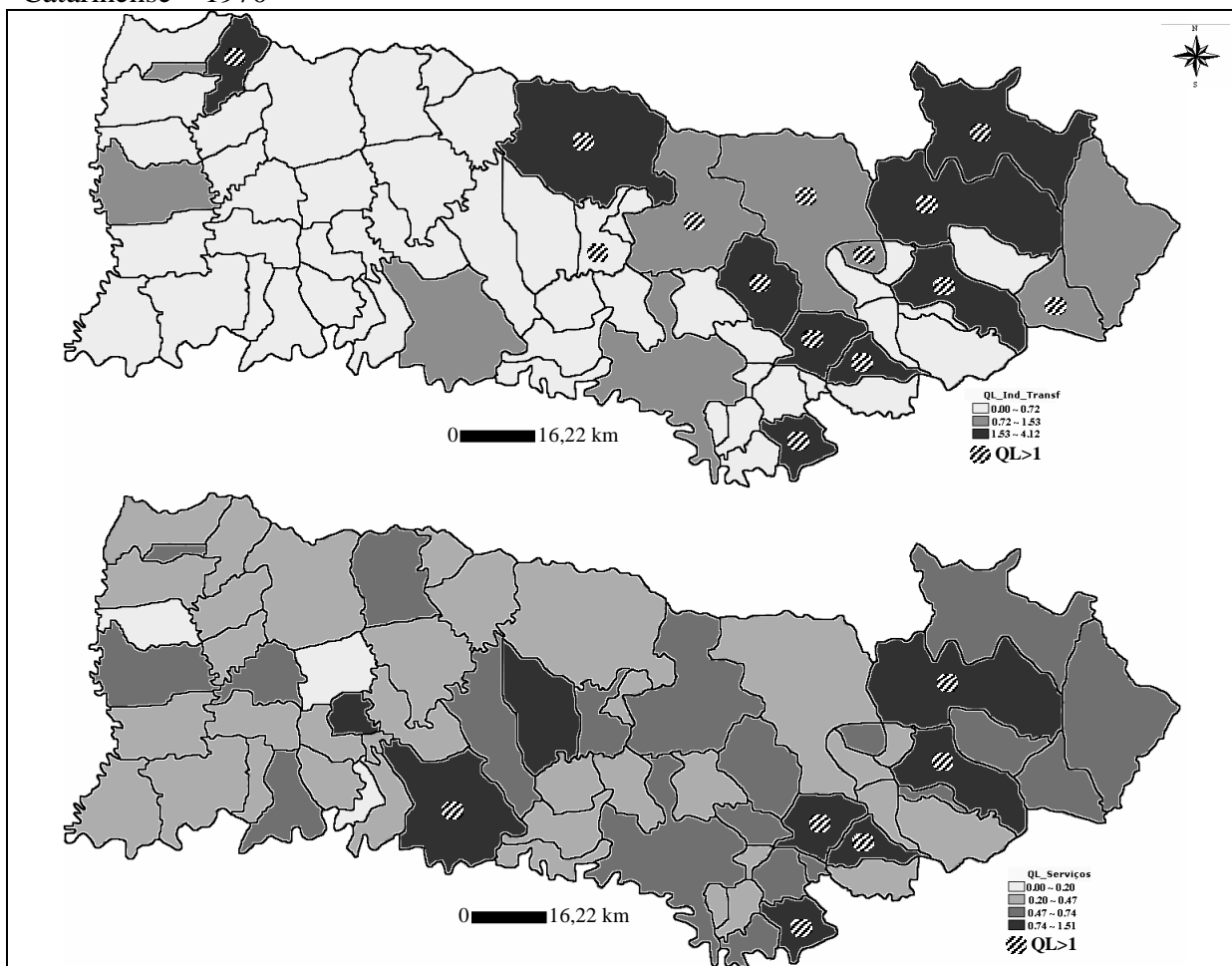
Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2005 e 1974c).

Segundo esse quadro a distribuição do valor da produção agropecuária e da população ocupada no setor primário da mesorregião Oeste Catarinense era menos desigual que a distribuição da população ocupada nos setores urbanos. Os municípios de Concórdia e Chapecó eram os que mais se destacavam nessa hierarquia. Os dez municípios mais concentradores agregavam 38,03% do valor da produção agropecuária e 34,14% da população ocupada no setor primário.

Nos setores urbanos Concórdia e Chapecó continuavam entre os que mais concentravam população ocupada. No caso do setor secundário era o município de Caçador que ficava em primeiro lugar nessa hierarquia agregando 14,60% de toda população ocupada no setor industrial dessa mesorregião, seguido de Chapecó com 8,99%, Joaçaba com 6,50% e Concórdia com 6,47%. Juntos esses quatro município detinham 36,56% da população industrial. Já no setor terciário Chapecó, Joaçaba e Caçador ficavam novamente entre os três que mais agregavam população ocupada, sendo Chapecó o que mais se destacava com 13,18%. Juntos, os 10 primeiros municípios concentravam 60,84% da população ocupada no setor secundário e 57,55% da população ocupada no setor terciário.

Neste sentido, Chapecó, Joaçaba e Caçador eram os municípios mais concentradores/polarizadores da mesorregião Oeste Catarinense em 1970. IBGE (1972) confirma este fato e ressalta os municípios de Chapecó e Joaçaba como o mais influentes em relação à rede urbana, e à distribuição de bens e serviços mesorregionais.

Figura 6 - QIs municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Oeste Catarinense – 1970



Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2005).

Nota: A lista com os nomes dos municípios está disponível no Anexo 9.

Segundo a Figura 6 os municípios de Abelardo Luz, Caçador, Capinzal, Catanduvas, Herval d'Oeste, Joaçaba, Matos Costa, Palma Sola e Videira eram os mais especializados no setor da indústria de transformação em 1970 no Oeste Catarinense. Chapecó, Concórdia, São Miguel do Oeste e Xanxerê, apesar de se destacarem no número de pessoas ocupadas, não estavam no grupo de maior especialização. Já, o grupo de municípios mais especializados no setor de serviços era ainda menor, sendo eles Caçador, Capinzal, Chapecó, Herval d'Oeste, Joaçaba, Pinhalzinho, Videira e Xanxerê, apontando para uma maior concentração desse setor.

3.3 Mesorregião Sudoeste Paranaense

As especializações da agropecuária do Sudoeste Paranaense em 1970 estão apresentadas pela Tabela 20.

Tabela 20 - Especializações da agropecuária da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970

Subsetores	VBPA (R\$ mil)	% no VBPA total	% no setor	QL
TOTAL	278.625	100,00%	-	1,00
Agricultura temporária	177.950	63,87%	100,00%	1,04
Feijão	35.189	12,63%	19,77%	2,14
Mandioca	28.338	10,17%	15,92%	1,95
Milho	66.904	24,01%	37,60%	1,69
Melancia	531	0,19%	0,30%	1,24
Batata - doce	1.937	0,70%	1,09%	1,00
Abacaxi	172	0,06%	0,10%	1,00
Agricultura permanente	3.016	1,08%	100,00%	0,14
Mamão	89	0,03%	2,96%	1,14
Pecuária	97.659	35,05%	100,00%	1,14
Suíno	56.925	20,43%	58,29%	1,96
Leite	21.933	7,87%	22,46%	1,22
Galinhas, Galos, Frangas, Frangos e Pintos	8.456	3,03%	8,66%	1,08

Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (1974b).

A Tabela 20 mostra que a agricultura temporária dessa mesorregião tinha como especializações o feijão, a mandioca, o milho, a melancia, a batata-doce e o abacaxi. As três primeiras se destacavam mais em relação ao valor da produção agropecuária nessa mesorregião, sendo a produção de milho a mais expressiva. A única especialização da agricultura permanente foi da produção de mamão, mas esta possuía pouco destaque na participação relativa do valor total da produção agropecuária mesorregional.

No rol de especializações da pecuária destacava-se a produção de suínos, leite e de galinhas/frangos. Ambas se destacavam em relação ao valor da produção agropecuária, sendo

responsáveis por 31,33% do valor total da mesorregião e 89,41% da pecuária.

Tabela 21 - Especialização setorial da PO da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970

Subsetores	PO total	% na PO total	% no setor	QL
TOTAL	154.079	100,00%	-	1,00
Primário	127.470	82,73%	100,00%	1,53
Outras culturas da agricultura	117.148	76,03%	56,69%	2,45
Silvicultura	962	0,62%	0,80%	1,95
Secundário	8.186	5,31%	100,00%	0,37
Indústria de madeira	2.752	1,79%	19,72%	1,06
Terciário	18.423	11,96%	100,00%	0,38
Serviço de alojamento	518	0,34%	1,11%	1,07

Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2005).

Nota: As seguintes especializações foram ignoradas devido a pouca representatividade de PO: Extração da borracha e goma elástica (4 PO), Cultura de agave (4 PO), Agronomia, veterinária e atividades auxiliares (27 PO), Outras classes e classe mal definida (22 PO).

As especializações em relação ao pessoal ocupado apresentavam os maiores destaques no setor primário da mesorregião Sudoeste Paranaense, conforme apresenta Tabela 21. Nesse setor as especializações de maior destaque eram do setor de outras culturas e da silvicultura. O setor das outras culturas era o que mais concentrava pessoas no setor primário dessa mesorregião, com 76,03%.

O setor secundário dessa mesorregião tinha somente uma especialização, a da indústria da madeira. Este setor era o que mais concentrava pessoas no setor industrial, com 19,72%. Parece ser uma tendência, nessas mesorregiões de colonização mais recente, ter o setor madeireiro como uma especialização produtiva, refletindo, ainda, os ciclos finais de colonização. Já, no setor terciário, a especialização que se destacava era dos serviços de alojamento, mas o mesmo possuía pouca participação no total de pessoas ocupadas da mesorregião representando somente 0,34% do total.

Quadro 10 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970

Valor da produção agropecuária		PO Setor Primário		PO Setor Secundário		PO Setor Terciário	
Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%
Dois Vizinhos.....	7,21	Salto do Lontra.....	8,62	Pato Branco.....	19,61	Pato Branco.....	18,83
Francisco Beltrão.....	6,75	Dois Vizinhos.....	8,49	Dois Vizinhos.....	13,88	Francisco Beltrão.....	16,50
Santo Antônio do Sudoeste.....	6,36	Capanema.....	6,93	Francisco Beltrão.....	13,74	Dois Vizinhos.....	7,26
Chopinzinho.....	6,35	Santo Antônio do Sudoeste.....	6,65	Chopinzinho.....	5,38	Coronel Vivida.....	5,62
Salto do Lontra.....	5,81	Francisco Beltrão.....	6,34	Coronel Vivida.....	5,24	Capanema.....	5,56
Capanema.....	5,80	Chopinzinho.....	5,90	Santo Antônio do Sudoeste.....	4,72	Santo Antônio do Sudoeste.....	5,26
Coronel Vivida.....	5,48	São João.....	4,69	Realeza.....	3,87	Chopinzinho.....	4,10
Planalto.....	5,43	Santa Izabel do Oeste.....	4,38	Vitorino.....	3,86	Realeza.....	3,82
Pato Branco.....	5,36	Pato Branco.....	4,32	Planalto.....	3,35	Barracão.....	3,24
São João.....	4,20	Coronel Vivida.....	4,21	Capanema.....	3,30	Salto do Lontra.....	2,75
TOTAL 10.....	58,76	TOTAL 10.....	60,52	TOTAL 10.....	76,94	TOTAL 10.....	72,94

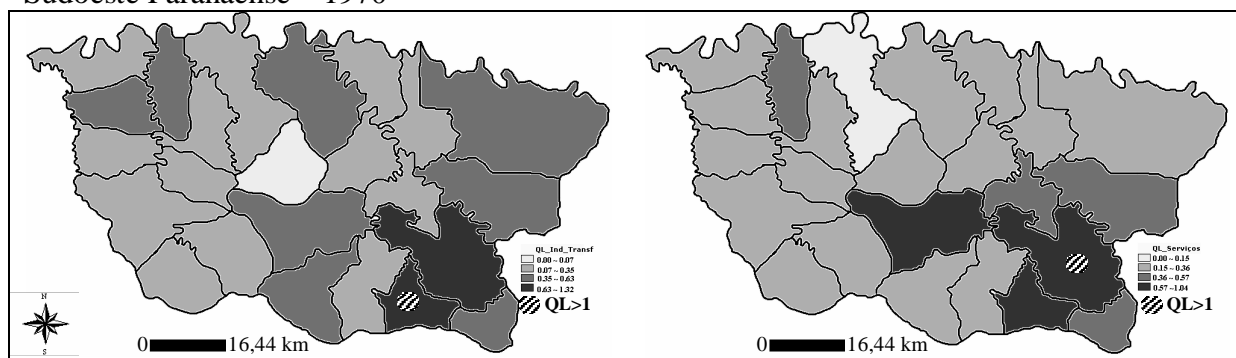
Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2005 e 1974b).

Na mesma tendência das duas mesorregiões anteriormente analisadas a distribuição do valor da produção agropecuária e da população ocupada no setor primário entre os municípios

da mesorregião Sudoeste Paranaense era mais equitativa que os setores urbanos, conforme apresenta o Quadro 10.

Enquanto os três municípios dessas hierarquias concentravam 20,32% do valor da produção agropecuária e 24,04% da população ocupada no setor primário, concentravam 47,23% da população ocupada no setor secundário e 42,59% do setor terciário. Nos setores urbanos os municípios de Pato Branco, Dois Vizinhos e Francisco Beltrão eram visivelmente os que mais se destacavam na concentração/polarização, fato confirmado por IBGE (1972).

Figura 7 - QIs municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970



Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2005).

Nota: A lista com os nomes dos municípios está disponível no Anexo 9.

Por outro lado, a distribuição municipal das especializações da indústria de transformação e dos serviços mostra que Pato Branco e Vitorino mais se destacavam no primeiro setor, e esses dois municípios, mais Francisco Beltrão, se destacavam no setor de serviços. No caso do setor de serviços é possível visualizar uma concentração na parte sudeste dessa mesorregião.

3.4 Mesorregião Oeste Paranaense

A Tabela 22 apresenta as especializações da agropecuária da mesorregião Oeste Paranaense, em 1970, e nota-se que o setor da agropecuária de maior participação no valor da produção total era a produção de milho, setor este que apresentou, também, a maior especialização da agropecuária dessa mesorregião. Além do milho, as especializações da soja, do feijão e da mandioca também foram visualizadas. Todas essas culturas tinham boa participação no valor total da produção agropecuária mesorregional, correspondendo juntas a 55,84% do total.

Tabela 22 - Especializações da agropecuária da mesorregião Oeste Paranaense – 1970

Subsetores	VBPA (R\$ mil)	% no VBPA total	% no setor	QL
TOTAL	479.317	100,00%	-	1,00
Agricultura temporária	312.651	65,23%	100,00%	1,06
Milho	136.130	28,40%	43,54%	2,00
Feijão	44.193	9,22%	14,13%	1,56
Soja	53.158	11,09%	17,00%	1,40
Mandioca	34.158	7,13%	10,93%	1,37
Agricultura permanente	12.237	2,55%	100,00%	0,33
Abacate	394	0,08%	3,22%	1,72
Pecuária	154.429	32,22%	100,00%	1,05
Suíno	99.008	20,66%	64,11%	1,98

Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (1974b).

Também se destacou a especialização da pecuária nessa mesorregião sendo a produção de suínos a mais expressiva. A suinocultura era responsável por mais de 20% de toda produção agropecuária do Oeste Paranaense e 64% da pecuária, em 1970. A especialização na produção de abacate, da agricultura permanente, tinha pouca expressão no valor da produção total.

As especializações com base nas pessoas ocupadas apontaram para um setor primário relativamente diversificado na mesorregião Oeste Paranaense, conforme apresenta Tabela 23. todas as especializações do setor primário (outras culturas, cultura de arroz, horticultura e floricultura, cultura do trigo, outras classes da pecuária e silvicultura) possuíam maior participação na concentração de pessoas.

Tabela 23 - Especialização setorial da PO da mesorregião Oeste Paranaense – 1970

Subsetores	PO total	% na PO total	% no setor	QL
TOTAL	263.493	100,00%	-	1,00
Primário	207.531	78,76%	100,00%	1,46
Horticultura e floricultura	8.117	3,08%	1,27%	4,47
Outras classes da pecuária	4.403	1,67%	1,42%	2,17
Outras culturas da agricultura	155.047	58,84%	57,29%	1,90
Cultura de arroz	12.699	4,82%	5,46%	1,63
Silvicultura	1.275	0,48%	0,59%	1,51
Cultura de trigo	6.319	2,40%	4,44%	1,00
Secundário	16.416	6,23%	100,00%	0,43
Indústria de madeira	6.041	2,29%	11,69%	1,36
Terciário	39.546	15,01%	100,00%	0,48
Comércio de produtos agropecuários e extrativos	378	0,14%	0,41%	1,12
Serviço de alojamento	908	0,34%	1,00%	1,09

Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2005).

Nota: As seguintes especializações foram ignoradas devido a pouca representatividade de PO: Cultura de cacau (12 PO), Apicultura e sericultura (76 PO), Extração da borracha e goma elástica (4 PO), Extração de frutos e sementes oleagenosas e ceras (21 PO), Outras classes e classe mal definida (56 PO), Extração de plantas fibrosas (49 PO), Outros profissionais liberais e atividades auxiliares (23 PO), Outras classes e classe mal definida (59 PO).

No setor secundário, semelhantemente as três outras mesorregiões, era a especialização da indústria de madeira a mais expressiva, e a única desse setor nessa mesorregião. Essa

especialização concentrava 11,69% das pessoas ocupadas no setor industrial. Da mesma forma que na mesorregião catarinense e no Sudoeste Paranaense a especialização nesse setor refletia as atividades desenvolvidas no decorrer da colonização recente desse território.

O setor terciário apresentava somente duas especializações nessa mesorregião: o comércio de produtos agropecuários e extrativos, e dos serviços de alojamento, mas ambas tinham pouca participação na ocupação de pessoas desse macro setor.

Quanto à distribuição municipal das pessoas ocupadas e do valor da produção agropecuária nessa mesorregião, esta está apresentada no Quadro 11.

Quadro 11 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Oeste Paranaense – 1970

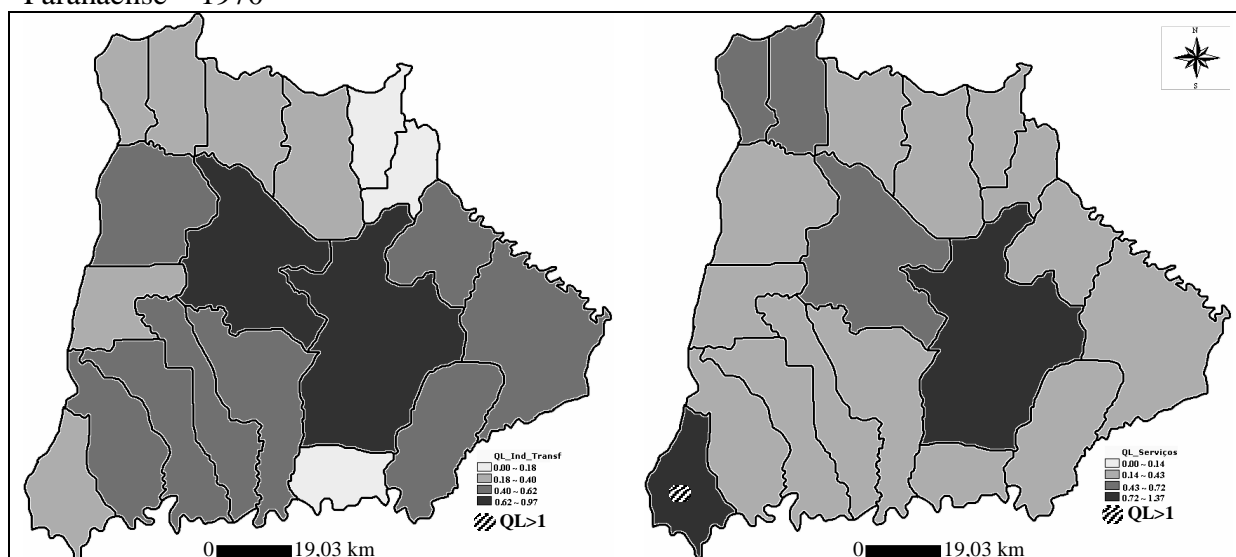
Valor da produção agropecuária		PO Setor Primário		PO Setor Secundário		PO Setor Terciário	
Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%
Toledo.....	14,69	Assis Chateaubriand	11,72	Cascavel	26,69	Cascavel.....	23,16
Marechal Cândido Rondon	13,16	Cascavel.....	8,41	Toledo.....	12,74	Foz do Iguaçu.....	12,99
Palotina.....	9,22	Toledo.....	6,92	Foz do Iguaçu.....	7,92	Toledo.....	10,07
Cascavel.....	8,11	Marechal Cândido Rondon	6,65	Marechal Cândido Rondon	6,57	Assis Chateaubriand	7,72
Assis Chateaubriand	7,17	Formosa do Oeste	6,35	Assis Chateaubriand	5,99	Guaíra	6,00
Guaraniaçu	5,27	Medianeira.....	6,06	Corbélia	4,65	Marechal Cândido Rondon	5,68
Corbélia	4,60	Palotina.....	5,87	Medianeira	4,64	Corbélia	4,19
Santa Helena	4,26	Corbélia	5,16	Palotina.....	4,36	Medianeira.....	4,18
Formosa do Oeste	4,13	Céu Azul.....	4,78	Guaíra	4,02	Formosa do Oeste	3,86
São Miguel do Iguaçu.....	3,87	Terra Roxa.....	4,49	Céu Azul.....	3,81	Terra Roxa.....	3,84
TOTAL 10.....	74,51	TOTAL 10.....	66,40	TOTAL 10.....	81,39	TOTAL 10.....	81,70

Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2005 e 1974b).

Dentre os 19 municípios existentes na mesorregião Oeste Paranaense em 1970 verificase que havia concentração setorial em todos os setores em análise. No valor da produção agropecuária Toledo e Marechal Cândido Rondon concentravam cerca de 27,85%. Nas pessoas ocupadas no setor primário Assis Chateaubriand e Cascavel detinham 20,12%. Apesar dessa relativa concentração o setor primário era mais bem distribuído se comparado aos setores urbanos.

As pessoas ocupadas no setor secundário concentravam-se principalmente em Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu, representando 47,35% desse tipo de ocupação em 1970. No setor terciário esses mesmos três municípios eram os que mais se destacavam concentrando 46,22%. Assim, esse trio de municípios parecia ser o maior ofertante de bens e serviços à mesorregião em 1970. IBGE (1972) ratifica essa constatação e coloca Cascavel como o principal centro regional, e Toledo e Foz do Iguaçu como sub-centros regionais nesse ano.

Figura 8 - QIs municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Oeste Paranaense – 1970



Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2005).

Nota: A lista com os nomes dos municípios está disponível no Anexo 9.

Conforme mostra a Figura 8, Cascavel e Toledo eram os mais especializados no setor da indústria de transformação, e Cascavel e Foz do Iguaçu no setor de serviços. Cascavel era o único especializado em ambos os setores, confirmando, assim, os resultados apresentados pelo Quadro 11 e por IBGE (1972) relativos à polarização regional.

3.5 Análise comparativa das quatro mesorregiões em análise

Neste contexto, a análise das especializações de 1970 das quatro mesorregiões em estudo apontou para uma grande concentração das pessoas ocupadas no setor primário e do valor da produção agropecuária na agricultura temporária e na pecuária. As principais especializações refletiram essa concentração, sendo que o Oeste Catarinense e Oeste Paranaense se destacaram como as mesorregiões com o setor primário mais diversificado. As especializações dos setores urbanos não seguiram essa tendência de diversificação. No setor terciário não se evidenciou nenhuma especialização que se destacasse em relação a concentração de pessoas ocupadas desse macro setor. A grande especialização do setor agropecuário que essas mesorregiões apresentavam em 1970 ainda não se refletia em especializações significativas no setor de serviços. Os efeitos de encadeamento ainda não tinham se transformado em especializações de grande destaque.

No setor secundário duas constatações principais devem ser ressaltadas: a primeira, era

que o Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense tinham na indústria da madeira a principal especialização industrial. A recente colonização dessas três mesorregiões pode ser considerada como a principal explicação para essa especialização, haja vista, que o último ciclo de colonização foi o da extração de madeira em ambas as mesorregiões. A segunda constatação, era que o Noroeste Gaúcho, colonizado mais antigamente, não tinha especialização nesse setor madeireiro, mostrando um estágio de desenvolvimento diferenciado em relação às outras três mesorregiões, ou seja, já havia passado pelo ciclo de extração da madeira há mais tempo e estava apresentando especializações em outros setores produtivos, como por exemplo, da indústria mecânica.

Já, quanto aos municípios que mais concentravam/polarizavam o valor da produção agropecuária, e as pessoas ocupadas por setores, também evidenciou-se duas características principais: a primeira, e como já era de se esperar, foi a distribuição mais homogênea dos setores primários, o que refletia, na verdade, a maior concentração que todas as mesorregiões tinham nesse setor. A segunda característica foi em relação à hierarquia dos municípios que se destacaram em relação aos setores urbanos (secundário e terciário). Em todas as mesorregiões os municípios que mais concentravam/polarizavam (e na maior parte os mais especializados) essas atividades eram aqueles mais antigos, ou seja, o fato de terem sido os primeiros centros populacionais e, em conseqüência, os primeiros beneficiados com infra-estrutura de transporte, dentre outros, criou vantagens – menor custo de transporte, maior concentração de demanda, por exemplo – que fizeram com que principalmente as indústrias iniciassem e se concentrassem nessas localidades. Este fato vai ao encontro das afirmações de North (1961b, p. 34-35) que afirma que:

“[...] as primeiras manufaturas que se desenvolvem ou estão associadas à existência de matérias-primas ou são indústrias de caráter local. [...] a economia regional que se industrializa com sucesso deve esse êxito à diminuição nos custos internos de transporte, ao aumento da dimensão do mercado regional, à especialização em funções que possibilitam uma eficiência sempre crescente e a concretização dos efeitos de escala necessários a um desenvolvimento industrial adequado.”

Assim, nos municípios que se destacavam em 1970 nessas mesorregiões recentemente incorporadas ao sistema capitalista, as características que mais deviam ter influenciado na localização do setor industrial deviam ser a diminuição dos custos de transporte e a demanda local/regional/extra-regional crescente (indústria madeireira por exemplo).

Dessa forma, o conjunto dessas informações fornece bons indícios sobre a estrutura produtiva das quatro mesorregiões analisadas e, juntamente com os resultados do capítulo

anterior, subsidiarão uma comparação melhor fundamentada com os resultados dos próximos capítulos que versarão sobre a estrutura produtiva e às especializações de 2000.

4 CARACTERIZAÇÃO DA ESTRUTURA PRODUTIVA E DAS ESPECIALIZAÇÕES EM 2000

Este capítulo se volta à caracterização da estrutura produtiva das mesorregiões Noroeste Rio-Grandense, Oeste Catarinense, Sudoeste Paranaense e Oeste Paranaense no ano de 2000, tendo como base as principais especializações produtivas dessas mesorregiões. Da mesma forma que no capítulo anterior, as especializações serão identificadas a partir dos resultados do Quociente Locacional, sendo para o setor da agropecuária utilizado a variável valor bruto da produção agropecuária, o VBPA, e as especializações para os setores da indústria e serviços a variável população ocupada.

A análise das especializações produtivas de 2000 fornecerá um primeiro parâmetro de comparação entre as mesorregiões, com as especializações de 1970, e verificar as principais mudanças produtivas desses territórios. Da mesma forma, os principais municípios em relação à concentração/polarização produtiva serão apresentados, constatando-se se houve mudanças significativas na hierarquia desses municípios no período analisado, ou se os pólos mesorregionais se consolidaram.

Antes da apresentação das especializações produtivas é preciso ressaltar que o período de 1970 a 2000 foi marcado por grandes transformações nas bases produtivas nas mesorregiões em análise, e em todo o Sul do Brasil. Alves, Paiva e Ferrera de Lima (2007) afirmam que a partir dos anos 1970 o conjunto dessas quatro mesorregiões integrou-se rapidamente ao movimento de expansão da agricultura moderna que se instaurou no Brasil, marcado pela introdução maciça, no campo, de avançadas tecnologias de cultivo, *de substituição de culturas alimentares pela produção de commodities* e de alterações brutais nas relações de trabalho, todos estes elementos altamente poupadores de mão-de-obra.

Bandeira (2003) confirma essas informações e afirma que no Noroeste Rio-Grandense, por exemplo, inicialmente caracterizado pela produção agrícola diversificada, tendeu a especializar-se a partir de 1970, com a expansão das lavouras mecanizadas de trigo e soja. Nas outras três mesorregiões não foi diferente. Essas mudanças propiciaram uso intensivo das novas áreas e a reestruturação das tradicionais. O resultado foi um forte êxodo rural para os grandes centros urbanos e, principalmente, para outros Estados brasileiros.

Assim, principalmente a partir de 1970, iniciou-se uma forte expansão da rede urbana

regional desse território. Essa rede urbana passou a funcionar estritamente vinculada ao dinamismo da atividade rural e por ela impulsionada. Já, nos anos 80, devido a industrialização e a mecanização agrícola, houve significativa perda da população nas áreas rurais e crescimento das esferas urbanas. A Tabela 24 apresenta parte dessas mudanças.

Tabela 24 - População rural, urbana e total, por mesorregião – 2000

Mesorregiões	Rural					Urbana					TOTAL		
	1970	%	2000	%	2000/ 1970	1970	%	2000	%	2000/ 1970	1970	2000	2000/ 1970
Noroeste-RS	1.249.684	69,84	691.137	35,27	-44,70	539.752	30,16	1.268.551	64,73	135,02	1.789.436	1.959.688	9,51
Oeste-SC	566.954	76,14	414.150	37,08	-26,95	177.649	23,86	702.616	62,92	295,51	744.603	1.116.766	49,98
Sudoeste-PR	365.959	81,99	189.582	40,11	-48,20	80.401	18,01	283.044	59,89	252,04	446.360	472.626	5,88
Oeste-PR	604.331	80,32	209.490	18,40	-65,34	148.101	19,68	929.092	81,60	527,34	752.432	1.138.582	51,32

Fonte: IBGE (2006)

Conforme mostra Tabela 24 em todas as mesorregiões houve crescimento de população residente no período de 1970 a 2000. As mesorregiões Oeste Catarinense e Oeste Paranaense apresentaram os maiores crescimentos, de 49,98% e 51,32%, respectivamente. Nas outras duas mesorregiões esse crescimento foi inferior a 10% nesse mesmo período. Porém, esse crescimento ocorreu na população urbana, em detrimento das populações rurais. Assim, a participação da população urbana na população total aumentou de forma expressiva: no Oeste Paranaense em 1970 somente 19,68% da população total vivia nas áreas urbanas e em 2000 esse percentual era de 81,60%; no Sudoeste Paranaense era 18,01% em 1970 e 59,89% em 2000; no Oeste Catarinense esse percentual passou de 23,86% para 62,92%; e no Noroeste Rio-Grandense de 30,16% para 64,73%.

Alves, Paiva e Ferrera de Lima (2007) afirmam ainda que o rápido crescimento da atividade agrícola foi acompanhado, nas décadas de 80 e 90, pelo surgimento e crescimento de agroindústrias cooperativas ligadas ao processamento de carnes suínas, de aves, e de laticínios. Até meados da década de 80, o conjunto dessas mesorregiões caracterizava-se como essencialmente agrícola. A partir de então, a indústria local passou a se consolidar e ter sua dinâmica orientada pelo comportamento do agronegócio cooperativo. Da mesma forma, com crescente participação o setor urbano, devido ao processo de urbanização, se expressa em atividades de comércio e particularmente em serviços, refletindo as modernas condições da dinâmica produtiva geral. Dessa forma, parte da população deslocada para o meio urbano nesse período deve ter sido absorvida por esses setores produtivos.

Neste sentido, as especializações de 2000 tendem a refletir todas essas transformações produtivas nessas mesorregiões.

4.1 Mesorregião Noroeste Rio-grandense

Conforme mostra a Tabela 25 o Noroeste Rio-Grandense diversificou mais seu rol de especializações da agropecuária no período de 1970 a 2000. Na agricultura permanente além das especializações em soja, mandioca e trigo, já manifestas em 1970, se destacaram o centeio, o amendoim, a cevada e a batata-doce. Porém, é preciso ressaltar que a soja aumentou sua participação no total do VBPA regional passando de 21,82% em 1970 para 38,30% em 2000, enquanto o trigo diminuiu de 29,77% para 2,79% no mesmo período, resultado da mudança da política de subsídio do governo federal, fato que será melhor detalhado no próximo capítulo.

Tabela 25 - Especializações da agropecuária da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 2000

Subsetores	VBPA (R\$ mil)	% no VBPA total	% no setor	QL
TOTAL	2.085.269	100,00%	-	1,00
Agricultura temporária	1.342.502	64,38%	100,00%	1,13
Centeio	225	0,01%	0,02%	3,69
Soja	798.735	38,30%	59,50%	2,15
Amendoim	1.474	0,07%	0,11%	1,93
Mandioca	120.347	5,77%	8,96%	1,93
Cevada	3.834	0,18%	0,29%	1,89
Trigo	58.205	2,79%	4,34%	1,73
Batata - doce	3.216	0,15%	0,24%	1,09
Agricultura permanente	54.630	2,62%	100,00%	0,53
Mamão	1.157	0,06%	2,12%	2,23
Erva-mate	11.634	0,56%	21,30%	2,03
Abacate	1.153	0,06%	2,11%	1,65
Tangerina	8.707	0,42%	15,94%	1,33
Laranja	14.256	0,68%	26,10%	1,20
Limão	685	0,03%	1,25%	1,10
Pecuária	688.136	33,00%	100,00%	0,87
Leite	204.926	9,83%	29,78%	1,50

Fonte: IBGE (2006).

Na agricultura permanente continuam as especializações da erva-mate e da tangerina, e apareceu o mamão, o abacate, a laranja e o limão como novas especializações. Diferentemente, a pecuária mesorregional, que tinha uma única especialização em 1970, que era nos suínos, passou a se especializar na produção de leite. De certo modo, a especialização em suínos não apareceu como especialização significativa ($QL > 1$) em 2000 porque pode estar havendo um “excesso” de especialização no resto da macro-região de referência, ou seja, o Noroeste Rio-Grandense ficou menos especializado em comparação às demais mesorregiões do Sul do Brasil.

A diversificação da agricultura pode ser visualizada também nas especializações em relação ao pessoal ocupado. Além das especializações da cultura de trigo, da pecuária, da

extração de frutos, sementes oleaginosas e ceras, da extração de erva-mate e da avicultura a agricultura da mesorregião gaúcha se especializou na cultura da soja, do milho, na extração de plantas fibrosas e na horticultura e floricultura. Mas enquanto o pessoal ocupado na agricultura representava 71,15% do total em 1970, essa participação passou a 40,03% em 2000, sendo as culturas da soja, do milho e a pecuária as que mais agregavam pessoas nesse ano.

Tabela 26 - Especialização setorial da PO da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 2000

Subsetores	PO total	% na PO total	% no setor	QL
TOTAL	944.419	100,00%	-	1,00
Agricultura	378.045	40,03%	100,00%	2,08
Cultura de soja	109.588	11,60%	28,99%	7,58
Cultura de trigo	4.931	0,52%	1,30%	3,97
Cultura de milho	118.225	12,52%	31,27%	3,03
Pecuária	81.880	8,67%	21,66%	2,73
Horticultura e floricultura	11.037	1,17%	2,92%	1,36
Extração de erva-mate	385	0,04%	0,10%	1,22
Avicultura	5.501	0,58%	1,46%	1,12
Indústria	128.648	13,62%	100,00%	0,60
Extração de minerais não-metálicos	2.253	0,24%	1,75%	6,98
Indústrias do fumo	2.176	0,23%	1,69%	1,72
Extração e aparelhamento de pedras e outros materiais de construção	1.285	0,14%	1,00%	1,24
Indústrias mecânicas	7.188	0,76%	5,59%	1,17
Serviços	437.725	46,35%	100,00%	0,80
Caixas econômicas e cooperativas de crédito	348	0,04%	0,08%	3,96
Comércio de produtos agropecuários e extrativos	5.233	0,55%	1,20%	1,83
Ensino público	35.171	3,72%	8,03%	1,25
Serviços administrativos municipais	21.716	2,30%	4,96%	1,21
Atividades mal definidas	12.802	1,36%	2,92%	1,17
Organizações cívicas e políticas	579	0,06%	0,13%	1,14
Serviços de armazenagem	783	0,08%	0,18%	1,13
Polícia civil	2.351	0,25%	0,54%	1,03
Serviços domésticos remunerados	63.214	6,69%	14,44%	1,01

Fonte: Resultados da Pesquisa baseado em IBGE (2002).

Nota: As seguintes especializações foram ignoradas devido a pouca representatividade de PO: extração de frutos, sementes oleaginosas e ceras (32 PO), extração de plantas fibrosas (51 PO), faiscação e garimpagem de minerais não-metálicos (58 PO), exploração de salinas e fontes hidrominerais (122 PO), indústrias domiciliares de produtos alimentares (142 PO), atividades não compreendidas nas classes anteriores ou mal definidas (56 PO).

Esse movimento das pessoas ocupadas do campo à cidade se refletiu também em uma maior diversificação dos setores da indústria e dos serviços. No caso do setor industrial sua participação de pessoas ocupadas na mesorregião passou de 7,44% em 1970 para 13,62% em 2000. O subsetor da indústria mecânica continuou sendo uma especialização industrial ampliando o número de pessoas ocupadas de 2.123 para 7.188 e sua participação na mesorregião de 0,34% para 0,76. Além disso, a diversificação industrial dessa mesorregião se deve as especializações nos subsetores da extração de minerais não-metálicos, das indústrias do fumo, da extração e aparelhamento de pedras e outros materiais de construção, e das indústrias domiciliares de produtos alimentares.

O setor de serviços que representava 21,41% do pessoal ocupado em 1970 passou a 46,35% em 2000. As especializações das caixas econômicas e cooperativas de crédito, do comércio de produtos agropecuários e extrativos, do ensino público, dos serviços administrativos municipais, das atividades mal definidas, das organizações cívicas e políticas, dos serviços de armazenagem, da polícia civil e dos serviços domésticos remunerados foram as que se destacaram em 2000. A urbanização crescente dessa mesorregião exigiu uma oferta maior de serviços urbanos e as especializações apresentadas parecem caminhar nessa direção.

Quadro 12 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 2000

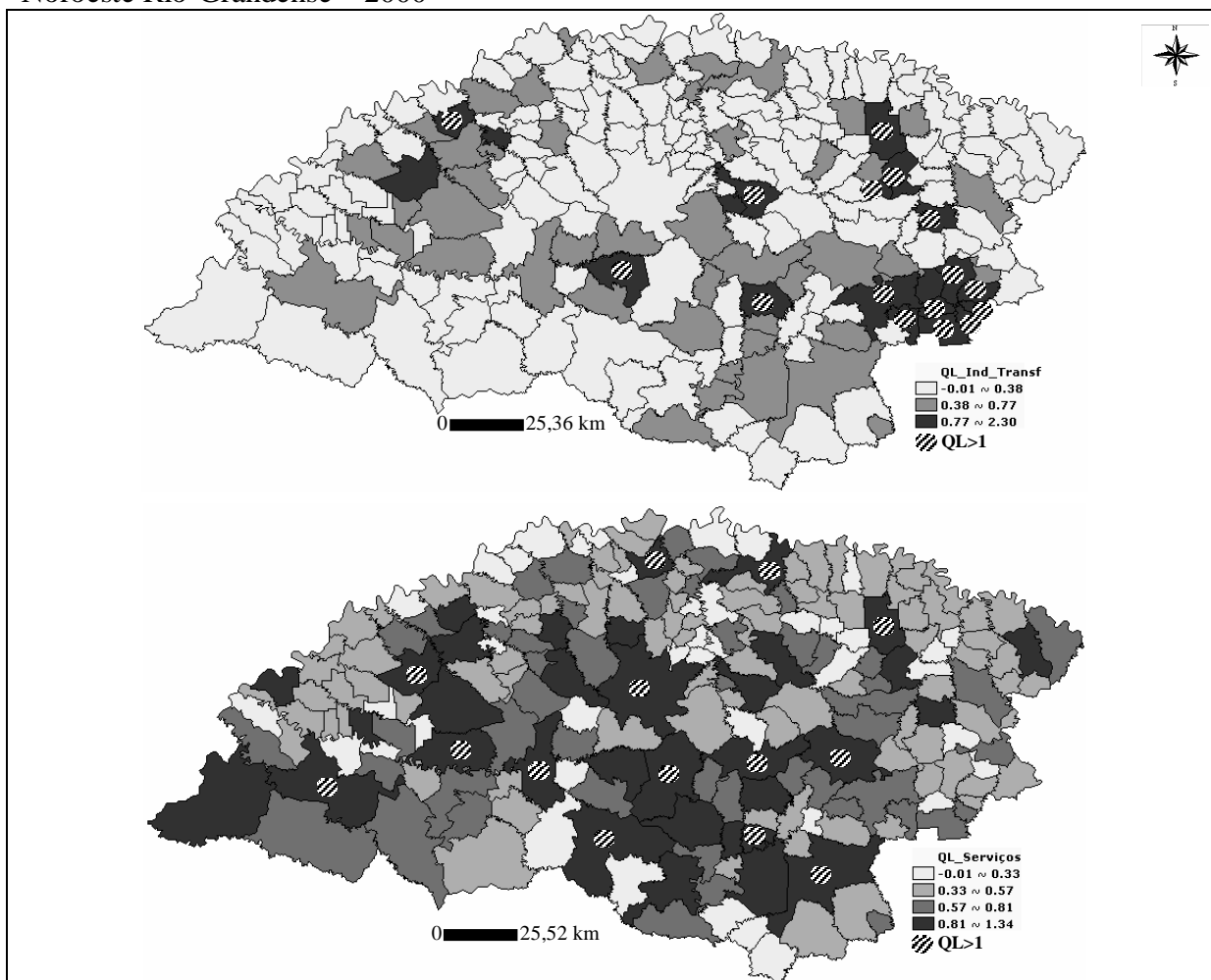
Valor da produção agropecuária		PO Setor Primário		PO Setor Secundário		PO Setor Terciário	
Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%
Palmeira das Missões	3,01	Ijuí.....	1,71	Passo Fundo	10,27	Passo Fundo	12,36
Cruz Alta	2,57	Alpestre	1,44	Erechim	9,15	Erechim	5,87
Marau.....	1,78	Santo Cristo.....	1,42	Santa Rosa.....	4,18	Santo Ângelo.....	5,34
Carazinho	1,65	Crissiumal.....	1,31	Ijuí.....	4,11	Ijuí.....	5,30
Santa Bárbara do Sul	1,53	Três Passos	1,30	Marau.....	4,05	Cruz Alta	4,69
Chapada.....	1,47	Três de Maio	1,29	Santo Ângelo.....	3,60	Santa Rosa.....	4,29
Ijuí.....	1,40	Palmeira das Missões	1,18	Panambi	3,42	Carazinho	4,01
Erechim	1,33	Santa Rosa	1,17	Carazinho	3,27	São Luiz Gonzaga.....	2,23
São Luiz Gonzaga.....	1,23	Santo Ângelo.....	1,16	Cruz Alta	2,71	Palmeira das Missões	2,21
Passo Fundo	1,22	Barros Cassal.....	1,11	Soledade	1,85	Panambi	1,87
TOTAL 10.....	17,20	TOTAL 10.....	13,08	TOTAL 10.....	46,60	TOTAL 10.....	48,16

Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2002 e 2006).

Analisando a distribuição do valor da produção agropecuária e das pessoas ocupadas entre os municípios da mesorregião gaúcha (Quadro 12) verifica-se que existe uma concentração evidente, nos setores da indústria e dos serviços, em Passo Fundo e Erechim. Esses dois municípios se consolidaram no período de 1970 a 2000 nesses dois setores. Por outro lado, não houve mudanças significativas no rol de municípios com maiores destaques nesse período. Somente Marau e Soledade, no setor secundário, e Panambi, no setor terciário, não estavam no rol dos dez municípios de maior destaque no ano de 1970. Já, a distribuição do setor primário a distribuição das pessoas ocupadas e do VBPA entre os municípios foi mais igualitária, sendo Ijuí e Palmeira das Missões exemplos de destaque, fato diretamente relacionado à maior área geográfica desses municípios.

O relatório de IPEA (2000), que analisou as *Redes urbanas regionais* do Sul do Brasil em 2000, constatou que dentre os municípios que formam a mesorregião Noroeste Rio-Grandense, Passo Fundo era o que possuía o maior nível de hierarquia (muito forte), estando em seguida, com nível de hierarquia forte o município de Ijuí, e com níveis de hierarquia médio para forte Erechim, Santo Ângelo, Carazinho, Cruz Alta e Frederico Westphalen. Esse conjunto de sete municípios constituem-se como os pólos mesorregionais.

Figura 9 - QIs municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 2000



Fonte: Resultados da Pesquisa

Nota: A lista com os nomes dos municípios está disponível no Anexo 8.

A distribuição espacial dos QIs do setor da indústria de transformação aponta para uma concentração dessa especialização em um pequeno grupo de municípios: Boa Vista do Buricá, Casca, Ciríaco, David Canabarro, Erechim, Estação, Gentil, Getúlio Vargas, Horizontina, Marau, Não-Me-Toque, Nova Boa Vista, Panambi, Santo Antônio do Palma, São Domingos do Sul, Sarandi, Tapejara, Vanini e Vila Maria são os destaques desse setor. O interessante é que a maior parte desses municípios se concentra na parte leste dessa mesorregião. Já a distribuição do setor de serviços abrange municípios em todo o território mesorregional, apontando para uma especialização forte desse setor em boa parte dos municípios. Passo Fundo, Cruz Alta, Carazinho, Santo Ângelo, Ijuí, Santa Rosa e Erechim apresentaram os maiores QIs no setor de serviços, ajudando a confirmar as informações do Quadro 12.

4.2 Mesorregião Oeste Catarinense

No caso do Oeste Catarinense nota-se uma diminuição do número de especializações da agropecuária se comparadas com 1970, conforme apresenta Tabela 27. As culturas do milho e feijão da agricultura temporária, da maçã, do pêssego e da erva-mate na agricultura permanente, e a criação de suínos e aves na pecuária, foram as especializações presentes no ano de 2000. Dentro da agropecuária o subsetor da pecuária ganhou maior destaque no período de 1970 a 2000. Esse subsetor era responsável por 41,67% do VBPA total em 1970 e passou a representar 64,45% em 2000. Por outro lado, as especializações em suínos e aves eram as que se destacavam nesse setor e participavam com 54,54% do VBPA total e com 84,61% do VBPA do subsetor da pecuária no ano de 2000. O conjunto destas atividades se consolidaram entre as especializações agropecuárias nessa mesorregião.

Tabela 27 - Especializações da agropecuária da mesorregião Oeste Catarinense – 2000

Subsetores	VBPA (R\$ mil)	% no VBPA total	% no setor	QL
TOTAL	1.523.943	100,00%	-	1,00
Agricultura temporária	432.513	28,38%	100,00%	0,50
Feijão	53.375	3,50%	12,34%	1,43
Milho	211.169	13,86%	48,82%	1,16
Agricultura permanente	109.206	7,17%	100,00%	1,45
Maçã	76.875	5,04%	70,39%	3,04
Pêssego	8.786	0,58%	8,05%	1,71
Erva-mate	5.904	0,39%	5,41%	1,41
Pecuária	982.224	64,45%	100,00%	1,69
Suíno	480.126	31,51%	48,88%	3,27
Galinhas, Galos, Frangas, Frangos e Pintos	350.905	23,03%	35,73%	1,99

Fonte: IBGE (2006).

Quando se analisa as especializações da agropecuária através do pessoal ocupado (Tabela 28) verifica-se uma melhor diversificação. Algumas atividades mantiveram e reforçaram seu destaque na agregação de pessoal, como foi o caso da avicultura e da pecuária, por exemplo. Outras que não eram especializações em 1970 passaram a serem, quais sejam: a produção de carvão vegetal, a cultura de milho, a cultura de fumo, a piscicultura e a horticultura e floricultura. A cultura do milho era a atividade que mais concentrava pessoas, no setor da agropecuária, em 2000, seguido da pecuária.

Outra característica importante é que a participação das pessoas ocupadas na agropecuária no total de pessoas ocupadas na mesorregião Oeste Catarinense diminuiu, passando de 72,49% em 1970 para 38,16%. Com isso, a participação dos setores urbanos aumentou, sendo o setor de serviços o que mais cresceu. O setor industrial concentrava 10,11% das pessoas ocupadas em 1970 e passou a concentrar 19,74% em 2000. Além de ter

aumentado sua participação, o setor industrial também se diversificou nesse período. A indústria de madeira e a indústria de papel e papelão são duas especializações que se mantiveram. Já, as indústrias de produtos alimentares e as indústrias do mobiliário foram especializações consolidadas durante o período analisado.

Tabela 28 - Especialização setorial da PO da mesorregião Oeste Catarinense – 2000

Subsetores	PO total	% na PO total	% no setor	QL
TOTAL	558.605	100,00%	-	1,00
Agricultura	213.190	38,16%	100,00%	1,98
Produção de carvão vegetal	343	0,06%	0,16%	5,63
Avicultura	13.177	2,36%	6,18%	4,52
Cultura de milho	92.649	16,59%	43,46%	4,01
Extração de erva-mate	681	0,12%	0,32%	3,64
Pecuária	42.028	7,52%	19,71%	2,37
Silvicultura	2.088	0,37%	0,98%	1,83
Outras culturas da agricultura	35.078	6,28%	16,45%	1,81
Outras culturas da pecuária	3.066	0,55%	1,44%	1,75
Extração de madeiras	1.307	0,23%	0,61%	1,74
Cultura de fumo	14.440	2,59%	6,77%	1,19
Piscicultura	203	0,04%	0,10%	1,16
Horticultura e floricultura	5.000	0,90%	2,35%	1,04
Indústria	110.280	19,74%	100,00%	0,87
Indústrias de produtos alimentares	33.135	5,93%	30,05%	2,47
Indústrias do papel e papelão	3.941	0,71%	3,57%	2,00
Indústrias de madeira	8.794	1,57%	7,97%	1,53
Indústrias do mobiliário	8.315	1,49%	7,54%	1,22
Serviços	235.135	42,09%	100,00%	0,72
Serviços auxiliares da agricultura e da pecuária	2.114	0,38%	0,90%	2,45
Outras organizações governamentais de segurança	454	0,08%	0,19%	1,86
Atividades mal definidas	7.262	1,30%	3,09%	1,12
Transportes rodoviários de cargas	13.038	2,33%	5,54%	1,08
Transportes rodoviários de passageiros	8.036	1,44%	3,42%	1,03
Polícia militar	1.590	0,28%	0,68%	1,01

Fonte: Resultados da Pesquisa baseado em IBGE (2002).

Nota: As seguintes especializações foram ignoradas devido a pouca representatividade na PO: fiação e garimpagem de minerais não-metálicos (14 PO), exploração de salinas e fontes hidrominerais (59 PO), serviços técnico-profissionais não incluídos nas classes ant. ou mal definidos (68 PO) e caixas econômicas e cooperativas de crédito (67 PO).

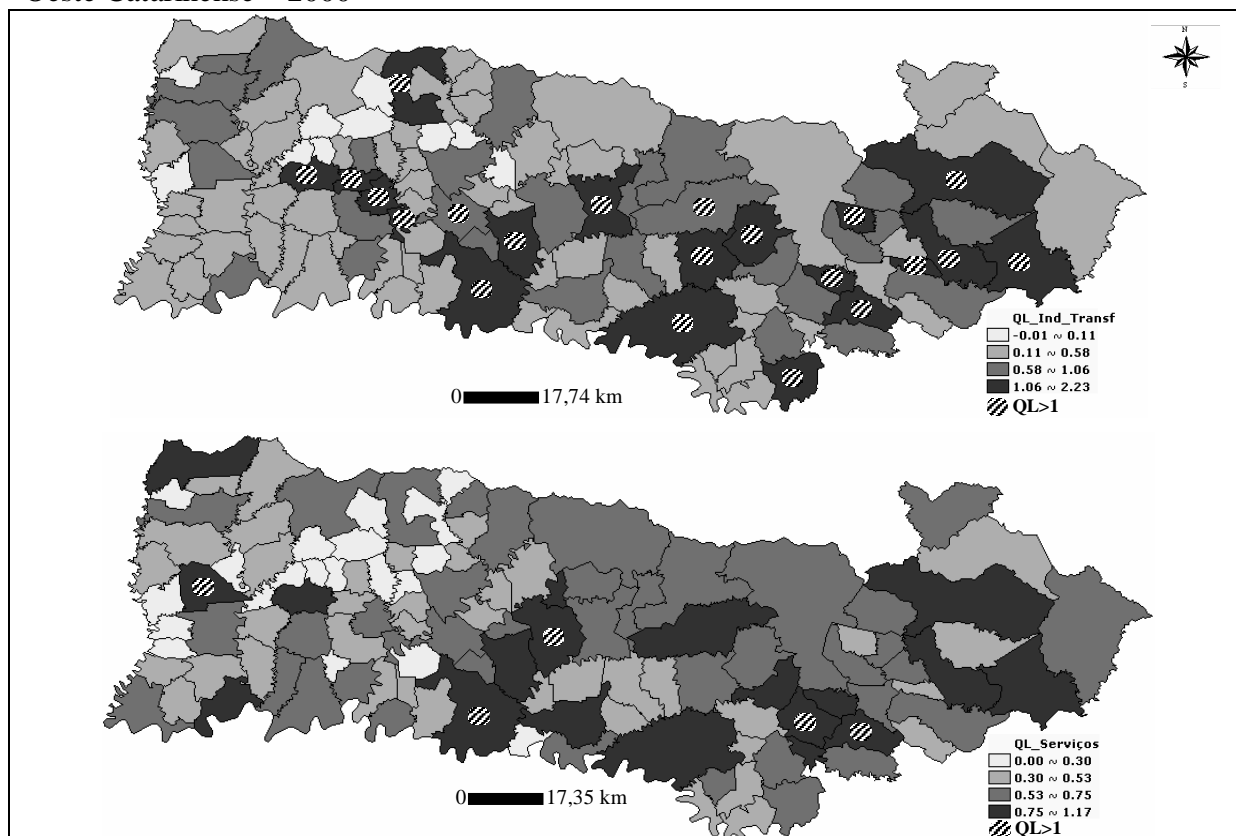
As indústrias de produtos alimentares era a especialização que mais se destacava na agregação de pessoas do setor industrial em 2000, concentrando cerca de 30,05% da mão-de-obra industrial e 5,93% do total mesorregional de pessoas ocupadas. A emergência e consolidação desse setor está associada à crescente produção de aves e suínos apresentada pela Tabela 27. A industrialização dessa produção justifica essa especialização mesorregional.

O setor de serviços dessa mesorregião que concentrava 17,39% em 1970 passou a concentrar 42,09% em 2000. As especializações desse setor, que se diversificou nesse período, estão, em boa parte, associados às agroindústrias. As especializações dos serviços auxiliares da agricultura e da pecuária e dos transportes rodoviários de cargas são dois

exemplos dos setores que se associam diretamente à agroindustrialização, mostrando a existência de uma cadeia produtiva consolidada nessa mesorregião ligada ao abate de aves e suínos.

Os municípios que se destacavam na especialização da indústria de transformação estão apresentados pela Figura 10. Capinzal, Caçador, Vargem Bonita, Salto Veloso, Videira, São Lourenço do Oeste, Pinhalzinho, Faxinal dos Guedes, Pinheiro Preto, Xaxim, Fraiburgo, Chapecó, Herval d'Oeste, Modelo, Maravilha, Concórdia, Nova Erechim, Luzerna e Irani eram os municípios, e nessa hierarquia, que estavam no grupo dos mais especializados nesse setor.

Figura 10 - QIs municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Oeste Catarinense – 2000



Fonte: Resultados da Pesquisa

Nota: A lista com os nomes dos municípios está disponível no Anexo 8.

Já, na especialização do setor de serviços os municípios, do grupo de maior especialização²², que mais se destacavam eram Joaçaba, Chapecó, Xanxerê, São Miguel do

²² Bom Jesus, Catanduvas, Lacerdópolis, Caçador, Concórdia, Videira, Ponte Serrada, Maravilha, Xaxim, Dionísio Cerqueira, Seara, Luzerna e Mondaí são os demais municípios presentes nesse grupo de maior especialização dos serviços.

Oeste e Herval d'Oeste. Esses cinco também estavam no rol de municípios que mais agregavam pessoas ocupadas no setor de serviços no ano de 2000, conforme mostra Quadro 13.

Quadro 13 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Oeste Catarinense – 2000

Valor da produção agropecuária		PO Setor Primário		PO Setor Secundário		PO Setor Terciário	
Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%
Fraiburgo	7,50	Concórdia	3,37	Chapecó	19,23	Chapecó	20,22
Concórdia	4,93	Chapecó	3,20	Caçador	7,94	Concórdia	6,86
Videira	3,86	Palmitos	2,47	Concórdia	7,67	Caçador	5,56
Chapecó	2,38	Fraiburgo	2,07	Videira	6,03	Videira	4,43
Seara	2,30	São José do Cedro	2,01	Capinzal	3,67	Xanxerê	4,43
Tangará	2,26	Guaraciaba	1,90	Xanxerê	3,16	São Miguel do Oeste	4,28
Abelardo Luz	2,09	Itapiranga	1,89	Fraiburgo	3,14	Joaçaba	3,16
Xanxerê	2,05	São Lourenço do Oeste	1,81	São Miguel do Oeste	2,92	Fraiburgo	2,58
Xaxim	2,00	Caçador	1,70	São Lourenço do Oeste	2,69	Xaxim	2,22
Palmitos	1,85	Iporã do Oeste	1,64	Xaxim	2,66	Herval d'Oeste	2,20
TOTAL 10	31,23	TOTAL 10	22,05	TOTAL 10	59,10	TOTAL 10	55,95

Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2002 e 2006).

Chapecó, Concórdia, Caçador, Videira, Xanxerê e São Miguel do Oeste eram os municípios com maior poder de polarização nessa mesorregião. Chapecó parece ser o mais forte nessa hierarquia, haja vista, que apresentou um aumento do percentual de concentração de pessoas ocupadas tanto no setor secundário como no terciário, com uma vantagem significativa em relação ao segundo colocado. Esse fato é confirmado por IPEA (2000) que afirma ser Chapecó o mais forte na hierarquia de centralidade no Oeste Catarinense, sendo que São Miguel d'Oeste e Joaçaba ficam em segundo lugar nessa hierarquia.

4.3 Mesorregião Sudoeste Paranaense

O Sudoeste Paranaense manteve, em 2000, a maioria das especializações que apresentava no ano de 1970, conforme mostra Tabela 29.

Tabela 29 - Especializações da agropecuária da mesorregião Sudoeste Paranaense – 2000

Subsetores	VBPA (R\$ mil)	% no VBPA total	% no setor	QL
TOTAL	487.611	100,00%	-	1,00
Agricultura temporária	249.445	51,16%	100,00%	0,90
Feijão	27.494	5,64%	11,02%	2,30
Milho	86.857	17,81%	34,82%	1,49
Mandioca	17.865	3,66%	7,16%	1,23
Trigo	8.352	1,71%	3,35%	1,06
Soja	89.989	18,46%	36,08%	1,04
Agricultura permanente	9.350	1,92%	100,00%	0,39
Mamão	253	0,05%	2,70%	2,08
Laranja	3.492	0,72%	37,35%	1,26
Abacate	184	0,04%	1,97%	1,13
Tangerina	1.645	0,34%	17,59%	1,07
Pecuária	228.815	46,93%	100,00%	1,23
Galinhas, Galos, Frangas, Frangos e Pintos	108.766	22,31%	47,53%	1,93
Suíno	53.040	10,88%	23,18%	1,13
Leite	32.813	6,73%	14,34%	1,03

Fonte: IBGE (2006).

As culturas do trigo e da soja apareceram como especializações fortes no ano de 2000 nessa mesorregião. Esta última, a soja, era a que apresentava o maior VBPA da agricultura temporária, seguido da cultura do milho. Na agricultura permanente, além do mamão que já era especializado em 1970, as especializações da laranja, do abacate e da tangerina foram as responsáveis pela melhor diversificação dessa categoria da agricultura no ano de 2000. Já, na pecuária, mantiveram-se as mesmas especializações do ano de 1970, ou seja, as aves, os suínos e o leite. Porém, a participação dessas atividades no VBPA mesorregional aumentou. A pecuária como um todo passou de uma participação de 35,05% no ano de 1970 para 46,93% no ano de 2000, sendo que a participação das aves na pecuária foi a que mais cresceu, de 8,66% para 47,53% no mesmo período, em detrimento da produção de suínos que diminuiu sua participação na pecuária de 58,29% para 23,18%.

Tabela 30 - Especialização setorial da PO da mesorregião Sudoeste Paranaense – 2000

Subsetores	PO total	% na PO total	% no setor	QL
TOTAL	222.621	100,00%	-	1,00
Agricultura	92.680	41,63%	100,00%	2,16
Cultura de milho	39.615	17,79%	42,74%	4,31
Cultura de soja	12.880	5,79%	13,90%	3,78
Avicultura	4.198	1,89%	4,53%	3,61
Cultura de trigo	754	0,34%	0,81%	2,58
Extração de erva-mate	151	0,07%	0,16%	2,03
Piscicultura	139	0,06%	0,15%	1,99
Pecuária	12.987	5,83%	14,01%	1,83
Outras culturas da agricultura	12.207	5,48%	13,17%	1,58
Cultura de mandioca	1.528	0,69%	1,65%	1,56
Apicultura e sericultura	293	0,13%	0,32%	1,42
Cultura de fumo	4.905	2,20%	5,29%	1,02
Indústria	34.828	15,64%	100,00%	0,69
Indústrias do vestuário	4.613	2,07%	13,25%	1,16
Indústrias de produtos alimentares	5.966	2,68%	17,13%	1,12
Indústrias de madeira	2.469	1,11%	7,09%	1,08
Serviços	95.113	42,72%	100,00%	0,73
Serviços de radio difusão e televisão	396	0,18%	0,42%	1,34
Ensino público	7.837	3,52%	8,24%	1,18
Serviços administrativos municipais	4.636	2,08%	4,87%	1,10
Comércio de produtos químicos e farmacêuticos	1.549	0,70%	1,63%	1,07
Comércio de combustíveis e lubrificantes	1.779	0,80%	1,87%	1,06
Comércio de produtos agropecuários e extrativos	704	0,32%	0,74%	1,04
Culto e atividades auxiliares	517	0,23%	0,54%	1,04

Fonte: Resultados da Pesquisa baseado em IBGE (2002).

Nota: As seguintes especializações foram ignoradas devido a pouca representatividade na PO: extração de frutos, sementes oleaginosas e ceras (4 PO), extração de minerais radioativos (5 PO), serviços comunitários e sociais não incluídos nas classes ant. (36 PO), e caixas econômicas e cooperativas de crédito (25 PO).

Quando se analisa as especializações da agropecuária levando-se em consideração a variável “pessoas ocupadas” visualiza-se uma mudança significativa nos tipos de especializações desse setor e uma diversificação evidente. Das onze especializações da agropecuária, as que mais se destacavam na participação das pessoas ocupadas foram as

culturas do milho, da soja e da pecuária, representando juntas 29,41% das pessoas ocupadas totais e 70,65% das pessoas ocupadas da agropecuária na mesorregião. As duas primeiras especializações citadas apresentaram os maiores QIs da agropecuária, mostrando uma forte especialização na agricultura temporária.

A participação do setor industrial no total de pessoas ocupadas aumentou de 5,31% em 1970 para 15,64% no ano de 2000 e se diversificou nesse período. Enquanto que em 1970 havia somente a especialização da indústria da madeira, em 2000, além dessa, as indústrias do vestuário e as indústrias de produtos alimentares formavam o rol de especializações industriais dessa mesorregião. Essas duas últimas especializações eram as mais expressivas na participação de pessoas ocupadas representando juntas 30,38% das pessoas ocupadas do setor industrial.

Da mesma forma que o setor industrial, o setor de serviços ampliou sua participação no total de pessoas ocupadas passando de 11,96% no ano de 1970 para 42,72% no ano de 2000. As especializações desse setor foram totalmente modificadas, e uma melhor diversificação também pôde ser visualizada. No ano de 2000, as especializações no ensino público, nos serviços administrativos municipais, no comércio de produtos químicos e farmacêuticos, e no comércio de combustíveis e lubrificantes eram as que mais se destacavam na participação das pessoas ocupadas, representando 16,61% das pessoas ocupadas no setor de serviços no ano de 2000.

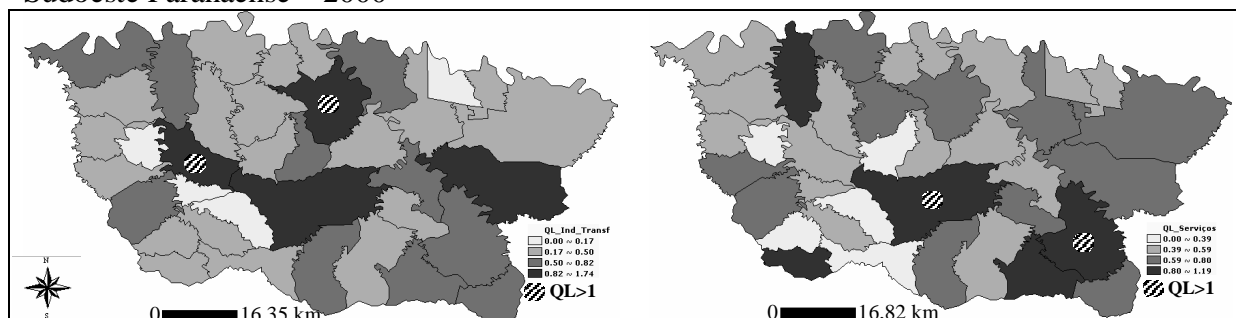
Quadro 14 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Sudoeste Paranaense – 2000

Valor da produção agropecuária		PO Setor Primário		PO Setor Secundário		PO Setor Terciário	
Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%
Francisco Beltrão	7,07	Francisco Beltrão	6,48	Francisco Beltrão	17,95	Pato Branco	19,85
Dois Vizinhos	5,48	Capanema	6,21	Pato Branco	15,46	Francisco Beltrão	19,09
Chopinzinho	5,27	Planalto	5,94	Dois Vizinhos	10,14	Dois Vizinhos	6,81
Pato Branco	4,55	Dois Vizinhos	5,47	Ampére	7,23	Coronel Vivida	4,65
Coronel Vivida	4,50	Coronel Vivida	4,87	Coronel Vivida	6,11	Chopinzinho	3,99
Renascença	4,49	Chopinzinho	4,75	Chopinzinho	3,80	Realeza	3,89
Capanema	3,94	Marmeleiro	3,81	Realeza	3,49	Santo Antônio do Sudoeste	3,56
Realeza	3,50	Santa Izabel do Oeste	3,57	Capanema	3,37	Capanema	3,33
Itapejara d'Oeste	3,36	Santo Antônio do Sudoeste	3,43	Santo Antônio do Sudoeste	3,22	Ampére	2,63
Verê	3,26	Pato Branco	3,38	Marmeleiro	2,75	Marmeleiro	2,55
TOTAL 10	45,42	TOTAL 10	47,91	TOTAL 10	73,52	TOTAL 10	70,36

Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2002 e 2006).

O grupo de municípios que mais se destacavam na agregação de pessoas ocupadas em todos os setores pouco se alterou no período de 1970 a 2000. Francisco Beltrão, Pato Branco e Dois Vizinhos se consolidaram nos destaques dos setores industrial e de serviços. Esses mesmos três municípios são apontados por IPEA (2000) como sendo os principais na hierarquia de centralidade mesorregional.

Figura 11 - QIs municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Sudoeste Paranaense – 2000



Fonte: Resultados da Pesquisa

Nota: A lista com os nomes dos municípios está disponível no Anexo 8.

A distribuição espacial da especialização da indústria de transformação para o ano 2000 apontava para Ampére, Dois Vizinhos, Francisco Beltrão e Coronel Vivida como os que tinham, nesse setor, os maiores destaques. Já para a especialização dos serviços quem se destacavam eram Pato Branco, Francisco Beltrão, Realeza, Barracão e Vitorino, sendo os dois primeiros os que apresentavam os maiores QIs, ou seja, esses dois municípios eram os mais especializados no setor de serviços.

4.4 Mesorregião Oeste Paranaense

No Oeste Paranaense houve quatro atividades da agropecuária que ampliaram sua participação no VBPA mesorregional e se consolidaram como umas das mais importantes especializações, conforme apresenta a Tabela 31.

Tabela 31 - Especializações da agropecuária da mesorregião Oeste Paranaense – 2000

Subsetores	VBPA (R\$ mil)	% no VBPA total	% no setor	QL
TOTAL	1.040.662	100,00%	-	1,00
Agricultura temporária	615.834	59,18%	100,00%	1,04
Trigo	33.667	3,24%	5,47%	2,01
Soja	355.605	34,17%	57,74%	1,92
Milho	172.377	16,56%	27,99%	1,38
Amendoim	496	0,05%	0,08%	1,30
Agricultura permanente	10.535	1,01%	100,00%	0,21
Manga	743	0,07%	7,06%	3,17
Mamão	309	0,03%	2,93%	1,19
Pecuária	414.293	39,81%	100,00%	1,05
Galinhas, Galos, Frangas, Frangos e Pintos	177.687	17,07%	42,89%	1,48
Suíno	116.324	11,18%	28,08%	1,16

Fonte: IBGE (2006).

Na agricultura permanente as culturas da soja e do milho foram os destaques em 2000. Essas duas atividades eram responsáveis por mais de 50% de todo o VBPA mesorregional e

por mais de 85% da agricultura temporária. Na pecuária continuou-se com a especialização na produção de suínos e surgiu a especialização na produção de aves. A suinocultura e a avicultura participavam com 28% do VBPA total da mesorregião e por mais de 70% da pecuária. Essas quatro especializações citadas eram responsáveis por aproximadamente 79% de todo o VBPA do Oeste Paranaense. Além dessas quatro especializações a produção de trigo, amendoim, manga e mamão completavam o rol de especializações da agropecuária, mas estas sem muito destaque no VBPA total.

Quando se analisa as especializações a partir da variável população ocupada resultados interessantes também são visualizados, conforme mostra Tabela 32. O primeiro é a mudança na participação dos macro-setores na concentração de pessoal no período de 1970 a 2000. A agricultura perdeu expressiva participação nesse período, de 78,76% para 20,25%. A indústria aumentou de 6,23% para 16,63%, mas o mais impressionante foi a ampliação do setor de serviços que passou de 15,01% em 1970 para 63,12% em 2000.

Quanto às especializações de 2000 da agricultura algumas das que mais ocupavam pessoas eram a cultura de mandioca, a cultura de soja, a avicultura e a pecuária. Essas quatro atividades concentravam cerca de 50% das pessoas da agricultura da mesorregião.

Já, as especializações da indústria alteraram-se completamente no período analisado. Em 1970 a única especialização era a da indústria da madeira. Em 2000, o setor industrial se diversificou e as novas especializações eram: produção e distribuição de energia elétrica, indústrias de produtos farmacêuticos e veterinários, limpeza pública e remoção de lixo e as indústrias de produtos alimentares. Essa última especialização era a que mais se destacava na agregação de pessoas ocupadas, representando aproximadamente 20% de todo o setor industrial.

Tabela 32 - Especialização setorial da PO da mesorregião Oeste Paranaense – 2000

Subsetores	PO total	% na PO total	% no setor	QL
TOTAL	494.741	100,00%	-	1,00
Agricultura	100.202	20,25%	100,00%	1,05
Cultura de algodão	1.329	0,27%	1,33%	6,03
Cultura de mandioca	7.429	1,50%	7,41%	3,41
Cultura de trigo	1.792	0,36%	1,79%	2,75
Piscicultura	397	0,08%	0,40%	2,55
Cultura de soja	15.600	3,15%	15,57%	2,06
Avicultura	4.678	0,95%	4,67%	1,81
Apicultura e sericicultura	649	0,13%	0,65%	1,41
Outras culturas da pecuária	2.142	0,43%	2,14%	1,38
Pecuária	21.726	4,39%	21,68%	1,38
Outras culturas da agricultura	18.001	3,64%	17,96%	1,05
Indústria	82.280	16,63%	100,00%	0,74
Produção e distribuição de energia elétrica	2.779	0,56%	3,38%	2,03
Indústrias de produtos farmacêuticos e veterinários	447	0,09%	0,54%	1,46
Limpeza pública e remoção de lixo	999	0,20%	1,21%	1,36
Indústrias de produtos alimentares	15.845	3,20%	19,26%	1,33
Serviços	312.259	63,12%	100,00%	1,09
Transportes a tração e condução animal	1.110	0,22%	0,36%	8,14
Serviços auxiliares dos transportes (exclusive rodoviário e marítimo)	2.686	0,54%	0,86%	2,61
Serviços de alojamento	4.754	0,96%	1,52%	2,51
Serviços de confecção sob medida e reparação de artigos do vestuário	3.687	0,75%	1,18%	2,17
Comércio ambulante	14.135	2,86%	4,53%	1,98
Comércio de produtos agropecuários e extrativos	2.948	0,60%	0,94%	1,96
Atividades mal definidas	9.717	1,96%	3,11%	1,69
Comércio de máquinas, aparelhos, instrumentos e material elétrico	5.523	1,12%	1,77%	1,67
Serviços de radiodifusão e televisão	960	0,19%	0,31%	1,46
Atividades não compreendidas nas classes anteriores ou mal definidas	10.297	2,08%	3,30%	1,40
Serviços de reparação de instalações elétricas, hidráulicas e de gás	1.306	0,26%	0,42%	1,39
Culto e atividades auxiliares	1.530	0,31%	0,49%	1,38
Transportes rodoviários de cargas	14.474	2,93%	4,64%	1,35
Comércio de produtos químicos e farmacêuticos	4.209	0,85%	1,35%	1,31
Estúdios de pintura, desenho, escultura e serviço de decoração	684	0,14%	0,22%	1,29
Comércio de combustíveis e lubrificantes	4.664	0,94%	1,49%	1,25
Comércio de moveis, tapeçarias, objetos de arte e ornamentação	1.596	0,32%	0,51%	1,25
Serviços administrativos municipais	11.698	2,36%	3,75%	1,24
Serviços pessoais não incluídos nas classes anteriores	823	0,17%	0,26%	1,24
Organiz. de cartões de crédito, sorteios, consórcios, e similares	168	0,03%	0,05%	1,24
Serv. de repar. e manut. de veículos (excl. trens, tratores e maq. de terraplen.)	9.418	1,90%	3,02%	1,21
Serviços domésticos remunerados	39.494	7,98%	12,65%	1,20
Serviços odontológicos	1.390	0,28%	0,45%	1,19
Serviços auxiliares da agricultura e da pecuária	903	0,18%	0,29%	1,18
Comércio de veículos e acessórios	4.532	0,92%	1,45%	1,14
Comércio de ferragens, loucas, materiais de construção e produtos metal.	5.590	1,13%	1,79%	1,11
Transportes rodoviários de passageiros	7.638	1,54%	2,45%	1,11
Comércio de tecidos, artefatos de tecido, artigos do vestuário e armarinho	7.250	1,47%	2,32%	1,09
Entidades desportivas e recreativas	1.541	0,31%	0,49%	1,09
Serviços de higiene pessoal	6.219	1,26%	1,99%	1,09
Sindicatos e associações de classe	347	0,07%	0,11%	1,05
Supermercados	3.318	0,67%	1,06%	1,04
Serv. de repar. e cons. de maq. e apar. elétricos ou não, de uso pess. ou domest.	892	0,18%	0,29%	1,03
Assistência e beneficência	2.085	0,42%	0,67%	1,03
Comércio de gêneros alimentícios, bebidas e estimulantes	15.858	3,21%	5,08%	1,02
Serviços de alimentação	15.171	3,07%	4,86%	1,01
Ensino público	14.870	3,01%	4,76%	1,01
Polícia civil	1.187	0,24%	0,38%	1,00

Fonte: Resultados da Pesquisa baseado em IBGE (2002).

Nota: As seguintes especializações foram ignoradas devido a pouca representatividade na PO: cultura de cacau (8 PO), extração de borracha e gomas elásticas (6 PO), organizações internacionais e representações estrangeiras (9 PO), comércio de títulos e moedas (68 PO), e marinha de guerra (92 PO).

O setor de serviços no Oeste Paranaense apresentou grande diversificação no período de 1970 a 2000. As especializações no comércio de produtos agropecuários e extrativos, e nos

serviço de alojamento, existentes no ano de 1970, continuaram a ser no ano de 2000. Porém, um grupo significativo de outras especializações estava presente em 2000, apontando que essa mesorregião tornou-se, nesse período, um grande centro prestador de serviços no Paraná. Muitas destas especializações estão ligadas diretamente aos serviços da indústria de produtos alimentares e farmacêuticos, bem como das especializações da agropecuária, indicando a existência de cadeias produtivas ligadas à essas atividades. Mas também é evidente a influência de Foz do Iguaçu enquanto pólo turístico, sede da Itaipu-Binacional e porta de entrada do comércio do Brasil com o Paraguai, em geral e com a Ciudad del Este em particular.

A maior parte das pessoas ocupadas nos setores industrial e de serviços estava presente nos municípios de Foz do Iguaçu, Cascavel e Toledo, tendo esses municípios ampliado o percentual de participação de 46,22% em 1970 para 62,30% no setor de serviços e de 47,35% para 54,56% no setor industrial no mesmo período. Esse destaque já caracteriza esses três municípios como os mais polarizadores do Oeste Paranaense.

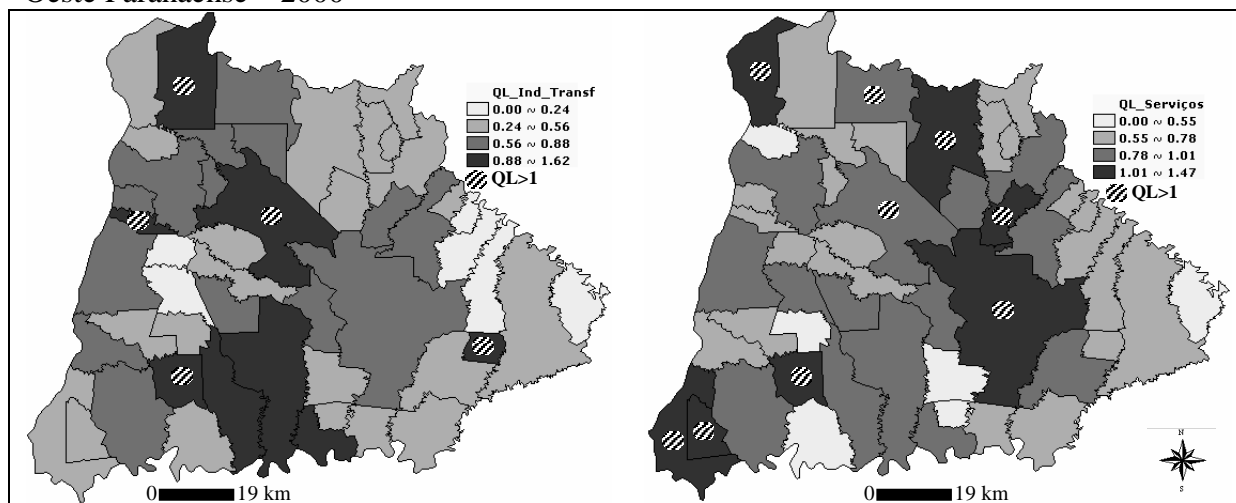
Quadro 15 - Municípios destaque no valor da produção agropecuária e na ocupação de pessoas, da mesorregião Oeste Paranaense – 2000

Valor da produção agropecuária		PO Setor Primário		PO Setor Secundário		PO Setor Terciário	
Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%	Municípios	%
Toledo.....	9,38	Cascavel.....	7,63	Cascavel	23,58	Foz do Iguaçu.....	29,04
Cascavel.....	7,51	Toledo.....	6,74	Foz do Iguaçu.....	16,81	Cascavel.....	25,13
Nova Aurora.....	5,22	Marechal Candido Rondon	6,47	Toledo.....	14,17	Toledo.....	8,13
São Miguel do Iguaçu.....	4,01	Assis Chateaubriand	3,99	Medianeira	5,31	Marechal Candido Rondon	3,56
Assis Chateaubriand	3,99	Guaraniaçu	3,90	Marechal Candido Rondon	4,79	Medianeira.....	3,36
Marechal Cândido Rondon	3,96	Santa Helena	3,13	Palotina.....	2,64	Assis Chateaubriand	2,69
Palotina.....	3,90	Jesuítas.....	3,01	Guaíra	2,35	Guaíra	2,34
Corbélia	3,17	Palotina.....	2,93	Assis Chateaubriand	2,29	Palotina.....	2,30
Cafelândia.....	3,06	Terra Roxa.....	2,80	Terra Roxa.....	2,09	Santa Terezinha de Itaipu.....	1,84
Terra Roxa.....	2,96	Três Barras do Paraná.....	2,73	São Miguel do Iguaçu.....	2,06	São Miguel do Iguaçu.....	1,67
TOTAL 10.....	47,16	TOTAL 10.....	43,33	TOTAL 10.....	76,09	TOTAL 10.....	80,07

Fonte: Resultados da pesquisa baseado em IBGE (2002 e 2006).

IPEA (2000) aponta Cascavel como o município com a hierarquia de centralidade mais forte dessa mesorregião. O fato de estar num entroncamento rodoviário das principais rodovias da região pode estar influenciando nesse destaque. Em segundo lugar, como o município mais polarizador/central, ficava Foz do Iguaçu. E num terceiro nível estavam Toledo, Medianeira, Assis Chateaubriand, Marechal Cândido Rondon, Palotina e Guaíra o que ajuda a confirmar os dados do Quadro 15.

Figura 12 - QIs municipais da indústria de transformação e dos serviços, da mesorregião Oeste Paranaense – 2000



Fonte: Resultados da Pesquisa

Nota: A lista com os nomes dos municípios está disponível no Anexo 8.

Os municípios de maior destaque na especialização do setor da indústria de transformação foram Ibema, Toledo, Terra Roxa, Medianeira, Entre Rios do Oeste, Capitão Leônidas Marques, Matelândia e Céu Azul no ano de 2000. A distribuição espacial da especialização do setor de serviços é ainda mais concentrada. Nesse setor os municípios que estavam no grupo dos mais especializados eram Foz do Iguaçu, Cascavel, Santa Terezinha de Itaipu, Cafelândia, Medianeira, Guaíra e Assis Chateaubriand.

4.5 Análise comparativa das quatro mesorregiões em análise

A análise das especializações de 2000, e fazendo um paralelo com as especializações de 1970 apresentadas no capítulo anterior, apontaram para uma diversificação evidente nos setores da indústria e de serviços em todas as mesorregiões. As especializações da agropecuária, a partir da variável VBPA, apontaram para uma consolidação das culturas temporárias e para a pecuária de aves e suínos na maioria das mesorregiões. Somente no Noroeste Rio-Grandense essas especializações da pecuária não se destacaram. Nessa mesorregião a especialização na soja e no leite foram as que se destacaram, sendo a primeira responsável por quase 40% de todo o VBPA dessa mesorregião e a que apresentava a maior participação da agricultura temporária no VBPA total, com aproximadamente 64%.

Já, no setor industrial houve mudança significativa nas especializações no período analisado, e uma melhor diversificação. Mais uma vez a mesorregião gaúcha se diferenciou

das demais em relação à especialização que mais ocupava pessoas. Diferentemente das demais mesorregiões que tinham nas indústrias de produtos alimentares o maior destaque, nessa mesorregião o destaque ficou para as indústrias mecânicas. Além disso, a quantidade de pessoas ocupadas nessas especializações era distinta. Enquanto as indústrias mecânicas do Noroeste Rio-Grandense concentrava cerca de 5,6% das pessoas ocupadas no setor industrial dessa mesorregião, as indústrias alimentares do Oeste Catarinense concentravam 30%, no Sudoeste Paranaense esse percentual era de 17% e no Oeste Paranaense de 19%. Em números absolutos as especializações das mesorregiões Oeste Catarinense e Oeste Paranaense também se sobressaíam em relação à mesorregião gaúcha.

O setor de serviços apresentou a maior diversificação. Todas as mesorregiões apresentaram novas especializações em 2000. O deslocamento de grande parte da população do campo às cidades fez com que os serviços urbanos se diversificassem nesse período, e as novas especializações refletem essa tendência, bem como pelas especializações dos setores industrial e de serviços. Nesse comportamento, os municípios que concentravam a maior parte das pessoas ocupadas desses dois setores, em 1970, se consolidaram e ampliaram sua participação mesorregional. Com isso, os pólos regionais não sofreram muitas mudanças hierárquicas nesse lapso de tempo.

Assim, diante dessas constatações, faz-se necessário confirmar os setores de maiores dinamismos em cada uma das mesorregiões. Os resultados do método diferencial-estrutural, que serão apresentados no próximo capítulo, ajudarão nessa análise e proporcionarão, comparando-se com os resultados até agora apresentados, uma melhor comparação entre as diferenças de desempenho das quatro mesorregiões em estudo.

5 DETERMINANTES DO DINAMISMO DIFERENCIADO

Este capítulo apresenta os resultados do método estrutural-diferencial, ou *shift and share*, que trará detalhes sobre o dinamismo setorial das mesorregiões em análise. Com isso, e comparando com os resultados dos três capítulos anteriores, pretende-se hierarquizar os setores responsáveis pela diferença de desempenho desses territórios.

Para facilitar a visualização das diferenças e semelhanças de desempenho, os resultados serão agregados pelos macro-setores, iniciando pelo dinamismo do setor agropecuário, passando pelo setor industrial e finalizando pelo setor de serviços. Ainda, para finalizar este capítulo, será apresentada uma breve descrição sobre o comportamento populacional dos municípios que formam as mesorregiões em estudo.

5.1 Dinamismos do setor agropecuário entre 1970 e 1996

O setor agropecuário das mesorregiões em análise, e de todo o Sul do Brasil, passou por grandes transformações estruturais e técnicas após 1970. Uma síntese desse processo é apresentada por Moreira (2004). Na interpretação do autor os planos de desenvolvimento do Governo Federal, os famosos I e II PND, tiveram grande influência – se não a principal – nas transformações do campo. O I PND, em 1972, introduziu a vertente da modernização tecnológica, e o II PND, entre 1975 e 1979, criou e consolidou um setor industrial para a agricultura, isto é, um setor produtor e fornecedor ao campo de produtos industriais – de máquinas e equipamentos, fertilizantes e produtos agrícolas – e com implementação de uma rede de transportes, comunicações e distribuição de energia elétrica, integrou a agricultura à indústria dando origem a agroindústria moderna existente do Brasil contemporâneo.

Nas décadas de 1980 e 1990 houve continuidade nesse processo de tecnificação do complexo agroindustrial brasileiro, promovendo a autonomização das diferentes fases do processo agroindustrial como ramos especializados. O desenvolvimento do setor agroindustrial se deu a partir de efeitos de encadeamentos entre a agricultura, a indústria e o setor de serviços: a agropecuária relacionando-se à montante com as indústrias de produtos agrícolas e à jusante com as indústrias de transformação, tendo estas também demandado serviços diversos, influenciando no desenvolvimento do setor terciário. Porém, o processo de tecnificação do campo foi amplamente poupador de mão-de-obra, principalmente nos cultivos

de grãos que foram substituídos por tratores e equipamentos em geral.

Alves, Paiva e Ferrera de Lima (2007), apontam a partir de dados dos Censos Agropecuários, que o aumento no número de tratores nessas mesorregiões dá idéia da “dimensão” da tecnificação do campo: o Noroeste Gaúcho apresentou o menor crescimento, de 293,25% entre 1970 a 2000, mas essa mesorregião já contava com um efetivo de tratores bem superior às demais mesorregiões no ano de 1970; no Oeste Catarinense o crescimento foi de 1.697,64%; no Oeste Paranaense de 1.232,46% e no Sudoeste Paranaense de 2.325,53% no mesmo período.

Outra consequência de todo esse processo de “modernização” do campo foi a redução do número de pequenos estabelecimentos rurais no período de 1970 a 1996 na maioria das mesorregiões em análise, conforme apresenta Tabela 33.

Tabela 33 - Número e área dos estabelecimentos rurais, por grupo de área total, por mesorregião – 1996

Mesorregiões	Estabelecimentos		menos de 5 Ha		5 a menos de 10 Ha		10 a menos de 20 Ha		20 a menos de 50 Ha		50 a menos de 100 Ha		100 Ha e mais	
	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)	Estab.	Área (Ha)
<i>Valor Absoluto em 1996</i>														
Noroeste-RS	191.063	5.545.864	30.449	80.224	39.320	276.815	59.767	824.075	43.780	1.279.654	10.040	667.571	7.707	2.417.526
Oeste-SC	88.265	2.163.881	11.578	33.467	18.051	133.080	32.229	449.646	20.977	612.030	3.482	230.966	1.948	704.691
Sudoeste-PR	47.212	1.031.602	9.579	30.233	11.079	85.109	13.547	194.727	9.665	289.460	2.171	149.209	1.171	282.864
Oeste-PR	56.735	1.818.237	12.046	37.257	11.401	87.381	14.262	202.326	12.409	381.081	3.647	252.732	2.970	857.460
<i>Part. % no total da mesorregião em 1996</i>														
Noroeste-RS	100,00	100,00	15,94	1,45	20,58	4,99	31,28	14,86	22,91	23,07	5,25	12,04	4,03	43,59
Oeste-SC	100,00	100,00	13,12	1,55	20,45	6,15	36,51	20,78	23,77	28,28	3,94	10,67	2,21	32,57
Sudoeste-PR	100,00	100,00	20,29	2,93	23,47	8,25	28,69	18,88	20,47	28,06	4,60	14,46	2,48	27,42
Oeste-PR	100,00	100,00	21,23	2,05	20,10	4,81	25,14	11,13	21,87	20,96	6,43	13,90	5,23	47,16
<i>Diferença % em relação a 1970</i>														
Noroeste-RS	-13,79	-3,38	-22,83	-22,21	-4,71	-1,53	-13,34	-11,49	-21,81	-19,25	6,16	8,25	18,94	8,74
Oeste-SC	7,39	1,62	-6,77	-15,60	32,75	34,48	29,01	29,64	-17,61	-18,77	-14,13	-14,34	16,23	13,51
Sudoeste-PR	-6,42	1,25	-3,63	-12,46	7,72	8,14	-6,57	-6,23	-24,34	-23,96	-3,55	-1,81	67,05	71,06
Oeste-PR	-31,29	12,46	-44,11	-50,47	-43,90	-42,13	-32,50	-30,33	-20,62	-16,28	44,44	45,50	111,69	81,96

Fonte: IBGE (2006).

Comparando a Tabela 33 com a Tabela 6, verifica-se que houve uma redução do número de estabelecimentos totais em quase todas as mesorregiões: no Noroeste Rio-Grandense essa redução foi de -13,79%, no Sudoeste Paranaense de -6,42% e no Oeste desse mesmo Estado de -31,29%. Porém, apesar da diminuição dos estabelecimentos houve aumento da área total, com exceção da mesorregião gaúcha que apresentou diminuição nos estabelecimentos e na área totais. Esse aumento de área pode estar diretamente relacionado ao fato dessas mesorregiões ainda possuírem, em 1970, áreas a serem agregadas ao processo produtivo, enquanto as terras agricultáveis da mesorregião gaúcha encontravam-se totalmente

ocupadas e exploradas. Ao mesmo tempo, este binômio – aumento da área/diminuição do número de propriedades – já expressa a tendência à elevação da área média e, por extensão, da concentração fundiária nas mesorregiões. Porém, há uma exceção notável: o Oeste Catarinense apresentou crescimento do número de estabelecimentos totais, na ordem de 7,39% entre 1970 e 2000. O mais interessante é que esse aumento foi maior entre os estabelecimentos de pequeno e médio porte, de 5 a 20 ha, crescendo em média 30% o número de estabelecimentos e de área.

Ao contrário da mesorregião Oeste Catarinense, as demais três mesorregiões apresentaram a maior parcela da redução de área e de estabelecimentos totais nos grupos de menores áreas. Os estabelecimentos de maiores áreas foram os que mais cresceram nessas mesorregiões, com ressalva do Sudoeste Paranaense que também apresentou crescimento de 7,72% no número de estabelecimentos e de 8,14% de área no grupo entre 5 a menos de 10 ha.

Acredita-se que estas variações no tamanho e número dos estabelecimentos estejam relacionadas às atividades que cada mesorregião se especializou nesse período. O Quadro 16 mostra quais foram as atividades que ganharam expressão relativa (medida em pontos percentuais) no valor da produção entre 1970 e 1996.

Quadro 16 - Participação dos principais produtos da agropecuária sobre o total do valor da produção agropecuária, por mesorregião – 1970 e 1996

Noroeste-RS		Oeste-SC		Sudoeste-PR		Oeste-PR	
1970	1996	1970	1996	1970	1996	1970	1996
Prod. %	Prod. %	Prod. %	Prod. %	Prod. %	Prod. %	Prod. %	Prod. %
Trigo29,26	Soja 38,30	Suíno24,98	Suíno31,51	Milho 23,53	Aves22,31	Milho28,15	Soja34,17
Soja21,45	Milho 11,68	Milho24,92	Aves23,03	Suíno20,02	Soja18,46	Suíno20,47	Aves17,07
Milho12,00	Leite 9,83	Mandioca .. 9,35	Milho13,86	Feijão12,38	Milho17,81	Soja10,99	Milho16,56
Suíno11,41	Suíno 9,44	Leite 8,48	Leite 6,38	Mandioca. 9,97	Suíno10,88	Feijão 9,14	Suíno11,18
Mandioca... 6,84	Aves 7,33	Feijão 6,17	Maçã 5,04	Leite 7,71	Bovino 7,01	Mandioca. 7,06	Leite 6,19
Leite 4,62	Bovino 6,40	Trigo 5,91	Soja 3,68	Trigo 6,26	Leite 6,73	Leite 5,21	Bovino.... 5,37
Bovino 4,25	Mandioca... 5,77	Aves 4,08	Fumo 3,55	Soja 6,02	Feijão 5,64	Arroz 3,92	Trigo 3,24
Feijão 2,11	Trigo 2,79	Bovino 3,34	Bovino..... 3,54	Bovino 3,64	Mandioca. 3,66	Bovino 3,54	Mandioca ..2,80
Aves 1,71	Fumo 2,05	Soja 3,04	Feijão 3,50	Aves 2,97	Fumo 1,75	Trigo 3,45	Feijão 0,71
Ovos 1,43	Feijão 1,40	Uva 1,73	Mandioca.. 2,15	Arroz 2,24	Trigo 1,71	Aves 2,71	Fumo 0,68
SOMA95,08	SOMA94,99	SOMA91,99	SOMA96,23	SOMA94,73	SOMA95,96	SOMA94,64	SOMA97,97

Fonte: IBGE (2006, 1974a, 1974b, 1974c).

Nota: O valor da produção agropecuária analisado não inclui a silvicultura e a extração vegetal.

Ora, no período de 1970 a 1996 a cultura da soja foi a que mais ganhou destaque nas mesorregiões Noroeste Rio-Grandense (de 21,45% para 38,30%) e Oeste Paranaense (de 10,99% para 34,17%). Conforme mostra o Anexo 12, enquanto na mesorregião gaúcha o crescimento de área utilizado pela cultura da soja foi de 46,65% no Oeste do Paraná foi de 324,50%, fato também relacionado à existência de áreas a serem exploradas nessa mesorregião em 1970. Em segundo lugar, com maior crescimento relativo, ficou a avicultura nessas duas mesorregiões.

Já, no Oeste Catarinense e Sudoeste Paranaense quem mais ganhou destaque foi a avicultura. Na mesorregião catarinense essa atividade passou de uma representação de 4,08% em 1970 para 23,03% em 1996, sendo que a suinocultura continuou sendo a atividade de maior destaque nessa mesorregião em 1996 com 31,51%. Na mesorregião paranaense a avicultura passou de 2,97% para 22,31% no mesmo período.

Será a cultura da soja mais “excludente” do que a suinocultura e a avicultura? Os indícios são de que essas duas últimas atividades são mais intensivas em mão-de-obra e menos intensivas em território, deprimindo relativamente às tendências à concentração da propriedade e ao êxodo rural. Diferentemente, as culturas de grãos, ao exigirem uma maior relação capital/trabalho e terra/trabalho, dificultam a permanência do pequeno agricultor no meio rural.

Informações adicionais sobre a produtividade dessas atividades, no Anexo 12, reforçam esses indícios. Infelizmente os censos agropecuários não disponibilizam as áreas utilizadas nas atividades de aves e suínos, logo se torna difícil comparar a média de mão-de-obra por área com as culturas de grãos. Porém, normalmente, a cultura de milho é complementar (“casada”) com as atividades de suínos e aves. Por exemplo, o Oeste Catarinense, mesorregião mais especializada nessas duas atividades (aves e suínos) tinha, em 2000, cerca de 92.649 pessoas ocupadas na cultura do milho e somente 2.030 na cultura da soja, o que reforça ainda mais essa hipótese. Assim, as informações sobre o número médio de pessoas por área de milho e soja trás indícios relevantes: no ano de 1996, por exemplo, tinha-se 0,18 pessoas ocupadas por hectare na cultura do milho contra 0,019 na cultura da soja, no Oeste Catarinense. Dessa forma, uma única pessoa era responsável, em média, por 5,49 hectares de milho e por 53,05 ha de soja, respectivamente, na mesorregião catarinense. No Sudoeste Paranaense, também especializada nas aves e suínos, essa média de pessoas ocupadas era de 0,17 na cultura de milho e de 0,076 na cultura da soja, logo uma pessoa poderia ser responsável por 5,98 hectares de milho e 13,14 de soja, respectivamente, nessa mesorregião, ou seja, a cultura do milho é mais intensiva em mão-de-obra do que a cultura de soja. Nas outras duas mesorregiões essa característica se mantém.

Outra característica que merece destaque no Quadro 16 é a diminuição da participação da cultura do trigo no VBPA das mesorregiões. No Noroeste Rio-Grandense essa cultura passou de 29,26% para 2,79% no período de análise. Parte da redução dessa participação pode ser atribuída às mudanças na política de subsídios do governo federal, aliado a

competitividade crescente da produção do Prata, integrado no Mercosul, nesse período.²³

Para além da diferença no número de estabelecimentos rurais e na mudança hierárquica das atividades de maior destaque no período de 1970 a 2000, é interessante analisar o dinamismo relativo das principais atividades agropecuárias das mesorregiões em análise. Para tanto, vamos adotar o método estrutural-diferencial, que conforme detalhado na seção 1.4, divide a variação na produção (ou no produto, ou no emprego, etc.) de uma determinada atividade em três componentes:

- O componente nacional ou macro-regional, que mostra quanto teria variado a produção no setor “x” se o mesmo tivesse crescido à taxa média do macro-setor de referência na macro-região de referência.

- O componente setorial ou proporcional, que é a diferença entre a taxa de variação de cada setor na macro-região de referência e a variação média na mesma macro-região, multiplicada pela produção (ou seu índice) em cada setor na mesorregião sob análise no início do período. O somatório das variações ou componentes setoriais é um indicador do impacto da estrutura produtiva inicial da mesorregião sob análise sobre o desempenho da economia: se o somatório dos componentes setoriais for negativo, a estrutura inicial foi perversa, e vice-versa.

- O componente diferencial ou regional, que informa a diferença entre a variação efetiva de cada setor em cada mesorregião e a variação que a região teria obtido se o setor tivesse apresentado na mesorregião o mesmo desempenho que apresentou na macro-região de referência. Assim, ela nos informa se a mesorregião cresceu mais (ou menos) do que a macro-região de referência em cada setor, indicando se a mesorregião tem vantagens (ou desvantagens) competitivas (ou diferenciais) em cada setor. A soma dos componentes diferenciais setoriais nos informa se a mesorregião apresentou uma performance superior ou inferior à macro-região de referência nos distintos macro-setores (agricultura, indústria e serviços).

Neste contexto, a Tabela 34 apresenta os resultados da aplicação do método estrutural-diferencial para o macro-setor da agropecuária na mesorregião Noroeste Rio-Grandense. O

²³ Detalhes sobre o dinamismo da cultura do trigo na mesorregião Noroeste Rio-Grandense são encontrados em Trennepohl, Alves e Flores (2007).

primeiro a se observar nessa tabela é que essa mesorregião apresentou **diminuição** do seu VBPA total no período de 1970 a 1996, na ordem de 1,35%; um desempenho bem diferente do Sul do Brasil cuja agropecuária cresceu 37,74% no mesmo período em termos de valor bruto da produção.

Tabela 34 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a agropecuária, da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 1970/1996

Atividades	VBPA 1970 (R\$ mil)	Componente "nacional"	Componente setorial	Componente diferencial	VBPA 1996 (R\$ mil)	Variação total absoluta	Variação % no Sul do Brasil	Variação % da mesorregião
Arroz	14.169	5.348	-943	-9.919	8.655	-5.514	31,09	-38,92
Aves	36.848	13.908	158.055	-55.900	152.911	116.063	466,68	314,98
Bovino	91.375	34.489	-7.380	14.880	133.364	41.989	29,67	45,95
Feijão	45.449	17.154	-36.649	3.244	29.198	-16.251	-42,89	-35,76
Fumo	14.602	5.511	21.599	954	42.667	28.065	185,66	192,20
Leite	99.470	37.544	1.698	66.214	204.926	105.456	39,45	106,02
Maçã	402	152	30.618	-27.958	3.214	2.812	7.654,23	699,50
Mandioca	147.100	55.522	-86.404	4.129	120.347	-26.753	-20,99	-18,19
Milho	258.017	97.386	-55.076	-56.867	243.460	-14.557	16,40	-5,64
Soja	461.317	174.120	795.280	-631.982	798.735	337.418	210,14	73,14
Suíno	245.319	92.593	-26.295	-114.683	196.935	-48.384	27,03	-19,72
Trigo	629.351	237.543	-751.006	-57.683	58.205	-571.146	-81,59	-90,75
Uva	11.934	4.504	-6.044	-3.104	7.291	-4.643	-12,90	-38,91
Outras	58.545	22.097	-20.839	25.557	85.361	26.816	2,15	45,80
TOTAL	2.113.898	797.872	16.615	-843.116	2.085.269	-28.629	37,74	-1,35

Fonte: Resultados da pesquisa a partir de IBGE (2006).

O desempenho negativo dessa mesorregião revela que a diminuição da área total dos estabelecimentos agropecuários, identificada na Tabela 33, não foi compensada, nem por um expressivo aumento de produtividade física, nem pela conversão da produção regional para setores e produtos que tivessem ganhos em termos de preços relativos. Desta forma, a diminuição significativa no VBPA de alguns produtos – como o trigo de -90,75%, do arroz de -38,92%, da uva de -38,91% e do feijão com -35,76% – não foi compensada pelo aumento do VBPA de outras atividades, como o fumo, o leite, aves, soja, bovino, maçã e “outras”.

De uma forma geral, contudo, o que chama a atenção é o expressivo saldo negativo da componente diferencial na mesorregião, que contrasta com o saldo positivo (ainda que modesto) da componente setorial. Isto significa que a estrutura de produção em 1970 **não** comprometeu o crescimento da agropecuária regional: ela já se encontrava especializada em setores que apresentaram um desempenho acima da média da agropecuária da região Sul. Como conseqüência, seu mau desempenho efetivo deve ser creditado ao fato de sua competitividade, nos mais diversos setores, ser inferior à média da macro-região de referência. É o que vai se manifestar num componente diferencial negativo de elevado valor absoluto.

Vale observar ainda que a mesorregião Noroeste Rio-Grandense vai acompanhar a dinâmica geral da região Sul, diminuindo a produção de alguns produtos, como trigo, uva, feijão e mandioca, e ampliando de forma expressiva sua produção de aves, maçã, fumo, soja e leite, atividades que apresentaram um dinamismo “nacional” (vale dizer: no conjunto da região Sul) acima da média. Não obstante, nem a estrutura original favorável, nem o esforço de reconversão produtiva, conseguiram determinar uma ampliação do VBPA regional. O que vai se traduzir no já referido componente diferencial agregado negativo, traduzindo o fato de que o crescimento do VBPA nos setores em que a mesorregião se especializou ao longo do período foi, com raras exceções (em especial, fumo e leite), inferior à taxa de crescimento dos mesmos setores para região Sul como um todo. Em particular, chama a atenção a componente diferencial negativa da produção de aves (-55.900), soja (-631.982) e suínos (-114.683), revelando que, mesmo em setores que a mesorregião era relativamente especializada em 1970, e que apresentaram taxa de expansão expressiva na macro-região de referência no período (tal como se pode ver na dimensão positiva do componente diferencial), a mesorregião apresentou uma dinâmica de crescimento inferior à média “nacional”. Vale dizer: a despeito das elevadas taxas de crescimento destas atividades na mesorregião, sua performance foi inferior à performance da macro-região de referência, indicando que a mesorregião não apresentou vantagens competitivas relativas nestes setores.

Ao lado disto, vale a pena salientar que a mesorregião apresentou componentes diferencial e setorial positivos em dois produtos – leite e fumo – cuja taxa de crescimento na mesorregião foi superior à taxa de crescimento do VBPA global da mesma. Contudo, a despeito das expressivas taxas de crescimento destes produtos na mesorregião (106,02% e 192,20% respectivamente, frente a uma taxa “nacional” de crescimento de 39,45% para o leite e 185,66% para o fumo), a performance foi insuficiente para garantir qualquer crescimento do VBPA da mesorregião. **Em suma: a região partiu de uma base produtiva que lhe era favorável e ainda procurou se reconverter, mas não conseguiu privilegiar efetivamente aqueles setores em que apresentava maior capacidade competitiva (leite e fumo).** Pelo contrário, aprofundou sua especialização na soja (atividade agropecuária que apresenta uma relação capital/trabalho relativamente elevada) enquanto diminuía em termos absolutos sua produção de suínos e milho (atividades casadas e intensivas em mão-de-obra), enquanto apresentava um crescimento em avicultura e fruticultura (em especial na maçã) abaixo da média da macro-região de referência.

Quanto ao dinamismo das atividades agropecuárias do Oeste Catarinense este está

apresentado na Tabela 35.

Tabela 35 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a agropecuária, da mesorregião Oeste Catarinense – 1970/1996

Atividades	VBPA 1970 (R\$ mil)	Componente "nacional"	Componente setorial	Componente diferencial	VBPA 1996 (R\$ mil)	Variação total absoluta	Variação % no Sul do Brasil	Variação % da mesorregião
Arroz	8.827	3.332	-588	-8.644	2.927	-5.900	31,09	-66,84
Aves	26.436	9.978	113.393	201.098	350.905	324.469	466,68	1.227,39
Bovino	21.649	8.171	-1.748	25.890	53.962	32.312	29,67	149,25
Feijão	39.953	15.080	-32.218	30.559	53.375	13.422	-42,89	33,59
Fumo	8.619	3.253	12.749	29.437	54.059	45.440	185,66	527,21
Leite	54.920	20.729	937	20.645	97.231	42.312	39,45	77,04
Maçã	255	96	19.436	57.087	76.875	76.619	7.654,23	30.025,45
Mandioca	60.593	22.870	-35.591	-15.093	32.779	-27.814	-20,99	-45,90
Milho	161.452	60.939	-34.464	23.242	211.169	49.717	16,40	30,79
Soja	19.703	7.437	33.967	-5.039	56.068	36.365	210,14	184,56
Suíno	161.813	61.075	-17.344	274.583	480.126	318.313	27,03	196,72
Trigo	38.277	14.447	-45.676	-1.886	5.163	-33.114	-81,59	-86,51
Uva	11.214	4.233	-5.679	-2.163	7.604	-3.610	-12,90	-32,19
Outras	21.773	8.218	-7.750	19.460	41.701	19.928	2,15	91,53
TOTAL	635.484	239.858	-576	649.176	1.523.943	888.459	37,74	139,81

Fonte: Resultados da pesquisa a partir de IBGE (2006).

O VBPA total do Oeste Catarinense cresceu 139,81% no período de 1970 a 1996. Com exceção do arroz, as atividades dessa mesorregião que apresentaram diminuição em seus VBPA foram as mesmas que apresentaram decréscimo na macro-região de referência, como, por exemplo, a mandioca, o trigo e a uva. As demais atividades apresentaram crescimento e em algumas esse comportamento foi significativo, como foi o caso das aves com 1.227,39% (que passou a ocupar o segundo maior VBPA mesorregional de 1996), a maçã com 30.025,45% e o fumo com 527,21%. A suinocultura dessa mesorregião, se comparada as outras três mesorregiões, foi a única a apresentar crescimento superior a taxa de crescimento da suinocultura do Sul do Brasil, 196,72% contra 27,03%, respectivamente. Com isso, essa atividade consolidou-se como o maior VBPA, seguido das aves e do milho, atividades que formam a base das principais cadeias produtivas dessa mesorregião.

Diferentemente do Noroeste Rio-Grandense, o Oeste Catarinense apresentou componente diferencial total positivo, apontando para vantagens competitivas específicas que deram a essa mesorregião um dinamismo superior se comparado com a mesorregião gaúcha e à macro-região de referência (o Sul do Brasil). Ao lado disso, o valor da variação total absoluta não deixa de surpreender, ainda mais quando comparado com o saldo negativo apresentado pela mesorregião gaúcha.

O saldo do componente setorial dessa mesorregião – mesmo que pequeno – foi

negativo, indicando que a mesorregião não foi beneficiada por sua estrutura produtiva inicial. O valor positivo da componente setorial da avicultura foi mais do que compensado pelos valores negativos do trigo, da mandioca, do milho e do feijão. O que prevaleceu nessa mesorregião foi o expressivo número de atividades com o componente diferencial positivo. As atividades com maiores vantagens competitivas foram os suínos e as aves. A taxa de crescimento do VBPA dessas duas atividades foi muito superior à taxa de crescimento desses mesmos setores no Sul do Brasil, de 1.227,39% e 196,72% das aves e suínos, respectivamente, nessa mesorregião, em contraste com os 466,68% e 27,03% apresentados, respectivamente, nos mesmos setores, no Sul do Brasil.

Analisando a variação total absoluta das atividades do Oeste Catarinense verifica-se que essa mesorregião apresentou desempenhos positivos em dez das quatorze atividades analisadas. Os principais destaques foram a avicultura, suinocultura, maçã, milho, fumo e leite. A quase totalidade dessas atividades (a exceção é o milho, um grão que **pode** ser produzido em larga escala, mas, normalmente, é produzido em consórcio com aves e suínos, em pequenas propriedades) é intensiva em mão-de-obra, adequadas, portanto, a estabelecimentos de pequeno e médio portes, o que ajuda a explicar o aumento do total de estabelecimentos dessa mesorregião no período de 1970 a 1996.

Tabela 36 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a agropecuária, da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970/1996

Atividades	VBPA 1970 (R\$ mil)	Componente "nacional"	Componente setorial	Componente diferencial	VBPA 1996 (R\$ mil)	Variação total absoluta	Variação % no Sul do Brasil	Variação % da mesorregião
Arroz	6.370	2.404	-424	-6.981	1.370	-5.000	31,09	-78,49
Aves	8.456	3.192	36.271	60.848	108.766	100.311	466,68	1.186,27
Bovino	10.346	3.905	-836	20.780	34.195	23.849	29,67	230,52
Feijão	35.189	13.282	-28.376	7.399	27.494	-7.695	-42,89	-21,87
Fumo	1.632	616	2.414	3.885	8.548	6.915	185,66	423,70
Leite	21.933	8.278	374	2.228	32.813	10.881	39,45	49,61
Maçã	17	6	1.283	-1.290	16	-1	7.654,23	-7,18
Mandioca	28.338	10.696	-16.645	-4.524	17.865	-10.473	-20,99	-36,96
Milho	66.904	25.252	-14.281	8.981	86.857	19.952	16,40	29,82
Soja	17.106	6.457	29.490	36.936	89.989	72.883	210,14	426,06
Suíno	56.925	21.486	-6.101	-19.269	53.040	-3.885	27,03	-6,82
Trigo	17.813	6.724	-21.257	5.072	8.352	-9.462	-81,59	-53,12
Uva	896	338	-454	846	1.627	730	-12,90	81,49
Outras	6.698	2.528	-2.384	9.837	16.679	9.981	2,15	149,00
TOTAL	278.625	105.164	-20.927	124.748	487.611	208.986	37,74	75,01

Fonte: Resultados da pesquisa a partir de IBGE (2006).

O crescimento percentual do VBPA total do Sudoeste Paranaense foi de 75,01% no período analisado, performance superior aos -1,35% de crescimento da mesorregião gaúcha, e inferior aos 139,81% do Oeste Catarinense, porém ainda superior ao Sul do Brasil (37,74%).

Um maior número de atividades, se comparado com o Oeste Catarinense, apresentou diminuição do VBPA, quais sejam: arroz, feijão, maçã, mandioca, suíno e o trigo. Destas os suínos era a atividade que tinha maior participação no VBPA de 1996 ficando na quarta colocação. As atividades com maior crescimento foram as aves com 1.186,27%, a soja com 426,06% e o fumo com 423,70%. As aves e a soja foram as que mais ganharam posições na hierarquia do VBPA mesorregional sendo as primeiras colocadas em 1996.

O saldo negativo do componente setorial indica que essa mesorregião, assim como o Oeste Catarinense, não se beneficiou de sua estrutura produtiva original. Seu crescimento no período não foi fruto da acumulação passada, mas de um esforço de reconversão em direção aos segmentos produtivos em que apresentava vantagens competitivas. As atividades do trigo, o feijão e a mandioca apresentaram as menores variações absolutas (todas negativas), acompanhando o desempenho negativo apresentado por essas mesmas atividades no Sul do Brasil. Da mesma forma, todas as principais especializações de 1970 (suínos, milho e feijão) apresentaram diminuição do seu VBPA.

Assim, o que prevaleceu nessa mesorregião foi sua vantagem competitiva endógena, ou seja, o componente diferencial. O desempenho positivo, principalmente, da avicultura e da soja (desempenho muito superior ao do Sul do Brasil nessas atividades) foi determinante nesse desempenho, compensando até o saldo negativo da suinocultura, por exemplo.

Tabela 37 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a agropecuária, da mesorregião Oeste Paranaense – 1970/1996

Atividades	VBPA 1970 (R\$ mil)	Componente "nacional"	Componente setorial	Componente diferencial	VBPA 1996 (R\$ mil)	Variação total absoluta	Variação % no Sul do Brasil	Variação % da mesorregião
Arroz	18.961	7.157	-1.262	-21.573	3.283	-15.678	31,09	-82,69
Aves	13.114	4.950	56.251	103.373	177.687	164.573	466,68	1.254,94
Bovino	17.114	6.460	-1.382	33.714	55.906	38.792	29,67	226,67
Feijão	44.193	16.680	-35.636	-17.818	7.419	-36.774	-42,89	-83,21
Fumo	4.363	1.647	6.453	-5.413	7.049	2.687	185,66	61,58
Leite	25.193	9.509	430	29.244	64.375	39.182	39,45	155,53
Maçã	6	2	493	-497	5	-1	7.654,23	-19,74
Mandioca	34.158	12.893	-20.064	2.153	29.140	-5.018	-20,99	-14,69
Milho	136.130	51.381	-29.058	13.924	172.377	36.247	16,40	26,63
Soja	53.158	20.064	91.641	190.742	355.605	302.447	210,14	568,96
Suíno	99.008	37.370	-10.612	-9.441	116.324	17.316	27,03	17,49
Trigo	16.693	6.301	-19.920	30.594	33.667	16.974	-81,59	101,69
Uva	652	246	-330	562	1.129	478	-12,90	73,32
Outras	16.574	6.256	-5.899	-237	16.693	119	2,15	0,72
TOTAL	479.317	180.914	31.105	349.327	1.040.662	561.345	37,74	117,11

Fonte: Resultados da pesquisa a partir de IBGE (2006).

Quanto ao comportamento do VBPA do Oeste Paranaense verifica-se que o crescimento

do VBPA total no período de 1970 a 1996 foi de 117,11%. Das mesorregiões em análise foi a segunda com o maior crescimento ficando atrás somente do Oeste Catarinense que ampliou seu VBPA em 139,81%. Apesar do arroz, o feijão, a maçã e a mandioca terem apresentado diminuição do VBPA, o crescimento das demais atividades foi mais que compensador, sendo o crescimento das aves, de 1.254,94% e da soja com 568,96%, as mais representativas.

Porém, o que mais impressiona no Oeste Paranaense é o saldo positivo apresentado tanto pelo componente setorial quanto pelo componente diferencial. Essa foi a única mesorregião, entre as analisadas, a apresentar ambos os componentes positivos. Essa mesorregião tem uma dinâmica distinta: ela se especializou em atividades que o Sul do Brasil apresentou performances negativas, como foi o caso do trigo, por exemplo, e comportamentos acima da média “nacional” em boa parte das demais atividades. Esses resultados indicam que essa mesorregião se beneficiou de sua estrutura original, ampliando a especialização em setores em que já era especializada em 1970. A variação total absoluta da soja, aves e do leite mostra que foram essas atividades as que mais contribuíram nesse desempenho.

Essa mesorregião se beneficiou de sua estrutura produtiva inicial, mas a base do seu desempenho está em suas vantagens competitivas. O saldo do componente diferencial foi muito superior ao do componente setorial, o que comprova essa afirmação. As atividades das aves, da soja, dos bovinos, do trigo e do leite foram as que mais se destacaram nesse desempenho.

Neste contexto, analisando o adicional esperado de VBPA, de cada mesorregião, em função do aumento do mercado/demanda interno(a) (componente nacional ou macro-regional), e o adicional efetivo (variação total absoluta), verifica-se que o melhor desempenho foi da mesorregião Oeste Catarinense que apresentou um VBPA 3,70 vezes maior do que o esperado. No Oeste Paranaense esse desempenho foi 3,10 vezes maior do que o esperado, no Sudoeste Paranaense de 1,99 vezes maior e, com a pior performance, no Noroeste Rio-Grandense de -0,04 vezes.

5.2 Dinamismos do setor industrial entre 1970 e 2000

Boa parte da dinâmica industrial das quatro mesorregiões em análise está diretamente relacionada com a transformação da produção agropecuária, vale dizer, está baseado em

agroindústrias. Como já apontado, esse dinamismo foi influenciado pelas políticas do Governo Federal, da década de 1970, de modernização e reorganização de agroindústrias como as de carne, soja, entre outras, assim como pelas políticas de apoio à diversificação das exportações. Essas características possibilitaram a entrada de várias corporações transnacionais interessadas na internacionalização da agricultura brasileira, através da sua integração no projeto de desenvolvimento mundial do complexo agroindustrial por elas comandado. Nesse contexto houve a demanda por máquinas, implementos agrícolas, e insumos modernos (fertilizantes, sementes, pesticidas, etc.), estimulada durante o processo de mecanização/modernização do campo, exigindo que novas atividades industriais se desenvolvessem (ESPÍNDOLA, 1999; BRUM, 1988).

Mas não somente a dinâmica do setor agroindustrial influenciou no dinamismo industrial dessas mesorregiões. O próprio crescimento das áreas urbanas e da população total desses territórios exigiu o desenvolvimento e ampliação de muitos setores além do alimentício, como por exemplo, do vestuário, da construção civil, do mecânico, dentre vários outros. Porém, coloca-se um questionamento: quais desses setores foram mais dinâmicos nessas mesorregiões? Subsidiando argumentos iniciais à questão, a Tabela 38 apresenta as informações do modelo estrutural-diferencial para o setor industrial do Noroeste Rio-Grandense.

A despeito da mesorregião Noroeste Rio-Grandense ter aumentado de 47.073 para 126.939 pessoas ocupadas no setor industrial (169,66%), entre 1970 a 2000, a taxa de variação foi inferior à da macro-região de referência (o Sul do Brasil). Se tivesse crescido à mesma taxa do Sul (213,17%), o Noroeste Rio-Grandense teria somado mais 100.346 pessoas no número inicial (componente “nacional”), resultando em um número final de 147.419 pessoas ocupadas. Logo essa mesorregião apresentou um crescimento de 79% do que era esperado.

Essa mesorregião era, dentre as analisadas, a que tinha um setor industrial mais diversificado em 1970. Era de se esperar que seu setor industrial respondesse melhor às políticas nacionais de fomento. Porém, o que ocorreu foi o contrário. Os saldos negativos dos componentes setorial e diferencial apontam que essa mesorregião não foi beneficiada por sua estrutura industrial inicial e nem apresentou vantagens competitivas suficientes para reconverter essa estrutura.

Tabela 38 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a indústria, da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 1970/2000

Atividades do setor industrial	PO 1970	Comp. "nacional"	Comp. setorial	Comp. Diferenc.	PO 2000	Variação total absoluta	Variação % no Sul do Brasil	Variação % da meso
EXTRAÇÃO MINERAL								
Ext.e apar. de ped. e out. mat. de cons.	692	1.475	-1.535	653	1.285	593	-8,68	85,66
Extração de petróleo e gás natural	0	0	0	0	0	0	503,20	0,00
Extração de carvão-de-pedra	4	9	-11	-2	0	-4	-53,27	-100,00
Exp. de salinas e fontes hidrominerais	0	0	0	0	122	0	1.184,21	0,00
Ext. e beneficiamento de outros min.	49	104	-77	2.276	2.353	2.304	56,42	4.701,43
Faiscação e garimpagem	220	469	-633	2	58	-162	-74,49	-73,64
IND. DE TRANSFORMAÇÃO								
Ind. metalúrgica	1.958	4.174	173	700	7.005	5.047	222,00	257,75
Ind. mecânica	2.123	4.525	1.746	-1.206	7.188	5.065	295,41	238,59
Ind. de material elétrico e de com.	105	224	415	607	1.351	1.246	608,75	1.186,67
Ind. de material de transporte	591	1.260	3.155	-2.940	2.066	1.475	746,99	249,55
Ind. de minerais não metálicos	2.476	5.279	-2.287	-955	4.513	2.037	120,80	82,24
Ind. de borracha	34	72	57	63	227	193	381,40	567,65
Ind. de fumo	182	388	-170	1.776	2.176	1.994	119,86	1.095,60
Ind. de papel e papelão	57	122	-8	178	348	291	198,31	510,53
Ind. de mobiliário	2.807	5.984	887	-3.474	6.204	3.397	244,77	121,02
Ind. de madeira	3.685	7.856	-6.996	-1.323	3.222	-463	23,34	-12,57
Ind. domiciliárias de artigos de palha	8	17	-19	10	16	8	-21,61	100,00
Ind. de couro, peles e prod. similares	868	1.850	-958	-566	1.194	326	102,75	37,56
Ind. de materiais plásticos	19	41	130	418	608	589	897,95	3.100,00
Ind. de prod. der. do pet. e carvão	39	83	-46	7	84	45	96,40	115,38
Ind. têxtil	230	490	-154	498	1.064	834	146,22	362,52
Ind. domiciliárias têxteis	20	43	-62	-1	0	-20	-95,08	-100,00
Ind. do vestuário	208	443	3.169	4.323	8.143	7.935	1.736,72	3.814,97
Ind. dos calçados	571	1.217	880	594	3.262	2.691	367,31	471,28
Ind. de bebidas e álcoois	1.125	2.398	-2.364	-452	708	-417	3,08	-37,07
Ind. editorial e gráfica	670	1.428	427	78	2.603	1.933	276,88	288,49
Ind. de prod. farmac. e medicinais	85	181	4	134	404	319	217,33	375,29
Ind. química	232	495	18	-198	546	314	220,85	135,34
Ind. de produtos alimentares	6.518	13.894	1.447	-2.290	19.569	13.051	235,36	200,23
Outras classes da indústria de transf.	355	757	623	1.255	2.990	2.635	388,57	742,20
CONSTRUÇÃO CIVIL	19.284	41.108	-2.258	-14.305	43.829	24.545	201,46	127,28
SIUP								
Prod. e dist. de energia elétrica e gás	1.476	3.146	-2.159	-451	2.013	537	66,93	36,36
Abast. de água e serviço de esgoto	382	814	955	-361	1.790	1.408	463,08	368,50
TOTAL DA INDÚSTRIA	47.073	100.346	-5.650	-14.953	126.939	79.743	213,17	169,66

Fonte: Resultados da pesquisa a partir de IBGE (2002).

Conforme se procurou demonstrar nos capítulos anteriores essa mesorregião partiu, em 1970, de uma especialização do setor industrial pautada na faiscação e garimpagem e nas indústrias mecânicas (Tabela 17), e apresentou em 2000 uma consolidação na especialização dessa última atividade industrial, além de ter se destacado nas atividades de extração de minerais não-metálicos, nas indústrias do fumo, e na extração e aparelhamento de pedras e outros materiais de construção (Tabela 26). Com exceção das indústrias mecânicas, as demais especializações de 2000 apresentaram taxas de crescimento superiores àquelas dos mesmos setores no conjunto do Sul do Brasil. Por outro lado, somente as variações diferenciais dessas atividades foram positivas, indicando que nesse período essa mesorregião “conquistou” um padrão de competitividade que proporcionou esse desempenho superior. O contrário ocorreu

com as indústrias mecânicas que apresentaram taxas de crescimento inferiores ao Sul do Brasil (295,41% no Sul do Brasil contra 238,59% na mesorregião gaúcha) e somente o componente setorial foi positivo indicando que a mesorregião aproveitou sua estrutura inicial nessa atividade.

Os ramos industriais que mais somaram população ocupada no período de 1970 a 2000 apresentaram taxas de crescimento inferiores ao do Sul do Brasil, como foi o caso da construção civil que cresceu 127,28% na mesorregião e 201,46% “nacionalmente”, e das indústrias de produtos alimentares que cresceram 200,23% na mesorregião e 235,36% no Sul do Brasil. Diante disso, o desempenho dos demais setores – como o do vestuário que cresceu 1.736,72% no Sul do Brasil e mais de 3.800% na mesorregião – não foi suficiente para compensar as taxas inferiores apresentadas pelas atividades citadas. Ou seja, no geral, o Noroeste Rio-Grandense não se especializou (ou não o fez suficientemente) naqueles setores que apresentaram um dinamismo regional superior ao dinamismo da macro-região de referência, de forma que o ritmo de crescimento da indústria local foi inferior à média “nacional”.

Em particular, chamou a atenção (inclusive pelo contraste com as demais mesorregiões, como ver-se-á a seguir) o fraco desempenho da indústria de produtos alimentares, que apresentou um componente diferencial negativo (-2.290 empregados). Esta indústria – que será o carro chefe do crescimento do emprego industrial nas demais mesorregiões – vai empregar em 2000, em todo o Noroeste Rio-Grandense, apenas 19.569 pessoas. Tal fator revela a enorme dificuldade da maior mesorregião sob análise, justamente aquela que era a mais industrializada em 1970, de se beneficiar do ciclo expansivo da agroindústria ao longo das três décadas consideradas. Aparentemente, isto se deve à opção da mesorregião por se especializar em setores industriais – como o metal mecânico, por exemplo – que são muito menos intensivos em mão-de-obra. Mas, muito provavelmente, também traduz a opção regional em se especializar na soja, em detrimento da suinocultura e da avicultura. É isto na medida em que o beneficiamento da soja tem características de processo contínuo (intensivo em capital), enquanto o abate e beneficiamento de animais e derivados apresentam características de manufatura (intensivo em trabalho). A análise do desempenho do emprego industrial das demais mesorregiões parece corroborar esta hipótese.

A Tabela 39 apresenta os resultados do modelo estrutural-diferencial para o setor industrial do Oeste Catarinense, e nota-se que, diferentemente do Noroeste Rio-Grandense,

essa mesorregião cresceu mais que a média do Sul do Brasil entre 1970 e 2000. Com um crescimento no total das pessoas ocupadas no setor industrial de 349,54%, nesse período, essa mesorregião passou de 24.338 para 109.410 pessoas ocupadas. O setor que mais empregava em 2000 era a indústria de produtos alimentares com 33.192 PO (1.001,26% de crescimento), seguido da construção civil com 27.408 (376,16% de crescimento), e as indústrias de madeira com 8.794 PO (4,8% de crescimento). Já, a indústria do vestuário foi o que apresentou o maior crescimento percentual, 6.629,63% no período, e empregava 5.451 pessoas no ano de 2000.

Tabela 39 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a indústria, da mesorregião Oeste Catarinense – 1970/2000

Atividades do setor industrial	PO 1970	Comp. "nacional"	Comp. setorial	Comp. Diferenc.	PO 2000	Variação total absoluta	Variação % no Sul do Brasil	Variação % da meso
EXTRAÇÃO MINERAL								
Ext.e apar. de ped. e out. mat. de cons.	306	652	-679	176	455	149	-8,68	48,69
Extração de petróleo e gás natural	0	0	0	0	0	0	503,20	0,00
Extração de carvão-de-pedra	21	45	-56	-10	0	-21	-53,27	-100,00
Exp. de salinas e fontes hidrominerais	0	0	0	0	59	0	1.184,21	0,00
Ext. e beneficiamento de outros min.	0	0	0	0	10	0	56,42	0,00
Faiscação e garimpagem	0	0	0	0	14	0	-74,49	0,00
IND. DE TRANSFORMAÇÃO								
Ind. metalúrgica	668	1.424	59	2.591	4.742	4.074	222,00	609,88
Ind. mecânica	697	1.486	573	53	2.809	2.112	295,41	303,01
Ind. de material elétrico e de com.	33	70	131	340	574	541	608,75	1.639,39
Ind. de material de transporte	177	377	945	-852	647	470	746,99	265,54
Ind. de minerais não metálicos	784	1.671	-724	375	2.106	1.322	120,80	168,62
Ind. de borracha	4	9	7	172	191	187	381,40	4.675,00
Ind. de fumo	31	66	-29	48	116	85	119,86	274,19
Ind. de papel e papelão	1.065	2.270	-158	764	3.941	2.876	198,31	270,05
Ind. de mobiliário	1.207	2.573	381	4.154	8.315	7.108	244,77	588,90
Ind. de madeira	8.391	17.887	-15.929	-1.555	8.794	403	23,34	4,80
Ind. domiciliares de artigos de palha	0	0	0	0	0	0	-21,61	0,00
Ind. de couro, peles e prod. similares	234	499	-258	14	488	254	102,75	108,55
Ind. de materiais plásticos	0	0	0	0	1.556	0	897,95	0,00
Ind. de prod. der. do pet. e carvão	14	30	-16	50	77	63	96,40	450,00
Ind. têxtil	100	213	-67	918	1.164	1.064	146,22	1.064,00
Ind. domiciliares têxteis	24	51	-74	-1	0	-24	-95,08	-100,00
Ind. do vestuário	81	173	1.234	3.963	5.451	5.370	1.736,72	6.629,63
Ind. dos calçados	369	787	569	-525	1.199	830	367,31	224,93
Ind. de bebidas e álcoois	206	439	-433	349	561	355	3,08	172,33
Ind. editorial e gráfica	198	422	126	719	1.465	1.267	276,88	639,90
Ind. de prod. farmac. e medicinais	59	126	2	-26	161	102	217,33	172,88
Ind. química	40	85	3	6	134	94	220,85	235,00
Ind. de produtos alimentares	3.014	6.425	669	23.084	33.192	30.178	235,36	1.001,26
Outras classes da indústria de transf.	314	669	551	-153	1.381	1.067	388,57	339,81
CONSTRUÇÃO CIVIL	5.756	12.270	-674	10.056	27.408	21.652	201,46	376,16
SIUP								
Prod. e dist. de energia elétrica e gás	466	993	-681	630	1.408	942	66,93	202,15
Abast. de água e serviço de esgoto	79	168	197	547	992	913	463,08	1.155,70
TOTAL DA INDÚSTRIA	24.338	51.881	-14.331	45.883	109.410	83.433	213,17	349,54

Fonte: Resultados da pesquisa a partir de IBGE (2002).

As impulsões de demanda (definida pela taxa de crescimento médio do setor industrial

no Sul do Brasil) e a estrutura produtiva de 1970 implicavam em um estímulo ao crescimento do emprego da mesorregião em torno de 50.000 empregados (o componente nacional foi de 51.881). Mas o incremento efetivo foi de 83.433 pessoas (variação total absoluta), ou seja, 61% a mais do que o esperado. O Oeste Catarinense não se beneficiou de sua estrutura industrial inicial, confirmado pelo saldo negativo do componente setorial. As principais especializações de 1970 nessa mesorregião eram da indústria de madeira e da indústria de papel e papelão. Ambas as especializações apresentaram componente setorial negativos, sendo a indústria da madeira a que apresentou a menor componente setorial. Além dessas duas especializações de 1970, em 2000 essa mesorregião apresentava ainda um volume expressivo de empregados nas indústrias de produtos alimentares e mobiliário. Essas duas últimas apresentaram componente setorial positivos, mas essa performance não foi suficiente para compensar o resultado das indústrias de madeira.

O que prevaleceu nessa mesorregião foi o componente diferencial, o endógeno. Das quatro especializações citadas somente as indústrias de madeira não apresentaram componente diferencial positivos, ou seja, além de não ter se beneficiado da estrutura inicial essa mesorregião não apresentava um padrão de competitividade significativo nesse setor. Já, as outras três especializações apresentaram componente diferencial positivo, onde o destaque ficou para as indústrias de produtos alimentares. Essa atividade industrial apresentou o maior valor absoluto da componente diferencial e o maior na variação total absoluta, indicando que grande parte do desempenho industrial do Oeste Catarinense esteve atrelada ao dinamismo, e forte competitividade, desse ramo industrial.

Conforme ressalta IPEA (2000) essa mesorregião passou a ceder, no período de 1970 a 2000, uma diversidade de agroindústrias, sendo as mais importantes às ligadas aos complexos da soja, de aves e suínos, da fruticultura e da madeira. Exemplos são os grupos Sadia, Perdigão e a Ceval, e secundariamente a Cooperativa Central Oeste Catarinense, ligados aos complexos aves e suínos; as cooperativas Cooperativa Alfa Ltda., e a Coopercampo de linha de comercialização mais diversificada, com milho, feijão, leite e frutas; e os grupos Renar, Portobello e Vinícola Fraiburgo ligados aos complexos da maçã e uva. Essas atividades agroindustriais apresentaram um dinamismo acentuado nesse período, com expansão crescente e contínua da produção física, e confirmou suas condições de competitividade no mercado mundial.

No geral, o Oeste Catarinense apresentou taxas de crescimento maiores que os setores

do Sul do Brasil com maiores taxas de crescimento, ou seja, se especializou em setores que “nacionalmente” tiveram bons desempenhos. Tanto que nenhum setor industrial dessa mesorregião apresentou taxas negativas, com exceção das indústrias de extração de carvão-de-pedra e das indústrias domiciliárias têxteis que tinham pequeno número de pessoas ocupadas em 1970 e em 2000 não tinham nenhuma pessoa ocupada.

Tabela 40 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a indústria, da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970/2000

Atividades do setor industrial	PO 1970	Comp. "nacional"	Comp. setorial	Comp. Diferenc.	PO 2000	Variação total absoluta	Variação % no Sul do Brasil	Variação % da meso
EXTRAÇÃO MINERAL								
Ext.e apar. de ped. e out. mat. de cons.	93	198	-206	116	201	108	-8,68	116,13
Extração de petróleo e gás natural	0	0	0	0	0	0	503,20	0,00
Extração de carvão-de-pedra	0	0	0	0	0	0	-53,27	0,00
Exp. de salinas e fontes hidrominerais	0	0	0	0	4	0	1.184,21	0,00
Ext. e beneficiamento de outros min.	13	28	-20	20	40	27	56,42	207,69
Faiscação e garimpagem	0	0	0	0	0	0	-74,49	0,00
IND. DE TRANSFORMAÇÃO								
Ind. metalúrgica	285	608	25	897	1.815	1.530	222,00	536,84
Ind. mecânica	105	224	86	922	1.337	1.232	295,41	1.173,33
Ind. de material elétrico e de com.	15	32	59	404	510	495	608,75	3.300,00
Ind. de material de transporte	48	102	256	-169	238	190	746,99	395,83
Ind. de minerais não metálicos	259	552	-239	149	721	462	120,80	178,38
Ind. de borracha	0	0	0	0	115	0	381,40	0,00
Ind. de fumo	3	6	-3	-7	0	-3	119,86	-100,00
Ind. de papel e papelão	15	32	-2	44	89	74	198,31	493,33
Ind. de mobiliário	597	1.273	189	194	2.252	1.655	244,77	277,22
Ind. de madeira	2.752	5.866	-5.224	-925	2.469	-283	23,34	-10,28
Ind. domiciliárias de artigos de palha	0	0	0	0	0	0	-21,61	0,00
Ind. de couro, peles e prod. similares	35	75	-39	-50	21	-14	102,75	-40,00
Ind. de materiais plásticos	5	11	34	298	348	343	897,95	6.860,00
Ind. de prod. der. do pet. e carvão	0	0	0	0	8	0	96,40	0,00
Ind. têxtil	15	32	-10	411	448	433	146,22	2.886,67
Ind. domiciliárias têxteis	8	17	-25	0	0	-8	-95,08	-100,00
Ind. do vestuário	12	26	183	4.393	4.613	4.601	1.736,72	38.341,67
Ind. dos calçados	70	149	108	-259	68	-2	367,31	-2,86
Ind. de bebidas e álcoois	55	117	-116	-7	50	-5	3,08	-9,09
Ind. editorial e gráfica	79	168	50	245	543	464	276,88	587,34
Ind. de prod. farmac. e medicinais	12	26	0	-14	24	12	217,33	100,00
Ind. química	4	9	0	54	67	63	220,85	1.575,00
Ind. de produtos alimentares	543	1.158	121	4.145	5.966	5.423	235,36	998,71
Outras classes da indústria de transf.	54	115	95	668	932	878	388,57	1.625,93
CONSTRUÇÃO CIVIL	2.803	5.975	-328	2.331	10.781	7.978	201,46	284,62
SIUP								
Prod. e dist. de energia elétrica e gás	274	584	-401	3	460	186	66,93	67,88
Abast. de água e serviço de esgoto	32	68	80	138	318	286	463,08	893,75
TOTAL DA INDÚSTRIA	8.186	17.450	-5.326	14.001	34.438	26.125	213,17	320,69

Fonte: Resultados da pesquisa a partir de IBGE (2002).

Quando se analisam as informações sobre o dinamismo da população ocupada industrial do Sudoeste Paranaense verifica-se que houve um crescimento de 320,69%, passando de 8.186 para 34.438 no período de 1970 a 2000. Os setores que mais ocupavam pessoas em 2000 eram a construção civil com 10.781 PO e 284,62% de crescimento no período, as

indústrias de produtos alimentares, com 5.966 PO e 998,71% de crescimento, as indústrias do vestuário com 4.613 PO e surpreendentes 38.341,67% de crescimento, e as indústrias de madeira com 2.469 PO mesmo com crescimento negativo de 10,28%. Esses quatro conjuntos de atividades industriais representavam 69,19% do total de pessoas ocupadas nessa mesorregião em 2000.

O esperado era que essa mesorregião ampliasse o número de pessoas ocupadas no setor industrial em 17.450 pessoas e o crescimento real foi de 26.125 pessoas, ou seja, 50% a mais do que o esperado. Da mesma forma que o Oeste Catarinense, essa mesorregião não se beneficiou totalmente de sua estrutura industrial original. A atividade madeireira, única especialização em 1970 nessa mesorregião, apresentou taxa negativa de crescimento (-10,28%) no período. Essa foi a atividade que mais contribuiu para o saldo negativo do componente setorial.

Essa mesorregião foi competitiva em várias atividades no período, contribuindo decisivamente no desempenho do setor industrial. As especializações apresentadas pela mesorregião em 2000 (Tabela 30), com exceção da indústria de madeira, apresentaram taxas de crescimento significativas: as indústrias do vestuário cresceram 38.341,67% na mesorregião contra 1.736,72% no Sul do Brasil, e as indústrias de produtos alimentares, que cresceram 998,71% na mesorregião contra 235,36% na macro-região. Essas duas atividades foram as que mais contribuíram no saldo positivo do componente diferencial, ou seja, essas foram as atividades mais competitivas no período analisado.

Essa mesorregião se beneficia da proximidade com o Oeste Catarinense no que se refere às indústrias de produtos alimentares. O segmento agroindustrial do Sudoeste Paranaense está inserido como parte do pólo agroindustrial do Oeste de Santa Catarina, onde atuam algumas das principais empresas do setor, voltando-se ao abate e industrialização de aves. As unidades do grupo Sadia são os destaques dessa mesorregião. Além disso, o segmento de produção e industrialização de leite forma o segundo segmento mais importante das indústrias de produtos alimentares do Sudoeste Paranaense (IPEA, 2000).

No geral, o Sudoeste Paranaense se especializou em setores cujos crescimentos foram, com poucas exceções, superiores às taxas de crescimento dos mesmos setores no Sul do Brasil como um todo. Além disso, seu desempenho foi explicado por características endógenas, ou seja, por vantagens competitivas em setores específicos.

Já, o Oeste Paranaense apresentou crescimento de 395,82% no número de pessoas ocupadas no setor industrial entre 1970 e 2000, passando de 16.416 para 81.394. Dos setores que mais ocupavam pessoas em 2000 destacavam-se o setor da construção civil com 29.925 PO, as indústrias de produtos alimentares com 15.900 PO, as indústrias do mobiliário com 5.413 PO, e as indústrias do vestuário com 5.246 PO. Esta última foi a que apresentou o maior crescimento percentual no período com 32.687,50%, seguido do abastecimento de água e serviço de esgoto com 6.738,46% e das indústrias de materiais plásticos com 5.112,50%. Porém, a última pouco se destacava na ocupação total de pessoas.

Tabela 41 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para a indústria, da mesorregião Oeste Paranaense – 1970/2000

Atividades do setor industrial	PO 1970	Comp. "nacional"	Comp. setorial	Comp. Diferenc.	PO 2000	Variação total absoluta	Variação % no Sul do Brasil	Variação % da meso
EXTRAÇÃO MINERAL								
Ext.e apar. de ped. e out. mat. de cons.	117	249	-260	387	494	377	-8,68	322,22
Extração de petróleo e gás natural	0	0	0	0	14	0	503,20	0,00
Extração de carvão-de-pedra	15	32	-40	-7	0	-15	-53,27	-100,00
Exp. de salinas e fontes hidrominerais	0	0	0	0	8	0	1.184,21	0,00
Ext. e beneficiamento de outros min.	0	0	0	0	69	0	56,42	0,00
Faiscação e garimpagem	0	0	0	0	0	0	-74,49	0,00
IND. DE TRANSFORMAÇÃO								
Ind. metalúrgica	372	793	33	2.599	3.797	3.425	222,00	920,70
Ind. mecânica	136	290	112	971	1.509	1.373	295,41	1.009,56
Ind. de material elétrico e de com.	18	38	71	359	487	469	608,75	2.605,56
Ind. de material de transporte	66	141	352	266	825	759	746,99	1.150,00
Ind. de minerais não metálicos	1.223	2.607	-1.130	265	2.965	1.742	120,80	142,44
Ind. de borracha	14	30	24	126	193	179	381,40	1.278,57
Ind. de fumo	18	38	-17	53	93	75	119,86	416,67
Ind. de papel e papelão	17	36	-3	241	292	275	198,31	1.617,65
Ind. de mobiliário	861	1.835	272	2.445	5.413	4.552	244,77	528,69
Ind. de madeira	6.041	12.878	-11.468	-4.299	3.152	-2.889	23,34	-47,82
Ind. domiciliares de artigos de palha	0	0	0	0	0	0	-21,61	0,00
Ind. de couro, peles e prod. similares	23	49	-25	149	196	173	102,75	752,17
Ind. de materiais plásticos	8	17	55	337	417	409	897,95	5.112,50
Ind. de prod. der. do pet. e carvão	3	6	-4	25	31	28	96,40	933,33
Ind. têxtil	82	175	-55	795	997	915	146,22	1.115,85
Ind. domiciliares têxteis	0	0	0	0	0	0	-95,08	0,00
Ind. do vestuário	16	34	244	4.952	5.246	5.230	1.736,72	32.687,50
Ind. dos calçados	65	139	100	83	387	322	367,31	495,38
Ind. de bebidas e álcoois	107	228	-225	117	227	120	3,08	112,15
Ind. editorial e gráfica	124	264	79	1.510	1.977	1.853	276,88	1.494,35
Ind. de prod. farmac. e medicinais	33	70	1	398	503	470	217,33	1.424,24
Ind. química	23	49	2	336	410	387	220,85	1.682,61
Ind. de produtos alimentares	1.517	3.234	337	10.813	15.900	14.383	235,36	948,12
Outras classes da indústria de transf.	189	403	332	373	1.296	1.107	388,57	585,71
CONSTRUÇÃO CIVIL	5.178	11.038	-606	14.315	29.925	24.747	201,46	477,93
SIUP								
Prod. e dist. de energia elétrica e gás	124	264	-181	2.586	2.793	2.669	66,93	2.152,42
Abast. de água e serviço de esgoto	26	55	65	1.632	1.778	1.752	463,08	6.738,46
TOTAL DA INDÚSTRIA	16.416	34.994	-11.934	41.827	81.394	64.887	213,17	395,82

Fonte: Resultados da pesquisa a partir de IBGE (2002).

O Oeste Paranaense apresentou crescimento da população industrial 85% superior ao esperado (componente “nacional”). A estrutura industrial inicial dessa região não teve participação nesse crescimento. Isso ocorreu fundamentalmente pelo desempenho negativo da indústria madeireira, única especialização no ano de 1970, com taxa de crescimento de -47,82% entre 1970 a 2000, bem diferente da macro-região onde a taxa de crescimento desse mesmo setor foi de 23,34%.

O componente diferencial elevado mostra que essa mesorregião soube aproveitar suas vantagens competitivas do setor industrial. Os setores que mais contribuíram nessa performance, ou seja, que apresentaram melhores vantagens competitivas, foram da construção civil, das indústrias de produtos alimentares e da indústria do vestuário. As indústrias de produtos alimentares eram uma das especializações em 2000. Os setores dos serviços industriais de utilidade pública juntamente com as indústrias de produtos farmacêuticos e veterinários completavam o rol de especializações nesse ano. Esse grupo de setores também contribuiu no desempenho da mesorregião com taxas acima da média “nacional”. Deve-se destacar que o crescimento na população ocupada dos serviços industriais de utilidade pública, no Oeste Paranaense, esteve diretamente relacionado com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu concretizada na década de 1980, sendo a sede da Usina localizada no município de Foz do Iguaçu.

Conforme mostra a variação total absoluta um dos setores que mais contribuiu no desempenho mesorregional foi o setor das indústrias de produtos alimentares. Essa mesorregião tem uma particularidade apontada por IPEA (2000): a ação cooperativada da economia local especializada na produção de aves e suínos, e também no leite, com alto nível tecnológico e forte integração agroindustrial. Cerca de 50% dos produtores cooperativados do Estado do Paraná, em 1996, estavam localizados e distribuídos pela maioria dos municípios do Oeste Paranaense.

No geral, todos os setores, com exceção da indústria madeireira, apresentaram taxas de crescimento significativo e superiores as apresentadas, nos mesmos setores, no Sul do Brasil. O comportamento do conjunto desses setores, e em especial das indústrias de produtos alimentares e da construção civil, proporcionaram o desempenho positivo do setor industrial no Oeste Paranaense.

A diferença entre a variação total absoluta e o componente nacional mostra que o

melhor desempenho industrial foi da mesorregião Oeste Paranaense que apresentou um incremento de pessoas ocupadas 1,85 vezes maior do que o esperado, seguido do Oeste Catarinense onde esse desempenho foi de 1,61 vezes, do Sudoeste Paranaense com 1,50 vezes superior e do Noroeste Rio-Grandense com 0,79 vezes. O interessante é que mesmo com uma estrutura industrial inferior, as mesorregiões paranaenses e a catarinense conseguiram se reconverter privilegiando efetivamente aqueles setores em que apresentavam maiores capacidades competitivas.

Porém, deve-se frisar, mais uma vez, que a base do desempenho industrial dessas mesorregiões foi o setor das indústrias de produtos alimentares, com menos ênfase, é claro, para a mesorregião Noroeste Rio-Grandense. Para se ter idéia de como a mesorregião gaúcha – de maior área total e mais industrializada desde o ponto de partida dessa análise – perdeu em competitividade para as demais três mesorregiões, o número de pessoas ocupadas no setor das indústrias de produtos alimentares por km² dessa mesorregião (gaúcha) em 2000 era de 0,30. Já, no Sudoeste Paranaense esse número era de 0,35 PO/Km², no Oeste Paranaense de 0,70 PO/Km² e no Oeste Catarinense de 1,22 PO/Km². O Oeste Catarinense era superior em número absoluto de pessoas ocupadas se comparado a todas essas mesorregiões, e o Oeste Paranaense ficava muito próximo ao número de pessoas ocupadas da mesorregião gaúcha, mesmo apresentando somente 35% da área total dessa mesorregião.

5.3 Dinamismos do setor de serviços entre 1970 e 2000

O setor de serviços dessas mesorregiões foi influenciado tanto pelo aumento populacional ocorrido no período de 1970 a 2000, e da crescente urbanização, como pelos efeitos de encadeamentos do desenvolvimento dos setores primário e secundário. As tabelas referentes aos resultados do modelo estrutural-diferencial para o setor de serviços, das quatro mesorregiões, estão disponíveis no Anexo 11.

Neste contexto, de um total de 135.369 pessoas ocupadas no setor terciário em 1970 o Noroeste Rio-Grandense passou para 439.435 em 2000, representando 224,62% de crescimento no período, inferior ao crescimento do setor terciário do Sul do Brasil como um todo que foi de 276% no mesmo período. Essa mesorregião foi a única, entre as analisadas, a apresentar taxas de crescimento inferiores ao do Sul do Brasil em todos os macro-setores analisados (agropecuária, indústria e serviços).

Os setores que mais empregavam em 1970 estavam nos subsetores da prestação de serviços, do comércio de mercadorias e das atividades sociais. A maioria desses subsetores apresentou taxas de crescimento inferiores se comparado aos mesmos setores da macro-região de referência. O saldo do componente setorial do Noroeste Gaúcho foi negativo, indicando que a região não se beneficiou totalmente de sua estrutura de serviços inicial. Mesmo com um setor de serviços com distribuição das pessoas ocupadas mais próxima da macro-região de referência, não foi suficiente para apresentar um desempenho mais próximo ou superior ao do Sul do Brasil. O saldo do componente diferencial, mesmo que modesto, foi positivo, indicando que vantagens competitivas de alguns setores proporcionaram o crescimento do setor de serviços dessa mesorregião. No geral, essa mesorregião se especializou em setores que apresentaram performances inferiores se comparado aos mesmos setores do Sul do Brasil.

O desenvolvimento das atividades de comércio e serviços dessa mesorregião foi totalmente influenciado pelo comportamento da agropecuária no período analisado. Por ser uma região que desde o ponto de partida possuía grande dependência de produção tipicamente lavoureira (trigo, milho e soja), sofreu impacto mais negativo se comparado as demais mesorregiões em estudo que possuíam, e ainda possuem, um maior equilíbrio entre a agricultura e a pecuária. Segundo IPEA (2000) as décadas de 1980 e 1990 foram adversos para a economia dessa mesorregião em particular. Já no início dos anos de 1980 as políticas monetárias restritivas e as taxas de juros elevadas, juntamente com a redução do apoio ao setor agropecuário, cortando subsídios, reduzindo financiamentos e modificando a política de comercialização, atingiu diretamente a economia dessa mesorregião cuja base de todos os macro-setores dependia fundamentalmente do desempenho do setor agrícola. Nos anos de 1990, essa mesorregião, bem como todo o RS, foi atingida pelas medidas de abertura comercial, juros elevados e câmbio apreciado (Plano Real) inviabilizando muitos segmentos da agricultura e da indústria vinculados ao setor externo, refletindo nos setores de serviços mesorregional. **Enfim, todos os fatores levam a crer que a opção do Noroeste Rio-Grandense em se especializar na soja foi a base do fraco desempenho – se comparado ao Sul do Brasil e às demais mesorregiões em análise – dos setores agropecuário, industrial e de serviços.**

Já, o setor de serviços do Oeste Catarinense passou de um total de 41.863 pessoas ocupadas em 1970 para 236.005 em 2000, ou seja, 463,76% de crescimento, bem superior ao da macro-região. Sua estrutura de serviços era a mais diversificada (multi-especializada) em

1970, mesmo assim essa estrutura **não** foi responsável pelo desempenho mesorregional, confirmado pelo saldo negativo do componente setorial. Por um lado, sua estrutura inicial do setor de serviços era restrita a poucas atividades. Por outro, o desenvolvimento dos setores agropecuário e industrial, além da urbanização ocorrida no período – e que será detalhada na próxima seção – exigiu que outros setores se desenvolvessem, principalmente aqueles ligados diretamente à prestação de serviços das agroindústrias da mesorregião e ao processo de comercialização por elas comandado.

O saldo do componente diferencial dessa mesorregião foi positivo (99.507 PO), e muito superior ao da mesorregião gaúcha que foi de apenas 7.286 PO, por exemplo. Vantagens competitivas, principalmente dos subsetores do comércio de mercadorias, da prestação de serviços e dos transportes, comunicação e armazenagem, explicaram o desempenho positivo do setor terciário da mesorregião catarinense. A grande maioria das atividades terciárias dessa mesorregião apresentou taxas de crescimento superiores se comparadas aos mesmos setores do Sul do Brasil. Assim, suas especializações se deram em setores de grande dinamismo.

Os impactos conjunturais negativos sentidos no setor primário da mesorregião gaúcha parecem não terem tido o mesmo efeito no Oeste Catarinense. Essa mesorregião consolidou-se na especialização das atividades de aves e suínos no período de 1970 a 2000 e o desempenho positivo apresentado por essas atividades, nesse lapso de tempo, e os efeitos de encadeamento surgidos a partir dele, foram a base do desempenho dos três macro-setores analisados. Fato semelhante, porém não tão intenso, como o apresentado pelo Sudoeste Paranaense.

No caso do Sudoeste Paranaense o número de pessoas ocupadas cresceu 418,39% no período de 1970 a 2000, passando de 18.423 para 95.503, também superior ao do Sul do Brasil. No geral, as especializações que essa mesorregião apresentava em 1970 apresentaram taxas de crescimento inferiores aos do Sul do Brasil – por exemplo, os serviços de alojamento que apresentaram taxa de -4,44% nessa mesorregião contra 146,23% “nacionalmente” –, ou seja, essa mesorregião também **não** se beneficiou da sua estrutura de serviços inicial.

A base do desempenho dessa mesorregião está atrelada ao desenvolvimento de setores específicos, ou seja, com características endógenas. Fato confirmado pelo saldo positivo do componente diferencial. Atividades estas principalmente ligadas ao comércio de mercadorias, prestação de serviços e atividades sociais. Diferentemente do Oeste Catarinense, no Sudoeste

Paranaense as atividades ligadas aos transportes, comunicações e armazenagem não apresentaram desempenhos tão significativos, pelo contrário, muitos deles apresentaram taxas de crescimento inferiores aos do Sul do Brasil, característica também presente em algumas atividades de prestação de serviços.

Ao contrário, a mesorregião Oeste Paranaense foi a que apresentou o maior crescimento no número de pessoas ocupadas do setor terciário com 691,85%, passando de 39.546 em 1970 para 313.145 em 2000. Essa mesorregião apresentou o maior valor no saldo da componente diferencial, onde a maioria das atividades apresentou valores positivos nesse componente. Partindo de uma estrutura de serviços pouco favorável essa mesorregião se especializou em setores competitivos.

Todas as atividades do comércio de mercadorias, da prestação de serviços, do comércio de imóveis, e a grande maioria das demais, apresentaram taxas de crescimento bem superiores aos apresentados pelos mesmos setores no Sul do Brasil. Isso explica, em parte, o significativo aumento do número de especializações do ano de 2000 nessa mesorregião. É impressionante o desempenho do setor terciário dessa mesorregião no período de 1970 a 2000 (Tabela 32). Foi a mesorregião que apresentou melhores vantagens competitivas no setor terciário, dentre as mesorregiões analisadas.

Mesmo tendo se consolidado na especialização da cultura da soja, o desempenho crescente e positivo das atividades de aves e suínos, deram a essa mesorregião uma performance distinta. As indústrias de produtos alimentares ligadas aos segmentos da soja, milho, aves e suínos estão na base desse desempenho. Além disso, não se pode esquecer a influência causada pela construção de Itaipu, bem como pelo desenvolvimento do turismo-comercial dos municípios lindeiros ao lago de Itaipu²⁴, e é claro, pelo pólo turístico de Foz do Iguaçu devido à existência do Parque Nacional do Iguaçu, das Cataratas e de Itaipu, sem contar que esse município é centro comercial de fronteira.

Assim, no geral, as quatro mesorregiões em análise partiram de uma estrutura de serviços limitada e apresentaram desempenhos significativos devido às suas capacidades competitivas, se especializando em setores dinâmicos que apresentaram altas taxas de crescimento no período de 1970 a 2000. O Oeste Paranaense foi a mesorregião que mais excedeu o esperado de crescimento (variação total absoluta / componente “nacional”), cerca

²⁴ Para maiores detalhes ver Piacenti e Ferrera de Lima (2002).

de 2,51 vezes a mais que o esperado. No Oeste catarinense esse número foi de 1,68 vezes e no Sudoeste Paranaense de 1,51 vezes. A exceção foi o Noroeste Rio-Grandense onde o desempenho do setor de serviços ficou aquém do esperado, somente 0,81 vezes.

5.4 Comportamento populacional entre 1970 e 2000

Para além da dinâmica setorial das mesorregiões em estudo outro comportamento interessante ocorrido no período de 1970 a 2000 foi em relação à população total, urbana e rural dos municípios que formam cada uma dessas mesorregiões.

No geral, em todas as mesorregiões, a despeito de terem apresentado aumento da população total, esse comportamento ocorreu em detrimento da diminuição da população rural e conseqüente aumento da população urbana, ou seja, crescimento da urbanização. Mas, a população total não aumentou em todos os municípios. Somente parte deles se beneficiou desse aumento populacional. A maioria perdeu população total, principalmente a rural, e ficaram mais urbanizados (ANEXO 10).

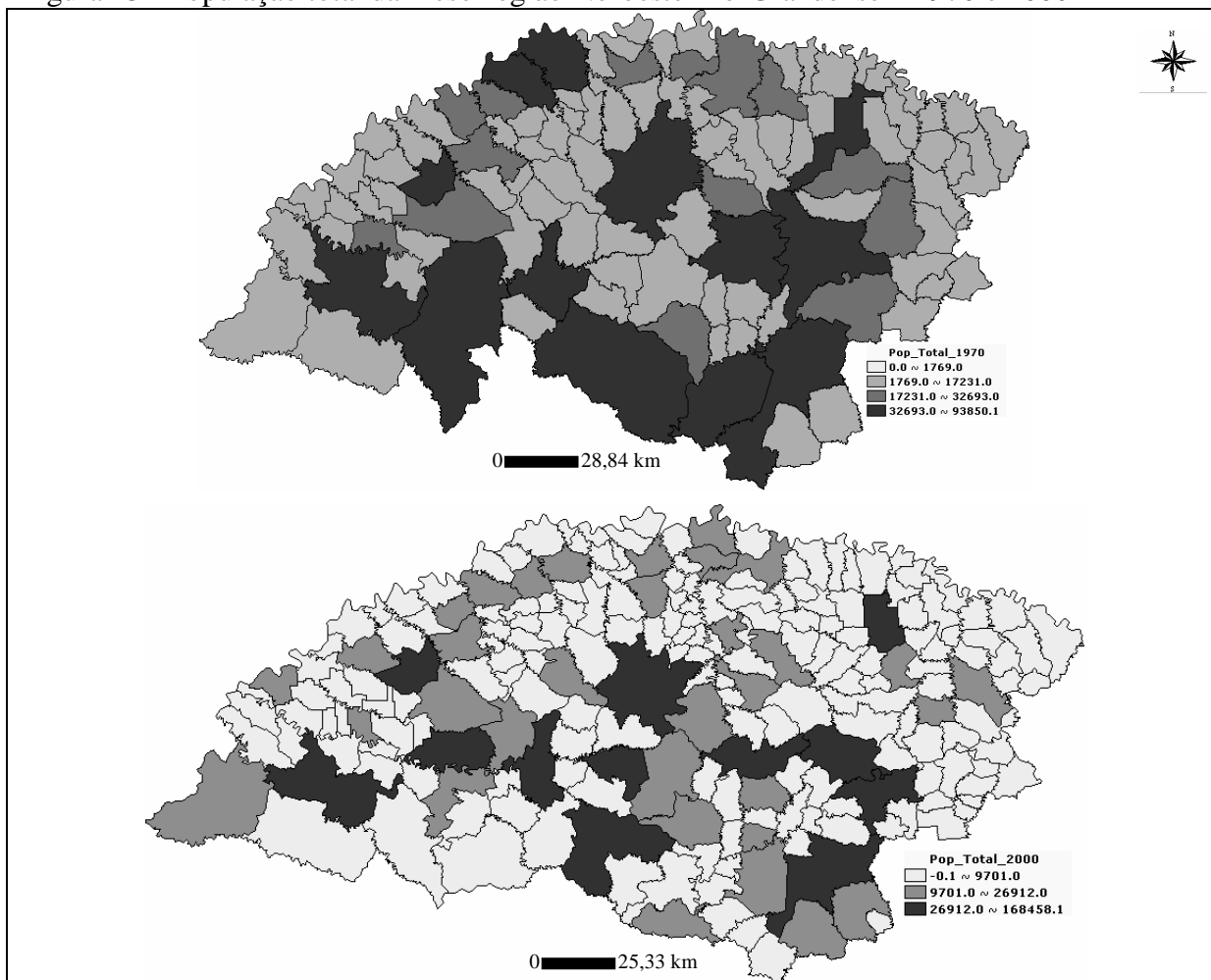
Neste contexto, a Figura 13²⁵ mostra como era a distribuição da população total entre os municípios da mesorregião Noroeste Rio-Grandense em 1970 e 2000.

Nessa mesorregião, dos 104 municípios que existiam em 1970 somente 19,23%, ou 20 municípios, apresentaram crescimento da população total. Enquanto a média da população total dos municípios era de 17.231 em 1970, em 2000 essa média passou para 9.701. Da mesma forma, o desvio padrão, que é uma medida do grau de dispersão dos valores em relação ao valor médio (a média), passou de 15.462 para 17.210, ou seja, o crescimento da população total do Noroeste Gaúcho ocorreu de forma concentrada. Em 1970, cerca de 12,50%, ou 13 municípios, estavam no grupo dos que mais concentravam população, conforme apresenta a Figura 13. Já, em 2000, o percentual de municípios nessa categoria passou para 5,94%. Praticamente não houve mudanças no grupo de municípios com maior população sendo que Passo Fundo (79,5% de aumento no período), Erechim (85,61%), Ijuí (48,78%), Santo Ângelo (-4,96%), Cruz Alta (23%), Santa Rosa (64,39%), Carazinho

²⁵ A elaboração das figuras sobre a população total municipal foi semelhante à elaboração das figuras dos QIs municipais: calculou-se a média e o desvio padrão da população municipal de cada mesorregião e distribuiu-se os municípios em categorias, quais sejam: municípios > (média + 1 desvio padrão); média < municípios < (média + 1 desvio padrão); média < municípios < (média - 1 desvio padrão); e, municípios < (média - 1 desvio padrão).

(40,91%), São Luiz Gonzaga (-3,67%), Palmeira das Missões (-34,89%), Panambi (101,38%), e Soledade (-35,99%) se consolidaram no período nessa característica, mesmo que alguns tenham perdido população total.

Figura 13 - População total da mesorregião Noroeste Rio-Grandense – 1970 e 2000



Fonte: Anexo 10.

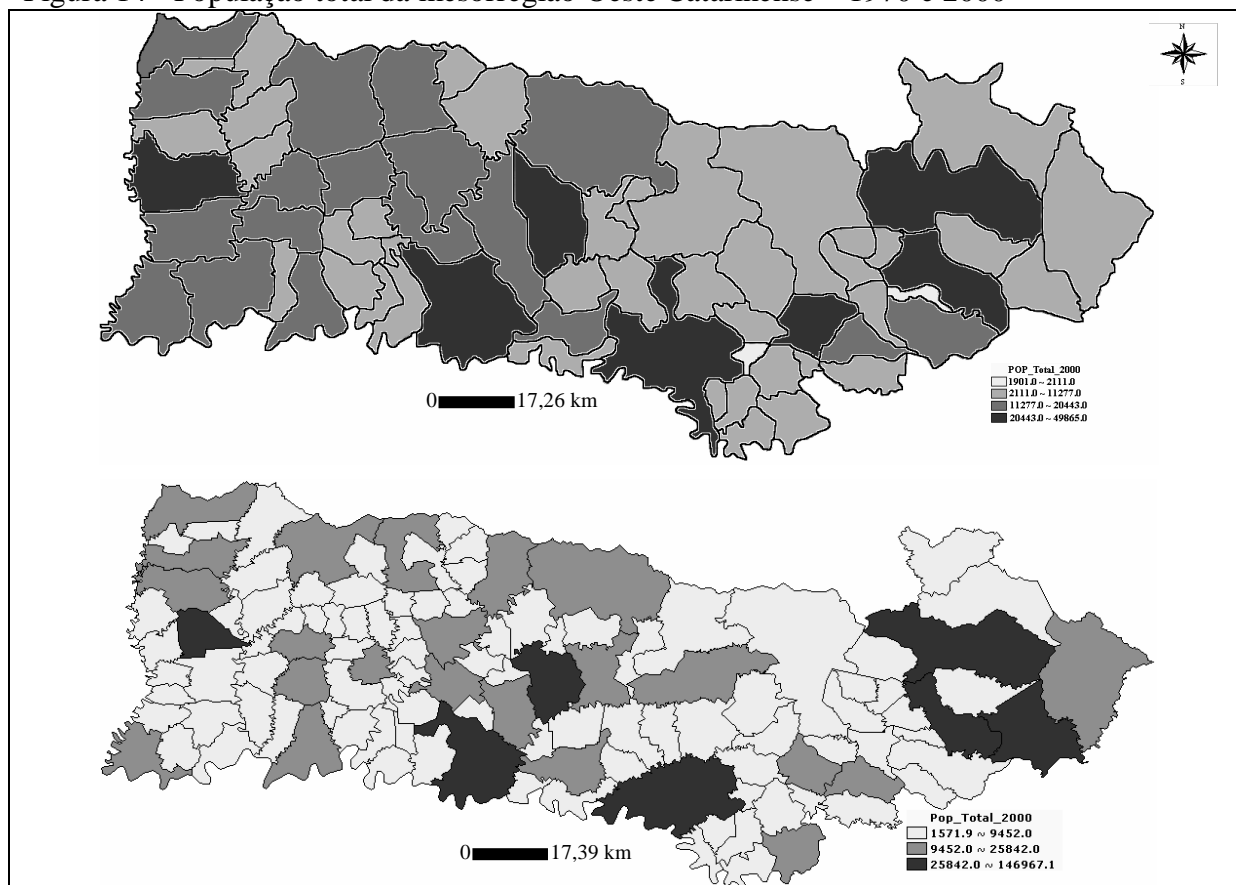
Nota: A lista com os nomes dos municípios está disponível nos Anexos 8 e 9.

Todos os municípios apresentaram diminuição da população rural, diminuição essa que ficou entre -24,71% (Cândido Godói) e -85,18% (Rodeio Bonito). Da mesma forma, quase todos apresentaram crescimento da população urbana. O município que apresentou o maior crescimento da sua população urbana foi David Canabarro, com 763,64%, e o menor foi Marcelino Ramos com 0,46%. Somente três municípios apresentaram diminuição da população urbana, quais sejam: Gaurama com 3,88%, Espumoso com 7,14%, e São Valentim com 53,57%.

Comportamento distinto apresentou os municípios da mesorregião Oeste Catarinense no período de 1970 a 2000, conforme mostra a Figura 14. Enquanto na mesorregião gaúcha

somente 19,23% dos municípios que existiam em 1970 apresentaram crescimento da população total, na mesorregião catarinense esse percentual foi de 60,61%. Porém, esse crescimento foi maior em alguns municípios. A média de população dos municípios passou de 11.277 em 1970 para 9.452 em 2000. Já, o desvio padrão aumentou de 9.166 para 16.389 no mesmo período.

Figura 14 - População total da mesorregião Oeste Catarinense – 1970 e 2000



Fonte: Anexo 10.

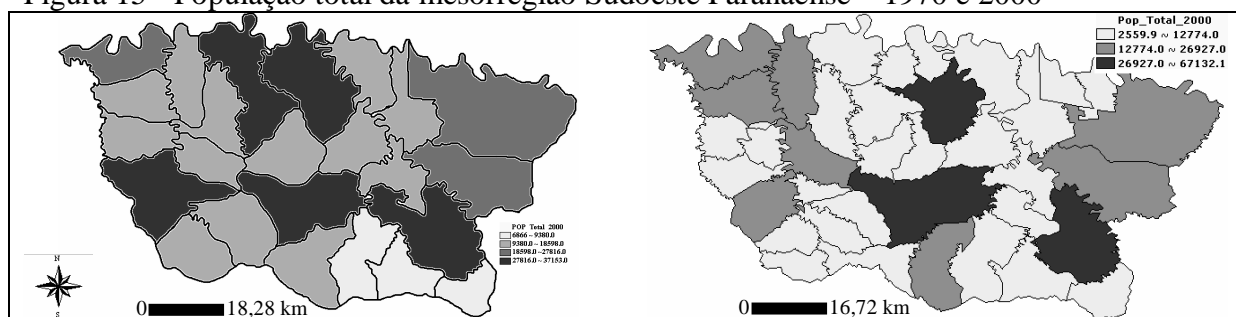
Nota: A lista com os nomes dos municípios está disponível nos Anexos 8 e 9.

Essa mesorregião apresentou a melhor performance do setor rural: foi a que teve o maior crescimento do VBPA mesorregional, o número de estabelecimentos rurais também cresceu, e o crescimento da população rural de alguns municípios também foi visualizado, quais sejam: Palma Sola com 34,50%, Vargeão com 17,59%, Capinzal com 7,28%, Anchieta com 6,79%, Presidente Castello Branco com 5,71% e Pinheiro Preto com 4,34%. Os demais municípios apresentaram diminuição da população rural que ficou entre -9,65% (Romelândia) e -85,35% (Modelo). Com relação à população urbana o crescimento foi visualizado em todos os municípios, sendo que Irani foi o que apresentou o maior crescimento percentual com 1.815,91% e Matos Costa o menor com 2,54%.

O grupo de municípios que mais concentravam população também pouco se alterou no período. Os municípios que estavam entre os mais populosos em 1970 concentravam 29,30% da população total da mesorregião. Já em 2000 esse grupo concentrava 37,44%. Chapecó (194,73% de crescimento da população total), Caçador (92,51%), Concórdia (38,70%), Videira (90,22%), Xanxerê (50,57%), Fraiburgo (224,67%), e São Miguel do Oeste (44,59%) eram os municípios mais populosos em 2000.

Já, a dinâmica populacional do Sudoeste Paranaense é apresentada pela Figura 15.

Figura 15 - População total da mesorregião Sudoeste Paranaense – 1970 e 2000



Fonte: Anexo 10.

Nota: A lista com os nomes dos municípios está disponível nos Anexos 8 e 9.

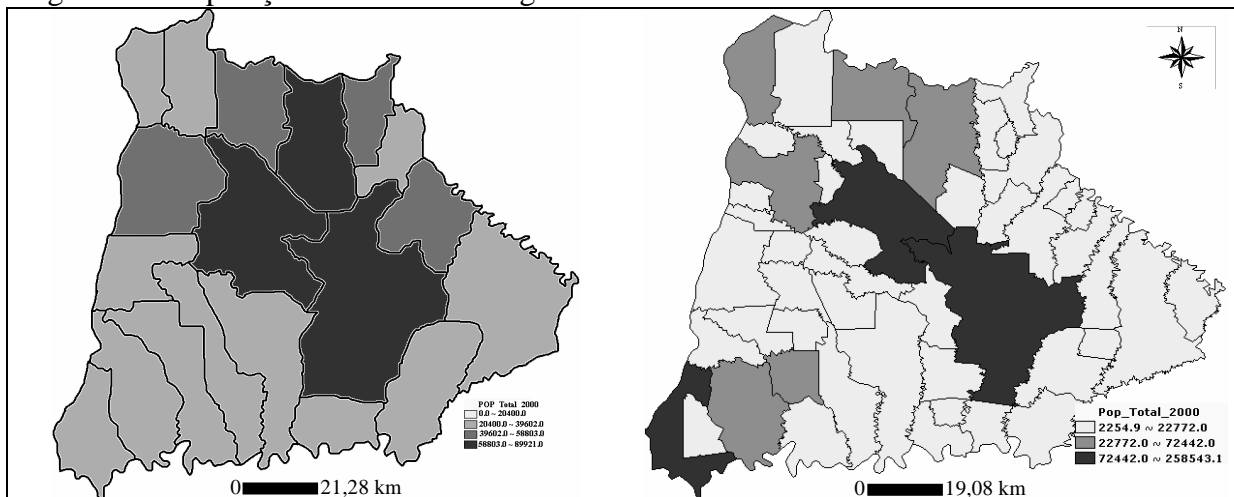
Nessa mesorregião dos 24 municípios existentes em 1970 somente cinco apresentaram crescimento da população total, ou seja, 20,83% dos municípios. A média populacional diminuiu de 18.598 para 12.774 entre 1970 e 2000, enquanto o desvio padrão aumentou de 9.218 para 14.153.

Todos os municípios apresentaram diminuição da população rural. Planalto foi o município que menos perdeu população rural com 37,88% e Barracão teve a maior perda com 75,66%. Ao contrário, a população urbana apresentou comportamento crescente nesse mesmo período, sendo o maior crescimento o de Dois Vizinhos com 444,71% e o menor o de Enéas Marques com 7,48%.

O grupo de municípios que mais concentrava população no período diminuiu. Salto do Lontra e Santo Antônio do Sudoeste estavam no grupo em 1970 e perderam posições em 2000. Assim, em 2000, somente Francisco Beltrão, Pato Branco e Dois Vizinhos estavam nesse grupo. Esses três municípios concentravam 34,14% da população total do Sudoeste Paranaense nesse ano.

Já, no Oeste Paranaense somente Foz do Iguaçu (661,18%), Cascavel (172,87%), Toledo (42,56%) e Medianeira (21,47%) apresentaram crescimento na população total no mesmo período. A média da população municipal passou de 39.602 em 1970 para 22.772 em 2000, enquanto o desvio padrão aumentou de 19.201 para impressionantes 49.671 no mesmo período.

Figura 16 - População total da mesorregião Oeste Paranaense – 1970 e 2000



Fonte: Anexo 10.

Nota: A lista com os nomes dos municípios está disponível nos Anexos 8 e 9.

A população rural diminuiu em todos os municípios. Corbélia apresentou a maior redução percentual com 91,10% e São Miguel do Iguaçu a menor com 55,83%. O contrário ocorreu com a população urbana que aumentou em todos os municípios. Foz do Iguaçu apresentou o maior destaque com 1.178,53% de aumento e Formosa do Oeste foi o que teve sua população urbana com menor crescimento com 26,51%.

Tanto em 1970 como em 2000 eram três municípios os que mais concentravam população, conforme mostra a Figura 16. Porém, houve uma mudança hierárquica: enquanto em 1970 eram Cascavel, Assis Chateaubriand e Toledo os que mais se destacavam, em 2000 esse segundo município perdeu posições deixando para Foz do Iguaçu a primeira colocação, seguido de Cascavel e Toledo. Esses três municípios concentravam cerca de 52,88% da população total da mesorregião em 2000.

5.5 Análise comparativa setorial das quatro mesorregiões em análise

O comportamento setorial das mesorregiões em análise foi distinto. No setor

agropecuário, por exemplo, essas particularidades foram evidentes. O crescimento da participação das atividades da soja, e do milho, no Noroeste Rio-Grandense, da soja e das aves no Oeste Paranaense, das aves e suínos do Oeste Catarinense, e das aves e soja no Sudoeste Paranaense caracterizaram o dinamismo diferenciado do setor primário dessas mesorregiões. Esses dinamismos se refletiram no aumento/diminuição das principais atividades agropecuárias dessas mesorregiões e também na distribuição fundiária mesorregional.

Os resultados do modelo estrutural-diferencial para o setor agropecuário também refletiram essas particularidades: o Noroeste Rio-Grandense apresentou redução do seu VBPA e os resultados apontaram que, apesar de apresentar um perfil de especialização favorável, apresentou problemas em termos de vantagens competitivas específicas, como por exemplo, o fato de não deter área a ser agregada a dinâmica produtiva em comparação com as demais mesorregiões. No Oeste Catarinense e Sudoeste Paranaense ocorreu o contrário, foram as vantagens locais (competitivas) que explicaram o bom desempenho. Já, o Oeste Paranaense apresentou especialização favorável e vantagens competitivas positivas no setor agropecuário.

Já, no setor industrial os resultados apontaram para um desempenho negativo da mesorregião Noroeste Rio-Grandense. Essa mesorregião não está especializada nos setores mais dinâmicos e seu ritmo de crescimento foi inferior à média “nacional”. As outras mesorregiões, apesar de não terem se beneficiado de sua estrutura industrial inicial apresentaram vantagens competitivas de tamanha expressão que explicaram os desempenhos significativos para o período de 1970 a 2000. No caso do Oeste Catarinense foi o setor das indústrias de produtos alimentares as mais dinâmicas, e nas duas mesorregiões paranaenses o setor da construção civil e também das indústrias de produtos alimentares.

No setor de serviços as quatro mesorregiões não aproveitaram a estrutura inicial do setor de serviços, que era limitada a poucas especializações, mas foram competitivas em determinados setores explicando o dinamismo do setor terciário. De certa forma, o rápido processo de urbanização ocorrido nesses territórios exigiu que setores distintos dos que existiam em 1970 fossem dinamizados e desenvolvidos. Porém, ressalta-se que, no período de 1970 a 2000, no Oeste Paranaense e Oeste Catarinense um número muito maior de atividades terciárias apresentou componentes diferenciais positivos. O setor do comércio de mercadorias, prestação de serviços e de transportes nessas duas mesorregiões foram os mais dinâmicos.

Enfim, o Noroeste Rio-Grandense foi a única mesorregião a apresentar taxas de crescimento esperadas inferiores ao do Sul do Brasil em todos os setores. O contrário ocorreu com as outras três mesorregiões. O que pode ter ocorrido foi que a mesorregião gaúcha estava em um estágio de desenvolvimento diferenciado. Essa era a mesorregião com a melhor estrutura produtiva em todos os setores, ou seja, partiu de uma base inicial diferenciada. Essa base inicial superior pode ter reduzido a capacidade de crescimento na mesma proporção que as demais mesorregiões analisadas. Todas as quatro mesorregiões passaram pelo processo de tecnificação/mecanização do campo, das políticas nacionais setoriais de desenvolvimento, urbanização, dentre outros impactos, no mesmo período. O que parece é que, principalmente o Oeste Catarinense e Oeste Paranaense conseguiram endogeneizar melhor os impactos positivos do desenvolvimento nesse período se especializando em setores mais competitivos.

E esses resultados se refletiram também no desempenho do IDH e rendas censitárias *per capita* mesorregiões, conforme mostra Tabela 42.

Tabela 42 - Renda censitária *per capita*, PIB *per capita*, e Índice de Desenvolvimento Humano - IDH, segundo mesorregiões – 2000

Mesorregiões	Renda censitária <i>per capita</i> (R\$ de 2000)	PIB <i>per capita</i> (R\$ de 2000)	Índice de Desenvolvimento Humano*			
			IDH Total	IDH-Educação	IDH-Longevidade	IDH-Renda
Noroeste-RS	268,85	6.632,26	0,7250	0,8192	0,7352	0,6211
Oeste-SC	285,61	8.926,37	0,7884	0,8771	0,8058	0,6827
Sudoeste-PR	244,88	5.464,78	0,7628	0,8565	0,7772	0,6573
Oeste-PR	294,19	8.251,75	0,7640	0,8606	0,7572	0,6727

Fonte: IPEADATA (2007).

Nota: *O IDH mesorregional foi calculado a partir da média simples dos IDHs municipais.

Conforme apresentou a Tabela 15, o Noroeste Rio-Grandense apresentava os melhores IDHs e renda censitária e PIB *per capita* em 1970. Já, em 2000 essa hierarquia alterou-se completamente. Agora, o Oeste Paranaense e Oeste Catarinense se sobressaíram com os melhores indicadores, ou seja, essas duas mesorregiões, além de terem se destacado no desempenho econômico também se superaram nos indicadores sociais.

CONCLUSÃO

Conforme mencionado no início desta pesquisa as mesorregiões Oeste Paranaense e Oeste Catarinense apresentaram desempenhos socioeconômicos (avaliados pelo crescimento dos PIBs total e setorial e pelo crescimento da população total) muito superiores aos apresentados pelo Noroeste Rio-Grandense e Sudoeste Paranaense, no período de 1970 a 2000. E isto a despeito das similaridades destas mesorregiões no que diz respeito às suas estruturas fundiárias, estruturas competitivas e padrões de organização do trabalho em 1970. Diante disso, o escopo dessa pesquisa foi o de identificar os determinantes dos diferenciais de desempenho socioeconômico dessas mesorregiões nesse período, analisando a distribuição das atividades econômicas e as especializações mesorregionais.

As quatro mesorregiões em estudo foram ocupadas e colonizadas a partir de políticas estaduais e nacionais que tinha por objetivo primeiro, a incorporação desses territórios à economia de seus respectivos Estados e à dinâmica econômica nacional. Dessa forma, a principal referência teórica eleita por nós foi a teoria do desenvolvimento regional a partir da constituição de uma base de exportação (em especial, na versão dada por Douglass North a esta modelagem), que se volta justamente ao estudo do processo de evolução da articulação de estruturas regionais com grau de desenvolvimento mercantil e diversificação produtivas desiguais.

O Noroeste Rio-Grandense foi a primeira, dentre as quatro mesorregiões selecionadas, a ocupar e colonizar seu território. Ainda no início do século XX, fez as escolhas produtivas que formaram sua base de exportação. Os territórios “mais novos”, do Oeste Catarinense, Sudoeste e Oeste Paranaense, tiveram sua fase final de colonização e ocupação somente na metade do século XX. Esta precocidade trazia empecilhos e oportunidades. De um lado, seria de se esperar que, por ter uma base mais ampla, o Noroeste Gaúcho apresentasse uma taxa de crescimento menor do que as regiões que partem de um patamar de acumulação incipiente. Além disso, as opções já feitas tomam a forma de estruturas que comportam algum enrijecimento, limitando a capacidade de resposta e aproveitamento de novas janelas de oportunidade. De outro lado, o fato de ser uma economia consolidada permitia ao Noroeste Rio-Grandense ocupar o papel de fornecedor de insumos e serviços às regiões emergentes, beneficiando-se das similaridades estruturais com as mesmas para tornar o seu próprio crescimento solidário ao crescimento daquelas.

Diante dos resultados alcançados – em que a disparidade das dinâmicas mostrou-se muito mais expressiva do que a convergência –, a primeira hipótese dessa pesquisa, qual seja, *“para além das similaridades evidentes, existiriam especificidades nas estruturas produtivas e fundiárias originais de cada mesorregião que determinaram que as mesmas incorporassem (internalizassem) de forma distinta o dinamismo econômico no período de 1970 a 2000”*, foi parcialmente confirmada. O conjunto de informações apresentado, sobre o ano de 1970, confirmou a existência de diferenças relevantes e usualmente sub-valorizadas entre as mesorregiões. A principal diferença era que as mesorregiões partiram de uma base produtiva diferenciada: o Noroeste Gaúcho já estava plenamente ocupado em 1970, enquanto as demais mesorregiões ainda dispunham de áreas a serem ocupadas e integradas à economia regional – o que foi comprovado pelo aumento de área dos estabelecimentos agropecuários dessas três mesorregiões; e a base industrial também era diferenciada, haja vista, que a mesorregião gaúcha era mais industrializada. Estas diferenças de base produtiva podem ter se refletido na menor capacidade do Noroeste Gaúcho em apresentar percentuais relativos de crescimento superiores, uma vez que já partiu de uma estrutura superior. Estas diferenças, não negavam as similaridades, mas existiam ao lado destas, principalmente em relação a distribuição das propriedades rurais, que eram na maioria de pequenos estabelecimentos, e na forma de ocupação e colonização.

Já, com relação à estrutura de exploração econômica verificou-se que, em se tratando da produção agropecuária, as semelhanças situavam-se no significativo percentual representado pela produção das lavouras temporárias e dos animais de médio e pequeno porte. Mas, deve-se ressaltar uma característica predominante no Noroeste Gaúcho no que diz respeito à especialização produtiva: essa era a única mesorregião, em 1970, que já contava com uma participação muito superior, no VBPA total, da produção de trigo, soja e milho. Nas demais mesorregiões era o milho com maior destaque, e a participação da suinocultura era muito expressiva e **diferenciava** essas três mesorregiões da mesorregião gaúcha.

Porém, não se pode afirmar que foram somente essas especificidades, na origem do período analisado, que determinaram que as mesorregiões incorporassem (internalizassem) de forma distinta o dinamismo econômico no período de 1970 a 2000. Na verdade, confirmou-se também a segunda hipótese da pesquisa: *“a despeito da similaridade de suas estruturas originais, ao longo do tempo as quatro mesorregiões se especializaram em segmentos e setores produtivos distintos, que apresentaram dinamismos distintos, e estas diferenças de dinamismo nos setores motrizes das economias regionais consideradas estão na base da*

dinâmica global distinta das mesmas”. E isto, fundamentalmente, porque os efeitos de encadeamento dos setores motrizes dessas mesorregiões foram diferenciados. O Oeste Paranaense e Oeste Catarinense, e até o Sudoeste Paranaense, que tinham, em 1970, um equilíbrio maior entre a agricultura e pecuária, intensificaram essas especializações agropecuárias no período analisado e esses efeitos definiram o desempenho dos setores secundário e terciário.

As especializações da indústria e serviços, de 1970, já mostravam uma diferença marcante entre essas mesorregiões: o Noroeste Rio-Grandense estava especializado nos setores da indústria mecânica enquanto as outras três mesorregiões estavam na indústria madeireira, refletindo ainda, os ciclos finais de ocupação desses territórios mais “novos”. No setor terciário as especializações não eram significativas em nenhuma mesorregião, ou seja, a maior parcela da população ocupada, do PIB, e das especializações mesorregionais, estava concentrada no setor primário. Assim, a economia desses territórios dependia fundamentalmente do dinamismo da agropecuária, reafirmando assim a teoria de Douglass North, que diz que os setores de exportação das regiões novas ocorrem primeiramente na agropecuária, para depois se expandir para os demais macro-setores, o que nessas mesorregiões mais se dar, e se consolidar, no período de 1970 a 2000.

Quando se analisam as especializações de 2000 notam-se três conjuntos de características principais:

1º) No setor agropecuário o Noroeste Rio-Grandense se consolidou na especialização da soja, enquanto as outras três mesorregiões se especializaram nas atividades de suínos e aves. Ressalta-se que o Oeste Paranaense também vai se especializar na soja, mas as atividades da pecuária tinham em 2000 um destaque muito maior comparado à mesorregião gaúcha;

2º) A diversificação do setor secundário processou-se em todas as mesorregiões em análise. Contudo, no caso do setor industrial, verificou-se o destaque das indústrias de produtos alimentares nas mesorregiões paranaenses e na catarinense, enquanto na mesorregião gaúcha o destaque ficava para as indústrias metal mecânicas com pouca capacidade de ocupação de mão-de-obra comparando-se com as indústrias de produtos alimentares; e,

3º) No setor de serviços uma diversificação ainda mais nítida, ampliando significativamente o número de especializações, se comparado com 1970; fato que pode ser

parcialmente explicado pela urbanização crescente e aos efeitos de encadeamento dos setores primário e secundário. Em todas as mesorregiões as especializações do setor primário foram as principais responsáveis pelo aumento das especializações terciárias. Entretanto, no Oeste Catarinense e no Oeste Paranaense os efeitos de encadeamento foram maiores devido ao processo de agroindustrialização que dinamizou mais os setores do comércio de mercadorias, de transportes e de serviços em geral, e ainda no caso do Oeste do Paraná teve os efeitos positivos advindos da construção da Hidrelétrica de Itaipu na região;

Logo, o que determinou os diferenciais de desempenho socioeconômico dessas mesorregiões no período de 1970 a 2000? Ora! O Noroeste Gaúcho foi a única das mesorregiões a apresentar desempenho percentual **inferior** dos setores primário, secundário e terciário quando comparado com o desempenho do Sul do Brasil. Ao contrário, a dinâmica setorial, principalmente da agropecuária e da industrial, das outras três mesorregiões, está na base do melhor desempenho. As indústrias de produtos alimentares foram as que mais se destacaram, em população ocupada, no Oeste Catarinense seguido da construção civil. No Oeste e Sudoeste Paranaense também foram esses dois setores os mais representativos, mas a construção civil estava na primeira colocação. Apesar de estes terem sido os setores que mais agregaram população ocupada no período, os setores que apresentaram os maiores crescimentos percentuais foram, no setor agropecuário, o das aves, no setor secundário, as indústrias do vestuário, e no setor de serviços, os subsetores da prestação de serviços, em todas as mesorregiões.

Apesar do Noroeste Rio-Grandense e do Oeste Paranaense terem ampliado significativamente sua especialização na cultura da soja, existia uma diferença marcante entre essas duas mesorregiões: a mesorregião gaúcha ampliou demasiadamente suas especializações agropecuárias nas culturas temporárias de grãos, mas com menor competitividade comparativa, (por exemplo, na soja a mesorregião gaúcha apresentava em 1996 uma produtividade de 1,78 T/ha, enquanto no Oeste Catarinense esse valor era de 2,38, e no Sudoeste e Oeste Paranaense era de 2,53 e 2,74, respectivamente) enquanto a mesorregião paranaense ampliou, junto com a competitividade das culturas temporárias, a sua pecuária de suínos e aves, ou seja, diversificou mais sua agropecuária. Ao lado disso, a pecuária do Oeste Paranaense está mais integrada à indústria, ou seja, a agroindustrialização dessa mesorregião é muito maior que na mesorregião gaúcha. Tal fato se revela, por exemplo, nos diferenciais de taxa de crescimento das pecuárias integradas nas duas mesorregiões: enquanto o crescimento do VBPA da atividade das aves na mesorregião gaúcha foi de 314,98%, no Oeste do Paraná

foi de 1.254,94%; e na atividade de suínos esse percentual foi de -19,72% e 17,49%, respectivamente, no período analisado. No Oeste Catarinense e no Sudoeste Paranaense a agroindustrialização da pecuária de pequenos e médios animais também parece ter sido o carro-chefe dos seus dinamismos.

No comportamento setorial dessas mesorregiões os municípios que mais se destacaram foram aqueles que já possuíam maior expressão populacional e econômica em 1970, ou seja, os pólos das mesorregiões se consolidaram nesse período e eram, no geral, os principais centros comerciais, através dos quais as exportações saem da região e as importações entram para a distribuição nas áreas circunvizinhas, sendo assim os responsáveis pela integração (rede urbana) e agregação de valor das principais cadeias produtivas de cada mesorregião. A distribuição municipal dos QLS confirmou essa característica, principalmente para os setores da indústria de transformação. Já, o setor de serviços era melhor distribuído nas mesorregiões, principalmente em 2000. Esse setor passou a agregar uma maior parcela de população ocupada nesse período, e também a ter maior expressão nos PIBs municipais, se comparado com 1970.

Além disso, os municípios pólos foram os que mais atraíram e/ou absorveram a população crescente do período de 1970 a 2000. O menor dinamismo da população total do Noroeste Rio-Grandense e do Sudoeste Paranaense pode estar atrelado a já ocupação total da área antes de 1970 e expulsão para outros Estados de parte da população, na primeira mesorregião, e ao relevo mais acidentado, na segunda. Além disso, todas as mesorregiões acompanharam a tendência nacional de diminuição do percentual da população rural na população total. Porém, as diferenças não deixam de se manifestar mesmo neste plano: o Oeste Catarinense foi a única mesorregião a apresentar crescimento da população rural em alguns municípios, ao mesmo tempo em que, os municípios dessa mesorregião que diminuíram o contingente rural apresentaram, comparavelmente, reduções percentuais inferiores. Enquanto a redução percentual da média da população rural total da mesorregião catarinense foi de -59,20%, na mesorregião gaúcha foi de -71,07%, no Sudoeste Paranaense de -66,40% e no Oeste Paranaense de -86,83%. É preciso uma pesquisa específica abordando esse assunto, mas os indícios são de que a forte especialização que essa mesorregião apresentou nas atividades “casadas” de milho/aves/suínos se refletiu também na maior permanência da população rural regional e no aumento dos pequenos estabelecimentos rurais observados nessa mesorregião.

Enfim, as opções produtivas dessas mesorregiões, principalmente do setor agropecuário, que no ano de 2000 eram: soja/milho no Noroeste Rio-Grandense, suínos/aves/milho no Oeste Catarinense, aves/soja/milho/suínos no Sudoeste Paranaense e soja/aves/milho/suínos no Oeste Paranaense, e a indução de economias externas (caracterizadas principalmente pelas indústrias de produtos alimentares nessas mesorregiões), e dos efeitos de encadeamentos nos três macros-setores, foram as principais explicações do desempenho socioeconômico diferenciado mesorregional.

Assim, no período de 1970 a 2000, houve uma melhor diversificação e integração dos macro-setores do Oeste Catarinense e Oeste Paranaense, o que se refletiu em melhores condições econômicas, de vida (IDH) e de renda, em comparação com o Noroeste Rio-Grandense e Sudoeste Paranaense, tal como mostraram as Tabelas 15 e 42. Essa pesquisa reforça a idéia de que quanto mais diversificada (multi-especializada) for uma região, melhor será o resultado do desenvolvimento para toda a economia e as autarquias, em todas as suas esferas, devem trabalhar nesse sentido. Portanto, a análise de dados secundários contribui sim no detalhamento e reconhecimento das potencialidades regionais, constituindo-se em uma ferramenta metodológica de alta capacidade explicativa.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Lucir Reinaldo; PAIVA, Carlos Aguedo Nagel; FERRERA DE LIMA, Jandir. Desenvolvimento e impactos ambientais em mesorregiões fronteiriças selecionadas no Sul do Brasil a partir de 1970. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 45, 2007, Londrina, *Anais...* Londrina: SOBER, 2007.
- ALVES, Pedro Assumpção; MATTEI, Lauro Francisco. Migrações no Oeste Catarinense: história e elementos explicativos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15, 2006, Caxambú-MG. *Anais...* Caxambú-MG: ABEP, set. 2006.
- BALBINOTTO NETO, Giacomo. As origens clássicas da teoria da rent-seeking. *Estudos do CEPE*, Santa Cruz do Sul, n. 7/8, p. 7-49, jan./dez. 1998.
- BANDEIRA, Pedro. Origens, evolução e situação atual das desigualdades no Rio Grande do Sul. In: GONÇALVES, Maria Flora; BRANDÃO, Carlos Antônio; GALVÃO, Antônio Carlos. (Orgs.). *Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional*. São Paulo: Unesp/Anpur, 2003.
- BAVARESCO, Paulo Ricardo. *Ciclos econômicos regionais: modernização e empobrecimento no extremo Oeste Catarinense*. Chapecó: Argos, 2005.
- _____. Colonização do extremo Oeste Catarinense: contribuições para a história campestre da América Latina. In: CONGRESO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGÍA RURAL, 7., Quito/Equador, 2006, *Anais...* Quito: Associação Latinoamericana de Sociologia Rural-ALASRU, 2006. (Disponível em: <<http://www.alasru.org/cdalasru2006/17%20GT%20Paulo%20Ricardo%20Bavaresco.pdf>> Acesso em: ago. 2007).
- BENKO, Georges. *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BERNARDES, Nilo. *Bases geográficas do povoamento do estado do Rio Grande do Sul*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BRUM, Argemiro Jacob. *Modernização da agricultura: trigo e soja*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- COLODEL, José Augusto. Cinco séculos de história. In: UNIOESTE. *Mesorregião oeste do Paraná: Diagnóstico e Perspectivas*. Cascavel: Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2002. (Relatório Final, Capítulo 1).
- _____. *Obrages e companhias colonizadoras: Santa Helena na história do Oeste Paranaense até 1960*. Santa Helena: Prefeitura Municipal, 1988.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- ESPÍNDOLA, Carlos José. *As agroindústrias no Brasil: o Caso da Sadia*. Chapecó: Grifos, 1999.

FERRERA DE LIMA, Jandir. et al. A região de Salto Caxias no Sudoeste Paranaense: elementos para uma política de desenvolvimento econômico microrregional. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, jan./jun., 2005.

_____. *La diffusion spatiale du développement économique regional: l'analyse de la diffusion au sud du Brésil dans le XX^e siècle*. Thèse de Doctorat. DSH – Université du Québec à Chicoutimi, 2004.

HADDAD, Paulo Roberto (Org.). *Economia regional: teoria e métodos de análise*. Fortaleza: BNB/ETIENE, 1989.

_____. Padrões regionais de crescimento do emprego industrial de 1950 a 1970. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, 39(1), pp. 3-45, jan./mar. 1977.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

HILHORST, Jos G. M. *Planejamento regional: enfoque sobre sistemas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

HIRSCHMAN, Albert. *Estratégia do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura Econômica, 1961.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Banco de dados agregados – SIDRA*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 15 ago. 2006.

_____. *Censo demográfico 1970: microdados, Paraná – Santa Catarina – Rio Grande do Sul; questionário da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. 1 CDROM

_____. *Censo demográfico 2000: microdados, Paraná – Santa Catarina – Rio Grande do Sul; questionário da amostra*. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. 1 CDROM

_____. *Censo comercial: Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: IBGE, 1975a. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. VI, Tomo XXI).

_____. *Censo comercial: Paraná*. Rio de Janeiro: IBGE, 1975b. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. VI, Tomo XIX).

_____. *Censo comercial: Santa Catarina*. Rio de Janeiro: IBGE, 1975c. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. VI, Tomo XX).

_____. *Censo dos serviços: Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: IBGE, 1975d. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. VII, Tomo XXI).

_____. *Censo dos serviços: Paraná*. Rio de Janeiro: IBGE, 1975e. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. VII, Tomo XIX).

_____. *Censo dos serviços: Santa Catarina*. Rio de Janeiro: IBGE, 1975f. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. VII, Tomo XX).

_____. *Censo agropecuário: Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: IBGE, 1974a. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Nacional, v. III, Tomo XXI).

_____. *Censo agropecuário*: Paraná. Rio de Janeiro: IBGE, 1974b. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. III, Tomo XIX).

_____. *Censo agropecuário*: Santa Catarina. Rio de Janeiro: IBGE, 1974c. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. III, Tomo XX).

_____. *Censo industrial*: Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, 1974d. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. IV, Tomo XXI).

_____. *Censo industrial*: Paraná. Rio de Janeiro: IBGE, 1974e. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. IV, Tomo XIX).

_____. *Censo industrial*: Santa Catarina. Rio de Janeiro: IBGE, 1974f. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. IV, Tomo XX).

_____. *Censo predial*: Região Sul. Rio de Janeiro: IBGE, 1974g. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. II, Tomo IV).

_____. *Censo demográfico*: Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, 1973a. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. I, Tomo XXI).

_____. *Censo demográfico*: Paraná. Rio de Janeiro: IBGE, 1973b. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. I, Tomo XIX).

_____. *Censo demográfico*: Santa Catarina. Rio de Janeiro: IBGE, 1973c. (VIII Recenseamento Geral - 1970, Série Regional, v. I, Tomo XX).

_____. *Divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas*. Rio de Janeiro: IBGE, 1972.

_____. *Divisão do Brasil em microrregiões homogêneas – 1968*. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. *Leituras regionais*: mesorregião geográfica Oeste Paranaense. Curitiba: IparDES, 2003.

_____. *Estudo dos efeitos econômicos e sociais da Hidrelétrica de Itaipu sobre a região Oeste do Paraná*. IparDES: Curitiba, abr. 1977. (Relatório Final, Versão Preliminar).

IPEADATA. *Dados macroeconômicos e regionais*. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>> Acesso em: 15 mar. 2007.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil*: redes urbanas regionais – Sul. Brasília: IPEA, 2000.

KALECKI, Michael. *Teoria da dinâmica econômica*: ensaio sobre as mudanças cíclicas e a longo prazo da economia capitalista. 2 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1985. (Os Economistas).

_____. *Crescimento e ciclo das economias capitalistas*. São Paulo: Hucitec, 1983.

KRUGMAN, Paul. *Geography and trade*. Cambridge: Leuven University Press, 1991.

LAGEMANN, Eugenio. Formação sócio-econômica da região Sul do Brasil. *Estudos do CEPE*. Santa Cruz do Sul, n. 7/8, p. 105-143, jan./dez. 1998.

LAGO, Luiz Aranha Corrêa do. A retomada do crescimento e as distorções do “Milagre”. In: ABREU, Marcelo de Paiva. (Org.). *A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana, 1889-1989*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

LAZIER, Hermógenes. *Análise histórica da posse de terra no sudoeste paranaense*. Curitiba: SECE/BPP. 18 ed. 1986.

LODDER, Celsius Antonio. Padrões locacionais e desenvolvimento regional. *Revista Brasileira de Economia*, v. 28, n. 1, pp. 3-128, jan./mar. 1974.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Manual para Elaboração de Monografias e Dissertações*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

MOREIRA, Ruy. A nova divisão territorial do trabalho e as tendências de configuração do espaço brasileiro. In: LIMONAD, Ester; HAESBAERT, Rogério; MOREIRA, Ruy. (Orgs.). *Brasil século XXI por uma nova regionalização – agentes, processos e escalas*. São Paulo: Max Lomonad, 2004. p. 123-152.

NORTH, Douglas Cecil. Teoria da localização e crescimento econômico regional. In: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.). *Economia regional: textos escolhidos*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977a.

_____. A agricultura no crescimento econômico regional. In: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.). *Economia regional: textos escolhidos*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977b.

_____. *The economic growth of the United States 1790-1860*. Washington-USA: Prentice-Hall, 1961a.

_____. Alguns problemas teóricos a respeito do crescimento econômico regional. *Revista Brasileira de Economia*, n. 3, p. 25-38, set. 1961b.

_____. Agriculture in Regional Economic Growth. *Journal of Farm Economics*, 41(5), Dec., 1959.

_____. Location Theory and Regional Economic Growth. *Journal of Political Economy*, LXIII, June, 1955.

ORENSTEIN, Luiz; SOCHACZEWSKI, Antonio Claudio. Democracia com desenvolvimento: 1956-1961. In: ABREU, Marcelo de Paiva. (Org.). *A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana, 1889-1989*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

PADIS, Pedro Calil. *Formação de uma economia periférica: o caso paranaense*. 2 ed. Curitiba: IPARDES, 2006.

PAIVA, Carlos Aguedo Nagel (Coord.). *RS em mapas e dados: bases georreferenciadas para a comparação do desempenho socioeconômico dos municípios gaúchos entre 1966 e 2006*. Porto Alegre: FEE, 2007. 1CD-ROM.

_____. Desenvolvimento regional, especialização e suas medidas. *Indicadores Econômicos*.

Porto Alegre: FEE, v. 34, n. 1. jan./mar. 2006.

_____. O que é uma região de planejamento com vistas ao planejamento endógeno e sustentável. In: PRIMEIRAS JORNADAS DE ECONOMIA REGIONAL COMPARADA. *Anais...* Porto Alegre: FEE/PUC-RS, CD-ROM, 2005.

_____. Demanda Efetiva, Exportações e Desenvolvimento Regional. (ou: Smith, Kalecki e North e os fundamentos de uma teoria do desenvolvimento de regiões periféricas em transição para o capitalismo). In: IX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA. *Anais...* Sociedade Brasileira de Economia Política, Uberlândia (MG), jun. 2004.

_____. A economia internacional na perspectiva clássica (teoria das vantagens comparativas). *Cadernos do CEDE*. Porto Alegre, nov. 1984.

PIACENTI, Carlos Alberto.; FERRERA DE LIMA, Jandir. (Coord.). *Análise do impacto dos reservatórios das hidroelétricas no desenvolvimento econômico microrregional*. Toledo: UNIOESTE/Campus de Toledo/CCSA/Curso de Ciências Econômicas. maio/2001 /maio/2002. 266p. (UNIOESTE/Campus de Toledo/Fundação Araucária. Projeto 612.) Projeto concluído, 2002.

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Desenvolvimento Humano e IDH*. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/idh/>> Acesso em: 29 maio 2007.

POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. *Cadernos do CEOM*, Chapecó: Fundeste, ano 4, v. 1/2, p. 7-11. 1989.

PUMAIN, Denise.; SAINT-JULIEN, Thérèse. *L'analyse spatiale: localizations dans l'espace*. Paris: Armand Colin, 1997.

RICHARDSON, Harry W. *Economia regional: teoria da localização, estrutura urbana e crescimento regional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

RIPPEL, Ricardo; BRAUN, Mirian Beatriz Schneider; RIPPEL, Valderice Cecília Limberger. Aceleração e esgotamento da ocupação populacional de uma fronteira: o caso do oeste do estado Paraná uma análise de 1940 a 2000. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, XLV, Londrina, 2007, *Anais...* Londrina: SOBER, 2007.

ROSTOW, Walt W. *Etapas do desenvolvimento econômico: um manifesto não-comunista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

RÜCKERT, Aldomar Arnaldo. *A trajetória da terra: ocupação e colonização do centro-norte do Rio Grande do Sul: 1827/1931*. Passo Fundo: EDIUPF, 1997.

SANT'ANNA, André Albuquerque. Notas sobre a literatura recente em crescimento e desigualdade. *Revista de Economia Contemporânea*. Rio de Janeiro, 8(2), p. 299-315, jul./dez., 2004.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCP - Secretaria da Coordenação e Planejamento do RS. *Atlas socioeconômico do Rio*

Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.scp.rs.gov.br/ATLAS/default.asp>>, Acesso em: 20 fev. 2007.

SCHALLENBERGER, Erneldo; COLOGNESE, Silvio Antônio. *Migrações e comunidades cristãs: o modo-de-ser evangélico-luterano no Oeste do Paraná*. Toledo: EdT, 1994.

SCHNEIDER, Cláercio Ivan. Vazio demográfico e colonização no Oeste do Paraná, 1946-1960: a Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná – Maripá. *Revista GEONOTAS*. v. 8, n. 1. Disponível em: < <http://www.dge.uem.br/geonotas/vol8-1/ivan.shtml>> Acesso em: 10 ago. 2007.

SHNEIDER, Sérgio. A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 6, n. 11, jan/jun 2004, p. 88-125.

SILVA, Cesar Augusto Freyesleben. et al. *Migração rural e estrutura agrária no oeste catarinense*. 2. ed. Florianópolis: InstitutoCepa/SC, 2003.

SILVA, João Carlos Cerejeira da. A análise de componentes de variação (shift-share). In: COSTA, José Silva. *Compêndio de economia regional*. Coimbra, Portugal: APDR, 2002.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. São paulo: Abril Cultural, 1983.

SOUZA, Marcos.; EIDELMAN, Frida. *Alguns Índices da Inflação Brasileira*. Disponível em: <http://ecen.com/eee41/eee41p/indices_de_inflacao_para_internet.htm#3.220Deflator20Implí cito20do20PIB> Acesso em: 23 out. 2006.

SOUZA, Nali Jesus de. Economia regional: conceito e fundamentos teóricos. *Perspectiva econômica*. ano XVI, v. 11, n. 32, 1981, p. 67-162.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. *Métodos de pesquisa em atividades física*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRENNEPOHL, Dílson; ALVES, Lucir Reinaldo; FLORES, Antônio Joreci. Análise das características regionais e setoriais da evolução do valor bruto da produção agropecuária municipal no Rio Grande do Sul entre 1970 e 1996. In: PAIVA, Carlos Aguedo Nagel (Org.). *Diferenciais de Desempenho - RS em Mapas e Dados*. Porto Alegre: FEE, 2007. (no prelo)

VARGAS, Cilos Roberto. *Paraná: desenvolvimento e transportes*. 2005. 138 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Obrageros, mensus e colonos: história do oeste paranaense*. Curitiba: Ed. Vicentina, 1982.

WERLANG, Alceu. *A colonização do Oeste Catarinense*. Chapecó: Argos, 2002.

ANEXOS

Anexo 1 - Áreas agregadas ou retiradas da análise para manter área de 2000

MUNICÍPIO	ÁREA A SER AGREGADA			ÁREA A SER RETIRADA	
	Área	Município	Período	Área	Período
Mesorregião Noroeste RS					
Caseiros	54,18 Km2	2% de Lagoa Vermelha	1988 a 1970	-	-
Jóia	988,49 Km2	24,50% de Tupanciretã	1982 e 1970	-	-
Salto do Jacuí	30,69 Km2	4,81% de Arroio do Tigre	1982 e 1970	-	-
Tunas	8,38 Km2	1,31% de Arroio do Tigre	1987 a 1970	-	-
Barros Cassal	-	-	-	-58,96 Km2 (8,31%)	1992 a 1970
Santo Antonio das Missões	-	-	-	-59,41 Km2 (3,38%)	1982 a 1970
São Miguel das Missões	-	-	-	-161,07 Km2 (11,57%)	1988 a 1970
Soledade	-	-	-	-71,38 Km2 (2,92%)	1988 a 1970
Mesorregião Oeste SC					
Matos Costa	-	-	-	95,3 Km2 (8,66%)	1991 a 1970
Lebon Regis	-	-	-	104 Km2 (9,51%)	1991 a 1970

Fonte: PAIVA (2007) e IPEADATA (2007).

Anexo 2 - Dados detalhados do censo predial – 1970

Instalações existentes – Setor Urbano

Mesorregiões	Setor rural									
	Total	Instalações existentes								
		Iluminação Elétrica		Água encanada		Instalações sanitárias				
	Tem	Não tem	Tem	Não tem	Rede geral	fossa séptica	Fossa rudimentar	outro escoadouro	não tem	
<i>Valor Absoluto</i>										
Noroeste-RS	120.342	86.197	34.145	55.458	52.934	7.123	27.159	72.110	2.076	11.873
Oeste-SC	36.904	28.689	8.669	14.058	22.946	0	8.631	23.516	1.439	3.320
Sudoeste-PR	16.986	8.564	8.422	3.881	13.105	0	2.236	12.367	543	1.840
Oeste-PR	34.800	17.131	17.669	9.294	25.506	1.103	4.851	23.560	807	4.479
<i>Part. % no respectivo Estado</i>										
Noroeste-RS	33,05%	71,63%	28,37%	46,08%	43,99%	5,92%	22,57%	59,92%	1,72%	9,87%
Oeste-SC	26,22%	77,74%	23,49%	38,09%	62,18%	0,00%	23,39%	63,72%	3,90%	9,00%
Sudoeste-PR	20,56%	50,42%	49,58%	22,85%	77,15%	0,00%	13,16%	72,81%	3,20%	10,83%
Oeste-PR	22,49%	49,23%	50,77%	26,71%	73,29%	3,17%	13,94%	67,70%	2,32%	12,87%

Instalações existentes – Setor Rural

Mesorregiões	Setor rural									
	Total	Instalações existentes								
		Iluminação Elétrica		Água encanada		Instalações sanitárias				
	Tem	Não tem	Tem	Não tem	Rede geral	fossa séptica	fossa rudimenta r	outro escoadour o	não tem	
<i>Valor Absoluto</i>										
Noroeste-RS	243.733	19.313	224.420	24.597	231.086	444	2.330	131.031	6.969	102.959
Oeste-SC	103.864	11.588	91.821	15.445	88.319	0	867	55.729	6.373	41.076
Sudoeste-PR	65.649	1.941	63.708	1.995	63.654	0	245	24.226	2.735	38.443
Oeste-PR	119.965	3.946	116.019	4.857	115.108	0	712	43.534	5.966	69.753
<i>Part. % no respectivo Estado</i>										
Noroeste-RS	66,95%	7,92%	92,08%	10,09%	94,81%	0,18%	0,96%	53,76%	2,86%	42,24%
Oeste-SC	73,78%	11,16%	88,41%	14,87%	85,03%	0,00%	0,83%	53,66%	6,14%	39,55%
Sudoeste-PR	79,44%	2,96%	97,04%	3,04%	96,96%	0,00%	0,37%	36,90%	4,17%	58,56%
Oeste-PR	77,51%	3,29%	96,71%	4,05%	95,95%	0,00%	0,59%	36,29%	4,97%	58,14%

Prédios por tipo de utilização – Setor urbano

Mesorregiões	Setor urbano							
	Total	Utilização						
		Residencial	Atividades econômicas	Escolar	Hospitalar	Outras	Mista	Sem declaração
<i>Valor Absoluto</i>								
Noroeste-RS	120.342	100.389	9.083	851	218	2.043	7.624	121
Oeste-SC	36.904	29.543	3.292	267	92	664	2.937	59
Sudoeste-PR	16.986	13.617	1.658	152	61	297	1.177	24
Oeste-PR	34.800	28.240	4.372	217	74	562	1.159	176
<i>Part. % no respectivo Estado</i>								
Noroeste-RS	33,05%	83,42%	7,55%	0,71%	0,18%	1,70%	6,33%	0,10%
Oeste-SC	26,22%	80,05%	8,92%	0,72%	0,25%	1,80%	7,96%	0,16%
Sudoeste-PR	20,56%	80,17%	9,76%	0,89%	0,36%	1,75%	6,93%	0,14%
Oeste-PR	22,49%	81,15%	12,56%	0,62%	0,21%	1,61%	3,33%	0,51%

Prédios por tipo de utilização – Setor rural

Mesorregiões	Setor rural							
	Total	Utilização						
		Residencial	Atividades econômicas	Escolar	Hospitalar	Outras	Mista	Sem declaração
<i>Valor Absoluto</i>								
Noroeste-RS	243.733	228.469	5.440	4.492	16	3.630	1.654	42
Oeste-SC	103.864	96.906	2.541	1.960	4	1.638	773	40
Sudoeste-PR	65.649	62.403	1.128	1.150	0	638	318	12
Oeste-PR	119.965	110.489	7.405	1.000	4	685	319	63
<i>Part. % no respectivo Estado</i>								
Noroeste-RS	66,95%	93,74%	2,23%	1,84%	0,01%	1,49%	0,68%	0,02%
Oeste-SC	73,78%	93,30%	2,45%	1,89%	0,00%	1,58%	0,74%	0,04%
Sudoeste-PR	79,44%	95,06%	1,72%	1,75%	0,00%	0,97%	0,48%	0,02%
Oeste-PR	77,51%	92,10%	6,17%	0,83%	0,00%	0,57%	0,27%	0,05%

Fonte: IBGE (1974g).

Anexo 3 - População residente total – 1920/2000

Mesorregiões	1920	1940	1950	1960	1970	1980	1991	1996	2000
<i>Valor Absoluto</i>									
Noroeste-RS	372.723	809.406	1.113.052	1.497.649	1.792.199	1.905.782	1.943.614	1.955.567	1.959.940
Oeste-SC	24.650	138.466	280.199	472.619	744.271	930.116	1.049.623	1.076.560	1.115.378
Sudoeste-PR	0	0	0	213.949	446.360	521.269	478.126	472.425	472.626
Oeste-PR	14.427	7.645	16.421	135.677	752.432	960.775	1.016.481	1.078.584	1.138.582
<i>Part. % no respectivo Estado</i>									
Noroeste-RS	17,08%	24,37%	26,73%	27,49%	26,89%	24,52%	21,27%	20,30%	19,24%
Oeste-SC	3,69%	11,75%	17,96%	22,02%	25,65%	25,64%	23,11%	22,08%	20,82%
Sudoeste-PR	0,00%	0,00%	0,00%	5,00%	6,44%	6,83%	5,66%	5,25%	4,94%
Oeste-PR	2,16%	0,62%	0,78%	3,17%	10,86%	12,59%	12,03%	11,98%	11,91%

Fonte: IPEADATA, 2007.

Anexo 4 - Dados gerais da indústria – 1970

Gêneros de indústria	Noroeste-RS			Oeste-SC			Noroeste-PR			Oeste-PR		
	Estab.	% na meso	% na UF	Estab.	% na meso	% na UF	Estab.	% na meso	% na UF	Estab.	% na meso	% na UF
Estração de minerais	29	0,61	5,74	4	0,19	3,51	2	0,30	1,00	5	0,47	2,49
Produtos de minerais não metálicos	629	13,26	27,25	127	6,07	12,66	41	6,15	2,87	137	12,78	9,59
Metalurgia	148	3,12	14,96	35	1,67	13,41	17	2,55	4,56	32	2,99	8,58
Mecânica	173	3,65	20,79	52	2,49	23,85	9	1,35	3,21	28	2,61	10,00
Material elétrico e de comunicação	54	1,14	22,22	13	0,62	16,05	4	0,60	3,74	8	0,75	7,48
Material de transporte	98	2,07	26,27	52	2,49	30,77	27	4,05	9,54	31	2,89	10,95
Madeira	1.108	23,35	43,74	875	41,83	30,25	325	48,73	14,09	443	41,32	19,20
Mobiliário	360	7,59	28,21	191	9,13	23,52	66	9,90	8,02	88	8,21	10,69
Papel e papelão	4	0,08	5,00	37	1,77	38,14	1	0,15	1,18	2	0,19	2,35
Borracha	18	0,38	15,13	8	0,38	19,05	1	0,15	1,49	2	0,19	2,99
Couros e peles e produtos similares	45	0,95	15,96	11	0,53	15,28	1	0,15	1,16	2	0,19	2,33
Química	42	0,89	17,57	5	0,24	2,60	2	0,30	2,04	0	0,00	0,00
Produtos farmacêuticos e veterinários	2	0,04	4,44	2	0,10	20,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
Perfumaria, sabões e velas	17	0,36	11,56	5	0,24	13,89	1	0,15	3,23	1	0,09	3,23
Produtos de matérias plásticas	2	0,04	2,30	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
Têxtil	41	0,86	13,90	18	0,86	7,41	1	0,15	0,66	3	0,28	1,99
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	76	1,60	7,35	13	0,62	5,60	12	1,80	6,45	9	0,84	4,84
Produtos alimentares	1.571	33,11	30,85	518	24,76	27,19	135	20,24	3,67	242	22,57	6,58
Bebidas	226	4,76	27,53	85	4,06	36,80	5	0,75	2,63	14	1,31	7,37
Fumo	2	0,04	4,17	1	0,05	7,14	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
Editorial e gráfica	65	1,37	13,92	27	1,29	17,53	15	2,25	4,95	20	1,87	6,60
Diversas	35	0,74	8,73	13	0,62	13,27	2	0,30	1,48	5	0,47	3,70
TOTAL	4.745	100,00	26,05	2.092	100,00	23,52	667	100,00	6,14	1.072	100,00	9,88

Fonte: IBGE (1974d, 1974e e 1974f).

Anexo 5 - Dados gerais dos serviços – 1970

Classes e gêneros de serviços	Nordeste-RS			Oeste-SC			Nordeste-PR			Oeste-PR		
	Estab.	% na meso	% na UF	Estab.	% na meso	% na UF	Estab.	% na meso	% na UF	Estab.	% na meso	% na UF
Serv. de alojamento e alimentação	2.100	32,41	24,90	1.060	43,28	28,74	463	44,73	5,02	803	47,24	8,71
Serv. de reparação, manutenção e conservação	1.617	24,96	20,04	536	21,89	18,75	214	20,68	3,88	345	20,29	6,25
Serv. pessoais	1.905	29,40	20,35	549	22,42	16,94	250	24,15	4,19	368	21,65	6,17
Serv. comerciais	745	11,50	17,70	229	9,35	25,03	86	8,31	3,57	154	9,06	6,39
Serv. de diversões, radiodifusão e televisão	112	1,73	14,78	75	3,06	25,08	22	2,13	4,71	30	1,76	6,42
TOTAL	6.479	100,00	21,01	2.449	100,00	22,26	1.035	100,00	4,39	1.700	100,00	7,21

Fonte: IBGE (1975d, 1975e, 1975f).

Anexo 6 - Dados gerais do comércio – 1970

Classes e gêneros do comércio	Noroeste-RS			Oeste-SC			Sudoeste-PR			Oeste-PR		
	Estab.	% na meso	% na UF	Estab.	% na meso	% na UF	Estab.	% na meso	% na UF	Estab.	% na meso	% na UF
COMÉRCIO VAREJISTA	9.751	93,07	19,78	3.272	91,09	17,65	1.909	92,49	5,35	3.117	90,80	8,74
Ferragens, produtos metalúrgicos...	189	1,80	15,24	56	1,56	16,18	26	1,26	3,30	74	2,16	9,40
Máquinas, aparelhos e material elétrico	176	1,68	20,66	85	2,37	24,78	38	1,84	6,23	85	2,48	13,93
Veículos e acessórios	248	2,37	19,14	117	3,26	23,03	72	3,49	5,75	145	4,22	11,57
Móveis e outros artigos da habitação e de utilidade doméstica	132	1,26	14,60	42	1,17	18,03	12	0,58	1,76	57	1,66	8,38
Papel, impressos e artigos de escritório	126	1,20	19,66	40	1,11	17,32	27	1,31	5,71	33	0,96	6,98
Produtos químicos e farmacêuticos	288	2,75	22,62	110	3,06	18,27	65	3,15	4,78	107	3,12	7,86
Combustíveis e lubrificantes	473	4,51	28,93	145	4,04	25,94	70	3,39	5,71	122	3,55	9,95
Tecidos e artefatos de tecidos...	1.022	9,75	18,27	464	12,92	21,78	215	10,42	4,29	445	12,96	8,88
Produtos alimentícios, bebidas e estimulantes	5.549	52,96	17,81	1.629	45,35	13,69	1.066	51,65	4,98	1.715	49,96	8,01
Produtos alimentícios (supermercados)	58	0,55	14,32	11	0,31	12,22	9	0,44	7,20	5	0,15	4,00
Mercadorias em geral, com produtos alimentícios	1.102	10,52	47,81	425	11,83	43,63	240	11,63	19,25	171	4,98	13,71
Mercadorias em geral, sem produtos alimentícios	22	0,21	17,05	10	0,28	21,74	2	0,10	2,06	3	0,09	3,09
Artigos diversos	355	3,39	20,46	137	3,81	24,64	66	3,20	5,17	142	4,14	11,13
Artigos usados	11	0,10	7,97	1	0,03	5,56	1	0,05	0,97	13	0,38	12,62
COMÉRCIO ATACADISTA	726	6,93	19,47	320	8,91	29,99	155	7,51	4,59	316	9,20	9,35
Produtos agropecuários e extrativos	213	2,03	37,90	144	4,01	65,16	52	2,52	7,77	92	2,68	13,75
Ferragens, produtos metalúrgicos...	38	0,36	13,97	15	0,42	16,85	8	0,39	3,59	24	0,70	10,76
Máquinas, aparelhos e equipamentos industriais e material elétrico	78	0,74	24,00	22	0,61	30,56	15	0,73	6,94	24	0,70	11,11
Veículos e acessórios	3	0,03	3,95	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	4	0,12	8,16
Móveis e outros artigos da habitação e de utilidade doméstica	0	0,00	0,00	1	0,03	7,14	0	0,00	0,00	1	0,03	4,17
Papel, impressos e artigos de escritório	2	0,02	3,28	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	1	0,03	4,35
Produtos químicos e farmacêuticos	19	0,18	9,74	5	0,14	15,15	2	0,10	1,75	3	0,09	2,63
Combustíveis e lubrificantes	22	0,21	26,19	3	0,08	11,54	0	0,00	0,00	1	0,03	1,10
Tecidos e artefatos de tecidos...	30	0,29	15,23	4	0,11	7,27	2	0,10	2,70	9	0,26	12,16
Produtos alimentícios, bebidas e estimulantes	289	2,76	16,78	114	3,17	23,75	68	3,29	3,81	151	4,40	8,47
Mercadorias em geral, com produtos alimentícios	17	0,16	43,59	10	0,28	47,62	7	0,34	21,88	5	0,15	15,63
Mercadorias em geral, sem produtos alimentícios	1	0,01	12,50	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00	1	0,03	9,09
Artigos diversos	8	0,08	8,51	1	0,03	7,14	0	0,00	0,00	0	0,00	0,00
Artigos usados	6	0,06	8,00	1	0,03	5,26	1	0,05	2,86	0	0,00	0,00
TOTAL	10.477	100,00	19,76	3.592	100,00	18,32	2.064	100,00	5,29	3.433	100,00	8,79

Fonte: IBGE (1975a, 1975b e 1975c).

Anexo 7 - Agregação de setores – 1970 e 2000

Classes de atividade em 1970		Classes de atividade em 2000
AGRICULTURA, PECUÁRIA E SILVICULTURA		AGRICULTURA, SILVICULTURA E PECUÁRIA
112- Cultura de algodão	012	Cultura de algodão
113- Cultura de arroz	013	Cultura de arroz
116- Cultura de café	016	Cultura de café
117- Cultura de cana-de-açúcar	017	Cultura de cana-de-açúcar
118- Cultura de fumo	018	Cultura de fumo
119- Cultura de trigo	022	Cultura de trigo
120- Horticultura e floricultura	023	Horticultura e floricultura
121- Silvicultura	024	Silvicultura
123- Pecuária	026	Pecuária
124- Avicultura e cunicultura	027	Avicultura
125- Apicultura e sericultura	028	Apicultura e sericultura
126- Outras classes da pecuária	029	Outras classes da pecuária
Outras culturas		Outras culturas
	025	Culturas não discriminadas anteriormente
122- Outras culturas	011	Cultura de agave
111- Cultura de agave	014	Cultura de banana
114- Cultura de banana	015	Cultura de cacau
115- Cultura de cacau	019	Cultura de mandioca
	020	Cultura de milho
	021	Cultura de soja
EXTRAÇÃO VEGETAL		EXTRAÇÃO VEGETAL
211- Extração da borracha e goma elástica	031	Extração de borracha e gomas elásticas
212- Extração de erva-mate	032	Extração de erva-mate
213- Extração de plantas fibrosas	033	Extração de plantas fibrosas
214- Extração de frutos e sementes oleaginosas e ceras	034	Extração de frutos, sementes oleaginosas e ceras
215- Extração de madeira	035	Extração de madeiras
216- Produção de carvão vegetal	036	Produção de carvão vegetal
217- Outras classes e classe mal definida	037	Atividades não compreendidas nas classes anteriores
CAÇA E PESCA		PESCA E PISCICULTURA
211- Caça	041	Pesca
222- Pesca e piscicultura	042	Piscicultura
223- Frente de trabalho		
Extração mineral		Extração mineral
301- Extração e aparelhamento de pedras e outros materiais de construção	050	Extração e aparelhamento de pedras e outros materiais de construção
302- Extração de petróleo e gás natural	051	Extração de petróleo e gás natural
303- Extração de carvão-de-pedra	052	Extração de carvão-de-pedra
304- Exploração de salinas e fontes hidrominerais	053	Exploração de salinas e fontes hidrominerais
	056	Extração de minerais radioativos
	057	Extração de minerais não-metálicos (exceto os compreendidos em outras classes)
	058	Extração de minerais metálicos (exceto os compreendidos em outras classes)
	059	Atividades não compreendidas nas classes anteriores ou mal definidas
306- Extração e beneficiamento de outros minerais		
	054	Faiscação e garimpagem de minerais não-metálicos
305- Faiscação e garimpagem	055	Faiscação e garimpagem de minerais metálicos
INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO		INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO
311- Indústria metalúrgica	110	Indústrias metalúrgicas
312- Indústria mecânica	120	Indústrias mecânicas
313- Indústria de material elétrico e de comunicações	130	Indústrias de material elétrico e de comunicações
314- Indústria de material de transporte - inclusive montagem e reparação	140	Indústrias de material de transportes
315- Indústria de minerais não metálicos - exclusive combustíveis minerais	100	Ind. de transformação de minerais não-metálicos (excl. combustíveis minerais)
316- Indústria de borracha	180	Indústrias da borracha
317- Indústria de fumo	280	Indústrias do fumo
318- Indústria de papel e papelão	170	Indústrias do papel e papelão
319- Indústria de mobiliário	160	Indústrias do mobiliário
320- Indústria de madeira	150	Indústrias de madeira
328- Indústria domiciliares de artigos de palha	151	Indústrias domiciliares de artigos de palha
321- Indústria de couro, peles e produtos similares - exclusive artigos do vestuário e calçados	190	Indústrias de couros, peles e similares (exclusive artigos do vestuário e calçado)
323- Indústria de materiais plásticos	230	Indústrias de produtos de matérias plásticas
325- Indústria de produtos derivados do petróleo e carvão - exclusive gás de iluminação	201	Indústrias de produtos da destilação do petróleo e do carvão

326- Indústria têxtil	240	Indústrias têxteis
327- Indústria domiciliárias têxteis	241	Indústrias domiciliares têxteis
329- Indústria do vestuário	250	Indústrias do vestuário
330- Indústria dos calçados	251	Indústrias do calçado
332- Indústria de bebidas e álcoois	270	Indústrias de bebidas (exclusive produção de álcool)
333- Indústria editorial e gráfica	290	Indústrias editoriais e gráficas
322- Indústria de produtos farmacêuticos e medicinais	210	Indústrias de produtos farmacêuticos e veterinários
	220	Indústrias de perfumaria, sabões e velas
324- Indústria química	202	Ind. quim. de mat-primas p/a prod. de mat. plástico, borracha, fios e filam. sint
	200	Indústrias químicas (inclusive produção de álcool)
331- Indústria de produtos alimentares	260	Indústrias de produtos alimentares
	261	Indústrias domiciliares de produtos alimentares
334- Outras classes da indústria de transformação	300	Outras classes da indústria de transformação
INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO		INDÚSTRIAS DA CONSTRUÇÃO
341- Edificações	340	Indústrias da construção civil
342- Rodo-ferrovias		
SERVIÇOS INDUSTRIAIS DE UTILIDADE PÚBLICA		SERVIÇOS INDUSTRIAIS DE UTILIDADE PÚBLICA
351- Produção e distribuição de energia elétrica e gás	351	Produção e distribuição de energia elétrica
	352	Produção e distribuição de gás canalizado
352- Abastecimento de água e serviço de esgoto	353	Abastecimento de água e serviços de esgoto
	354	Limpeza pública e remoção de lixo
COMÉRCIO DE MERCADORIAS		COMÉRCIO DE MERCADORIAS
411- Comércio de produtos agropecuários e extrativos (exclusive aves para alimentação)	410	Comércio de produtos agropecuários e extrativos (excl. aves para alimentação)
412- Comércio de gêneros alimentícios e bebidas, sem alimentação		
413- Comércio de gêneros alimentícios e bebidas, com alimentação	411	Comércio de gêneros alimentícios, bebidas e estimulantes
414- Comércio de tecidos e artefatos de tecidos, artigos do vestuário e armarinho	412	Comércio de tecidos, artefatos de tecido, artigos do vestuário e armarinho
415- Comércio de móveis, tapeçarias, objetos de arte e ornamentação	413	Comércio de móveis, tapeçarias, objetos de arte e ornamentação
416- Comércio de papel, impressos e artigos de escritório	414	Comércio de papel, impressos e artigos de escritório
417- Comércio de ferragens, louças, materiais de construção e produtos metalúrgicos	415	Comércio de ferragens, louças, materiais de construção e produtos metalúrgicos
418- Comércio de máquinas, aparelhos, instrumentos, material elétrico, veículos e acessórios	416	Comércio de máquinas, aparelhos, instrumentos e material elétrico
	417	Comércio de veículos e acessórios
420- Comércio de combustíveis e lubrificantes	419	Comércio de combustíveis e lubrificantes
422- Feiras e mercados	421	Feiras
	422	Supermercados
Outras atividades do comércio de mercadorias		Outras atividades do comércio de mercadorias
424- Outras classes e classe mal definida	423	Lojas de departamento
419- Comércio de produtos farmacêuticos e medicinais	424	Atividades não compreendidas nas classes anteriores ou mal definidas
421- Comércio ambulante	418	Comércio de produtos químicos e farmacêuticos
423- Atividades auxiliares do comércio de mercadorias	420	Comércio ambulante
PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS		SERVIÇOS DE ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO
511- Serviço de alojamento	511	Serviços de alojamento
512- Serviço de alimentação	512	Serviços de alimentação
513- Serviço de higiene pessoal	531	Serviços de higiene pessoal
514- Serviço de confecções sob medida, conservação e reparação de artigos do vestuário	532	Serviços de confecção sob medida e reparação de artigos do vestuário
515- Serviços de conservação, reparação e instalação de máquinas e veículos	521	Serv.de repar. e conserv.de maq.e apar. elétricos ou não, de uso pess. ou domest.
	522/113	Serv. de repar. e manut. de veículos (excl. trens, tratores e maq. de terraplen.)
518- Serviços de conservação de edifícios	523	Serviços de reparação de artigos de madeira e do mobiliário
	524	Serviços de reparação de instalações elétricas, hidráulicas e de gás
517- Serviços domésticos	541	Serviços de conservação de artigos do vestuário e de outros artigos e tecidos
	542	Serviços de limpeza e conservação de casas, escritórios, lojas e edifícios
	543	Serviços de vigilância e guarda
	544	Serviços domésticos remunerados
	545	Serviços domiciliares não incluídos nas classes anteriores ou mal definidos
Outras classes da prestação de serviços		Outras classes da prestação de serviços

519- Outras classes e classe mal definida 516- Serviços de diversões	551	Serviços de diversões e promoção de espetáculos artísticos
	533	Serviços pessoais não incluídos nas classes anteriores ou mal definidos
	525	Serviços de reparação não incluídos nas classes anteriores ou mal definidos
	552	Serviços de radiodifusão e televisão

TRANSPORTES, COMUNICAÇÕES E ARMAZENAGEM		TRANSPORTES
611- Transportes à tração e condução animal	471	Transportes a tração e condução animal
612- Transportes rodoviários	472	Transportes rodoviários de passageiros
	473	Transportes rodoviários de cargas
613- Transportes ferroviários	474	Transportes ferroviários
614- Transportes marítimos, fluviais e lacustres	475	Transportes marítimos, fluviais e lacustres
616- Transportes aéreos	476	Transportes aéreos
617- Serviços postais, telegráficos e de radiocomunicações	481	Serviços postais, telegráficos e de radiocomunicações
618- Telefones	482	Comunicações telefônicas
619- Armazenagem	583	Serviços de armazenagem

Outras classes de transportes, comunicações e armazenagem		Outras classes de transportes, comunicações e armazenagem
620- Outras classes e classe mal definida 615- Serviços portuários	477	Atividades não compreendidas nas classes anteriores ou mal definidas
	581	Serviços auxiliares da agricultura e da pecuária
	582	Serviços auxiliares do comércio de mercadorias
	584	Serviços auxiliares do comércio e da indústria em geral
	585	Serviços auxiliares das atividades de seguros, finanças e valores
	586	Serviços auxiliares dos transportes (exclusive rodoviário e marítimo)
	587	Serviços auxiliares dos transportes rodoviários
	588	Serviços auxiliares dos transportes marítimos
	589	Serviços auxiliares das atividades econômicas em geral

ATIVIDADES SOCIAIS		SERVIÇOS COMUNITÁRIOS E SOCIAIS(EXCLUSIVE MÉDICOS, ODONTOLÓGICOS, VETERINÁRIOS E ENSINO)
711- Ensino público	631	Ensino publico
712- Ensino particular	632	Ensino particular
716- Previdência social	611	Previdência social publica
	612	Previdência social particular
717- Assistência e beneficência	610	Assistência e beneficencia
720- Sindicatos e associações de classe	613	Sindicatos e associações de classe
713- Assistência médico-hospitalar pública	621	Serviços médicos públicos
714- Assistência médico-hospitalar particular	622	Serviços médicos particulares
925- Medicina e atividades auxiliares		
921- Advocacia e atividades auxiliares	571	Serviços jurídicos
922- Engenharia, arquitetura e atividades auxiliares	574	Serviços de engenharia e arquitetura
923- Odontologia e atividades auxiliares	623	Serviços odontológicos
924- Agronomia, veterinária e atividades auxiliares	624	Serviços de veterinária
927- Contabilidade e atividades auxiliares	572	Serviços de contabilidade e auditoria
Outras atividades sociais		Outras atividades sociais
715- Saneamento, abastecimento e melhoramentos urbanos - exclusive abastecimento de água, eletricidade, gás e serviço de esgoto	614	Instituições científicas e tecnológicas
	615	Instituições filosóficas e culturais
926- Ciências, letras, artes e atividades auxiliares	616	Culto e atividades auxiliares
	617	Entidades desportivas e recreativas
928- Outros profissionais liberais e atividades auxiliares	618	Organizações cívicas e políticas
	619	Serviços comunitários e sociais não incluídos nas classes ant. ou mal definidos
718- Culto e atividades auxiliares	573	Serviços de assessoria, consultoria, pesquisa, análise e processamento de dados
	575	Serviços de publicidade e propaganda
719- Instituições culturais	576	Serviços de tradução, reprodução e documentação
	577	Estúdios de pintura, desenho, escultura e serviço de decoração
721- Outras classes e classe mal definida	578	Serviços técnico-profissionais não incluídos nas classes ant. ou mal definidos

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS GOVERNAMENTAIS, LEGISLATIVO, JUSTIÇA		ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
811- Poder legislativo	711	Poder legislativo
812- Justiça e atividades auxiliares	712	Justiça e atividades auxiliares
813- Serviço administrativo federal	713	Serviços administrativos federais
814- Serviço administrativo estadual	714	Serviços administrativos estaduais
815- Serviço administrativo municipal	715	Serviços administrativos municipais
816- Serviço administrativo autárquico	716	Serviços administrativos autárquicos
817- Outras classes e classe mal definida	717	Serviços administr. dos poderes publ. não incluídos nas classes ant. ou mal def.

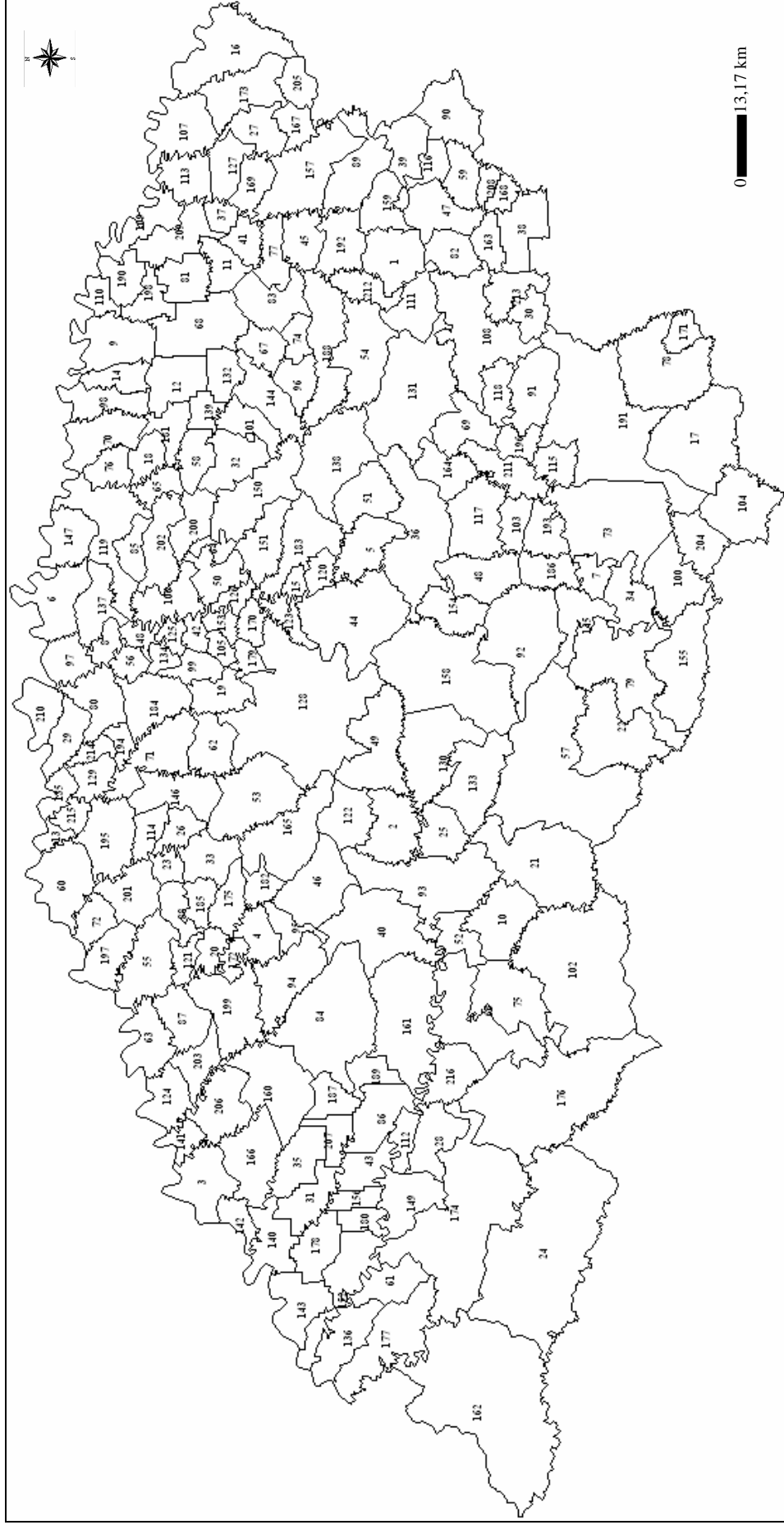
DEFESA NACIONAL E SEGURANÇA PÚBLICA		DEFESA NACIONAL E SEGURANÇA PÚBLICA	
821- Exército	721	Exercito	
822- Marinha de guerra	722	Marinha de guerra	
823- Aeronáutica	723	Aeronáutica	
824- Polícia militar	724	Polícia militar	
825- Polícia civil	725	Polícia civil	
826- Corpo de bombeiros	726	Corpo de bombeiros	
827- Outras organizações de segurança	727	Outras organizações governamentais de segurança	

COMÉRCIO DE IMÓVEIS E VALORES MOBILIÁRIOS, CRÉDITOS, SEGUROS E CAPITALIZAÇÃO		INSTITUIÇÕES DE CRÉDITO, DE SEGUROS E DE CAPITALIZAÇÃO	
911- Comércio de imóveis	461	Administração, comércio e incorporação de imóveis	
912- Comércio de títulos e moedas	462	Comércio de títulos e moedas	
913- Bancos e casas bancárias	451	Bancos, financeiras e capitalização	
914- Caixas econômicas e cooperativas de crédito	452	Caixas econômicas e cooperativas de crédito	
915- Seguros e capitalização	453	Seguros	
Outras atividades do comércio de imóveis	464	Organiz. de cartões de crédito, sorteios, consórcios, clubes de merc. e similares	
916- Outras classes e classe mal definida	463	Concessionários de loterias (exclusive agências lotéricas)	

Outras Atividades		Outras Atividades	
931- Representações estrangeiras	801	Organizações internacionais e representações estrangeiras	
932- Outras atividades	999	Atividades sem correspondência na classificação censo 2000	
933- Procurando trabalho pela 1ª vez	901	Outras atividades não compreendidas nos demais ramos	
934- Atividades mal definida e atividades não declaradas	902	Atividades mal definidas	

Anexo 8 - Divisão municipal do ano de 2000, das mesorregiões em estudo

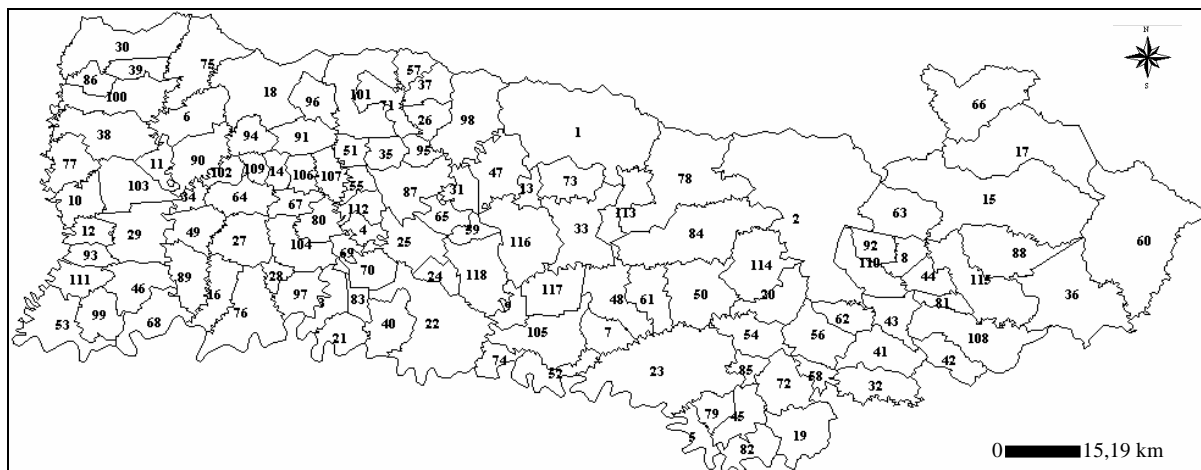
Noroeste Rio-Grandense – 2000



Noroeste Rio-Grandense – 2000

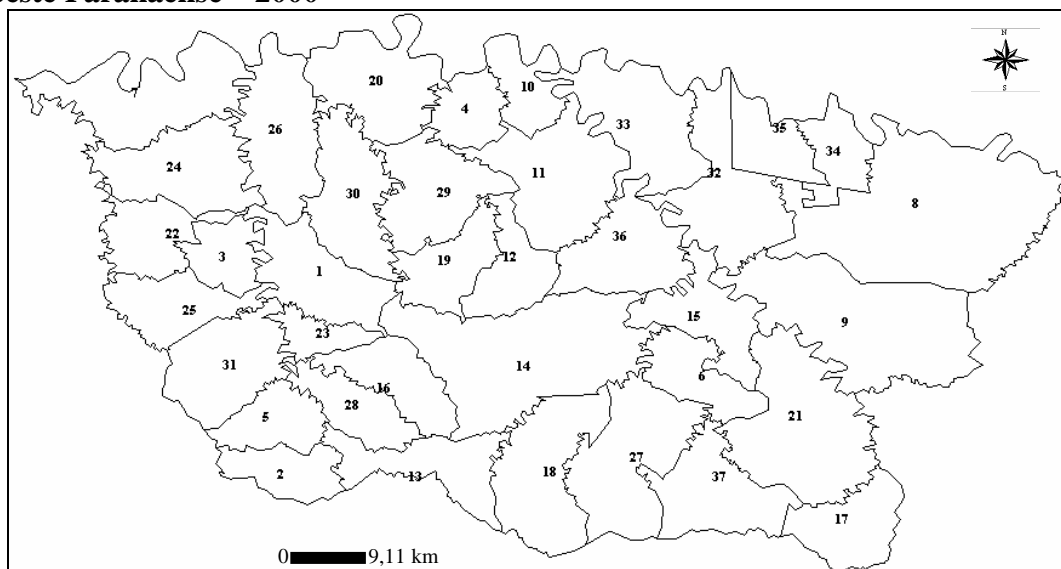
Nº	NOME		
1	Água Santa	73	Espumoso
2	Ajuricaba	74	Estação
3	Alecrim	75	Eugênio de Castro
4	Alegria	76	Faxinalzinho
5	Almirante Tamandaré do Sul	77	Floriano Peixoto
6	Alpestre	78	Fontoura Xavier
7	Alto Alegre	79	Fortaleza dos Valos
8	Ametista do Sul	80	Frederico Westphalen
9	Aratiba	81	Gaurama
10	Augusto Pestana	82	Gentil
11	Áurea	83	Getúlio Vargas
12	Barão de Cotegipe	84	Giruí
13	Barra do Guarita	85	Gramado dos Loureiros
14	Barra do Rio Azul	86	Guarani das Missões
15	Barra Funda	87	Horizontina
16	Barracão	88	Humaitá
17	Barros Cassal	89	Ibiaçá
18	Benjamin Constant do Sul	90	Ibiraiaras
19	Boa Vista das Missões	91	Ibirapuitã
20	Boa Vista do Buricá	92	Ibirubá
21	Boa Vista do Cadeado	93	Ijuí
22	Boa Vista do Incra	94	Independência
23	Bom Progresso	95	Inhacorá
24	Bossoroca	96	Ipiranga do Sul
25	Bozano	97	Iraí
26	Braga	98	Itatiba do Sul
27	Cacique Doble	99	Jaboticaba
28	Caibaté	100	Jacuizinho
29	Caiçara	101	Jacutinga
30	Camargo	102	Jóia
31	Campina das Missões	103	Lagoa dos Três Cantos
32	Campinas do Sul	104	Lagoão
33	Campo Novo	105	Lajeado do Bugre
34	Campos Borges	106	Liberato Salzano
35	Cândido Godói	107	Machadinho
36	Carazinho	108	Marau
37	Carlos Gomes	109	Marcelino Ramos
38	Casca	110	Mariano Moro
39	Caseiros	111	Mato Castelhana
40	Catufpe	112	Mato Queimado
41	Centenário	113	Maximiliano de Almeida
42	Cerro Grande	114	Miraguaí
43	Cerro Largo	115	Mormaço
44	Chapada	116	Muliterno
45	Charrua	117	Não-Me-Toque
46	Chiapetta	118	Nicolau Vergueiro
47	Ciríaco	119	Nonoai
48	Colorado	120	Nova Boa Vista
49	Condor	121	Nova Candelária
50	Constantina	122	Nova Ramada
51	Coqueiros do Sul	123	Novo Barreiro
52	Coronel Barros	124	Novo Machado
53	Coronel Bicaco	125	Novo Tiradentes
54	Coxilha	126	Novo Xingu
55	Crissiumal	127	Paim Filho
56	Cristal do Sul	128	Palmeira das Missões
57	Cruz Alta	129	Palmitinho
58	Cruzaltense	130	Panambi
59	David Canabarro	131	Passo Fundo
60	Derrubadas	132	Paulo Bento
61	Dezesseis de Novembro	133	Pejuçara
62	Dois Irmãos das Missões	134	Pinhal
63	Doutor Maurício Cardoso	135	Pinheirinho do Vale
64	Engenho Velho	136	Pirapó
65	Entre Rios do Sul	137	Planalto
66	Entre-Ijuís	138	Pontão
67	Erebango	139	Ponte Preta
68	Erechim	140	Porto Lucena
69	Ernestina	141	Porto Mauá
70	Ervál Grande	142	Porto Vera Cruz
71	Ervál Seco	143	Porto Xavier
72	Esperança do Sul	144	Quatro Irmãos
		145	Quinze de Novembro
		146	Redentora
		147	Rio dos Índios
		148	Rodeio Bonito
		149	Rolador
		150	Ronda Alta
		151	Rondinha
		152	Roque Gonzales
		153	Sagrada Família
		154	Saldanha Marinho
		155	Salto do Jacuí
		156	Salvador das Missões
		157	Sananduva
		158	Santa Bárbara do Sul
		159	Santa Cecília do Sul
		160	Santa Rosa
		161	Santo Ângelo
		162	Santo Antônio das Missões
		163	Santo Antônio do Palma
		164	Santo Antônio do Planalto
		165	Santo Augusto
		166	Santo Cristo
		167	Santo Expedito do Sul
		168	São Domingos do Sul
		169	São João da Urtiga
		170	São José das Missões
		171	São José do Herval
		172	São José do Inhacorá
		173	São José do Ouro
		174	São Luiz Gonzaga
		175	São Martinho
		176	São Miguel das Missões
		177	São Nicolau
		178	São Paulo das Missões
		179	São Pedro das Missões
		180	São Pedro do Butiá
		181	São Valentim
		182	São Valério do Sul
		183	Sarandi
		184	Seberi
		185	Sede Nova
		186	Selbach
		187	Senador Salgado Filho
		188	Sertão
		189	Sete de Setembro
		190	Severiano de Almeida
		191	Soledade
		192	Tapejara
		193	Tapera
		194	Taquaruçu do Sul
		195	Tenente Portela
		196	Tio Hugo
		197	Tiradentes do Sul
		198	Três Arroios
		199	Três de Maio
		200	Três Palmeiras
		201	Três Passos
		202	Trindade do Sul
		203	Tucunduva
		204	Tunas
		205	Tupanci do Sul
		206	Tuparendi
		207	Ubiretama
		208	Vanini
		209	Viadutos
		210	Vicente Dutra
		211	Victor Graeff
		212	Vila Lângaro
		213	Vila Maria
		214	Vista Alegre
		215	Vista Gaúcha
		216	Vitória das Missões

Oeste Catarinense – 2000



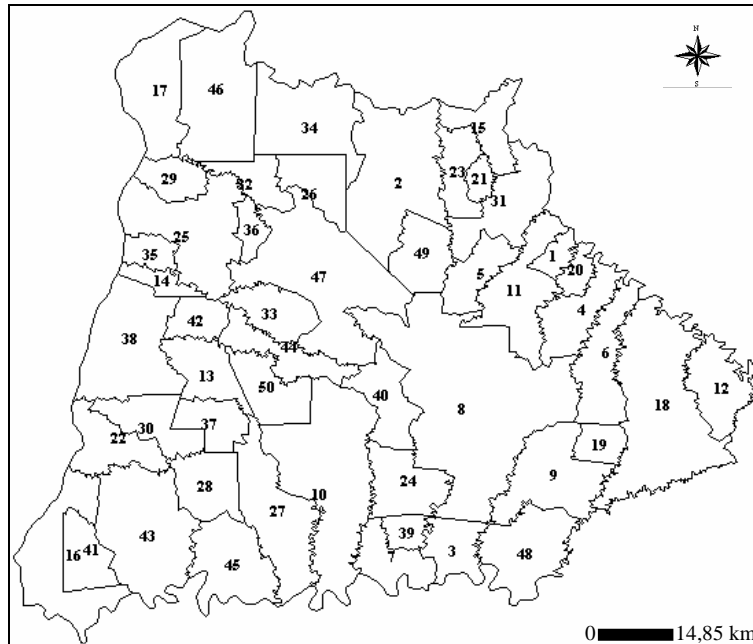
Nº	NOME	40	Guatambú	80	Pinhalzinho
1	Abelardo Luz	41	Herval d'Oeste	81	Pinheiro Preto
2	Água Doce	42	Ibiam	82	Piratuba
3	Águas de Chapecó	43	Ibicaré	83	Planalto Alegre
4	Águas Frias	44	Iomerê	84	Ponte Serrada
5	Alto Bela Vista	45	Ipira	85	Presidente Castello Branco
6	Anchieta	46	Iporã do Oeste	86	Princesa
7	Arabutã	47	Ipuaçu	87	Quilombo
8	Arroio Trinta	48	Ipumirim	88	Rio das Antas
9	Arvoredo	49	Iraceminha	89	Riqueza
10	Bandeirante	50	Irani	90	Romelândia
11	Barra Bonita	51	Irati	91	Saltinho
12	Belmonte	52	Itá	92	Salto Veloso
13	Bom Jesus	53	Itapiranga	93	Santa Helena
14	Bom Jesus do Oeste	54	Jaborá	94	Santa Terezinha do Progresso
15	Caçador	55	Jardinópolis	95	Santiago do Sul
16	Caíbi	56	Joaçaba	96	São Bernardino
17	Calmon	57	Jupirá	97	São Carlos
18	Campo Erê	58	Lacerdópolis	98	São Domingos
19	Capinzal	59	Lajeado Grande	99	São João do Oeste
20	Catanduvas	60	Lebon Régis	100	São José do Cedro
21	Caxambu do Sul	61	Lindóia do Sul	101	São Lourenço do Oeste
22	Chapecó	62	Luzerna	102	São Miguel da Boa Vista
23	Concórdia	63	Macieira	103	São Miguel do Oeste
24	Cordilheira Alta	64	Maravilha	104	Saudades
25	Coronel Freitas	65	Marema	105	Seara
26	Coronel Martins	66	Matos Costa	106	Serra Alta
27	Cunha Porã	67	Modelo	107	Sul Brasil
28	Cunhataí	68	Mondaiá	108	Tangará
29	Descanso	69	Nova Erechim	109	Tigrinhos
30	Dionísio Cerqueira	70	Nova Itaberaba	110	Treze Tílias
31	Entre Rios	71	Novo Horizonte	111	Tunápolis
32	Erval Velho	72	Ouro	112	União do Oeste
33	Faxinal dos Guedes	73	Ouro Verde	113	Vargeão
34	Flor do Sertão	74	Paial	114	Vargem Bonita
35	Formosa do Sul	75	Palma Sola	115	Videira
36	Fraiburgo	76	Palmitos	116	Xanxerê
37	Galvão	77	Paraíso	117	Xavantina
38	Guaraciaba	78	Passos Maia	118	Xaxim
39	Guarujá do Sul	79	Peritiba		

Sudoeste Paranaense – 2000



Nº	NOME	Nº	NOME	Nº	NOME
1	Ampére	10	Cruzeiro do Iguaçu	20	Nova Prata do Iguaçu
2	Barracão	11	Dois Vizinhos	21	Pato Branco
3	Bela Vista da Caroba	12	Enéas Marques	22	Pérola d'Oeste
4	Boa Esperança do Iguaçu	13	Flor da Serra do Sul	23	Pinhal de São Bento
5	Bom Jesus do Sul	14	Francisco Beltrão	24	Planalto
6	Bom Sucesso do Sul	15	Itapejara d'Oeste	25	Pranchita
7	Capanema	16	Manfrinópolis	26	Realeza
8	Chopinzinho	17	Mariópolis	27	Renascença
9	Coronel Vivida	18	Marmeleiro	28	Salgado Filho
		19	Nova Esperança do Sudoeste	29	Salto do Lontra
				30	Santa Izabel do Oeste
				31	Santo Antônio do Sudoeste
				32	São João
				33	São Jorge d'Oeste
				34	Saudade do Iguaçu
				35	Sulina
				36	Verê
				37	Vitorino

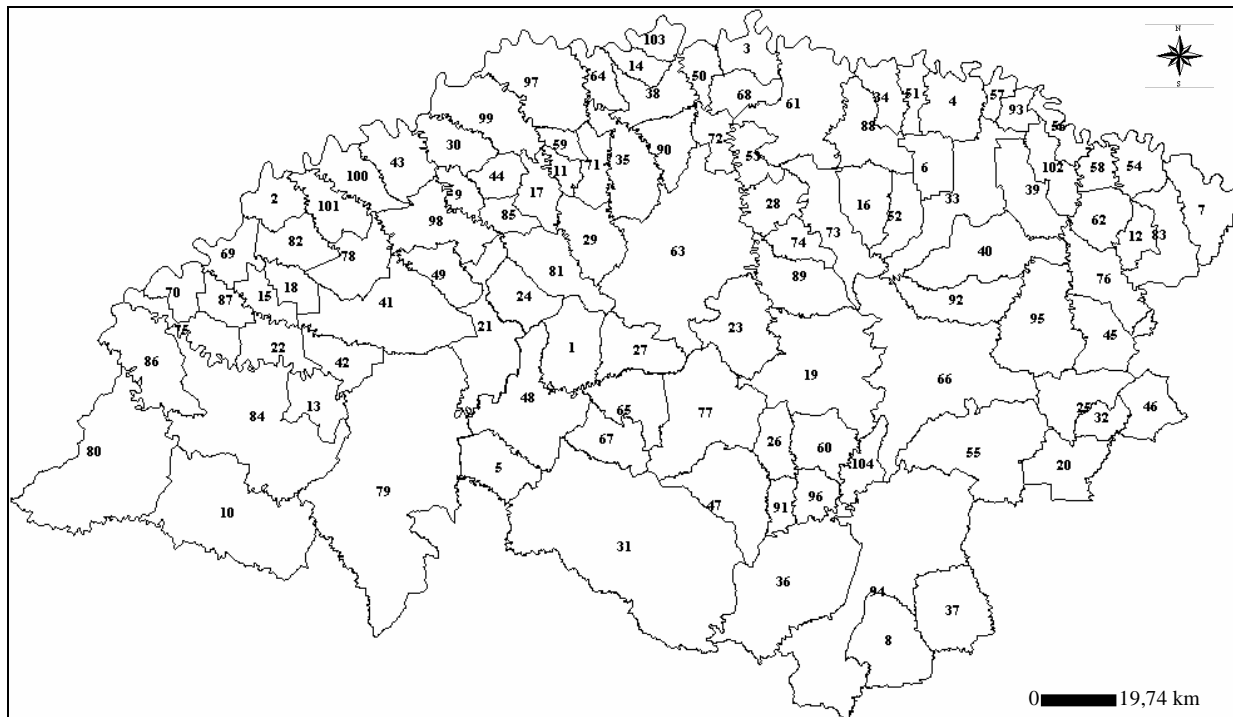
Oeste Paranaense – 2000



Nº	NOME	Nº	NOME	Nº	NOME
1	Anahy	13	Diamante D'Oeste	26	Maripá
2	Assis Chateaubriand	14	Entre Rios do Oeste	27	Matelândia
3	Boa Vista da Aparecida	15	Formosa do Oeste	28	Medianeira
4	Braganey	16	Foz do Iguaçu	29	Mercedes
5	Cafelândia	17	Guaíra	30	Missal
6	Campo Bonito	18	Guaraniaçu	31	Nova Aurora
7	Capitão Leônidas Marques	19	Ibema	32	Nova Santa Rosa
8	Cascavel	20	Iguatu	33	Ouro Verde do Oeste
9	Catanduvas	21	Iracema do Oeste	34	Palotina
10	Céu Azul	22	Itaipulândia	35	Pato Bragado
11	Corbélia	23	Jesuítas	36	Quatro Pontes
12	Diamante do Sul	24	Lindoeste	37	Ramilândia
		25	Marechal Cândido Rondon	38	Santa Helena
				39	Santa Lúcia
				40	Santa Tereza do Oeste
				41	Santa Terezinha de Itaipu
				42	São José das Palmeiras
				43	São Miguel do Iguaçu
				44	São Pedro do Iguaçu
				45	Serranópolis do Iguaçu
				46	Terra Roxa
				47	Toledo
				48	Três Barras do Paraná
				49	Tupãssi
				50	Vera Cruz do Oeste

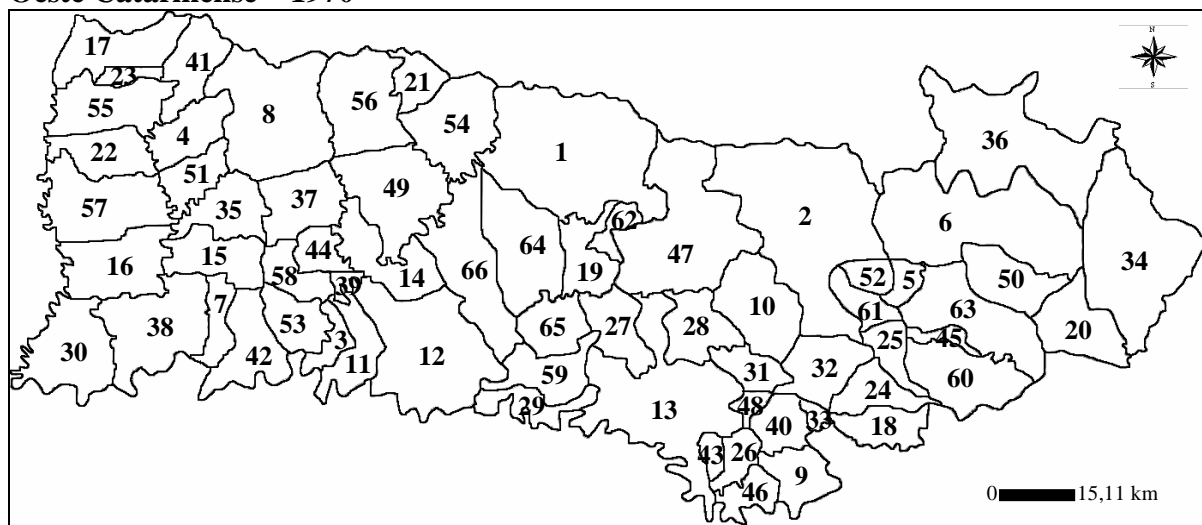
Anexo 9 - Divisão municipal do ano de 1970, das mesorregiões em estudo

Noroeste Rio-Grandense



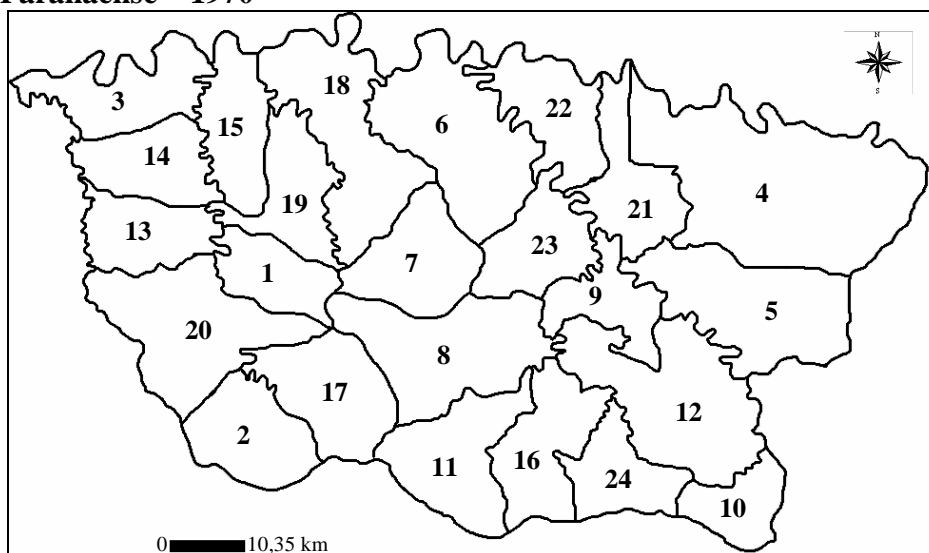
Nº	NOME	Nº	NOME	Nº	NOME
1	Ajuricaba	36	Espumoso	71	Redentora
2	Alecrim	37	Fontoura Xavier	72	Rodeio Bonito
3	Alpestre	38	Frederico Westphalen	73	Ronda Alta
4	Aratiba	39	Gaurama	74	Rondinha
5	Augusto Pestana	40	Getúlio Vargas	75	Roque Gonzales
6	Barão do Cotegipe	41	Girúá	76	Sananduva
7	Barracão	42	Guarani das Missões	77	Santa Bárbara do Sul
8	Barros Cassal	43	Horizontina	78	Santa Rosa
9	Boa Vista do Buricá	44	Humaitá	79	Santo Ângelo
10	Bossoroca	45	Ibiaçá	80	Santo Antônio das Missões
11	Braga	46	Ibiraiaras	81	Santo Augusto
12	Cacique Doble	47	Ibirubá	82	Santo Cristo
13	Caibaté	48	Ijuí	83	São José do Ouro
14	Caçara	49	Independência	84	São Luiz Gonzaga
15	Campina das Missões	50	Iraí	85	São Martinho
16	Campinas do Sul	51	Itatiba do Sul	86	São Nicolau
17	Campo Novo	52	Jacutinga	87	São Paulo das Missões
18	Cândido Godói	53	Liberato Salzano	88	São Valentim
19	Carazinho	54	Machadinho	89	Sarandi
20	Casca	55	Marau	90	Seberi
21	Catuípe	56	Marcelino Ramos	91	Selbach
22	Cerro Largo	57	Mariano Moro	92	Sertão
23	Chapada	58	Maximiliano de Almeida	93	Severiano de Almeida
24	Chiapeta	59	Miraguaí	94	Soledade
25	Ciríaco	60	Não Me Toque	95	Tapejara
26	Colorado	61	Nonoai	96	Tapera
27	Condor	62	Paim Filho	97	Tenente Portela
28	Constantina	63	Palmeira das Missões	98	Três de Maio
29	Coronel Bicaco	64	Palmitinho	99	Três Passos
30	Crissiumal	65	Panambi	100	Tucunduva
31	Cruz Alta	66	Passo Fundo	101	Tuparendi
32	David Canabarro	67	Pejuçara	102	Viadutos
33	Erechim	68	Planalto	103	Vicente Dutra
34	Erval Grande	69	Porto Lucena	104	Victor Graeff
35	Erval Seco	70	Porto Xavier		

Oeste Catarinense – 1970



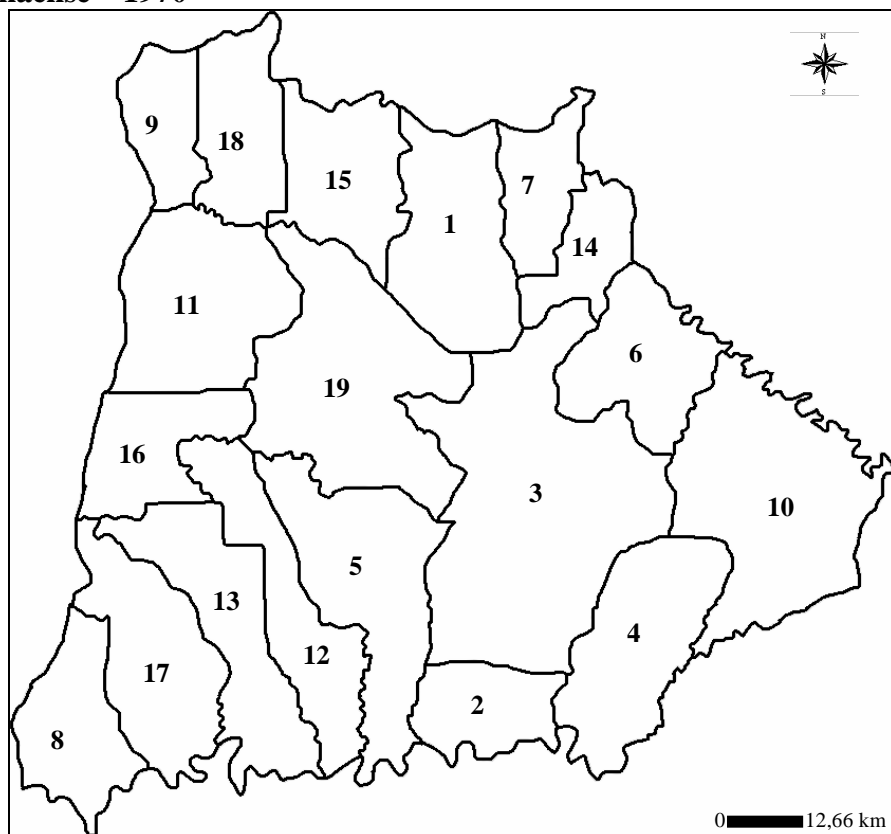
Nº	NOME	17	Dionísio Cerqueira	34	Lebon Régis	51	Romelândia
1	Abelardo Luz	18	Eral Velho	35	Maravilha	52	Salto Veloso
2	Água Doce	19	Faxinal dos Guedes	36	Matos Costa	53	São Carlos
3	Águas de Chapecó	20	Fraiburgo	37	Modelo	54	São Domingos
4	Anchieta	21	Galvão	38	Mondai	55	São José do Cedro
5	Arroio Trinta	22	Guaraciaba	39	Nova Erechim	56	São Lourenço do Oeste
6	Caçador	23	Guarujá do Sul	40	Ouro	57	São Miguel do Oeste
7	Caíbi	24	Herval d'Oeste	41	Palma Sola	58	Saudades
8	Campo Erê	25	Ibicaré	42	Palmitos	59	Seara
9	Capinzal	26	Ipira	43	Peritiba	60	Tangará
10	Catanduvas	27	Ipumirim	44	Pinhalzinho	61	Treze Tílias
11	Caxambu do Sul	28	Irani	45	Pinheiro Preto	62	Vargeão
12	Chapecó	29	Itá	46	Piratuba	63	Videira
13	Concórdia	30	Itapiranga	47	Ponte Serrada	64	Xanxerê
14	Coronel Freitas	31	Jaborá	48	Presidente Castello Branco	65	Xavantina
15	Cunha Porã	32	Joaçaba	49	Quilombo	66	Xaxim
16	Descanso	33	Lacerdópolis	50	Rio das Antas		

Sudoeste Paranaense – 1970



Nº	NOME	9	Itapejara d'Oeste	18	Salto do Lontra
1	Ampére	10	Mariópolis	19	Santa Izabel do Oeste
2	Barracão	11	Marmeleiro	20	Santo Antônio do Sudoeste
3	Capanema	12	Pato Branco	21	São João
4	Chopinzinho	13	Pérola d'Oeste	22	São Jorge d'Oeste
5	Coronel Vivida	14	Planalto	23	Verê
6	Dois Vizinhos	15	Realeza	24	Vitorino
7	Enéas Marques	16	Renascença		
8	Francisco Beltrão	17	Salgado Filho		

Oeste Paranaense – 1970



Nº	NOME		Nº	NOME
1	Assis Chateaubriand		10	Guaraniaçu
2	Capitão Leônidas Marques		11	Marechal Candido Rondon
3	Cascavel		12	Matelândia
4	Catanduvas		13	Medianeira
5	Céu Azul		14	Nova Aurora
6	Corbélia		15	Palotina
7	Formosa do Oeste		16	Santa Helena
8	Foz do Iguaçu		17	São Miguel do Iguaçu
9	Guáifra		18	Terra Roxa
			19	Toledo

Anexo 10 - População total, urbana e rural dos municípios das mesorregiões em estudo – 1970 e 2000

Mesorregião Noroeste Rio-Grandense

Municípios	População TOTAL			População RURAL			População URBANA			Urbanização	
	1970	2000	2000/ 1970 (%)	1970	2000	2000/ 1970 (%)	1970	2000	2000/ 1970 (%)	% 1970	% 2000
Água Santa	0	4.127	0,00	0	2.955	0,00	0	1.172	0,00	-	28,40
Ajuricaba	11.649	7.709	-33,82	10.593	3.950	-62,71	1.056	3.759	255,97	9,07	48,76
Alecrim	15.412	8.487	-44,93	14.939	6.418	-57,04	473	2.069	337,42	3,07	24,38
Alegria	0	5.367	0,00	0	3.760	0,00	0	1.607	0,00	-	29,94
Almirante Tamandaré do Sul	0	0	0,00	0	0	0,00	0	0	0,00	-	-
Alpestre	13.499	10.266	-23,95	12.343	8.109	-34,30	1.156	2.157	86,59	8,56	21,01
Alto Alegre	0	2.137	0,00	0	1.418	0,00	0	719	0,00	-	33,65
Ametista do Sul	0	7.414	0,00	0	4.219	0,00	0	3.195	0,00	-	43,09
Aratiba	13.905	7.116	-48,82	12.297	4.559	-62,93	1.608	2.557	59,02	11,56	35,93
Augusto Pestana	9.232	8.173	-11,47	8.179	4.845	-40,76	1.053	3.328	216,05	11,41	40,72
Áurea	0	3.889	0,00	0	2.627	0,00	0	1.262	0,00	-	32,45
Barão de Cotegipe	8.665	6.927	-20,06	6.920	3.640	-47,40	1.745	3.287	88,37	20,14	47,45
Barra do Guarita	0	2.987	0,00	0	1.881	0,00	0	1.106	0,00	-	37,03
Barra do Rio Azul	0	2.414	0,00	0	2.050	0,00	0	364	0,00	-	15,08
Barra Funda	0	2.231	0,00	0	1.039	0,00	0	1.192	0,00	-	53,43
Barracão	8.635	5.592	-35,24	7.660	2.837	-62,96	975	2.755	182,56	11,29	49,27
Barros Cassal	15.502	11.347	-26,80	13.040	8.100	-37,88	1.280	3.247	153,67	8,26	28,62
Benjamin Constant do Sul	0	2.727	0,00	0	2.471	0,00	0	256	0,00	-	9,39
Boa Vista das Missões	0	2.188	0,00	0	1.537	0,00	0	651	0,00	-	29,75
Boa Vista do Buricá	8.747	6.587	-24,69	7.959	2.924	-63,26	788	3.663	364,85	9,01	55,61
Boa Vista do Cadeado	0	0	0,00	0	0	0,00	0	0	0,00	-	-
Boa Vista do Incra	0	0	0,00	0	0	0,00	0	0	0,00	-	-
Bom Progresso	0	2.831	0,00	0	1.820	0,00	0	1.011	0,00	-	35,71
Bossoroca	7.043	7.757	10,14	5.924	3.742	-36,83	1.119	4.015	258,80	15,89	51,76
Bozano	0	0	0,00	0	0	0,00	0	0	0,00	-	-
Braga	6.700	4.198	-37,34	6.151	1.858	-69,79	549	2.340	326,23	8,19	55,74
Cacique Doble	6.497	4.770	-26,58	5.685	3.274	-42,41	812	1.496	84,24	12,50	31,36
Caibaté	7.893	7.243	-8,24	7.209	4.299	-40,37	684	2.944	330,41	8,67	40,65
Caieiras	9.045	5.580	-38,31	8.123	4.091	-49,64	922	1.489	61,50	10,19	26,68
Camargo	0	2.498	0,00	0	1.618	0,00	0	880	0,00	-	35,23
Campina das Missões	7.801	7.014	-10,09	7.313	4.739	-35,20	488	2.275	366,19	6,26	32,44
Campinas do Sul	10.136	8.258	-18,53	8.488	3.827	-54,91	1.648	4.431	168,87	16,26	53,66
Campo Novo	10.332	6.721	-34,95	8.011	2.104	-73,74	2.321	4.617	98,92	22,46	68,70
Campos Borges	0	3.785	0,00	0	1.754	0,00	0	2.031	0,00	-	53,66
Cândido Godói	7.690	7.092	-7,78	7.255	5.462	-24,71	435	1.630	274,71	5,66	22,98
Carazinho	42.504	59.894	40,91	13.006	3.618	-72,18	29.498	56.276	90,78	69,40	93,96
Carlos Gomes	0	1.912	0,00	0	1.571	0,00	0	341	0,00	-	17,83
Casca	15.539	8.440	-45,69	13.593	4.322	-68,20	1.946	4.118	111,61	12,52	48,79
Caseiros	0	2.899	0,00	0	1.897	0,00	0	1.002	0,00	-	34,56
Catuípe	15.594	10.198	-34,60	12.634	4.018	-68,20	2.960	6.180	108,78	18,98	60,60
Centenário	0	3.127	0,00	0	2.467	0,00	0	660	0,00	-	21,11
Cerro Grande	0	2.601	0,00	0	1.880	0,00	0	721	0,00	-	27,72
Cerro Largo	18.002	12.665	-29,65	11.970	3.324	-72,23	6.032	9.341	54,86	33,51	73,75
Chapada	10.573	9.746	-7,82	8.649	5.010	-42,07	1.924	4.736	146,15	18,20	48,59
Charrua	0	3.783	0,00	0	3.215	0,00	0	568	0,00	-	15,01
Chiapetta	4.405	4.481	1,73	3.838	1.935	-49,58	567	2.546	349,03	12,87	56,82
Ciriaco	7.587	5.252	-30,78	6.721	3.183	-52,64	866	2.069	138,91	11,41	39,39
Colorado	5.558	4.072	-26,74	4.597	2.153	-53,17	961	1.919	99,69	17,29	47,13
Condor	5.911	6.491	9,81	5.182	3.071	-40,74	729	3.420	369,14	12,33	52,69
Constantina	15.521	11.667	-24,83	14.084	5.865	-58,36	1.437	5.802	303,76	9,26	49,73
Coqueiros do Sul	0	2.695	0,00	0	1.891	0,00	0	804	0,00	-	29,83
Coronel Barros	0	2.454	0,00	0	1.599	0,00	0	855	0,00	-	34,84
Coronel Bicaco	8.437	8.435	-0,02	7.019	4.152	-40,85	1.418	4.283	202,05	16,81	50,78
Coxilha	0	2.979	0,00	0	1.358	0,00	0	1.621	0,00	-	54,41
Crissiumal	19.275	15.180	-21,25	16.304	9.056	-44,46	2.971	6.124	106,13	15,41	40,34
Cristal do Sul	0	2.874	0,00	0	2.430	0,00	0	444	0,00	-	15,45
Cruz Alta	57.930	71.254	23,00	13.500	5.887	-56,39	44.430	65.367	47,12	76,70	91,74
Cruzaltense	0	0	0,00	0	0	0,00	0	0	0,00	-	-
David Canabarro	6.281	4.740	-24,53	6.116	3.315	-45,80	165	1.425	763,64	2,63	30,06
Derubadas	0	3.715	0,00	0	2.929	0,00	0	786	0,00	-	21,16
Dezesseis de Novembro	0	3.444	0,00	0	2.851	0,00	0	593	0,00	-	17,22
Dois Irmãos das Missões	0	2.365	0,00	0	1.432	0,00	0	933	0,00	-	39,45
Doutor Maurício Cardoso	0	6.329	0,00	0	3.710	0,00	0	2.619	0,00	-	41,38
Engenho Velho	0	2.134	0,00	0	1.677	0,00	0	457	0,00	-	21,42
Entre Rios do Sul	0	3.491	0,00	0	1.422	0,00	0	2.069	0,00	-	59,27
Entre-Ijuís	0	9.702	0,00	0	5.262	0,00	0	4.440	0,00	-	45,76
Erebango	0	3.023	0,00	0	1.048	0,00	0	1.975	0,00	-	65,33
Erechim	48.677	90.347	85,61	14.761	8.321	-43,63	33.916	82.026	141,85	69,68	90,79
Ernestina	0	3.941	0,00	0	2.863	0,00	0	1.078	0,00	-	27,35
Ervai Grande	10.512	5.647	-46,28	9.533	3.538	-62,89	979	2.109	115,42	9,31	37,35
Ervai Seco	13.496	9.177	-32,00	12.422	5.931	-52,25	1.074	3.246	202,23	7,96	35,37
Esperança do Sul	0	3.755	0,00	0	3.332	0,00	0	423	0,00	-	11,26
Espumoso	34.965	16.185	-53,71	24.181	6.171	-74,48	10.784	10.014	-7,14	30,84	61,87

Estação	0	6.228	0,00	0	961	0,00	0	5.267	0,00	-	84,57
Eugênio de Castro	0	3.313	0,00	0	2.219	0,00	0	1.094	0,00	-	33,02
Faxinalzinho	0	2.923	0,00	0	1.648	0,00	0	1.275	0,00	-	43,62
Floriano Peixoto	0	2.361	0,00	0	2.135	0,00	0	226	0,00	-	9,57
Fontoura Xavier	15.312	11.473	-25,07	14.635	8.091	-44,71	677	3.382	399,56	4,42	29,48
Fortaleza dos Valos	0	5.079	0,00	0	2.260	0,00	0	2.819	0,00	-	55,50
Frederico Westphalen	25.567	26.759	4,66	16.337	6.326	-61,28	9.230	20.433	121,38	36,10	76,36
Gaurama	14.787	6.391	-56,78	11.669	3.394	-70,91	3.118	2.997	-3,88	21,09	46,89
Gentil	0	1.771	0,00	0	1.296	0,00	0	475	0,00	-	26,82
Getúlio Vargas	27.189	16.509	-39,28	18.780	2.865	-84,74	8.409	13.644	62,25	30,93	82,65
Giruá	25.425	18.749	-26,26	20.393	5.492	-73,07	5.032	13.257	163,45	19,79	70,71
Gramado dos Loureiros	0	2.543	0,00	0	2.117	0,00	0	426	0,00	-	16,75
Guarani das Missões	10.416	8.990	-13,69	8.089	4.006	-50,48	2.327	4.984	114,18	22,34	55,44
Horizontalina	20.996	17.699	-15,70	16.428	3.978	-75,79	4.568	13.721	200,37	21,76	77,52
Humaitá	11.262	5.228	-53,58	9.540	2.562	-73,14	1.722	2.666	54,82	15,29	50,99
Ibiaçá	7.323	5.233	-28,54	6.201	2.557	-58,76	1.122	2.676	138,50	15,32	51,14
Ibiraiaras	8.495	7.163	-15,68	7.761	4.044	-47,89	734	3.119	324,93	8,64	43,54
Ibirapuitã	0	5.170	0,00	0	3.239	0,00	0	1.931	0,00	-	37,35
Ibirubá	19.339	18.633	-3,65	13.160	5.112	-61,16	6.179	13.521	118,82	31,95	72,56
Ijuí	52.738	78.461	48,78	20.932	11.064	-47,14	31.806	67.397	111,90	60,31	85,90
Independência	9.046	7.308	-19,21	8.289	3.321	-59,93	757	3.987	426,68	8,37	54,56
Inhacorá	0	2.378	0,00	0	1.101	0,00	0	1.277	0,00	-	53,70
Ipiranga do Sul	0	2.057	0,00	0	1.464	0,00	0	593	0,00	-	28,83
Iraí	13.012	9.250	-28,91	8.045	3.660	-54,51	4.967	5.590	12,54	38,17	60,43
Itatiba do Sul	8.069	5.252	-34,91	7.015	3.459	-50,69	1.054	1.793	70,11	13,06	34,14
Jaboticaba	0	4.536	0,00	0	3.128	0,00	0	1.408	0,00	-	31,04
Jacuizinho	0	0	0,00	0	0	0,00	0	0	0,00	-	-
Jacutinga	6.999	4.248	-39,31	6.228	2.114	-66,06	771	2.134	176,78	11,02	50,24
Jóia	0	8.284	0,00	0	6.309	0,00	0	1.975	0,00	-	23,84
Lagoa dos Três Cantos	0	1.627	0,00	0	952	0,00	0	675	0,00	-	41,49
Lagoão	0	6.098	0,00	0	4.910	0,00	0	1.188	0,00	-	19,48
Lajeado do Bugre	0	2.463	0,00	0	2.028	0,00	0	435	0,00	-	17,66
Liberato Salzano	10.149	6.574	-35,23	9.624	5.508	-42,77	525	1.066	103,05	5,17	16,22
Machadinho	10.044	5.728	-42,97	8.537	2.948	-65,47	1.507	2.780	84,47	15,00	48,53
Marau	26.418	28.361	7,35	21.574	5.508	-74,47	4.844	22.853	371,78	18,34	80,58
Marcelino Ramos	8.828	6.108	-30,81	5.755	3.021	-47,51	3.073	3.087	0,46	34,81	50,54
Mariano Moro	4.142	2.474	-40,27	3.656	1.404	-61,60	486	1.070	120,16	11,73	43,25
Mato Castelhano	0	2.454	0,00	0	2.064	0,00	0	390	0,00	-	15,89
Mato Queimado	0	0	0,00	0	0	0,00	0	0	0,00	-	-
Maximiliano de Almeida	7.044	5.651	-19,78	5.457	3.003	-44,97	1.587	2.648	66,86	22,53	46,86
Miraguaí	8.400	5.034	-40,07	7.007	3.248	-53,65	1.393	1.786	28,21	16,58	35,48
Mormaço	0	2.435	0,00	0	2.060	0,00	0	375	0,00	-	15,40
Muliterno	0	1.768	0,00	0	1.356	0,00	0	412	0,00	-	23,30
Não-Me-Toque	10.968	14.413	31,41	6.936	2.619	-62,24	4.032	11.794	192,51	36,76	81,83
Nicolau Vergueiro	0	1.812	0,00	0	1.321	0,00	0	491	0,00	-	27,10
Nonoai	29.757	12.822	-56,91	26.906	4.028	-85,03	2.851	8.794	208,45	9,58	68,59
Nova Boa Vista	0	2.222	0,00	0	1.689	0,00	0	533	0,00	-	23,99
Nova Candelária	0	2.883	0,00	0	2.616	0,00	0	267	0,00	-	9,26
Nova Ramada	0	2.723	0,00	0	2.723	0,00	0	0	0,00	-	0,00
Novo Barreiro	0	3.867	0,00	0	3.047	0,00	0	820	0,00	-	21,21
Novo Machado	0	4.718	0,00	0	3.222	0,00	0	1.496	0,00	-	31,71
Novo Tiradentes	0	2.412	0,00	0	1.848	0,00	0	564	0,00	-	23,38
Novo Xingu	0	0	0,00	0	0	0,00	0	0	0,00	-	-
Paim Filho	10.692	4.831	-54,82	8.876	2.707	-69,50	1.816	2.124	16,96	16,98	43,97
Palmeira das Missões	58.658	38.192	-34,89	42.691	7.367	-82,74	15.967	30.825	93,05	27,22	80,71
Palmitinho	13.247	6.943	-47,59	12.623	4.366	-65,41	624	2.577	312,98	4,71	37,12
Panambi	16.193	32.610	101,38	8.927	4.319	-51,62	7.266	28.291	289,36	44,87	86,76
Passo Fundo	93.850	168.458	79,50	23.113	4.694	-79,69	70.737	163.764	131,51	75,37	97,21
Paulo Bento	0	0	0,00	0	0	0,00	0	0	0,00	-	-
Pejuçara	3.418	4.189	22,56	2.839	1.521	-46,42	579	2.668	360,79	16,94	63,69
Pinhal	0	2.503	0,00	0	1.526	0,00	0	977	0,00	-	39,03
Pinheirinho do Vale	0	4.184	0,00	0	3.507	0,00	0	677	0,00	-	16,18
Pirapó	0	3.349	0,00	0	2.637	0,00	0	712	0,00	-	21,26
Planalto	17.584	11.302	-35,73	14.848	5.545	-62,65	2.736	5.757	110,42	15,56	50,94
Pontão	0	3.904	0,00	0	2.824	0,00	0	1.080	0,00	-	27,66
Ponte Preta	0	2.153	0,00	0	1.756	0,00	0	397	0,00	-	18,44
Porto Lucena	13.007	6.398	-50,81	11.380	3.982	-65,01	1.627	2.416	48,49	12,51	37,76
Porto Mauá	0	2.802	0,00	0	1.878	0,00	0	924	0,00	-	32,98
Porto Vera Cruz	0	2.464	0,00	0	1.962	0,00	0	502	0,00	-	20,37
Porto Xavier	12.406	11.190	-9,80	11.150	5.621	-49,59	1.256	5.569	343,39	10,12	49,77
Quatro Irmãos	0	0	0,00	0	0	0,00	0	0	0,00	-	-
Quinze de Novembro	0	3.582	0,00	0	1.939	0,00	0	1.643	0,00	-	45,87
Redentora	11.543	8.846	-23,36	10.491	6.084	-42,01	1.052	2.762	162,55	9,11	31,22
Rio dos Índios	0	4.702	0,00	0	4.105	0,00	0	597	0,00	-	12,70
Rodeio Bonito	13.830	5.751	-58,42	12.498	1.852	-85,18	1.332	3.899	192,72	9,63	67,80
Rolador	0	0	0,00	0	0	0,00	0	0	0,00	-	-
Ronda Alta	16.028	10.051	-37,29	14.531	5.663	-61,03	1.497	4.388	193,12	9,34	43,66
Rondinha	8.308	6.107	-26,49	7.589	4.106	-45,90	719	2.001	178,30	8,65	32,77
Roque Gonzales	10.589	7.799	-26,35	9.746	5.061	-48,07	843	2.738	224,79	7,96	35,11
Sagrada Família	0	2.648	0,00	0	1.998	0,00	0	650	0,00	-	24,55
Saldanha Maranhão	0	3.195	0,00	0	1.303	0,00	0	1.892	0,00	-	59,22
Salto do Jacuí	0	12.948	0,00	0	3.043	0,00	0	9.905	0,00	-	76,50

Salvador das Missões	0	2.665	0,00	0	1.815	0,00	0	850	0,00	-	31,89
Sananduva	13.299	14.744	10,87	8.501	5.754	-32,31	4.798	8.990	87,37	36,08	60,97
Santa Bárbara do Sul	9.191	10.003	8,83	6.045	2.476	-59,04	3.146	7.527	139,26	34,23	75,25
Santa Cecília do Sul	0	0	0,00	0	0	0,00	0	0	0,00	-	-
Santa Rosa	39.550	65.016	64,39	15.824	9.066	-42,71	23.726	55.950	135,82	59,99	86,06
Santo Ângelo	80.754	76.745	-4,96	41.640	11.845	-71,55	39.114	64.900	65,93	48,44	84,57
Santo Antônio das Missões	11.589	12.691	9,51	8.987	5.610	-37,58	2.294	7.081	208,67	19,79	55,80
Santo Antônio do Palma	0	2.207	0,00	0	1.723	0,00	0	484	0,00	-	21,93
Santo Antônio do Planalto	0	2.001	0,00	0	1.096	0,00	0	905	0,00	-	45,23
Santo Augusto	14.812	14.426	-2,61	11.281	3.382	-70,02	3.531	11.044	212,77	23,84	76,56
Santo Cristo	15.076	14.890	-1,23	13.157	7.606	-42,19	1.919	7.284	279,57	12,73	48,92
Santo Expedito do Sul	0	2.683	0,00	0	1.980	0,00	0	703	0,00	-	26,20
São Domingos do Sul	0	2.831	0,00	0	1.350	0,00	0	1.481	0,00	-	52,31
São João da Urtiga	0	4.929	0,00	0	3.186	0,00	0	1.743	0,00	-	35,36
São José das Missões	0	3.000	0,00	0	2.317	0,00	0	683	0,00	-	22,77
São José do Herval	0	2.530	0,00	0	1.800	0,00	0	730	0,00	-	28,85
São José do Inhacorá	0	2.402	0,00	0	1.674	0,00	0	728	0,00	-	30,31
São José do Ouro	14.304	7.051	-50,71	11.945	2.738	-77,08	2.359	4.313	82,83	16,49	61,17
São Luiz Gonzaga	41.061	39.553	-3,67	22.452	6.801	-69,71	18.609	32.752	76,00	45,32	82,81
São Martinho	8.763	6.321	-27,87	7.899	3.311	-58,08	864	3.010	248,38	9,86	47,62
São Miguel das Missões	0	7.682	0,00	0	4.594	0,00	0	3.088	0,00	-	40,20
São Nicolau	10.961	6.406	-41,56	9.837	2.396	-75,64	1.124	4.010	256,76	10,25	62,60
São Paulo das Missões	9.354	7.187	-23,17	8.638	5.191	-39,91	716	1.996	178,77	7,65	27,77
São Pedro das Missões	0	0	0,00	0	0	0,00	0	0	0,00	-	-
São Pedro do Butiá	0	2.862	0,00	0	1.877	0,00	0	985	0,00	-	34,42
São Valentim	20.216	4.109	-79,67	16.828	2.536	-84,93	3.388	1.573	-53,57	16,76	38,28
São Valério do Sul	0	2.625	0,00	0	2.164	0,00	0	461	0,00	-	17,56
Sarandi	17.957	18.162	1,14	11.545	3.900	-66,22	6.412	14.262	122,43	35,71	78,53
Seberi	14.326	11.349	-20,78	12.059	5.917	-50,93	2.267	5.432	139,61	15,82	47,86
Sede Nova	0	3.208	0,00	0	1.768	0,00	0	1.440	0,00	-	44,89
Selbach	4.509	4.861	7,81	4.005	2.073	-48,24	504	2.788	453,17	11,18	57,35
Senador Salgado Filho	0	2.927	0,00	0	2.295	0,00	0	632	0,00	-	21,59
Sertão	10.041	7.466	-25,64	8.245	3.769	-54,29	1.796	3.697	105,85	17,89	49,52
Sete de Setembro	0	2.357	0,00	0	1.971	0,00	0	386	0,00	-	16,38
Severiano de Almeida	5.255	4.153	-20,97	4.822	2.988	-38,03	433	1.165	169,05	8,24	28,05
Soledade	46.443	29.727	-35,99	35.543	6.371	-82,08	9.831	23.356	137,58	21,17	78,57
Tapejara	22.566	15.115	-33,02	17.443	3.474	-80,08	5.123	11.641	127,23	22,70	77,02
Tapera	8.618	10.564	22,58	5.262	1.948	-62,98	3.356	8.616	156,73	38,94	81,56
Taquaruçu do Sul	0	2.921	0,00	0	1.993	0,00	0	928	0,00	-	31,77
Tenente Portela	34.227	14.343	-58,09	28.720	5.823	-79,72	5.507	8.520	54,71	16,09	59,40
Tio Hugo	0	0	0,00	0	0	0,00	0	0	0,00	-	-
Tiradentes do Sul	0	7.497	0,00	0	5.976	0,00	0	1.521	0,00	-	20,29
Três Arroios	0	3.144	0,00	0	2.350	0,00	0	794	0,00	-	25,25
Três de Maio	31.363	24.136	-23,04	22.911	6.411	-72,02	8.452	17.725	109,71	26,95	73,44
Três Palmeiras	0	4.620	0,00	0	2.900	0,00	0	1.720	0,00	-	37,23
Três Passos	43.228	24.656	-42,96	33.307	6.512	-80,45	9.921	18.144	82,88	22,95	73,59
Trindade do Sul	0	5.922	0,00	0	3.781	0,00	0	2.141	0,00	-	36,15
Tucunduva	15.289	6.305	-58,76	12.960	2.458	-81,03	2.329	3.847	65,18	15,23	61,02
Tunas	0	4.310	0,00	0	3.000	0,00	0	1.310	0,00	-	30,39
Tupanci do Sul	0	1.728	0,00	0	1.269	0,00	0	459	0,00	-	26,56
Tuparendi	14.639	9.542	-34,82	12.360	4.435	-64,12	2.279	5.107	124,09	15,57	53,52
Ubiretama	0	2.677	0,00	0	2.203	0,00	0	474	0,00	-	17,71
Vanini	0	1.887	0,00	0	1.043	0,00	0	844	0,00	-	44,73
Viadutos	9.609	6.087	-36,65	7.997	3.653	-54,32	1.612	2.434	50,99	16,78	39,99
Vicente Dutra	9.812	6.128	-37,55	8.572	3.821	-55,42	1.240	2.307	86,05	12,64	37,65
Victor Graeff	4.955	3.924	-20,81	4.444	2.558	-42,44	511	1.366	167,32	10,31	34,81
Vila Lângaro	0	2.277	0,00	0	2.047	0,00	0	230	0,00	-	10,10
Vila Maria	0	4.173	0,00	0	2.535	0,00	0	1.638	0,00	-	39,25
Vista Alegre	0	2.996	0,00	0	1.973	0,00	0	1.023	0,00	-	34,15
Vista Gaúcha	0	2.725	0,00	0	2.205	0,00	0	520	0,00	-	19,08
Vitória das Missões	0	3.979	0,00	0	3.387	0,00	0	592	0,00	-	14,88
TOTAL Meso	1.791.995	1.959.688	9,36	1.253.419	691.137	-44,86	539.752	1.268.551	135,02	30,12	64,73

Mesorregião Oeste Catarinense

Municípios	População TOTAL			População RURAL			População URBANA			Urbanização	
	1970	2000	2000/ 1970 (%)	1970	2000	2000/ 1970 (%)	1970	2000	2000/ 1970 (%)	% 1970	% 2000
Abelardo Luz	18.253	16.440	-9,93	16.602	9.212	-44,51	1.651	7.228	337,80	9,05	43,97
Água Doce	8.563	6.843	-20,09	7.659	3.695	-51,76	904	3.148	248,23	10,56	46,00
Águas de Chapecó	6.803	5.782	-15,01	6.394	3.580	-44,01	409	2.202	438,39	6,01	38,08
Águas Frias	0	2.525	0,00	0	2.008	0,00	0	517	0,00	-	20,48
Alto Bela Vista	0	2.098	0,00	0	1.576	0,00	0	522	0,00	-	24,88
Anchieta	5.604	7.133	27,28	4.392	4.690	6,79	1.212	2.443	101,57	21,63	34,25
Arabutã	0	4.160	0,00	0	3.189	0,00	0	971	0,00	-	23,34
Arroio Trinta	2.642	3.490	32,10	2.020	1.393	-31,04	622	2.097	237,14	23,54	60,09
Arvoredo	0	2.305	0,00	0	1.894	0,00	0	411	0,00	-	17,83
Bandeirante	0	3.177	0,00	0	2.436	0,00	0	741	0,00	-	23,32
Barra Bonita	0	2.118	0,00	0	1.862	0,00	0	256	0,00	-	12,09
Belmonte	0	2.588	0,00	0	1.636	0,00	0	952	0,00	-	36,79

Bom Jesus	0	2.046	0,00	0	1.057	0,00	0	989	0,00	-	48,34
Bom Jesus do Oeste	0	2.150	0,00	0	1.774	0,00	0	376	0,00	-	17,49
Caçador	32.892	63.322	92,51	14.158	7.780	-45,05	18.734	55.542	196,48	56,96	87,71
Caibi	5.414	6.354	17,36	4.932	3.294	-33,21	482	3.060	534,85	8,90	48,16
Calmon	0	3.467	0,00	0	2.075	0,00	0	1.392	0,00	-	40,15
Campo Erê	16.959	10.353	-38,95	15.890	4.597	-71,07	1.069	5.756	438,45	6,30	55,60
Capinzal	7.791	19.955	156,13	4.190	4.495	7,28	3.601	15.460	329,33	46,22	77,47
Catanduvas	7.975	8.291	3,96	7.165	2.987	-58,31	810	5.304	554,81	10,16	63,97
Caxambu do Sul	8.584	5.263	-38,69	7.670	3.209	-58,16	914	2.054	124,73	10,65	39,03
Chapecó	49.865	146.967	194,73	29.413	12.375	-57,93	20.452	134.592	558,09	41,01	91,58
Concórdia	45.465	63.058	38,70	34.739	17.804	-48,75	10.726	45.254	321,91	23,59	71,77
Cordilheira Alta	0	3.093	0,00	0	2.790	0,00	0	303	0,00	-	9,80
Coronel Freitas	16.185	10.535	-34,91	14.703	6.041	-58,91	1.482	4.494	203,24	9,16	42,66
Coronel Martins	0	2.388	0,00	0	1.930	0,00	0	458	0,00	-	19,18
Cunha Porã	13.083	10.229	-21,81	11.690	4.942	-57,72	1.393	5.287	279,54	10,65	51,69
Cunhataí	0	1.822	0,00	0	1.487	0,00	0	335	0,00	-	18,39
Descanso	13.369	9.129	-31,72	12.194	5.244	-57,00	1.175	3.885	230,64	8,79	42,56
Dionísio Cerqueira	12.802	14.250	11,31	10.945	5.640	-48,47	1.857	8.610	363,65	14,51	60,42
Entre Rios	0	2.857	0,00	0	2.106	0,00	0	751	0,00	-	26,29
Erval Velho	5.774	4.269	-26,07	4.230	2.109	-50,14	1.544	2.160	39,90	26,74	50,60
Faxinal dos Guedes	6.594	10.767	63,28	5.435	3.723	-31,50	1.159	7.044	507,77	17,58	65,42
Flor do Sertão	0	1.612	0,00	0	1.417	0,00	0	195	0,00	-	12,10
Formosa do Sul	0	2.725	0,00	0	1.834	0,00	0	891	0,00	-	32,70
Fraiburgo	10.148	32.948	224,67	6.393	5.325	-16,71	3.755	27.623	635,63	37,00	83,84
Galvão	6.609	4.235	-35,92	5.188	1.741	-66,44	1.421	2.494	75,51	21,50	58,89
Guaraciaba	10.046	11.038	9,87	9.163	6.673	-27,17	883	4.365	394,34	8,79	39,55
Guarujá do Sul	3.837	4.696	22,39	3.152	2.425	-23,06	685	2.271	231,53	17,85	48,36
Guatambú	0	4.702	0,00	0	3.719	0,00	0	983	0,00	-	20,91
Herval d'Oeste	13.125	20.044	52,72	6.071	2.904	-52,17	7.054	17.140	142,98	53,74	85,51
Ibiam	0	1.955	0,00	0	1.454	0,00	0	501	0,00	-	25,63
Ibicaré	4.642	3.587	-22,73	3.978	2.347	-41,00	664	1.240	86,75	14,30	34,57
Iomerê	0	2.553	0,00	0	1.870	0,00	0	683	0,00	-	26,75
Ipira	4.917	4.979	1,26	4.220	2.765	-34,48	697	2.214	217,65	14,18	44,47
Iporã do Oeste	0	7.877	0,00	0	5.026	0,00	0	2.851	0,00	-	36,19
Ipuçu	0	6.122	0,00	0	5.155	0,00	0	967	0,00	-	15,80
Ipumirim	7.403	6.907	-6,70	6.769	4.423	-34,66	634	2.484	291,80	8,56	35,96
Iraceminha	0	4.592	0,00	0	3.370	0,00	0	1.222	0,00	-	26,61
Irani	6.190	8.602	38,97	5.926	3.544	-40,20	264	5.058	1.815,91	4,26	58,80
Irati	0	2.202	0,00	0	1.790	0,00	0	412	0,00	-	18,71
Itá	7.242	6.764	-6,60	6.500	3.342	-48,58	742	3.422	361,19	10,25	50,59
Itapiranga	20.277	13.998	-30,97	18.418	8.616	-53,22	1.859	5.382	189,51	9,17	38,45
Jaborá	5.042	4.194	-16,82	4.578	2.832	-38,14	464	1.362	193,53	9,20	32,47
Jardinópolis	0	1.994	0,00	0	1.179	0,00	0	815	0,00	-	40,87
Joaçaba	20.794	24.066	15,74	7.039	2.378	-66,22	13.755	21.688	57,67	66,15	90,12
Jupiá	0	2.220	0,00	0	1.549	0,00	0	671	0,00	-	30,23
Lacerdópolis	3.122	2.173	-30,40	2.291	1.190	-48,06	831	983	18,29	26,62	45,24
Lajeado Grande	0	1.572	0,00	0	1.096	0,00	0	476	0,00	-	30,28
Lebon Régis	8.313	10.571	27,16	6.160	4.255	-30,92	2.154	6.316	193,28	25,91	59,75
Lindóia do Sul	0	4.877	0,00	0	3.556	0,00	0	1.321	0,00	-	27,09
Luzerna	0	5.572	0,00	0	1.608	0,00	0	3.964	0,00	-	71,14
Macieira	0	1.900	0,00	0	1.596	0,00	0	304	0,00	-	16,00
Maravilha	17.657	18.521	4,89	14.027	4.295	-69,38	3.630	14.226	291,90	20,56	76,81
Marema	0	2.651	0,00	0	1.710	0,00	0	941	0,00	-	35,50
Matos Costa	5.202	2.927	-43,74	4.088	1.785	-56,34	1.113	1.142	2,54	21,40	39,01
Modelo	12.356	3.930	-68,19	11.802	1.729	-85,35	554	2.201	297,29	4,48	56,01
Mondaiá	19.023	8.728	-54,12	16.354	4.679	-71,39	2.669	4.049	51,70	14,03	46,39
Nova Erechim	2.557	3.543	38,56	2.070	1.823	-11,93	487	1.720	253,18	19,05	48,55
Nova Itaberaba	0	4.256	0,00	0	3.831	0,00	0	425	0,00	-	9,99
Novo Horizonte	0	3.101	0,00	0	2.378	0,00	0	723	0,00	-	23,32
Ouro	6.117	7.419	21,28	4.988	3.254	-34,76	1.129	4.165	268,91	18,46	56,14
Ouro Verde	0	2.352	0,00	0	1.727	0,00	0	625	0,00	-	26,57
Paial	0	2.052	0,00	0	1.793	0,00	0	259	0,00	-	12,62
Palma Sola	4.573	8.206	79,44	3.728	5.014	34,50	845	3.192	277,75	18,48	38,90
Palmitos	14.165	16.034	13,19	11.371	8.028	-29,40	2.794	8.006	186,54	19,72	49,93
Paraíso	0	4.796	0,00	0	3.494	0,00	0	1.302	0,00	-	27,15
Passos Maia	0	4.763	0,00	0	4.015	0,00	0	748	0,00	-	15,70
Peritiba	2.652	3.230	21,79	2.329	1.913	-17,86	323	1.317	307,74	12,18	40,77
Pinhalzinho	8.044	12.356	53,61	6.690	3.043	-54,51	1.354	9.313	587,81	16,83	75,37
Pinheiro Preto	1.901	2.729	43,56	1.522	1.588	4,34	379	1.141	201,06	19,94	41,81
Piratuba	5.426	5.812	7,11	3.955	3.102	-21,57	1.471	2.710	84,23	27,11	46,63
Planalto Alegre	0	2.452	0,00	0	1.713	0,00	0	739	0,00	-	30,14
Ponte Serrada	9.285	10.561	13,74	7.879	3.331	-57,72	1.406	7.230	414,22	15,14	68,46
Presidente Castello Branco	1.906	2.160	13,33	1.611	1.703	5,71	295	457	54,92	15,48	21,16
Princesa	0	2.613	0,00	0	2.045	0,00	0	568	0,00	-	21,74
Quilombo	15.914	10.736	-32,54	14.591	6.039	-58,61	1.323	4.697	255,03	8,31	43,75
Rio das Antas	6.245	6.129	-1,86	4.875	3.903	-19,94	1.370	2.226	62,48	21,94	36,32
Riqueza	0	5.166	0,00	0	3.889	0,00	0	1.277	0,00	-	24,72
Romelândia	5.525	6.491	17,48	4.838	4.371	-9,65	687	2.120	208,59	12,43	32,66
Saltinho	0	4.196	0,00	0	3.297	0,00	0	899	0,00	-	21,43
Salto Veloso	2.959	3.910	32,14	2.094	1.076	-48,62	865	2.834	227,63	29,23	72,48
Santa Helena	0	2.588	0,00	0	1.848	0,00	0	740	0,00	-	28,59
Santa Terezinha do Progresso	0	3.416	0,00	0	2.990	0,00	0	426	0,00	-	12,47

Santiago do Sul	0	1.696	0,00	0	1.175	0,00	0	521	0,00	-	30,72
São Bernardino	0	3.140	0,00	0	2.611	0,00	0	529	0,00	-	16,85
São Carlos	10.358	9.364	-9,60	8.480	4.017	-52,63	1.878	5.347	184,72	18,13	57,10
São Domingos	10.787	9.540	-11,56	9.242	4.110	-55,53	1.545	5.430	251,46	14,32	56,92
São João do Oeste	0	5.789	0,00	0	4.295	0,00	0	1.494	0,00	-	25,81
São José do Cedro	12.500	13.678	9,42	10.573	7.019	-33,61	1.927	6.659	245,56	15,42	48,68
São Lourenço do Oeste	16.753	19.647	17,27	13.393	6.240	-53,41	3.360	13.407	299,02	20,06	68,24
São Miguel da Boa Vista	0	2.018	0,00	0	1.687	0,00	0	331	0,00	-	16,40
São Miguel do Oeste	22.355	32.324	44,59	14.539	4.932	-66,08	7.816	27.392	250,46	34,96	84,74
Saudades	8.787	8.324	-5,27	7.914	5.427	-31,43	873	2.897	231,84	9,94	34,80
Seara	13.374	16.484	23,25	11.133	6.221	-44,12	2.241	10.263	357,97	16,76	62,26
Serra Alta	0	3.330	0,00	0	2.129	0,00	0	1.201	0,00	-	36,07
Sul Brasil	0	3.116	0,00	0	2.372	0,00	0	744	0,00	-	23,88
Tangará	13.313	8.754	-34,24	10.380	4.521	-56,45	2.933	4.233	44,32	22,03	48,36
Tigrinhos	0	1.878	0,00	0	1.665	0,00	0	213	0,00	-	11,34
Treze Tilias	3.591	4.840	34,78	2.823	1.933	-31,53	768	2.907	278,52	21,39	60,06
Tunápolis	0	4.777	0,00	0	3.560	0,00	0	1.217	0,00	-	25,48
União do Oeste	0	3.391	0,00	0	2.397	0,00	0	994	0,00	-	29,31
Vargeão	2.317	3.526	52,18	1.825	2.146	17,59	492	1.380	180,49	21,23	39,14
Vargem Bonita	0	5.158	0,00	0	2.959	0,00	0	2.199	0,00	-	42,63
Videira	21.864	41.589	90,22	10.949	5.802	-47,01	10.915	35.787	227,87	49,92	86,05
Xanxerê	24.859	37.429	50,57	15.749	5.044	-67,97	9.110	32.385	255,49	36,65	86,52
Xavantina	5.507	4.404	-20,03	5.071	3.458	-31,81	436	946	116,97	7,92	21,48
Xaxim	20.075	22.857	13,86	15.804	6.799	-56,98	4.271	16.058	275,98	21,28	70,25
TOTAL Meso	744.271	1.115.378	49,86	566.954	413.534	-27,06	177.317	701.844	295,81	23,82	62,92

Mesorregião Sudoeste Paranaense

Municípios	População TOTAL			População RURAL			População URBANA			Urbanização	
	1970	2000	2000/ 1970 (%)	1970	2000	2000/ 1970 (%)	1970	2000	2000/ 1970 (%)	% 1970	% 2000
Ampére	13.246	15.623	17,95	10.843	5.220	-51,86	2.403	10.403	332,92	18,14	66,59
Barracão	16.205	9.271	-42,79	14.156	3.446	-75,66	2.049	5.825	184,29	12,64	62,83
Bela Vista da Caroba	0	4.503	0,00	0	3.746	0,00	0	757	0,00	-	16,81
Boa Esperança do Iguaçu	0	3.107	0,00	0	2.543	0,00	0	564	0,00	-	18,15
Bom Jesus do Sul	0	4.154	0,00	0	3.772	0,00	0	382	0,00	-	9,20
Bom Sucesso do Sul	0	3.392	0,00	0	2.085	0,00	0	1.307	0,00	-	38,53
Capanema	21.717	18.239	-16,02	17.971	8.928	-50,32	3.746	9.311	148,56	17,25	51,05
Chopinzinho	27.042	20.543	-24,03	24.666	10.014	-59,40	2.376	10.529	343,14	8,79	51,25
Coronel Vivida	22.413	23.306	3,98	18.806	8.574	-54,41	3.607	14.732	308,43	16,09	63,21
Cruzeiro do Iguaçu	0	4.394	0,00	0	2.180	0,00	0	2.214	0,00	-	50,39
Dois Vizinhos	37.153	31.986	-13,91	33.044	9.604	-70,94	4.109	22.382	444,71	11,06	69,97
Enéas Marques	13.882	6.382	-54,03	12.719	5.132	-59,65	1.163	1.250	7,48	8,38	19,59
Flor da Serra do Sul	0	5.059	0,00	0	4.469	0,00	0	590	0,00	-	11,66
Francisco Beltrão	36.807	67.132	82,39	23.337	12.301	-47,29	13.470	54.831	307,06	36,60	81,68
Itapejara d'Oeste	10.075	9.162	-9,06	7.929	4.201	-47,02	2.146	4.961	131,17	21,30	54,15
Manfrinópolis	0	3.802	0,00	0	3.354	0,00	0	448	0,00	-	11,78
Mariópolis	6.866	6.017	-12,37	5.019	2.246	-55,25	1.847	3.771	104,17	26,90	62,67
Marmeleiro	12.651	13.665	8,02	10.649	6.497	-38,99	2.002	7.168	258,04	15,82	52,46
Nova Esperança do Sudoeste	0	5.258	0,00	0	4.034	0,00	0	1.224	0,00	-	23,28
Nova Prata do Iguaçu	0	10.397	0,00	0	5.086	0,00	0	5.311	0,00	-	51,08
Pato Branco	33.808	62.234	84,08	18.353	5.429	-70,42	15.455	56.805	267,55	45,71	91,28
Pérola d'Oeste	15.273	7.354	-51,85	13.777	4.634	-66,36	1.496	2.720	81,82	9,80	36,99
Pinhal de São Bento	0	2.560	0,00	0	1.823	0,00	0	737	0,00	-	28,79
Planalto	17.195	14.122	-17,87	14.983	9.308	-37,88	2.212	4.814	117,63	12,86	34,09
Pranchita	0	6.260	0,00	0	3.100	0,00	0	3.160	0,00	-	50,48
Realeza	16.737	16.023	-4,27	13.421	6.072	-54,76	3.316	9.951	200,09	19,81	62,10
Renascença	9.280	6.959	-25,01	7.615	4.031	-47,07	1.665	2.928	75,86	17,94	42,08
Salgado Filho	12.305	5.338	-56,62	11.401	3.180	-72,11	904	2.158	138,72	7,35	40,43
Salto do Lontra	31.448	12.757	-59,43	29.202	7.155	-75,50	2.246	5.602	149,42	7,14	43,91
Santa Izabel do Oeste	14.903	11.711	-21,42	12.353	6.016	-51,30	2.550	5.695	123,33	17,11	48,63
Santo Antônio do Sudoeste	29.533	17.870	-39,49	24.497	7.056	-71,20	5.036	10.814	114,73	17,05	60,51
São João	15.454	11.207	-27,48	13.726	5.419	-60,52	1.728	5.788	234,95	11,18	51,65
São Jorge d'Oeste	12.036	9.307	-22,67	9.471	4.796	-49,36	2.565	4.511	75,87	21,31	48,47
Saudade do Iguaçu	0	4.608	0,00	0	2.621	0,00	0	1.987	0,00	-	43,12
Sulina	0	3.918	0,00	0	2.723	0,00	0	1.195	0,00	-	30,50
Verê	12.709	8.721	-31,38	11.629	5.692	-51,05	1.080	3.029	180,46	8,50	34,73
Vitorino	7.622	6.285	-17,54	6.392	3.095	-51,58	1.230	3.190	159,35	16,14	50,76
TOTAL Meso	446.360	472.626	5,88	365.959	189.582	-48,20	80.401	283.044	252,04	18,01	59,89

Mesorregião Oeste Paranaense

Municípios	População TOTAL			População RURAL			População URBANA			Urbanização	
	1970	2000	2000/ 1970 (%)	1970	2000	2000/ 1970 (%)	1970	2000	2000/ 1970 (%)	% 1970	% 2000
Anahy	0	3.011	0,00	0	1.371	0,00	0	1.640	0,00	-	54,47
Assis Chateaubriand	78.600	33.317	-57,61	67.361	6.265	-90,70	11.239	27.052	140,70	14,30	81,20
Boa Vista da Aparecida	0	8.423	0,00	0	3.858	0,00	0	4.565	0,00	-	54,20
Braganey	0	6.191	0,00	0	3.411	0,00	0	2.780	0,00	-	44,90
Cafelândia	0	11.143	0,00	0	2.592	0,00	0	8.551	0,00	-	76,74
Campo Bonito	0	5.128	0,00	0	2.868	0,00	0	2.260	0,00	-	44,07
Capitão Leônidas Marques	23.256	14.377	-38,18	19.802	4.624	-76,65	3.454	9.753	182,37	14,85	67,84
Cascavel	89.921	245.369	172,87	54.971	16.696	-69,63	34.950	228.673	554,29	38,87	93,20
Catanduvas	25.726	10.421	-59,49	23.539	5.477	-76,73	2.187	4.944	126,06	8,50	47,44
Céu Azul	23.219	10.445	-55,02	19.044	3.248	-82,94	4.175	7.197	72,38	17,98	68,90
Corbélia	39.672	15.803	-60,17	36.658	3.261	-91,10	3.014	12.542	316,12	7,60	79,36
Diamante do Sul	0	3.659	0,00	0	2.544	0,00	0	1.115	0,00	-	30,47
Diamante D'ouest	0	4.878	0,00	0	2.398	0,00	0	2.480	0,00	-	50,84
Entre Rios do Oeste	0	3.328	0,00	0	1.337	0,00	0	1.991	0,00	-	59,83
Formosa do Oeste	44.278	8.755	-80,23	40.302	3.725	-90,76	3.976	5.030	26,51	8,98	57,45
Foz do Iguaçu	33.966	258.543	661,18	13.902	2.019	-85,48	20.064	256.524	1.178,53	59,07	99,22
Guaira	32.875	28.659	-12,82	21.614	3.781	-82,51	11.261	24.878	120,92	34,25	86,81
Guaraniaçu	28.649	17.201	-39,96	25.219	9.075	-64,02	3.430	8.126	136,91	11,97	47,24
Ibema	0	5.872	0,00	0	1.434	0,00	0	4.438	0,00	-	75,58
Iguatu	0	2.255	0,00	0	1.028	0,00	0	1.227	0,00	-	54,41
Iracema do Oeste	0	2.951	0,00	0	820	0,00	0	2.131	0,00	-	72,21
Itaipulândia	0	6.836	0,00	0	3.079	0,00	0	3.757	0,00	-	54,96
Jesuítas	0	9.832	0,00	0	4.424	0,00	0	5.408	0,00	-	55,00
Lindoeste	0	6.224	0,00	0	3.842	0,00	0	2.382	0,00	-	38,27
Marechal Cândido Rondon	43.776	41.007	-6,33	36.610	9.761	-73,34	7.166	31.246	336,03	16,37	76,20
Maripá	0	5.889	0,00	0	2.888	0,00	0	3.001	0,00	-	50,96
Matelândia	24.561	14.344	-41,60	22.209	4.193	-81,12	2.352	10.151	331,59	9,58	70,77
Medianeira	31.142	37.827	21,47	23.853	4.581	-80,79	7.289	33.246	356,11	23,41	87,89
Mercedes	0	4.608	0,00	0	3.112	0,00	0	1.496	0,00	-	32,47
Missal	0	10.433	0,00	0	5.461	0,00	0	4.972	0,00	-	47,66
Nova Aurora	30.588	13.641	-55,40	27.757	4.580	-83,50	2.831	9.061	220,06	9,26	66,42
Nova Santa Rosa	0	7.125	0,00	0	3.228	0,00	0	3.897	0,00	-	54,69
Ouro Verde do Oeste	0	5.472	0,00	0	2.089	0,00	0	3.383	0,00	-	61,82
Palotina	43.005	25.771	-40,07	37.791	5.031	-86,69	5.214	20.740	297,78	12,12	80,48
Pato Bragado	0	4.049	0,00	0	1.706	0,00	0	2.343	0,00	-	57,87
Quatro Pontes	0	3.646	0,00	0	1.852	0,00	0	1.794	0,00	-	49,20
Ramilândia	0	3.868	0,00	0	2.114	0,00	0	1.754	0,00	-	45,35
Santa Helena	26.834	20.491	-23,64	24.726	10.673	-56,83	2.108	9.818	365,75	7,86	47,91
Santa Lucia	0	4.126	0,00	0	1.942	0,00	0	2.184	0,00	-	52,93
Santa Tereza do Oeste	0	10.754	0,00	0	3.220	0,00	0	7.534	0,00	-	70,06
Santa Terezinha de Itaipu	0	18.368	0,00	0	2.069	0,00	0	16.299	0,00	-	88,74
São José das Palmeiras	0	4.102	0,00	0	1.843	0,00	0	2.259	0,00	-	55,07
São Miguel do Iguaçu	25.242	24.432	-3,21	23.028	10.172	-55,83	2.214	14.260	544,08	8,77	58,37
São Pedro do Iguaçu	0	7.277	0,00	0	3.274	0,00	0	4.003	0,00	-	55,01
Serranópolis do Iguaçu	0	4.740	0,00	0	2.812	0,00	0	1.928	0,00	-	40,68
Terra Roxa	38.237	16.300	-57,37	32.100	5.258	-83,62	6.137	11.042	79,93	16,05	67,74
Toledo	68.885	98.200	42,56	53.845	12.280	-77,19	15.040	85.920	471,28	21,83	87,49
Três Barras do Paraná	0	11.822	0,00	0	6.891	0,00	0	4.931	0,00	-	41,71
Tupãssi	0	8.018	0,00	0	2.598	0,00	0	5.420	0,00	-	67,60
Vera Cruz do Oeste	0	9.651	0,00	0	2.685	0,00	0	6.966	0,00	-	72,18
TOTAL Meso	752.432	1.138.582	51,32	604.331	209.490	-65,34	148.101	929.092	527,34	19,68	81,60

Fonte: Censos Demográficos do IBGE de 1970 e 2000

Anexo 11 - Resultados do modelo estrutural-diferencial para o setor de serviços das mesorregiões em estudo – 1970 e 2000

Mesorregião Noroeste Rio-Grandense

Atividades do setor de serviços	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Var. total absoluta	Var. % Sul do Brasil	Var. % da meso
Comércio de mercadorias								
Comércio de produtos agropecuários e extrativos	528	1.457	547	2.700	5.233	4.705	379,65	891,00
Comercio de gêneros alimentícios, bebidas e estimulantes	13.115	36.198	-22.869	-2.003	24.441	11.326	101,63	86,36
Com. de tecidos e art. de tecidos, art. do vest. e armarinho	5.520	15.235	-8.146	-3.260	9.349	3.829	128,43	69,36
Comércio de móveis, tapeçarias, objetos de arte e ornament.	225	621	139	481	1.466	1.241	337,78	551,56
Comércio de papel, impressos e artigos de escritório	595	1.642	-300	-391	1.546	951	225,63	159,83
Comércio de ferragens, louças, mat. de const. e prod. metal.	1.257	3.469	3.074	-1.038	6.763	5.506	520,58	437,99
Comércio de máquinas, aparelhos, inst., etc.	2.007	5.539	3.480	-1.080	9.946	7.939	449,39	395,58
Comércio de combustíveis e lubrificantes	1.761	4.860	972	-883	6.710	4.949	331,23	281,08
Feiras e mercados	74	204	1.988	2.576	4.842	4.768	2.962,66	6.443,30
Outras atividades do comércio de mercadorias	6.058	16.719	5.533	-1.953	26.357	20.299	367,33	335,10
Prestação de serviços								
Serviço de alojamento	1.831	5.055	-2.377	-2.573	1.936	105	146,23	5,71
Serviço de alimentação	1.484	4.095	17.730	-3.796	19.513	18.029	1.470,93	1.215,12
Serviço de higiene pessoal	5.844	16.130	-10.737	-2.872	8.366	2.521	92,29	43,14
Serv. de confec. sob medida, cons. e rep. de artigos do vest.	5.903	16.294	-19.098	-1.388	1.712	-4.192	-47,50	-71,01
Serviços de cons., reparação e inst. de máquinas e veículos	1.423	3.927	10.138	-661	14.827	13.405	988,60	942,17
Serviços de conservação de edifícios	1.112	3.069	-2.430	-45	1.707	595	57,49	53,48
Serviços domésticos	138	381	18.225	50.939	69.683	69.545	13.482,46	50.394,81
Outras classes da prestação de serviços	20.813	57.446	-70.139	-1.679	6.441	-14.372	-60,99	-69,05
Transportes, comunicações e armazenagem								
Transportes à tração e condução animal	421	1.161	-1.373	-158	50	-371	-50,59	-88,11
Transportes rodoviários	9.622	26.557	-6.937	-7.015	22.227	12.605	203,91	131,00
Transportes ferroviários	1.575	4.347	-5.630	-98	194	-1.381	-81,44	-87,68
Transportes marítimos, fluviais e lacustres	141	389	-411	25	144	3	-15,69	2,22
Transportes aéreos	50	138	-81	-45	62	12	114,29	24,00
Serviços postais, telegráficos e de radiocomunicações	536	1.479	-1.142	127	1.000	464	62,90	86,62
Telefones	544	1.501	1.624	-2.536	1.133	589	574,52	108,27
Armazenagem	560	1.546	-1.400	77	783	223	26,01	39,82
Outras classes de transportes, comunicações e armazenagem	234	646	2.050	3.180	6.110	5.876	1.152,13	2.511,03
Atividades sociais								
Ensino público	18.231	50.319	-31.361	-2.018	35.171	16.939	103,98	92,91
Ensino particular	1.847	5.098	12.689	-7.486	12.148	10.301	962,94	557,66
Previdência social	322	889	-844	115	482	160	13,99	49,69
Assistência e beneficência	201	554	1.128	579	2.462	2.261	838,14	1.126,49
Sindicatos e associações de classe	155	428	0	-198	384	229	275,80	147,74
Assistência médico-hospitalar pública	357	985	728	2.529	4.600	4.243	479,98	1.188,47
Assistência médico-hospitalar particular	2.261	6.240	6.443	-3.509	11.436	9.175	560,96	405,78
Advocacia e atividades auxiliares	370	1.021	3.412	-567	4.237	3.867	1.198,12	1.045,01
Engenharia, arquitetura e atividades auxiliares	121	334	588	0	1.043	922	761,65	761,98
Odontologia e atividades auxiliares	567	1.565	161	-1.059	1.234	667	304,41	117,64
Agronomia, veterinária e atividades auxiliares	91	251	343	-458	228	137	652,98	150,08
Contabilidade e atividades auxiliares	2.039	5.628	-2.001	-1.719	3.947	1.908	177,84	93,56
Outras atividades sociais	2.548	7.031	2.274	-4.822	7.031	4.483	365,25	175,98
Serviços administrativos governamentais, legislativo, justiça								
Poder legislativo	47	130	164	603	944	897	624,80	1.907,95
Justiça e atividades auxiliares	740	2.042	-140	136	2.778	2.038	257,04	275,38
Serviço administrativo federal	702	1.938	-1.063	479	2.055	1.353	124,51	192,74
Serviço administrativo estadual	668	1.844	-998	1.082	2.596	1.928	126,62	288,57
Serviço administrativo municipal	2.392	6.602	9.314	3.408	21.716	19.324	665,37	807,84
Outras classes e classe mal definida	1.480	4.084	-4.493	-3	1.068	-412	-27,60	-27,83
Defesa nacional e segurança pública								
Exército	4.158	11.476	-11.261	-1.215	3.158	-1.000	5,17	-24,05
Marinha de guerra	73	201	-160	-115	0	-73	56,93	-100,00
Aeronáutica	4	11	-11	19	23	19	6,11	475,00
Polícia militar	2.009	5.545	-4.818	-308	2.427	419	36,14	20,83
Polícia civil	597	1.648	-802	908	2.351	1.754	141,66	293,73
Corpo de bombeiros	63	174	-44	31	224	161	206,91	255,56
Outras organizações de segurança	202	558	-512	117	365	163	22,76	80,69
Comércio de imóveis e valores mobiliários, créditos, seguros e capitalização								
Comércio de imóveis	172	475	126	668	1.441	1.269	349,40	737,79
Comércio de títulos e moedas	49	135	-172	16	28	-21	-74,66	-42,86
Bancos e casas bancárias	2.399	6.621	-3.580	4	5.445	3.046	126,79	126,95
Caixas econômicas e cooperativas de crédito	163	450	-553	288	348	185	-63,41	113,50
Seguros e capitalização	157	433	48	102	740	583	306,63	371,34
Outras atividades do comércio de imóveis	76	210	-107	1	180	104	135,63	136,84
Outras Atividades	6.738	18.596	36.227	-6.952	54.609	47.871	813,69	710,51
SETOR SECUNDÁRIO	135.369	373.621	-76.841	7.286	439.435	304.066	276,00	224,62

Mesorregião Oeste Catarinense

Atividades do setor de serviços	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Var. total absol.	Var. % Sul do Brasil	Var. % da meso
Comércio de mercadorias								
Comércio de produtos agropecuários e extrativos	165	455	171	792	1.583	1.418	379,65	859,39
Comercio de gêneros alimentícios, bebidas e estimulantes	3.581	9.884	-6.244	8.528	15.749	12.168	101,63	339,79
Com. de tecidos e art. de tecidos, art. do vest. e armarinho	1.563	4.314	-2.307	2.062	5.632	4.069	128,43	260,33
Comércio de móveis, tapeçarias, objetos de arte e ornament.	28	77	17	768	891	863	337,78	3.082,14
Comércio de papel, impressos e artigos de escritório	61	168	-31	681	880	819	225,63	1.342,62
Comércio de ferragens, louças, mat. de const. e prod. metal.	262	723	641	2.384	4.010	3.748	520,58	1.430,53
Comércio de máquinas, aparelhos, inst., etc.	377	1.041	654	3.615	5.686	5.309	449,39	1.408,22
Comércio de combustíveis e lubrificantes	462	1.275	255	1.289	3.281	2.819	331,23	610,17
Feiras e mercados	17	47	457	1.427	1.948	1.931	2.962,66	11.358,82
Outras atividades do comércio de mercadorias	2.390	6.596	2.183	714	11.883	9.493	367,33	397,20
Prestação de serviços								
Serviço de alojamento	954	2.633	-1.238	-870	1.479	525	146,23	55,03
Serviço de alimentação	460	1.270	5.497	3.068	10.294	9.834	1.470,93	2.137,83
Serviço de higiene pessoal	1.527	4.215	-2.805	1.626	4.562	3.035	92,29	198,76
Serv. de confec. sob medida, cons. e rep. de artigos do vest.	2.093	5.777	-6.771	-560	539	-1.554	-47,50	-74,25
Serviços de cons., reparação e inst. de máquinas e veículos	502	1.386	3.577	3.226	8.691	8.189	988,60	1.631,27
Serviços de conservação de edifícios	498	1.374	-1.088	280	1.064	566	57,49	113,65
Serviços domésticos	26	72	3.434	31.360	34.891	34.865	13.482,46	134.096,15
Outras classes da prestação de serviços	5.555	15.332	-18.720	1.384	3.551	-2.004	-60,99	-36,08
Transportes, comunicações e armazenagem								
Transportes à tração e condução animal	132	364	-431	-60	5	-127	-50,59	-96,21
Transportes rodoviários	4.016	11.084	-2.895	8.869	21.074	17.058	203,91	424,75
Transportes ferroviários	446	1.231	-1.594	-78	5	-441	-81,44	-98,88
Transportes marítimos, fluviais e lacustres	27	75	-79	9	32	5	-15,69	18,52
Transportes aéreos	12	33	-19	15	41	29	114,29	241,67
Serviços postais, telegráficos e de radiocomunicações	198	546	-422	-12	311	113	62,90	57,07
Telefones	81	224	242	122	668	587	574,52	724,69
Armazenagem	62	171	-155	104	182	120	26,01	193,55
Outras classes de transportes, comunicações e armazenagem	20	55	175	4.876	5.126	5.106	1.152,13	25.530,00
Atividades sociais								
Ensino público	5.505	15.194	-9.470	330	11.559	6.054	103,98	109,97
Ensino particular	385	1.063	2.645	6.184	10.276	9.891	962,94	2.569,09
Previdência social	56	155	-147	303	367	311	13,99	555,36
Assistência e beneficiência	25	69	141	984	1.219	1.194	838,14	4.776,00
Sindicatos e associações de classe	30	83	0	184	297	267	275,80	890,00
Assistência médico-hospitalar pública	80	221	163	1.274	1.738	1.658	479,98	2.072,50
Assistência médico-hospitalar particular	699	1.929	1.992	346	4.966	4.267	560,96	610,44
Advocacia e atividades auxiliares	69	190	636	609	1.505	1.436	1.198,12	2.081,16
Engenharia, arquitetura e atividades auxiliares	62	171	301	-189	345	283	761,65	456,45
Odontologia e atividades auxiliares	266	734	76	-75	1.001	735	304,41	276,32
Agronomia, veterinária e atividades auxiliares	42	116	158	-142	174	132	652,98	314,29
Contabilidade e atividades auxiliares	914	2.523	-897	-199	2.340	1.426	177,84	156,02
Outras atividades sociais	782	2.158	698	251	3.889	3.107	365,25	397,31
Serviços administrativos governamentais, legislativo, justiça								
Poder legislativo	7	19	24	163	214	207	624,80	2.957,14
Justiça e atividades auxiliares	385	1.063	-73	-180	1.195	810	257,04	210,39
Serviço administrativo federal	253	698	-383	456	1.024	771	124,51	304,74
Serviço administrativo estadual	369	1.018	-551	672	1.508	1.139	126,62	308,67
Serviço administrativo municipal	735	2.029	2.862	4.693	10.318	9.583	665,37	1.303,81
Outras classes e classe mal definida	1.083	2.989	-3.288	-704	80	-1.003	-27,60	-92,61
Defesa nacional e segurança pública								
Exército	215	593	-582	476	702	487	5,17	226,51
Marinha de guerra	0	0	0	0	0	0	56,93	0,00
Aeronáutica	3	8	-8	-3	0	-3	6,11	-100,00
Polícia militar	410	1.132	-983	1.032	1.590	1.180	36,14	287,80
Polícia civil	139	384	-187	256	592	453	141,66	325,90
Corpo de bombeiros	46	127	-32	49	190	144	206,91	313,04
Outras organizações de segurança	119	328	-301	308	454	335	22,76	281,51
Comércio de imóveis e valores mobiliários, créditos, seguros e capitalização								
Comércio de imóveis	46	127	34	438	645	599	349,40	1.302,17
Comércio de títulos e moedas	20	55	-70	1	6	-14	-74,66	-70,00
Bancos e casas bancárias	744	2.053	-1.110	846	2.533	1.789	126,79	240,46
Caixas econômicas e cooperativas de crédito	21	58	-71	59	67	46	-63,41	219,05
Seguros e capitalização	35	97	11	262	404	369	306,63	1.054,29
Outras atividades do comércio de imóveis	10	28	-14	-1	23	13	135,63	130,00
Outras Atividades	2.793	7.709	15.018	5.207	30.726	27.933	813,69	1.000,11
SETOR SECUNDÁRIO	41.863	115.543	-20.908	99.507	236.005	194.142	276,00	463,76

Mesorregião Sudoeste Paranaense

Atividades do setor de serviços	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Var. total absol.	Var. % Sul do Brasil	Var. % da meso
Comércio de mercadorias								
Comércio de produtos agropecuários e extrativos	32	88	33	551	704	672	379,65	2.100,00
Comercio de gêneros alimentícios, bebidas e estimulantes	1.862	5.139	-3.247	2.451	6.205	4.343	101,63	233,24
Com. de tecidos e art. de tecidos, art. do vest. e armarinho	1.121	3.094	-1.654	-101	2.460	1.339	128,43	119,45
Comércio de móveis, tapeçarias, objetos de arte e ornament.	34	94	21	382	531	497	337,78	1.461,76
Comércio de papel, impressos e artigos de escritório	53	146	-27	107	280	227	225,63	428,30
Comércio de ferragens, louças, mat. de const. e prod. metal.	149	411	364	514	1.439	1.290	520,58	865,77
Comércio de máquinas, aparelhos, inst., etc.	260	718	451	1.539	2.967	2.707	449,39	1.041,15
Comércio de combustíveis e lubrificantes	208	574	115	882	1.779	1.571	331,23	755,29
Feiras e mercados	16	44	430	644	1.134	1.118	2.962,66	6.987,50
Outras atividades do comércio de mercadorias	898	2.478	820	1.567	5.764	4.866	367,33	541,87
Prestação de serviços								
Serviço de alojamento	518	1.430	-672	-780	495	-23	146,23	-4,44
Serviço de alimentação	163	450	1.948	1.350	3.911	3.748	1.470,93	2.299,39
Serviço de higiene pessoal	843	2.327	-1.549	-15	1.606	763	92,29	90,51
Serv. de confec. sob medida, cons. e rep. de artigos do vest.	1.089	3.006	-3.523	123	695	-394	-47,50	-36,18
Serviços de cons., reparação e inst. de máquinas e veículos	131	362	934	2.626	4.052	3.921	988,60	2.993,13
Serviços de conservação de edifícios	229	632	-500	-15	346	117	57,49	51,09
Serviços domésticos	21	58	2.773	12.756	15.608	15.587	13.482,46	74.223,81
Outras classes da prestação de serviços	1.964	5.421	-6.618	623	1.389	-575	-60,99	-29,28
Transportes, comunicações e armazenagem								
Transportes à tração e condução animal	57	157	-186	-28	0	-57	-50,59	-100,00
Transportes rodoviários	2.156	5.951	-1.554	291	6.843	4.687	203,91	217,39
Transportes ferroviários	3	8	-11	-1	0	-3	-81,44	-100,00
Transportes marítimos, fluviais e lacustres	30	83	-88	-2	23	-7	-15,69	-23,33
Transportes aéreos	4	11	-6	-9	0	-4	114,29	-100,00
Serviços postais, telegráficos e de radiocomunicações	17	47	-36	148	176	159	62,90	935,29
Telefones	55	152	164	-18	353	298	574,52	541,82
Armazenagem	25	69	-62	40	72	47	26,01	188,00
Outras classes de transportes, comunicações e armazenagem	15	41	131	1.169	1.357	1.342	1.152,13	8.946,67
Atividades sociais								
Ensino público	2.657	7.333	-4.571	2.417	7.837	5.180	103,98	194,96
Ensino particular	204	563	1.401	275	2.443	2.239	962,94	1.097,55
Previdência social	14	39	-37	123	139	125	13,99	892,86
Assistência e beneficência	17	47	96	345	504	487	838,14	2.864,71
Sindicatos e associações de classe	6	17	0	88	111	105	275,80	1.750,00
Assistência médico-hospitalar pública	34	94	69	947	1.144	1.110	479,98	3.264,71
Assistência médico-hospitalar particular	265	731	755	-438	1.314	1.049	560,96	395,85
Advocacia e atividades auxiliares	50	138	461	-177	472	422	1.198,12	844,00
Engenharia, arquitetura e atividades auxiliares	29	80	141	-62	188	159	761,65	548,28
Odontologia e atividades auxiliares	131	362	37	-38	492	361	304,41	275,57
Agronomia, veterinária e atividades auxiliares	27	75	102	-125	78	51	652,98	188,89
Contabilidade e atividades auxiliares	439	1.212	-431	-278	942	503	177,84	114,58
Outras atividades sociais	345	952	308	101	1.706	1.361	365,25	394,49
Serviços administrativos governamentais, legislativo, justiça								
Poder legislativo	9	25	31	36	101	92	624,80	1.022,22
Justiça e atividades auxiliares	135	373	-26	101	583	448	257,04	331,85
Serviço administrativo federal	38	105	-58	198	283	245	124,51	644,74
Serviço administrativo estadual	89	246	-133	540	742	653	126,62	733,71
Serviço administrativo municipal	180	497	701	3.258	4.636	4.456	665,37	2.475,56
Outras classes e classe mal definida	240	662	-729	-169	5	-235	-27,60	-97,92
Defesa nacional e segurança pública								
Exército	102	282	-276	166	273	171	5,17	167,65
Marinha de guerra	0	0	0	0	0	0	56,93	0,00
Aeronáutica	0	0	0	0	0	0	6,11	0,00
Polícia militar	184	508	-441	65	316	132	36,14	71,74
Polícia civil	86	237	-116	-43	165	79	141,66	91,86
Corpo de bombeiros	0	0	0	0	65	0	206,91	0,00
Outras organizações de segurança	27	75	-68	-33	0	-27	22,76	-100,00
Comércio de imóveis e valores mobiliários, créditos, seguros e capitalização								
Comércio de imóveis	28	77	21	74	200	172	349,40	614,29
Comércio de títulos e moedas	28	77	-98	3	10	-18	-74,66	-64,29
Bancos e casas bancárias	212	585	-316	479	960	748	126,79	352,83
Caixas econômicas e cooperativas de crédito	0	0	0	0	25	0	-63,41	0,00
Seguros e capitalização	19	52	6	147	224	205	306,63	1.078,95
Outras atividades do comércio de imóveis	0	0	0	0	55	0	135,63	0,00
Outras Atividades	875	2.415	4.705	1.306	9.301	8.426	813,69	962,97
SETOR SECUNDÁRIO	18.423	50.848	-10.015	36.102	95.503	76.935	276,00	418,39

Mesorregião Oeste Paranaense

Atividades do setor de serviços	PO 1970	Comp. "nac."	Comp. setorial	Comp. Difer.	PO 2000	Var. total absol.	Var. % Sul do Brasil	Var. % da meso
Comércio de mercadorias								
Comércio de produtos agropecuários e extrativos	378	1.043	392	1.135	2.948	2.570	379,65	679,89
Comercio de gêneros alimentícios, bebidas e estimulantes	5.619	15.509	-9.798	4.528	15.858	10.239	101,63	182,22
Com. de tecidos e art. de tecidos, art. do vest. e armarinho	1.507	4.159	-2.224	3.808	7.250	5.743	128,43	381,09
Comércio de móveis, tapeçarias, objetos de arte e ornament.	51	141	32	1.373	1.596	1.545	337,78	3.029,41
Comércio de papel, impressos e artigos de escritório	113	312	-57	826	1.194	1.081	225,63	956,64
Comércio de ferragens, louças, mat. de const. e prod. metal.	305	842	746	3.697	5.590	5.285	520,58	1.732,79
Comércio de máquinas, aparelhos, inst., etc.	534	1.474	926	7.121	10.055	9.521	449,39	1.782,96
Comércio de combustíveis e lubrificantes	574	1.584	317	2.189	4.664	4.090	331,23	712,54
Feiras e mercados	14	39	376	2.976	3.405	3.391	2.962,66	24.221,43
Outras atividades do comércio de mercadorias	2.597	7.168	2.372	16.536	28.673	26.076	367,33	1.004,08
Prestação de serviços								
Serviço de alojamento	908	2.506	-1.178	2.518	4.754	3.846	146,23	423,57
Serviço de alimentação	416	1.148	4.971	8.636	15.171	14.755	1.470,93	3.546,88
Serviço de higiene pessoal	1.606	4.433	-2.950	3.131	6.219	4.613	92,29	287,24
Serv. de confec. sob medida, cons. e rep. de artigos do vest.	1.998	5.515	-6.464	2.638	3.687	1.689	-47,50	84,53
Serviços de cons., reparação e inst. de máquinas e veículos	368	1.016	2.622	7.190	11.196	10.828	988,60	2.942,39
Serviços de conservação de edifícios	561	1.548	-1.226	735	1.619	1.058	57,49	188,59
Serviços domésticos	34	94	4.490	40.817	45.435	45.401	13.482,46	133.532,35
Outras classes da prestação de serviços	4.555	12.572	-15.350	2.735	4.512	-43	-60,99	-0,94
Transportes, comunicações e armazenagem								
Transportes à tração e condução animal	97	268	-317	1.062	1.110	1.013	-50,59	1.044,33
Transportes rodoviários	4.210	11.620	-3.035	9.317	22.112	17.902	203,91	425,23
Transportes ferroviários	39	108	-139	18	25	-14	-81,44	-35,90
Transportes marítimos, fluviais e lacustres	106	293	-309	-33	56	-50	-15,69	-47,17
Transportes aéreos	32	88	-52	84	153	121	114,29	378,13
Serviços postais, telegráficos e de radiocomunicações	97	268	-207	288	446	349	62,90	359,79
Telefones	60	166	179	1.317	1.722	1.662	574,52	2.770,00
Armazenagem	63	174	-157	92	171	108	26,01	171,43
Outras classes de transportes, comunicações e armazenagem	72	199	631	6.370	7.272	7.200	1.152,13	10.000,00
Atividades sociais								
Ensino público	3.305	9.122	-5.685	8.128	14.870	11.565	103,98	349,92
Ensino particular	447	1.234	3.071	4.811	9.562	9.115	962,94	2.039,15
Previdência social	36	99	-94	218	259	223	13,99	619,44
Assistência e beneficiência	3	8	17	2.057	2.085	2.082	838,14	69.400,00
Sindicatos e associações de classe	22	61	0	264	347	325	275,80	1.477,27
Assistência médico-hospitalar pública	90	248	184	1.579	2.101	2.011	479,98	2.234,44
Assistência médico-hospitalar particular	317	875	903	3.447	5.542	5.225	560,96	1.648,26
Advocacia e atividades auxiliares	99	273	913	485	1.770	1.671	1.198,12	1.687,88
Engenharia, arquitetura e atividades auxiliares	77	213	374	-98	565	488	761,65	633,77
Odontologia e atividades auxiliares	156	431	44	759	1.390	1.234	304,41	791,03
Agronomia, veterinária e atividades auxiliares	26	72	98	-23	173	147	652,98	565,38
Contabilidade e atividades auxiliares	1.065	2.939	-1.045	-220	2.739	1.674	177,84	157,18
Outras atividades sociais	599	1.653	535	3.003	5.790	5.191	365,25	866,61
Serviços administrativos governamentais, legislativo, justiça								
Poder legislativo	11	30	38	372	452	441	624,80	4.009,09
Justiça e atividades auxiliares	207	571	-39	967	1.706	1.499	257,04	724,15
Serviço administrativo federal	246	679	-373	520	1.072	826	124,51	335,77
Serviço administrativo estadual	169	466	-252	1.336	1.719	1.550	126,62	917,16
Serviço administrativo municipal	513	1.416	1.997	7.772	11.698	11.185	665,37	2.180,31
Outras classes e classe mal definida	548	1.512	-1.664	-397	0	-548	-27,60	-100,00
Defesa nacional e segurança pública								
Exército	851	2.349	-2.305	864	1.759	908	5,17	106,70
Marinha de guerra	38	105	-83	32	92	54	56,93	142,11
Aeronáutica	57	157	-154	20	80	23	6,11	40,35
Polícia militar	175	483	-420	831	1.069	894	36,14	510,86
Polícia civil	308	850	-414	443	1.187	879	141,66	285,39
Corpo de bombeiros	0	0	0	0	140	0	206,91	0,00
Outras organizações de segurança	89	246	-225	-96	13	-76	22,76	-85,39
Comércio de imóveis e valores mobiliários, créditos, seguros e capitalização								
Comércio de imóveis	171	472	126	267	1.035	864	349,40	505,26
Comércio de títulos e moedas	4	11	-14	67	68	64	-74,66	1.600,00
Bancos e casas bancárias	577	1.593	-861	1.440	2.749	2.172	126,79	376,43
Caixas econômicas e cooperativas de crédito	4	11	-14	42	43	39	-63,41	975,00
Seguros e capitalização	28	77	9	645	759	731	306,63	2.610,71
Outras atividades do comércio de imóveis	13	36	-18	137	168	155	135,63	1.192,31
Outras Atividades	2.381	6.572	12.802	11.495	33.250	30.869	813,69	1.296,47
SETOR SECUNDÁRIO	39.546	109.148	-17.960	182.271	313.145	273.459	276,00	691,85

Fonte: Resultados da pesquisa a partir de IBGE (2002).

Anexo 12 - Informações adicionais sobre a produtividade das atividades de aves, suínos, milho e soja, por mesorregião – 1970 e 1996

Aves e suínos

Atividades selecionadas	VBPA (mil reais) (1)	Número de cabeças vendidas e abatidas (2)	População ocupada* (3)	VBPA (mil reais) / Número de cabeças vendidas e abatidas (1/2)	VBPA (mil reais) / População ocupada (1/3)
Aves - 1970					
Noroeste-RS	36.848	11.251.114	568	3,28	64.854,97
Oeste-SC	26.436	8.248.971	222	3,20	119.079,56
Sudoeste-PR	8.456	2.755.743	28	3,07	301.998,97
Oeste-PR	13.114	4.059.951	61	3,23	214.983,76
Aves - 1996					
Noroeste-RS	152.911	98.058.254	5.501	1,56	27.795,19
Oeste-SC	350.905	302.797.666	13.177	1,16	26.630,08
Sudoeste-PR	108.766	88.862.097	4.198	1,22	25.909,12
Oeste-PR	177.687	147.975.989	4.678	1,20	37.983,64
Suínos - 1970					
Noroeste-RS	245.319	1.925.590	64.944	127,40	3.777,38
Oeste-SC	161.813	1.226.894	24.860	131,89	6.509,00
Sudoeste-PR	56.925	477.265	1.189	119,27	47.876,33
Oeste-PR	99.008	742.370	5.218	133,37	18.974,30
Suínos - 1996					
Noroeste-RS	196.935	3.612.699	81.880	54,51	2.405,18
Oeste-SC	480.126	8.495.337	42.028	56,52	11.423,96
Sudoeste-PR	53.040	1.145.288	12.987	46,31	4.084,08
Oeste-PR	116.324	2.303.033	21.726	50,51	5.354,14

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários, 1970 e 1996.

* A população ocupada se refere ao ano de 1970 e 2000 e foi retirada dos microdados do censo demográfico de 1970 e 2000. Em 1970 não existia a classe de atividade de suínos e por isso os dados, tanto de 1970 quanto de 1996, se referem à classe de atividade da pecuária. Já, para as aves utilizou-se a classe de atividade "124- avicultura e cunicultura", para o ano de 1970 e a classe de atividade "027-avicultura" para o ano de 1996.

Milho e Soja

Atividades selecionadas	Quantidade (T) (1)	Área (ha) (2)	VBPA (mil reais) (3)	População ocupada** (4)	Quantidade (T) / Área (ha) (1/2)	VBPA (mil reais) / Área (ha) (3/2)	VBPA (mil reais) / População ocupada (3/4)	População ocupada / Área (ha) (4/2)
Milho - 1970								
Noroeste-RS	1.324.069	1.118.802	258.017	305.185	1,18	230,62	845,44	0,27
Oeste-SC	873.369	422.991	161.452	116.679	2,06	381,69	1.383,73	0,28
Sudoeste-PR	443.979	246.669	66.904	117.148	1,80	271,23	571,11	0,47
Oeste-PR	768.417	395.585	136.130	155.047	1,94	344,12	877,99	0,39
Milho - 1996								
Noroeste-RS	1.813.443	818.285	243.460	118.225	2,22	297,52	2.059,29	0,14
Oeste-SC	1.563.541	508.336	211.169	92.649	3,08	415,41	2.279,24	0,18
Sudoeste-PR	683.730	237.041	86.857	39.615	2,88	366,42	2.192,52	0,17
Oeste-PR	1.424.779	388.788	172.377	17.432	3,66	443,37	9.888,53	0,04
Soja - 1970								
Noroeste-RS	1.135.631	1.407.417	461.317	305.185	0,81	327,78	1.511,60	0,22
Oeste-SC	54.781	86.665	19.703	116.679	0,63	227,35	168,87	1,35
Sudoeste-PR	48.111	60.338	17.106	117.148	0,80	283,51	146,02	1,94
Oeste-PR	142.569	151.497	53.158	155.047	0,94	350,89	342,85	1,02
Soja - 1996								
Noroeste-RS	3.682.190	2.064.027	798.735	109.588	1,78	386,98	7.288,50	0,057
Oeste-SC	256.002	107.697	56.068	2.030	2,38	520,61	27.619,59	0,019
Sudoeste-PR	427.533	169.306	89.989	12.880	2,53	531,52	6.986,72	0,076
Oeste-PR	1.759.548	643.111	355.605	15.600	2,74	552,94	22.795,19	0,024

Fonte: IBGE, Censos Agropecuários, 1970 e 1996.

** A população ocupada se refere ao ano de 1970 e 2000 e foi retirada dos microdados do censo demográfico de 1970 e 2000. Em 1970 não existiam as classes de atividades de milho e soja e por isso os dados de 1970 dessas duas atividades se referem à classe de atividade "122-outras culturas", que agregava ambas as culturas. Já, para o ano de 1996, utilizou-se as classes de atividades "020-cultura de milho" e "021-cultura de soja".